

PAULA REGINA DAL' EVEDOVE

**A PERSPECTIVA SÓCIOCOGNITIVA NO TRATAMENTO
TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS: aspectos inerentes a percepção profissional**

**MARÍLIA
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PAULA REGINA DAL' EVEDOVE

**A PERSPECTIVA SÓCIOCOGNITIVA NO TRATAMENTO
TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS: aspectos inerentes a percepção profissional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Produção e Organização da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita.

Financiamento: CAPES e FAPESP.

**MARÍLIA
2010**

D136e Dal' Evedove, Paula Regina.
A perspectiva sóciocognitiva no tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias: aspectos inerentes a percepção profissional / Paula Regina Dal' Evedove. -- Marília, 2010.
300 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestre em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2010.
Orientadora: Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita
Bibliografia: f. 242 – 267

1. Ciência da Informação. 2. Interdisciplinaridade. 3. Tratamento temático da informação. 4. Abordagem sóciocognitiva. 5. Bibliotecas universitárias. 6. Percepção profissional. 7. Protocolo Verbal. I. Autor. II. Título.

CDD 025.48
CDU 025.49 : 159.92

PAULA REGINA DAL' EVEDOVE

**A PERSPECTIVA SÓCIOCOGNITIVA NO TRATAMENTO
TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS: aspectos inerentes a percepção profissional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita
Departamento de Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília.

Prof. Dr. José Augusto Chaves Guimarães
Departamento de Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília.

Profa. Dra. Vera Regina Casari Boccato
Departamento de Ciência da Informação – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/São Carlos.

Data da apresentação: Marília, 18 de março de 2010.

Local da realização: Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília.

**Presidenta da Comissão Examinadora
Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita**

*Dedico este trabalho ao meu esposo Thiago,
Fonte de amor, carinho e amizade.
Luz em minha jornada eterna...*

*Por todo amor que encontrei em você
E por toda felicidade que você trouxe à minha vida.*

AGRADECIMENTOS

A querida *Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita*, por orientar-me com paciência e seriedade. Pelo convívio respeitoso e pela amizade carinhosa. Obrigada pelo companheirismo sincero de todos esses anos.

As ricas contribuições do *Prof. Dr. José Augusto Chaves Guimarães* e da *Profa. Dra. Vera Regina Casari Boccato*, por fazerem parte da Banca de Qualificação e Defesa deste trabalho e; por serem exemplos reais de que para toda e qualquer ‘resposta’ existem muitas outras perguntas.

Aos demais *professores* do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, pelo ensino, colaboração e conhecimentos compartilhados.

A *CAPES* e a *FAPESP* pelo apoio financeiro, o qual propiciou-me tempo para intensas e valiosas reflexões.

Ao meu companheiro eterno *Thiago Sales dos Santos* por todo amor, dedicação e confiança atribuídos à mim. Meu incentivador, minha base.

Aos meus pais *Valdemar Dal’ Evedove* e *Luzia Aparecida de Oliveira* (*in memoriam*) por existirem e conduzirem minha vida no caminho do bem. Externo meu agradecimento especial à minha mãe, por sempre me ensinar a importância dos estudos e por dedicar toda a sua vida ao ‘chamado’ de mãe e; ao meu pai, por mostrar-me que nunca é tarde para recomeçar.

Aos meus irmãos *Valdir Dal’ Evedove*, *Valdecir Dal’ Evedove*, *Solange Aparecida Dal’ Evedove Soares*, *Solene Roseli Dal’ Evedove dos Santos*, *Valmir Roberto Dal’ Evedove* e *Roberta Cristina Dal’ Evedove Tartarotti* pelo compartilhamento de momentos felizes.

Aos meus queridos sobrinhos *William*, *Lucas*, *Luana*, *Rafael*, *Eduardo*, *Victor*, *Maria Olívia*, *Letícia*, *Melissa*, *Leonardo*, *Enzo* e *Pietro*, pelas risadas e incessantes alegrias.

Aos meus sogros *Regina Galende dos Santos* e *Tomé Sales dos Santos* pelo carinho sincero e incondicional para comigo.

Ao *Grupo de Pesquisa “Análise Documentária”* pelo auxílio e incentivo.

As *moças da Ala Nova Marília* por todos os momentos inesquecíveis que passamos juntas nestes últimos três maravilhosos anos. Obrigada por fazerem parte da minha vida.

Ao *Pai Celestial...*

“O chamado mais digno na vida é aquele no qual o homem pode servir melhor seu próximo. O objetivo mais nobre na vida é esforçar-se para viver de modo a tornar a vida dos demais melhor e mais feliz.”

David O. McKay

DAL' EVEDOVE, Paula Regina. **A perspectiva sóciocognitiva no tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias: aspectos inerentes a percepção profissional.** 2010. 300f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

RESUMO

Considerando-se que o processo de conhecimento individual é socialmente condicionado, torna-se necessário o estudo do contexto sóciocognitivo do processamento da informação. Sob essa vertente, o foco dos estudos de abordagem sóciocognitiva amplia a perspectiva individual para contextos sócio culturais. Por conseguinte, entende-se que o profissional da informação enraizado no processo de tratamento temático da informação deva ser analisado dentro de seu contexto sócio cultural que abrange a formação e atuação profissional, ou seja, o *saber* e o *fazer* profissional condicionados ao contexto institucional. Assim, as ações e pensamentos que orientam objetiva e/ou subjetivamente a atuação profissional no tratamento temático da informação devem ser investigados para que os profissionais atuem de modo condizente e com um nível maior de segurança no contexto de bibliotecas universitárias, visando diminuir/eliminar incoerências ou omissões e dar maior consistência para a criação de produtos informacionais. Desse modo, propôs-se realizar estudo sóciocognitivo da comunidade de aprendizagem que realiza o tratamento temático da informação mediante interações no ambiente de trabalho, a fim de obter um diagnóstico da percepção profissional com relação às etapas e produtos gerados no âmbito de bibliotecas universitárias. Objetivando-se propiciar considerações relevantes a elaboração de uma política de tratamento da informação documental pela perspectiva profissional, os objetivos específicos foram: a) evidenciar o movimento interdisciplinar na contemporaneidade e, a partir deste entendimento, refletir a abordagem cognitiva na Ciência da Informação pela vertente das Ciências Cognitivas; b) compreender a investigação temática em Ciência da Informação, a fim de contextualizar o tratamento temático da informação pela abordagem sóciocognitiva; c) verificar por meio da percepção profissional o processo de tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias pela perspectiva sócio cultural; d) analisar as ações dos profissionais embasadas nos aportes teóricos e na prática cotidiana do processo de tratamento temático da informação inerentes ao contexto institucional e interação social e; e) investigar por meio de comparações entre os aportes teóricos e a prática cotidiana do tratamento temático da informação a existência de uma uniformidade do processo em nível de bibliotecas universitárias. Para tanto, o universo da pesquisa contemplou três bibliotecas universitárias públicas do estado de São Paulo, cujas metodologias aplicadas foram questionários focados e Protocolo Verbal em Grupo com três grupos de profissionais constituídos pelo bibliotecário dirigente, bibliotecário de referência e catalogador de assunto. A partir das análises das percepções da comunidade de aprendizagem investigada constatou-se a emergente necessidade do estabelecimento de uma política de tratamento da informação documental que prime pela identificação do processo de conhecer do profissional (cognição) e garanta a preservação da cultura dos diferentes atores sociais e permeiam e direcionam a prática profissional em contexto informacional de bibliotecas universitárias.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Interdisciplinaridade. Tratamento temático da informação. Abordagem sóciocognitiva. Bibliotecas universitárias. Percepção profissional. Protocolo Verbal.

DAL' EVEDOVE, Paula Regina. **The social-cognitive perspective in the treatment of thematic information in university libraries: issues relating to professional perception.** 2010. 300f. Dissertation (Master Degree in Information Science) – College of Philosophy and Sciences, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

ABSTRACT

Considering that the process of individual knowledge is socially conditioned, it is necessary to study the context of social-cognitive information processing. Under this component, the focus of studies of social-cognitive approach broadens the perspective to individual sociocultural contexts. Therefore, it is understood that the information profession rooted in the process of thematic treatment of information must be analyzed within its sociocultural context which includes training and professional performance, or professional knowledge and practice conditioned by institutional context. Thus, the actions and thoughts that guide objective and / or professional performance subjectively in thematic treatment information should be investigated for professionals to act in a manner consistent with a greater level of security in the context of university libraries in order to reduce / eliminate inconsistencies or omissions and provide greater consistency for the creation of information products. Thus, it was proposed in a study of social cognitive learning community that performs the processing of thematic information through interactions in the workplace in order to get a professional diagnosis of perception with regard to the steps and products generated within university libraries. Aiming to provide relevant considerations to developing a treatment policy of the documentary material by professional perspective, the specific objectives were: a) highlight the interdisciplinary movement in the contemporary world and, from this view, reflect the cognitive approach in Information Science by strand Cognitive Science, b) understand the thematic research in information science in order to contextualize the thematic treatment of information by the sociocognitive approach, c) check through the process of professional perception thematic treatment of the information in the context of university libraries from the perspective sócocultural d) analyzing the actions of professionals based in the theoretical and the everyday practice of the processing of thematic information inherent in the institutional context and social interaction, and e) investigated by comparisons between the theoretical and the everyday practice of thematic treatment information of the existence of a uniform process at the level of university libraries. For this, the survey included three public university libraries in the state of Sao Paulo, whose methodologies were questionnaires focused and Verbal Protocol Group with three groups of professionals consisting of the chief librarian, reference librarian and cataloguer subject. From the analysis of the perceptions of the learning community investigated it was found the emerging need to establish a treatment policy of the documentary material that prime identification process to meet the professional (cognition) and ensure the preservation of culture of different social actors and permeate and direct the professional practice in the informational context of university libraries.

Keywords: Information Science. Interdisciplinarity. Thematic treatment of information. Socio-cognitive approach. University libraries. Professional perception. Verbal Protocol.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Relação entre os objetivos e os capítulos da pesquisa.....	25
QUADRO 2: Paradigmas da Ciência da Informação	70
QUADRO 3: Seleção das seis bibliotecas universitárias	145
QUADRO 4: Construção das categorias de análise a partir dos referenciais teóricos apresentados nos capítulos anteriores e dos objetivos da pesquisa	164
QUADRO 5: Percepção dos profissionais sobre o tratamento temático da informação	182
QUADRO 6: Percepção dos profissionais sobre as operações do tratamento temático da informação	186
QUADRO 7: Percepção dos profissionais sobre os procedimentos metodológicos	189
QUADRO 8: Percepção dos profissionais sobre a uniformidade do processo.....	191
QUADRO 9: Percepção dos profissionais em relação as perspectivas do contexto de bibliotecas universitárias	194
QUADRO 10: Identificação das categorias profissionais e suas respectivas bibliotecas universitárias.....	213
QUADRO 11: Síntese conjunta dos resultados	226

LISTA DE TABELA

TABELA 1: Número de profissionais vinculados ao tratamento temático da informação por instituição	215
--	-----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Proposta de compreensão da família dos temas transversais	37
FIGURA 2: Processo de indexação.....	101
FIGURA 3: Estágios do modelo de processamento cognitivo da informação.....	112
FIGURA 4: Esquema funcional de um sistema de recuperação da informação	124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACERVUS	Banco de Dados Bibliográficos da UNICAMP
ATHENA	Banco de Dados Bibliográficos da UNESP
CRUESP/Bibliotecas	Sistemas de Bibliotecas das Universidades Estaduais Paulistas
DEDALUS	Banco de Dados Bibliográficos da USP
LCC	Library of Congress Classification
MARC	Machine Readable Cataloging
SBU-UNICAMP	Sistema de Bibliotecas da UNICAMP
SIBi-USP	Sistema Integrado de Bibliotecas
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
VocaUSP	Vocabulário Controlado do SIBi-USP

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
----------	------------------------	-----------

PARTE A – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2	A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COMO CAMPO CIENTÍFICO INTERDISCIPLINAR	29
2.1	O movimento interdisciplinar na ciência: um novo marco na construção do saber	30
2.2	A interdisciplinaridade da Ciência da Informação na contemporaneidade	43
2.3	Ciência da Informação e Ciências Cognitivas: algumas perspectivas de interlocução	52
2.4	A abordagem cognitiva em Ciência da Informação	64
2.5	Síntese do capítulo.....	76
3	TRATAMENTO TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO DA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO.....	79
3.1	A sistematicidade do processo da catalogação de assunto e indexação	99
3.2	Princípios subjacentes à análise de assunto	104
3.3	Síntese do capítulo.....	117
4	ATUAÇÃO PROFISSIONAL ANCORADA NA REALIDADE DO CONTEXTO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS EM PERSPECTIVA SÓCIOCOGNITIVA.....	120
4.1	O contexto sócio cultural da biblioteca universitária	131
4.2	Síntese do capítulo.....	141

PARTE B – METODOLOGIA E COLETA DE DADOS

5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	143
5.1	A percepção como abordagem investigativa	146
5.2	A técnica introspectiva do Protocolo Verbal	154
5.2.1	Protocolo Verbal em Grupo.....	157
5.3	Questionário focado: perspectivas do contexto institucional e interação social.....	165

PARTE C – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

6	TRATAMENTO TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO NA PERCEPÇÃO PROFISSIONAL: apresentação e análise dos dados coletados	168
6.1	Apresentação e análise dos Protocolos Verbais em Grupo.....	168
6.1.1	Resumo e discussão dos resultados dos Protocolos Verbais em Grupo	200
6.2	Apresentação e análise dos questionários focados	212

6.2.1	Resumo e discussão dos resultados dos questionários focados	220
6.3	Síntese conjunta dos resultados	225

PARTE D – PERCURSO FINAL

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	231
7.1	Considerações quanto à sistematicidade do processo de tratamento temático da informação pela percepção profissional	232
7.2	Considerações sobre à pertinência do processo em bibliotecas universitárias pela percepção profissional	235
7.3	Considerações em relação ao contexto institucional e interação social pela percepção profissional.....	238
7.4	Delineamento final.....	240

REFERÊNCIAS	242
--------------------------	------------

APÊNDICES	268
------------------------	------------

APÊNDICE A – Transcrição do Protocolo Verbal em Grupo da biblioteca universitária da UNESP – Campus de Araraquara.....	268
---	-----

APÊNDICE B – Transcrição do Protocolo Verbal em Grupo da biblioteca universitária da USP – Campus de São Paulo.....	273
--	-----

APÊNDICE C – Transcrição do Protocolo Verbal em Grupo da biblioteca universitária da UNICAMP – Campinas.....	280
---	-----

APÊNDICE D – Questionário focado: bibliotecário dirigente	287
--	-----

APÊNDICE E – Questionário focado: bibliotecário de referência.....	289
---	-----

APÊNDICE F – Questionário focado: catalogador de assunto.....	290
--	-----

ANEXOS	293
---------------------	------------

ANEXO A – Texto base	293
-----------------------------------	-----

ANEXO B – Familiarização aos sujeitos sobre a técnica do “Pensar Alto” ou Protocolo Verbal	297
---	-----

ANEXO C – Parecer Científico do Comitê de Ética em Pesquisa	298
--	-----

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

“Eis o novo espírito científico. Quando se apresenta à cultura científica, o espírito nunca é jovem. Ele é mesmo muito velho, pois tem a idade de seus preconceitos. Acender a ciência é rejuvenescer espiritualmente, é aceitar uma mutação brusca que deve contradizer um passado. Para um espírito científico, todo conhecimento é uma resposta a uma questão. Se não há questão, não pode haver conhecimento científico. Porque nada é dado. Tudo é construído.”

Gaston Bachelard

Inserido no campo científico da Ciência da Informação, com abordagem na linha de pesquisa “Produção e Organização da Informação”, o temário da presente pesquisa tem como foco a sistematização teórico-metodológica do Tratamento Temático da Informação¹, cuja delimitação é a observância dos aspectos inerentes a percepção dos profissionais sobre suas ações cotidianas desempenhadas em contexto de bibliotecas universitárias.

A Ciência da Informação caracteriza-se como uma ciência de cunho interdisciplinar ao dialogar com diferentes campos do conhecimento científico e abordar os estudos relacionados à produção, organização, representação e uso da informação, tendo como principal função produzir conhecimentos teórico-metodológicos que facilitem o acesso e socialização da informação e do conhecimento em contextos de informação especializados na incorporação, sistematização, disseminação e recuperação da informação.

Neste cenário, a interdisciplinaridade deve ser orientada dentro dos limites do campo científico da Ciência da Informação para tratar das transferências da informação e destacar as principais motivações imbuídas nesse processo; auxiliar nas investigações científicas e na expansão de seu domínio; transferir experiências a partir da promoção da racionalização e sistematização global do processo investigativo; aproximar o corpo científico de conhecimentos e; reforçar suas características humanas – fruto das intervenções de diversas ramificações sociais.

Institucionalizada a partir da concepção interdisciplinar subjacente, a Ciência da Informação dedica-se à investigação científica em torno da informação registrada para sanar

¹ Em termos gerais, o tratamento temático da informação constitui um processo complexo voltado para o acesso ao conteúdo documental. Por sua vez, centra-se basicamente em analisar, descrever e representar o conteúdo informacional dos documentos, com fins de armazenamento e recuperação da informação em sistemas de informação.

as possíveis necessidades informacionais, sobretudo dos sujeitos, instituições e sociedade. Por sua vez, apresenta uma forte dimensão cognitiva concernente ao processamento da informação na área de Organização e Representação do Conhecimento, especificamente no âmbito do tratamento temático da informação, devido à subjetividade inerente as etapas do processo.

O postulado fundamental da abordagem cognitiva no campo científico da Ciência da Informação tem como ênfase a recuperação e o processamento técnico da informação, em que viabiliza pesquisas qualitativas de modo que a subjetividade da atividade mental pode ser desvendada a partir de ações que proponham revelar aspectos implícitos nas estruturas de conhecimento². No entanto, as estruturas de conhecimento devem ser explicadas com base no contexto social do sujeito, pois segundo Hjørland (2002a) a realidade é entendida pelo sujeito conhecedor de domínios específicos e formada pelo contexto histórico e cultural, propiciando-lhe a capacidade de perceber a realidade e todos os seus fatores inerentes.

O paradigma cognitivo em Ciência da Informação tem sido analisado e criticado por Frohman (1992), Hjørland e Albrechtsen (1995) e Hjørland (1997) que adotam a abordagem sóciocognitiva, em que “o ponto básico das análises é que o processo de conhecimento individual é socialmente condicionado e, nesse sentido, é preciso ter o estudo do contexto sóciocultural do processo de informação” (FUJITA, 2007, p.403). Sob essa vertente, o foco dos estudos de perspectiva sóciocognitiva amplia a perspectiva individual para contextos sócioculturais.

Entende-se, a partir dessa concepção, que o profissional da informação atrelado ao processo de tratamento temático da informação deva ser analisado dentro de seu contexto sóciocultural que abrange a formação e a atuação profissional, ou seja, o **saber** (aportes teóricos) e o **fazer** (prática cotidiana) profissional condicionados ao contexto institucional. Isto porque, “[...] como em qualquer outra atuação, o autoconhecimento e a consciência sobre suas próprias condições de trabalho contribuem para o aprimoramento profissional e a diminuição de dificuldades” (FUJITA, 2007, p.02).

Observam-se, no âmbito dos processos de organização e recuperação da informação, lacunas em torno da atuação profissional relativamente a questões ligada à

² As estruturas de conhecimento referem-se ao conhecimento individual do profissional, o qual, juntamente com outros fatores (as diferentes formas de comunicação, padrões de cooperação, linguagens, sistemas de informação, critérios de relevância, reflexos do trabalho da comunidade de aprendizagem e o seu papel na sociedade), embasados nas diferentes necessidades informacionais, compõem os aspectos necessários para um efetivo estudo da área de Organização e Representação do Conhecimento na esfera da Ciência da Informação.

abordagem sóciocognitiva, mais especificamente no tocante ao autoconhecimento e consciência profissional sobre suas próprias condições de trabalho, fatores explorados de modo superficial pela Ciência da Informação. Sobre isto, Jacob e Shaw (1998) apontam o pouco interesse de pesquisas empíricas na Ciência da Informação centradas no contexto social mais amplo do processamento da informação e apresentam o “ponto de vista coletivista metodológico” como meio que possibilita a investigação da abordagem sóciocognitiva do sujeito dentro de uma perspectiva sócio cultural mais ampla, estabelecendo subsídios sobre o “interno/individual dentro do externo/ambiente”, integrando os vários níveis de investigação para o alcance de eficazes sistemas de representação e recuperação da informação.

O entendimento dos contextos histórico, cultural e social torna-se relevante para a Ciência da Informação, uma vez que a informação – enquanto objeto de estudo³ – está sujeita as constantes mudanças da sociedade (SARACEVIC, 1996). Neste sentido, a informação não deve ser apenas fisicamente observada, mas “historicamente construída”, pois para reconhecer, interpretar e transmitir significados cada sujeito cria mecanismos informacionais. Em decorrência, a informação apenas será entendida por meio do seu sentido ontológico “[...] se inserida dentro do seu contexto cultural e social e não apenas causal ou natural” (MORADO NASCIMENTO, 2006, p.26), ou mesmo, por suas características permanentes ou inerentes.

Nesta mesma linha de pensamento, Marteleto (2002, p.102) salienta que a “[...] informação não é processo, matéria ou entidade separada das práticas e representações de sujeitos vivendo e interagindo na sociedade, e inseridos em determinados espaços e contextos culturais.” A partir desta prerrogativa, corrobora-se com o fato de que a informação deve ser tratada a partir da observância do seu contexto de enunciação, situações e propósitos, envolvendo todos os atores informacionais.

Atualmente, verifica-se que o campo da Ciência da Informação aborda a informação de forma dualista, visando apenas os “[...] sistemas - a informação como uma entidade externa e objetiva, que tem conteúdo baseado na realidade própria dependente do indivíduo [e] usuários - a informação como uma construção subjetiva que é criada internamente [...]” (MORADO NASCIMENTO, 2006, p.27). Tal postura demonstra que as abordagens apresentam-se de maneira individualista, enquanto deveriam focar os aspectos

³ As discussões em torno do objeto de estudo são o cerne da grande maioria das pesquisas, reflexões e esforços na Ciência da Informação, nos quais, inevitavelmente, a informação faz-se presente explícita ou implicitamente.

coletivos do contexto social do processamento da informação, concepção defendida por Hjørland e Albrechtsen (1995), Jacob e Shaw (1998) e Ørom (2000).

A este respeito, Hjørland e Albrechtsen (1995) acreditam que a Ciência da Informação deva assumir a inserção das Ciências Sociais em suas bases teóricas, visto que seu objeto de estudo é socialmente produzido, transferido e utilizado. Para tanto, os referidos autores propõem a abordagem da Análise de Domínio, proveniente da Ciência da Computação como apoio à Ciência da Informação. Isto porque a Análise de Domínio destaca as dimensões sociais, históricas e culturais como pré-condições para o entendimento da informação e para o conhecimento individual, uma vez que se ancora teoricamente na construção de princípios das práticas sociais de natureza informativa, cuja proposta é realizar uma análise qualitativa, histórica e funcional da informação. Por sua vez, a Análise de Domínio deve ser combinada com as pesquisas tradicionais da Ciência da Informação para o fortalecimento da identidade do campo científico e o relacionamento entre pesquisa e prática profissional, considerando-se que tal abordagem “[...] torna o campo da ciência mais coerente, promove a consolidação teórica e melhora os contatos e trocas interdisciplinares [...]” (HJØRLAND, 2002b, p.451).

A partir destas prerrogativas, acredita-se que os aspectos do conhecimento orientados ao domínio⁴ devem ser investigados pela abordagem sócio-cultural propiciada pela Análise de Domínio e em relação direta com as comunidades discursivas⁵ ou comunidades de aprendizagem⁶. Tal apontamento respalda-se no fato de que a informação enquanto unidade de análise da Ciência da Informação é constituída por domínios de conhecimento referentes as suas comunidades de aprendizagem, ou seja, por distintos grupos sociais e de trabalho que formam uma sociedade moderna, podendo ser reconhecidas como científica, acadêmica ou profissional (HJØRLAND, 1996).

⁴ Especificamente nesta pesquisa, o domínio refere-se ao contexto institucional ao qual a informação está condicionada.

⁵ Na visão de Swales (1990), a comunidade discursiva representa um grupo de sujeitos que atuam comunicativamente a partir de um tópico de referência ou de um conjunto restrito deles, mediante propósitos compartilhados em uma linguagem comum e estruturada para uma determinada atividade. Neste ponto, torna-se necessário salientar que as comunidades discursivas não são entendidas autônomas, mas distintas construções sociais e de trabalho compreendidas por sujeitos sincronizados em pensamento, linguagem e conhecimento e, naturalmente, constituintes da sociedade e concatenados às dimensões históricas, culturais e sociais mais amplas (MORADO NASCIMENTO, 2006).

⁶ Para esta pesquisa utiliza-se o termo ‘comunidade de aprendizagem’ para caracterizar o grupo de profissionais investigados, uma vez que em se tratando de profissionais da informação, subentende-se que os mesmos estão em permanente aprendizagem e reciclagem para tal afazer profissional.

Dentre outras especificações, a Análise de Domínio “[...] reconhece que domínios do discurso incluem atores, que têm visões de mundo, estruturas de conhecimento individual, inclinações, critérios de relevância subjetivos, estilos cognitivos particulares [...]”. Neste entendimento, verifica-se que “[...] há uma interação entre estruturas de domínio e conhecimento individual, uma interação entre os níveis social e individual” (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995, p.409), os quais não podem ser ignorados pela Ciência da Informação.

Portanto, todas as informações presentes em um contexto precisam de um tratamento diferenciado em relação a sua relevância para contextos de informação, pois o propósito básico da relevância nesta ambiência é assegurar a informação preeminente (SARACEVIC, 1970). Nesta mesma linha de reflexão, Ribeiro (2001) acredita ser primordial compreender o contexto institucional devido a sua complexidade, natureza e diversas estruturas de informações para desenvolver um estudo abrangente e complexo sobre as comunidades de aprendizagem e suas relações em um contexto realmente relevante.

Diante o exposto, considera-se que o tratamento temático da informação ocorre no contexto institucional entre uma teia de relações e transferências de conhecimentos e opiniões, ou seja, mediante os modos sociais de pensamento da comunidade de aprendizagem formada pelos profissionais que realizam ou influenciam o processo. Logo, o tratamento temático da informação deve ser observado valendo-se da Análise de Domínio, a fim de verificar e compreender o contexto sócio-cultural em que a informação é tratada e organizada, com vistas a realizar análises qualitativa, histórica e funcional da informação gerada no processo, a partir da observação dos modos sociais de pensamento.

Nesta vertente, a Análise de Domínio é empregada na presente pesquisa com intuito de contextualizar o domínio em análise e caracterizar a sua comunidade de aprendizagem, uma vez que o grande desafio dos contextos de informação especializados e do corpo de profissionais refere-se à busca de capacitação para a incorporação de novos modelos, métodos, técnicas, instrumentos, interesses e atitudes diante das constantes mudanças e inovações em torno da apropriação da informação e do conhecimento. Desse modo, o domínio em análise é constituído pelas bibliotecas universitárias do estado de São Paulo de caráter público, cuja comunidade de aprendizagem representa os profissionais envolvidos no processo de tratamento temático da informação dessas instituições.

O interesse pela pesquisa surgiu a partir da conclusão da Iniciação Científica⁷. Dentre os resultados mais relevantes alcançados, verificou-se que os produtos gerados no tratamento temático da informação não se restringem a um único profissional, o catalogador de assunto que realiza o processo, mas, sobretudo, são fortemente influenciados por uma gama maior de profissionais, os quais não possuem à nítida compreensão sobre as consequências de suas ações particulares desempenhadas no contexto institucional e, inevitavelmente, sobre a influência das mesmas no resultado dos produtos informacionais de contextos de informação especializados (DAL' EVEDOVE, 2007). A partir desta constatação, julgou-se relevante explorar a comunidade de aprendizagem que influencia os produtos gerados no tratamento temático da informação devido à subjetividade do processo, somando como público alvo os bibliotecários de referência e os bibliotecários dirigentes – ao lado dos bibliotecários catalogadores de assunto.

Todo o corpo de ações desempenhadas pelos profissionais dentro da estrutura organizacional da biblioteca universitária acaba por refletir nos produtos informacionais. No que tange ao tratamento temático da informação esta prerrogativa torna-se preocupante, pois as etapas do processo estão imbuídas de ações subjetivas e de uma forte flexibilidade profissional de aprendizagem organizacional. Sobre isto, Almeida (2007) aponta ser imprescindível um repensar sobre a real situação do domínio de bibliotecas universitárias, uma vez que seus profissionais não visualizam a transferência de seus conhecimentos adquiridos na formação inicial e na formação em serviço durante a realização das atividades informacionais.

Valendo do exposto, julga-se pertinente novas formas investigativas que propiciem uma gama diferenciada de aspectos que circundem a subjetividade das atividades informacionais. Em outras palavras, novas abordagens que visem compreender as ações subjetivas dos profissionais que influenciam os produtos gerados no tratamento temático da informação, mediante o contexto sócio-cultural específico da biblioteca universitária. Em face de uma nova perspectiva investigativa, recorreu-se aos estudos de percepção que consideram a interpretação e a opinião do sujeito vinculado a um contexto social, a fim de compreender as ações desempenhadas pelos profissionais pertencentes as bibliotecas universitárias e observar

⁷ Na pesquisa realizada durante a Iniciação Científica com apóio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico intitulada “O estudo da cognição profissional pelo protocolo verbal de catalogadores de assunto em contexto de biblioteca universitária: uma abordagem sócio-cognitiva pela análise de domínio” sob orientação da Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita, investigou-se pela perspectiva sócio-cognitiva o conhecimento declarativo (processos de pensamento) dos catalogadores de assunto pertencentes à Rede de Bibliotecas da UNESP, a fim de obter o contexto sócio-cultural do processo de tratamento temático da informação pela abordagem da Análise de Domínio em Ciência da Informação.

a autoconsciência das práticas cotidianas.

Os aspectos de cunho subjetivo correspondem a uma das grandes indagações na área de Organização e Representação do Conhecimento em Ciência da Informação. Em detrimento, acredita-se que os estudos de percepção podem vir a contribuir para a compreensão da subjetividade inerente ao tratamento temático da informação. Este apontamento respalda-se no fato de que a análise dos aspectos perceptíveis por meio do levantamento de interesse, grau de informações, atitudes, visões e conhecimentos que a comunidade de aprendizagem possui do processo a nível teórico-prático poderá apontar os pontos a serem melhorados e aperfeiçoados, com vistas a uma reflexão ativa sobre o saber e o fazer profissional pela perspectiva sócio-cultural do contexto de bibliotecas universitárias.

Porém, os estudos preponderantes realizados com vistas à obtenção dos aspectos perceptíveis em Ciência da Informação focam apenas o usuário e não se atentam para as ações profissionais, principalmente as ações concatenadas às características particulares das bibliotecas universitárias. Dentre os programas de qualidade destacam-se o *Measuring Service Quality in Academic Libraries* (SERVQUAL) como um modelo adaptado a bibliotecas públicas e universitárias e o LibQUAL + TM, enquanto projeto na área de avaliação da qualidade de serviços desenvolvidos pela *Association of Research Libraries* (ARL). Em suma, são instrumentos que partem da premissa cujo fim é a qualidade dos serviços e produtos, a partir da percepção e da expectativa do usuário com objetivo de comparar o desempenho dos produtos e serviços de uma biblioteca em função de um ideal.

No âmbito nacional, o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo – SIBI/USP- desenvolveu o PAQ – Programa de Qualidade de Produtos e Serviços de Informação para ser implementado em sua rede de bibliotecas que englobou os dois programas de qualidade em serviço e produtos, cujas metodologias utilizadas foram o questionário e a entrevista (SAMPAIO et al., 2004). O estudo, ainda que experimental, identificou pontos fortes e fracos nos produtos e serviços oferecidos pelo contexto.

Por conseguinte, defende-se a necessidade de avanços pragmáticos em torno da percepção profissional, embasados pela fundamentação teórico-metodológica do tratamento temático da informação para observação e articulação do contexto profissional real. A rigor, os estudos em torno da cognição humana representam uma perspectiva relevante e imprescindível para o processamento da informação, considerando-se as ações subjetivas dos

profissionais e o processo dialógico⁸ que deve permear a atuação dos sujeitos que lidam com a organização e representação da informação.

Neste ponto, evidencia-se que as discussões relativas à mente humana fazem parte das abordagens das Ciências Cognitivas e, portanto, não cabe aos cientistas da informação trabalhar com a essência fenomenológica da mesma. Todavia, torna-se relevante que o campo científico da Ciência da Informação avance no estabelecimento de estudos que cerquem questões que envolvam a ação humana, a partir da realidade social objetiva. Essa mudança paradigmática é um movimento decisivo para a compreensão da realidade profissional em domínios informacionais, uma vez que o estabelecimento de paradigmas epistemológicos constitui o cerne da preocupação dos pesquisadores que incessantemente dedicam-se à busca da consolidação da Ciência da Informação enquanto campo de conhecimento científico.

Em verdade, não se busca nesta pesquisa adentrar nas densas explicações cognitivas de caráter científico, enquanto um dos fenômenos mais intrigantes do ser humano, mas, sim, elucidar as ricas configurações atuantes em torno dos aspectos inerentes a percepção humana, a fim de enriquecer o deslumbrante e necessário caminho sobre as questões subjetivas presentes nas ações dos profissionais que, de alguma maneira, lidam com a informação e o conhecimento em Ciência da Informação, mais propriamente na esfera da Biblioteconomia enquanto uma de suas disciplinas constitutivas⁹.

Entendendo que o percurso histórico da Ciência da Informação revela conceitualmente seu cunho interdisciplinar, faz-se oportuno analisar os fatores que cercam e

⁸ Nesta pesquisa, o processo dialógico refere-se a mediação, uma vez que ao organizar o estoque informacional o profissional da informação prima pela consonância de objetivos entre o tratamento e a transferência da informação com as necessidades do usuário nos sistemas de recuperação da informação, ou seja, “[...] o profissional se antecipa ao desejo do usuário e organiza o estoque de informação, dialogando com este usuário potencial” (VARELA; BARBOSA, 2007, p.117).

⁹ Em caráter acadêmico e científico, a significação de disciplina corresponde a “Exploração científica especializada de determinado domínio homogêneo de estudo, isto é, o conjunto sistemático e organizado de conhecimentos que apresentam características próprias nos planos de ensino, da formação dos métodos, e das matérias: esta exploração consiste em fazer surgir novos conhecimentos que se substituem aos antigos” (JAPIASSU, 1975). A partir disto, entende-se que a Arquivologia, Biblioteconomia e a Museologia compõem o campo científico da Ciência da Informação. Ademais, corrobora-se com o prisma defendido pela corrente européia, para a qual a informação é uma consequência das ciências da documentação, sendo esta constituída pela Biblioteconomia, Documentação e a própria Ciência da Informação, nas quais a informação atua como elo subjacente (CURRÁS, 1990). Desse modo, tais disciplinas situam-se num mesmo nível conceitual e teórico, possuindo algumas aplicações práticas semelhantes, as quais, caso fossem reunidas poderiam formar uma ciência superior denominada de Ciências da Documentação. Porém, acredita-se que a Ciência da Informação seja essa “ciência superior”, na qual a Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia formam suas disciplinas de práticas específicas e a Documentação a sua essência fenomenológica e conceitual. Sendo assim, julga-se relevante a modificação terminológica de Ciência da Informação para Ciências da Documentação, uma vez que tal delimitação poderia assentar definitivamente o caráter de cientificidade, elemento tão almejado pelos pesquisadores e profissionais da informação.

intensificam tal posicionamento, considerando que a inclusão de um campo na composição do seu núcleo científico deve ser justificada. Diante deste panorama, busca-se delinear as características e variáveis que regem o percurso contributivo entre a Ciência da Informação e as ciências comportamentais, com vistas a compreender os aspectos e princípios cognitivos que permeiam o tratamento temático da informação.

Somadas as contextualizações iniciais que sustentam a presente pesquisa no campo científico da Ciência da Informação, aponta-se que a **problemática** reside no número incipiente de estudos voltados para o profissional que realiza o tratamento temático da informação, enquanto elemento influente e essencial para a realização das etapas do processo de maneira uniforme no contexto de bibliotecas universitárias, visando diminuir/eliminar incoerências ou omissões e dar maior consistência para a criação de produtos informacionais.

Para suprir tal problemática e conceber subsídios que contribuam para uma sistematicidade do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias, aliada à ativa necessidade de investigações que objetivem conhecer as impressões e ações sóciocognitivas dos profissionais em um contexto sócio-cultural mais amplo, emerge como **proposição** realizar estudo sóciocognitivo do grupo de profissionais que realiza o tratamento temático da informação, mediante as interações profissionais no ambiente de trabalho de modo a obter um diagnóstico da percepção profissional com relação as etapas e produtos gerados por meio do processo no âmbito de bibliotecas universitárias.

Neste sentido, acredita-se que a percepção da comunidade de aprendizagem em torno da própria atuação (autoconsciência profissional) contribuirá com aspectos e melhorias sobre o processo de tratamento temático da informação que poderão ser incorporados na formulação de uma política de tratamento da informação documental consistente e atual, que sane as necessidades específicas das bibliotecas universitárias. Ademais, a premissa da pesquisa apóia-se nas reflexões defendidas por Hjørland (2002a) para investigações em Ciência da Informação pela Análise de Domínio como uma concepção eficaz para os estudos no campo científico, uma vez que as bibliotecas universitárias propiciam a visão sócio-cultural mais ampla do processamento da informação a partir do diagnóstico da percepção profissional (DAL' EVEDOVE, 2007).

Desse modo, a pesquisa **justifica-se** pela necessidade de análises que abordem as ações profissionais por meio da obtenção de subsídios em torno da percepção dos mesmos, ancorada na realidade do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias, para a obtenção dos fatores influentes do saber e do fazer profissional por meio

da interação social em contexto sócio-cultural, a partir da observação do autoconhecimento/consciência profissional e sistematicidade do processo em perspectiva sócio-cognitiva.

Com base nesta justificativa, emerge como **objetivo geral** identificar a percepção profissional sobre o tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias, visando oferecer subsídios para a elaboração de uma política de tratamento da informação documental condizente e atual para a realização do processo pela perspectiva profissional. Ademais, almeja-se que esta pesquisa propicie novas reflexões, inspirações e oportunidades de se pensar a área de Organização e Representação do Conhecimento em Ciência da Informação.

Por sua vez, os **objetivos específicos** compreendem as seguintes delimitações, a saber:

1. Evidenciar o movimento interdisciplinar na contemporaneidade e, a partir deste entendimento, refletir a abordagem cognitiva na Ciência da Informação pela vertente das Ciências Cognitivas;
2. Compreender a abordagem temática em Ciência da Informação, a fim de contextualizar o tratamento temático da informação pela abordagem sócio-cognitiva;
3. Verificar por meio da percepção profissional o processo de tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias;
4. Analisar as ações dos profissionais embasadas nos aportes teóricos e na prática cotidiana do processo de tratamento temático da informação inerentes ao contexto institucional e interação social e;
5. Investigar por meio de comparações entre os aportes teóricos e a prática cotidiana do tratamento temático da informação a existência de uma uniformidade do processo em nível de bibliotecas universitárias.

A fim de favorecer um melhor aproveitamento e compreensão da pesquisa, o Quadro 1. apresenta os objetivos específicos e os capítulos onde serão abordados, buscando-se explicitar a integração e coerência da estruturação proposta a partir do problema, proposição e objetivo geral.

SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA	
<i>Estrutura</i>	<i>Delimitação</i>
Problema	Número incipiente de estudos voltados para o profissional que realiza o tratamento temático da informação, enquanto elemento influente e essencial para a realização das etapas do processo de maneira uniforme no contexto de bibliotecas universitárias, visando diminuir/eliminar incoerências ou omissões e dar maior consistência para a criação de produtos informacionais.
Proposta	Realizar estudo sóciocognitivo da comunidade de aprendizagem que realiza o tratamento temático da informação, mediante as interações profissionais no ambiente de trabalho de modo a obter um diagnóstico da percepção profissional com relação as etapas e produtos gerados por meio do processo no âmbito de bibliotecas universitárias.
Objetivo Geral	Obter a percepção profissional sobre o tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias, visando oferecer subsídios para a elaboração de uma política de tratamento da informação documental condizente e atual para a realização do processo.
Objetivo específico 1	Evidenciar o movimento interdisciplinar na contemporaneidade e, a partir deste entendimento, refletir a abordagem cognitiva na Ciência da Informação pela vertente das Ciências Cognitivas; Capítulo 2: A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COMO CAMPO CIENTÍFICO INTERDISCIPLINAR
Objetivo específico 2	Compreender a abordagem temática em Ciência da Informação, a fim de contextualizar o tratamento temático da informação pela abordagem sóciocognitiva; Capítulo 3: TRATAMENTO TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO NO CAMPO CIENTÍFICO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
Objetivo específico 3	Verificar por meio da percepção profissional o processo de tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias; Capítulo 4: ATUAÇÃO PROFISSIONAL ANCORADA NA REALIDADE DO CONTEXTO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS
Capítulo 5: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	
Objetivos específicos 4 e 5	Analisar as ações dos profissionais embasadas nos aportes teóricos e na prática cotidiana do processo de tratamento temático da informação inerentes ao contexto institucional e interação social e; Investigar por meio de comparações entre os aportes teóricos e a prática cotidiana do tratamento temático da informação a existência de uma uniformidade do processo em nível de bibliotecas universitárias. Capítulo 6: TRATAMENTO TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NA PERCEPÇÃO PROFISSIONAL: apresentação e análise dos dados coletados
Capítulo 7: CONSIDERAÇÕES FINAIS	

QUADRO 1: Relação entre os objetivos e os capítulos desta pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para a concretização dos objetivos almejados, a metodologia utilizada foi composta por três partes. A primeira consistiu de extensiva revisão de literatura em torno dos temários evidenciados e trabalhados teoricamente. Posteriormente, realizou-se aplicação de questionários com vistas a identificar as influências dos profissionais no processo de tratamento temático da informação advindas por meio da interação social e dos aspectos sócio culturais subjacentes ao contexto de bibliotecas universitárias. No terceiro momento utilizou-se a técnica introspectiva de coleta de dados do “Pensar Alto” ou Protocolo Verbal¹⁰ a fim de verificar a percepção dos profissionais sobre a sistematicidade do processo de tratamento temático da informação e os aspectos relevantes que norteiam a sua uniformidade em contexto de bibliotecas universitárias. Para tanto, o universo da pesquisa constitui-se por três bibliotecas universitárias de caráter público do estado de São Paulo, sendo uma localizada na capital e as demais situadas no interior.

Assim, nesta **Introdução** buscou-se apresentar os pressupostos e a gênese do problema, da proposição e da justificativa da pesquisa na Ciência da Informação, bem como o objetivo e os temários abordados para a sua construção e desenvolvimento. Por conseguinte, a pesquisa foi estruturada a partir de seis capítulos, podendo-se sucintamente descrevê-los da seguinte maneira:

No próximo capítulo intitulado “**A Ciência da Informação como campo científico interdisciplinar**” discute-se a questão da fragmentação do conhecimento e o impacto das especializações na evolução do campo científico e, a partir destes questionamentos, evidencia o movimento interdisciplinar no campo das ciências, especificamente na esfera da Ciência da Informação, expostos nos subcapítulos *O movimento interdisciplinar na ciência: um novo marco na construção do saber* e *A interdisciplinaridade da Ciência da Informação na contemporaneidade*. Posteriormente, discute-se a abordagem cognitiva da Ciência da Informação pela vertente das Ciências Cognitivas, objetivando-se abordar os principais pontos desta interface e as fronteiras que se estabelecem, expostos nos subcapítulos *Ciência da Informação e Ciências Cognitivas: algumas perspectivas de interlocução* e *A abordagem cognitiva em Ciência da Informação*.

No terceiro capítulo, “**Tratamento temático da informação no âmbito da Organização e Representação do Conhecimento**” abordam-se os fundamentos do processo

¹⁰ A técnica de Protocolo Verbal é abordada com maior ênfase na seção “Procedimentos Metodológicos”, contudo, salienta-se desde já que a sua principal característica é a gravação do pensamento simultâneo com a realização de uma determinada atividade, a qual possibilita a obtenção do relato verbal do processo mental na atividade de leitura ou interação social a partir da análise dos textos pelos sujeitos participantes.

de tratamento temático da informação, a fim de compreender sua complexidade e subjetividade pela abordagem sócio-cognitiva para identificar os desafios, tendências e reflexos na atuação profissional. Para tanto, elucidam-se *A sistematicidade do processo de catalogação de assunto e indexação* e *Princípios subjacentes à análise de assunto* como temários explorados nos subcapítulos decorrentes.

Na sequência, o quarto capítulo “**Atuação profissional ancorada na realidade do contexto de bibliotecas universitárias em perspectiva sócio-cognitiva**” retrata a biblioteca universitária enquanto instituição informacional, a partir dos aspectos sócio-culturais presentes e suas implicações no referido contexto, explanados no subcapítulo *O contexto sócio-cultural da biblioteca universitária*.

Os “**Procedimentos Metodológicos**” são expostos no quinto capítulo, no qual apresentam-se as metodologias que dão embasamento para a coleta e análise dos dados com os profissionais em seus contextos de atuação, elucidando-se os temários *A percepção como abordagem investigativa*, *A técnica introspectiva do Protocolo Verbal*, com ênfase para o Protocolo Verbal em Grupo e *Questionário focado: perspectivas do contexto institucional e interação social*.

No sexto capítulo “**Tratamento temático da informação na percepção profissional: apresentação e análise dos dados coletados**” realizam-se as análises dos protocolos verbais nos subcapítulos *Apresentação e análise dos Protocolos Verbais em Grupo* e no *Resumo e discussão dos resultados dos Protocolos Verbais em Grupo*. Em seguida são expostas as análises dos questionários focados em *Apresentação e análise dos questionários focados*, bem como o *Resumo e discussão dos resultados dos questionários focados*. O capítulo finaliza com a exposição da *Síntese conjunta dos resultados* adquiridos.

À guisa de algumas reflexões finais, no sétimo e último capítulo “**Considerações Finais**” tecem-se alguns pontos sobre os resultados adquiridos, bem como se apresentam as possibilidades em aberto e os tópicos correlatos que podem ser explorados em trabalhos futuros no campo científico da Ciência da Informação, propiciadas por meio do desenvolvimento teórico. Para tanto, são retratados os seguintes subcapítulos: *Considerações quanto à sistematicidade do processo de tratamento temático da informação pela percepção profissional*, *Considerações sobre a pertinência do processo em bibliotecas universitárias pela percepção profissional*, *Considerações em relação ao contexto institucional e interação social pela percepção profissional* e *Delineamento final*.

Posteriormente, expõe-se o corpo de Referências utilizadas para o embasamento teórico da pesquisa e, por fim, encontram-se os Apêndices e Anexos utilizados para a execução da mesma.

CAPÍTULO 2

A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COMO CAMPO CIENTÍFICO INTERDISCIPLINAR

“O aspecto mais triste da vida atual é que a ciência ganha em conhecimento mais rapidamente que a sociedade em sabedoria.”

Isaac Asimov

“A ciência realmente só tem alcançado tornar mais intensa e forte uma certeza: a velha certeza socrática da nossa irreparável ignorância. De cada vez sabermos mais - que não sabemos nada.”

Eça de Queiroz

“A ciência compõe-se de erros, que por sua vez são passos para a verdade.”

Júlio Verne

Devido à dinâmica do processo de conhecer, as estruturas de conhecimento do ser humano estão permanentemente sendo alteradas, em que uma nova reestruturação ocorre mediante uma nova informação. Considerando a importância dessa reestruturação do conhecimento na cadeia pessoal de cada sujeito, a Ciência da Informação debruça-se sob o viés da abordagem cognitiva na busca de satisfazer as necessidades de informação. Desse modo, os aspectos do cognitivismo passaram a interferir profundamente nos estudos deste campo científico a ponto de ser considerada a abordagem dominante em termos teóricos, uma vez que hoje qualquer tentativa de análise consistente sobre a informação deve ser direcionada para a compreensão do processo de conhecer.

As ideias sobre o conhecimento humano há tempos impregnadas na Ciência da Informação baseiam-se, sobretudo, nas vertentes das Ciências Cognitivas. Os modos de pensar, manipular informações e apropriar-se do conhecimento são fenômenos observados pelo aspecto cognitivo, culminando no surgimento de novas teorias e vertentes investigativas. No domínio da abordagem cognitiva, atenta-se para a diversidade e a riqueza de aspectos de natureza comum entre os referidos campos científicos, muitos desses pouco aprofundados ou mesmo inexplorados.

No atual contexto das ciências emergentes, a Ciência da Informação “traz com ela as características de uma nova era na qual a mudança é a única constante e a interdisciplinaridade, o elemento que permeia a formação dos novos campos de saber” (ROZADOS, 2003, p.81). Por sua vez, o estabelecimento da interdisciplinaridade dá-se nas ciências como uma tentativa de unidade do saber, em oposição à fragmentação. Visto sob esta

vertente, o movimento interdisciplinar objetiva reintegrar os conhecimentos, com fins de orientar as Ciências Humanas para a convergência, no intuito de trabalhar em prol da unidade humana (FAZENDA, 1995).

Nessa perspectiva, sublinha-se no presente capítulo os pontos comuns que permeiam e fortalecem a relação entre a Ciência da Informação e as Ciências Cognitivas, a fim de compreender a abordagem cognitiva nos traços científicos da Ciência da Informação. Para tanto, inicialmente evidencia-se o movimento interdisciplinar na ciência e o posicionamento da Ciência da Informação nesse cenário contemporâneo, sendo tal reflexão fundamental por confrontar sua natureza interdisciplinar e a necessidade de delimitação de suas fronteiras investigativas. Em vista do exposto, busca-se compreender a interdisciplinaridade em sua essência devido à questão da fragmentação do conhecimento no campo científico, uma vez que qualquer observação condizente com a finalidade de esclarecer as relações interdisciplinares está subordinada a uma explanação das complexidades enfrentadas pela ciência e suas implicações na contemporaneidade.

2.1 O movimento interdisciplinar na ciência: um novo marco na construção do saber

A importância da ciência torna-se cada vez mais visível na sociedade contemporânea, a qual se habituou aos seus benefícios. Porém, esta mesma sociedade teme os efeitos futuros advindos da ciência. Isto talvez, porque a ciência há tempos afasta-se dos cidadãos, em que contrariamente a satisfazer a legítima curiosidade deste e se permitir desenvolver a arte de comunicar e difundir seus frutos, visivelmente caminha em sentido contrário. Igualmente, é estranho pensar que no curto espaço de tempo em termos de progresso científico tenha-se cavado um profundo abismo entre a ciência e o senso-comum¹¹, de tal modo que a ciência tenha hoje um discurso longínquo com a grande parcela da sociedade.

¹¹ O conhecimento científico rompe com o conhecimento do senso-comum, o qual pode ser considerado como a mais importante forma de conhecimento (vulgar e prático) com que no cotidiano o homem se orienta e agrega sentido a vida. Na concepção de Boaventura Santos (1988), o conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador, porém com uma dimensão utópica e libertadora; faz coincidir causa e intenção; subjaz-lhe uma visão do mundo assente na ação e no princípio da criatividade e da responsabilidade individuais; consegue ser prático e pragmático; reproduz-se colado às trajetórias e às experiências de vida, onde se afirma fiável e securizante; transparente e evidente; exímio em captar a profundidade horizontal das relações conscientes; indisciplinar e imetódico, onde se reproduz espontaneamente no suceder cotidiano da vida; aceita o que existe tal como existe, privilegiando a ação que não produza rupturas significativas no real e; constitui-se retórica e metaforicamente – não ensina, persuade.

A lacuna que se segue respalda-se nessa valorização do conhecimento científico em detrimento dos outros tipos de saber, denominados de conhecimentos gerais e necessários “[...] pela conexão entre as coisas e a interdependência das noções de tal forma que uma parte do saber lança luz sobre as outras” (BURKE, 2003, p.81) e buscam o entendimento do mundo, evidentemente de modos e perspectivas diferenciadas. Para que seja possível compreender tal valorização científica, segue-se um breve panorama da evolução da ciência ao longo da história da humanidade.

Nada mais complexo que tratar sobre ciência, cujo percurso histórico é marcado pelas vicissitudes, ou seja, um emaranhado de diferentes concepções do que seja a ciência, tanto por sua própria evolução, quanto por determinações de cada época da evolução humana. O conceito de ciência é muito antigo. A etimologia da palavra encontra-se no latim *scientia*, substantivo cuja raiz é o verbo *scire*, saber. Todavia, este significado é hoje lato, talvez até vago e impreciso para o efetivo esclarecimento e compreensão do conceito de ciência, que dentre uma gama significativa de outros tipos de saber denominou-se de conhecimento científico.

Inicialmente, a essência da ciência¹² era dialogar, comunicar, tornar próximo o que era distante. Na Grécia, ciência correspondia ao conhecimento verdadeiro, universal e necessário. Assim, o conhecimento era fundamentado, sendo que a Filosofia era a única ciência que buscava os fundamentos, considerada a "ciência das primeiras causas e primeiros princípios" (ARISTÓTELES, 1987, p.08), e nisso residia a sua cientificidade. Classificada como a ciência das ciências, a Filosofia representava o berço do saber humano. Neste momento a Filosofia era a ciência ou a ciência era a Filosofia.

No século XVII surge um novo conceito de ciência, originando-se na Filosofia a busca por seu estatuto de cientificidade. A partir de então, o homem inicia novos descobrimentos e constata que nada é como se pensava. Instala-se a dúvida e a incerteza, ocasionando uma nova concepção de ciência no intuito de responder aos questionamentos da humanidade.

Neste momento, Galileu e Descartes surgem como os grandes destruidores dos antigos dogmas e como os grandes reconstrutores do novo conhecimento e de uma nova imagem de mundo, sendo, por isso, considerados co-fundadores da ciência moderna. Parte-se

¹² Considerando-se que o conceito de ciência surge na cultura e civilização ocidental no século XVII, os múltiplos e vertiginosos progressos feitos pela ciência na história e na vida da humanidade são no mínimo espantosos e surpreendentes.

para o recomeço do conhecimento humano, em que o que era verdadeiro passa a ser considerado falso e, vertiginosamente a questão do método torna-se fundamental, pois este atribui à ciência distinguir o verdadeiro do falso, característica peculiar dessa nova ciência.

Nesta concepção, muitos tratados de método se escrevem no contexto científico, cuja função é, sobretudo, atender apenas aos aspectos constantes e às regularidades dos fenômenos, afastando o sujeito e quaisquer elementos subjacentes. Abrem-se as portas para o ideal da quantificação, segundo o qual nada pode ser cientificamente cognoscível se não for mensurável. Assim, a objetividade garante a universalidade do conhecimento científico, o qual se respalda no determinismo, na procura pela legalidade, na previsão dos fenômenos. Desse modo, a nova ciência é explicativa e sua estabilidade garante o *status* de conhecer. Naturalmente, a partir deste momento na história da humanidade conhecer é poder e o poder é domínio, em todas as suas configurações.

A ética e a tecnologia instauram-se nas bases da evolução científica e, por isso, a ciência impõe-se como forma privilegiada de conhecimento, que devido a sua onipotência e hegemonia silencia e desvaloriza todos os outros discursos que falam do real. Mas, esta nova ciência que destrói dogmas e que nasceu para criticar e negar todas as formas existentes de dogmatismo, hoje, posiciona-se como o mais vil dos dogmas dos tempos modernos. Na realidade, o paradigma dominante na ciência moderna atribui ao objeto de ciência o caráter relevante, caso seja quantificado e objetivado ou irrelevante caso não corresponda às exigências da ciência (SANTOS, 1993a).

Então, sob a perspectiva clássica ou moderna, a instituição ciência é uma atividade humana de pensamento intelectual e processamento racional dos eventos e fenômenos para explicar a realidade por meio da razão e da experimentação. Este impasse instaura-se no século XIX quando se sistematizam no cenário científico as Ciências Humanas e Sociais, cujos objetos de estudo diferenciam-se da racionalidade dos objetos das Ciências Naturais e de seus procedimentos. Segundo Santos (1993b), neste momento, pode-se falar de um modelo global de racionalidade científica e sendo um modelo global essa nova racionalidade também é um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional e todas as outras formas de conhecimento que não se pautam por princípios epistemológicos e regras metodológicas.

O alargamento do modelo de racionalidade científica às Ciências Humanas e Sociais seguiu no interior das Ciências Sociais dois caminhos diversos: um dominante, que consistiu em aplicar ao estudo do homem e da sociedade todos os princípios epistemológicos

e metodológicos que presidiram ao estudo da natureza; o outro, dominado e marginalizado, reivindica para esses campos científicos uma especificidade própria, com metodologias qualitativas e não apenas quantitativas (CASTELLS, 2000).

A ideia que se segue é do atraso das Ciências Humanas e Sociais relativamente às Ciências da Natureza. Daí decorre a sua desvalorização ao serem olhadas com desconfiança e consideradas de pouca credibilidade social. Contudo, a consciência que se instaura é do longo caminho a percorrer até serem consideradas ciências de pleno direito.

De qualquer forma, a crise da ciência¹³ é resultado da sua própria evolução a partir da utilização de um corpo de linguagens mais ou menos herméticas e de uma complexificação e especialização progressiva; e há tempos os sinais de crise são visíveis no panorama científico dominante (JAPIASSU, 1975). Como consequência, tem-se a progressiva especialização do conhecimento científico.

O fenômeno da especialização – condição do progresso do conhecimento científico e elemento de prestígio próprio –, atingiu na segunda metade do século XX dimensões alarmantes. Para Berger e Luckmann (1998) a especialização do conhecimento pode ser atribuída a rígida divisão do trabalho na modernidade. Os referidos autores criticam os peritos por produzirem formas cada vez mais complexas do conhecimento científico, visando à obtenção do *status* de especialistas de uma ínfima gama do saber. Ora, separam-se o ‘fazer’ do ‘saber-fazer’, condicionando-se a fragmentação do conhecimento humano em objetos observados por especialistas.

Igualmente, há tempos autores como Isabelle Stengers (2002) e Edgar Morin (1994; 2002) apontam falhas nesse tipo de concepção científica, na medida em que reduz o saber a dimensões que ignoram friamente a imensidão e a complexidade da realidade, em que tal contribuição, que representa apenas uma parte do conhecimento humano, tem sido quase nula e “totalmente estéril nas ciências humanas” (MORIN, 1994, p.317). Neste sentido, a especialidade das disciplinas “[...] reenvia o especialista ao afastamento significativo que funda a especialidade da sua ciência” (RESWEBER, 1971, p.44), em que as trágicas consequências da especialização do conhecimento respaldam-se, sobretudo, no ato de conhecer.

¹³ Em uma das mais densas obras da literatura especializada sobre o campo científico intitulada “Interdisciplinaridade e patologia do saber” apresentada no ano de 1975, Japiassu emprega o termo “patologia do saber” para caracterizar a referida crise da ciência.

No início do século XX, a “barbárie do especialismo” e seus frutos são fortemente denunciados, a saber:

Dantes os homens podiam facilmente dividir-se em ignorantes e sábios, em mais ou menos sábios ou mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser subsumido por nenhuma destas duas categorias. Não é um sábio porque ignora formalmente tudo quanto não entra na sua especialidade; mas também não é um ignorante porque é “um homem de ciência” e conhece muito bem a pequeníssima parcela do universo em que trabalha. Teremos de dizer que é um sábio-ignorante – coisa extremamente grave – pois significa que é um senhor que se comportará em todas as questões que ignora, não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem, na sua especialidade, é um sábio.

Hoje, cada homem de ciência¹⁴ é conhecedor de apenas um ramo de assunto e, inevitavelmente, o conhecimento não significa mais um enriquecimento mútuo. Ao contrário, “hoje não só os nossos reis que não sabem matemática, mas também os nossos filósofos que não sabem matemática e para ir um pouco mais longe, são também os nossos matemáticos que não sabem matemática”, isto porque “[...] desenvolveram-se as disciplinas especializadas como os dedos da mão: unidas na origem, mas já sem contacto algum” (OPPENHEIMER, 1955, p.55).

A visão fragmentada do conhecimento, fruto do modelo racionalista da sociedade contemporânea, apresenta falhas ao desconsiderar os conhecimentos que a princípio não se vinculam ao problema tratado. Afirmar que a especialização do conhecimento não abarca as mudanças da sociedade do conhecimento respalda-se na prerrogativa de que a solução dos problemas não deve limitar-se a uma visão reducionista, bem como a maneira de percebê-los. Acresce que, apesar de necessária, a especialização atua no sentido contrário a objetividade inicial da ciência, na qual havia uma situação democrática e uma argumentação com vistas a racionalidade dos resultados e universalidade do homem de ciência.

Atualmente, a ciência é vista como uma enorme instituição caracterizada por comunidades competitivas entre si, estas “[...] de costas voltadas umas para as outras, grupos rivais que [...] estabelecem entre si um regime de concorrência completamente avesso àquilo que era o ideal científico da comunicação universal” (POMBO, 2003, p.05). Considerando que a ciência se respalda na demonstração da validade dos fatos existentes, ou seja, produz a única forma de conhecimento válido e, por meio deste posicionamento descarta quaisquer

¹⁴ A denominação “homem de ciência” não significa, nesta pesquisa, somente os cientistas que constroem e entendem a ciência, mas também todo aquele que conhece e domina um determinado campo científico.

outras possíveis alternativas, salienta-se que a construção das realidades legítimas depende das relações humanas, as quais, independentemente das novas tecnologias e do contexto informacional são dinâmicas e mutáveis. Sobre isto, Minayo (1998) pontua que a hegemonia da ciência moderna como forma de construção da realidade legítima e busca da verdade ancora-se na eficácia de responder aos desafios colocados pela evolução humana.

Tal movimento ocasiona uma negligência a complexidade dos fenômenos e suas possíveis interligações com os objetos de estudo em outros campos científicos, bem como aos diversos entendimentos que podem ser produzidos no seu desvelamento. Para Gomes (2001, p.03) este “estatuto se incorpora e se neutraliza na ação do conhecer”, o que implica, nos sujeitos desta ação, o desenvolvimento de uma mentalidade individualizada e proprietária do conhecimento gerado em seus campos de atuação e, conseqüentemente, a incursão de outro campo torna-se inviável devido à existência de fronteiras rígidas.

Doravante, todo campo científico deve adotar comportamentos de abertura e de estabilidade devido a complexidade de seu objeto de estudo, objetivando-se uma base estável para seu estabelecimento enquanto campo científico. Em outras palavras, superar as barreiras disciplinares a que o conhecimento está institucionalmente confinado.

A este respeito, Santos (1997) diz que tal posicionamento está em crise, uma vez que toda verdade aspirada pela ciência possui caráter intemporal – passível de novos entendimentos e validação. Para o autor citado, essa se manifesta no campo das ciências sob a forma de conflito de interesses, em que a separação das ciências e dos demais dualismos deixa de ter sentido, o que acarreta uma aproximação cada vez maior; sentida pela interferência do sujeito no objeto de estudo e pelo caráter probabilístico das leis naturais.

Instaura-se, em decorrência dessa manifestação, a emergência de um novo paradigma, de uma nova concepção de ciência designada de paradigma pós-moderno ou ciência pós-moderna¹⁵. Este período de mudança não apenas concede a ciência uma concepção menos fechada e limitada, mas instaura a aproximação dos saberes. Desse modo, este novo paradigma abre as portas para as práticas sociais que sustentam as muitas e variadas formas válidas de conhecimento, pois a “[...] produção do conhecimento tem como base de sustentação um suporte institucional, sendo fortalecida através das práticas sociais e do modo

¹⁵ Na presente pesquisa, optou-se pelo termo ciência contemporânea por entender que a denominação de ciência pós-moderna é limitante e atua como um modismo terminológico que avança nos campos científicos sem apontar uma efetiva compreensão e delimitação de seu uso.

como os diversos conhecimentos são aplicados e valorizados pela sociedade [...]” (GOMES, 2001, p.02).

Segundo Borges et al. (2003), o embasamento desse novo paradigma assenta-se no entendimento de que todo conhecimento científico-natural é científico-social; todo conhecimento é autoconhecimento; todo conhecimento visa constituir-se em senso comum e todo conhecimento é local e total, admitindo a historicidade do conhecimento¹⁶. Sabe-se que o conhecimento científico é produto de determinado momento histórico, “[...] devendo ser relativizado e contextualizado devido ao seu caráter provisório e por ser sempre apenas uma aproximação do real” (BORGES et al., 2003, p.04). Sobre isto, Gomes (2001, p.03) aponta que todo debate em torno da estrutura disciplinar sobre a qual os conhecimentos científicos são gerados e ensinados, ou seja, as reflexões com vista à desfragmentação do conhecimento “[...] representam um esforço de desconstrução de um estatuto que faz com que o tratamento dos objetos se dê de maneira não solidária [...].”

Por essa razão, a complexidade do objeto de estudo atua para a inserção de várias contribuições advindas das competências interconectadas, inseridas na situação problema apresentada nas mais diversas concepções, a partir de sua investigação e delimitação em um determinado campo científico. Assim, aborda-se por diferentes ângulos o objeto de estudo, no intuito de aprofundá-lo em diferentes concepções por meio de um trabalho de análise.

Verifica-se que a superação da desfragmentação do conhecimento ocorre pela recuperação da realidade por meio da visão do todo, propiciada pelo prisma dos temas transversais que abrem as barreiras estáticas de um único modo de pensar. No paradigma da ciência contemporânea, os “temas transversais”¹⁷ exigem uma abordagem ampla e diversificada, por permearem explícita ou implicitamente diferentes concepções do saber.

Esclarece-se que os temas transversais não constituem uma área a parte, pois seus objetivos e conteúdos são inseridos em diferentes momentos nos diversos campos que se aplicam. O propósito destes temas é exatamente permear toda a prática do conhecimento científico e, para isso, não se admite uma perspectiva disciplinar rígida, uma vez que vão sendo trabalhados momentaneamente, porém com diferentes abordagens e intensidades.

¹⁶ Julga-se relevante apontar a historicidade enquanto condição básica e necessária aos estudos em Ciência da Informação, uma vez que a maior preocupação do campo é consolidar cientificamente os fenômenos investigados sob sua ótica, os quais reiteram suas estruturas e sustentam sua cientificidade.

¹⁷ A partir deste entendimento, pode-se dizer que a informação atue como sendo um tema transversal, propriedade não apenas da Ciência da Informação, mas de tantos outros campos do saber que se curvam ao seu entendimento e mensuração.

Mutuamente conectados à transversalidade encontram-se os conceitos de pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, os quais são “[...] conceitos caracterizadores de diversificadas práticas de ensino [...]” (POMBO et al., 1993, p.11). Por sua vez, tais conceitos referem-se a modos de se trabalhar os conhecimentos científicos, entendidos como elementos ativos para o processo progressivo de integração disciplinar¹⁸. Desse modo, tais conceitos buscam uma reintegração de aspectos que se encontram isolados uns dos outros pelo tratamento disciplinar, em que,

[...] mais importante do que procurar estabelecer fronteiras rígidas entre estes conceitos e as práticas de ensino para que eles remetam, mais fecundo do que delimitar espaços de significação intransponíveis, será reconhecer a natureza contínua de um processo de crescente integração disciplinar, no qual a pluridisciplinaridade seria o pólo mínimo da integração disciplinar, a transdisciplinaridade o pólo máximo e a interdisciplinaridade o conjunto das múltiplas variações possíveis entre os dois extremos (POMBO et al., 1993, p.12).

Em um de seus mais célebres trabalhos intitulado “Epistemologia da Interdisciplinaridade”, Olga Pombo buscou contribuir para o estabelecimento de um acordo terminológico e conceitual relativo à interdisciplinaridade, ancorada na prerrogativa de que além de usada, abusada e banalizada, a palavra está gasta. Na visão da referida autora essas três palavras devem ser pensadas juntas, numa continuidade que segue da coordenação à combinação e desta à fusão, conforme figura:

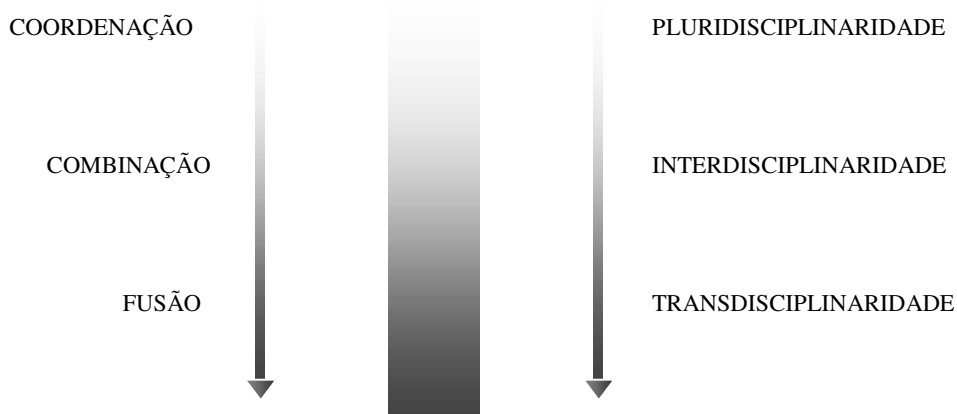


FIGURA 1: Proposta de compreensão da família dos temas transversais.
Fonte: POMBO (2003, p.03).

¹⁸ Entende-se por integração disciplinar uma forma de ensino que estabelece qualquer tipo de articulação entre dois ou mais campos.

Complementando, a proposta é que seja atribuída a esta continuidade ou “*continuum*”, a intensidade ou “*crescendum*”, propiciando um gênero que vai do “[...] paralelismo *pluridisciplinar* ao perspectivismo e convergência **interdisciplinar** e, desta, ao holismo e unificação **transdisciplinar**” (POMBO, 2003, p.03, grifo da autora). Deste modo, a pluridisciplinaridade representa o primeiro nível ou estágio em que as disciplinas devem estabelecer algum mínimo de coordenação, por em paralelo; interdisciplinaridade propicia a convergência de pontos de vista, combinação dos entendimentos; e a transdisciplinaridade remete para qualquer coisa da ordem da fusão unificada, solução final – desejável ou não.

Todavia, o ponto a ser compreendido é que, para algumas circunstâncias, a fusão das perspectivas surge como a melhor alternativa; noutras, essa finalidade poderá ser excessiva e não coincidir com as expectativas. Porém, o intuito dessa representação para o entendimento dos conceitos na atual conjuntura não é apontar um caminho progressivo que caracterize o melhor ou pior conceito. Ao contrário, na visão da referida autora tal entendimento, inelutavelmente, aponta que “[...] o prefixo *inter*, aquele que faz valer os valores da convergência, da complementaridade, do cruzamento [parece] ser ainda o melhor” (POMBO, 2003, p.03).

Entretanto, não se pretende nesta pesquisa explorar em profundidade os três conceitos e suas contribuições para o alargamento de fronteiras no processo de desfragmentação do conhecimento na ciência contemporânea, mas enfatizar o movimento interdisciplinar, atualmente aplicado em muitos contextos e considerado por muitos como um significante flutuante e ambíguo que ninguém sabe definir, mas a que todos parecem debruçar-se na tentativa de desfragmentar o conhecimento científico, salvaguardando a estrutura maior do conhecimento humano.

Considerando-se que as rupturas das fronteiras do conhecimento científico ocorrem por meio de uma ação interdisciplinar em torno do tratamento de um dado objeto, a interdisciplinaridade é componente do fenômeno característico da ciência contemporânea. Na verdade, alicerça o deslocamento de uma ciência calcada até então no modelo analítico¹⁹, para o qual existe um conjunto finito de elementos constituintes e que, a partir da análise de cada elemento, torna-se possível reconstituir o todo (JAPIASSU, 1975). Em outras palavras, recompor o conhecimento a partir do ponto último de análise.

¹⁹ O modelo analítico revela-se insuficiente e incapaz de responder aos constantes questionamentos da contemporaneidade, sem pomenorizar as suas diversas contribuições e seus valorosos frutos aos incontáveis avanços científicos que permitem a humanidade à compreensão do mundo atual.

Nessa vertente, a interdisciplinaridade se afirma como reflexão epistemológica sobre a divisão do conhecimento humano e implica em introduzir conceitos próximos que se desdobram em sucessivas, crescentes, intensas e complexas conexões entre vários campos científicos, com vistas a extrair suas “relações de interdependência e de conexões recíprocas” (JAPIASSU, 1975) num esforço que implica, permanentemente, em modificar os campos envolvidos por meio da troca de conhecimentos e no compartilhamento de objetivos.

Por causa disso, a interdisciplinaridade conduz os campos a um processo de intercâmbio informacional, conceitual, teórico e metodológico, cujo processo pode ser abduutivo, capaz de não apenas reorganizá-los sob a conjunção de hipóteses, mas despontar em um novo campo científico. Nesta concepção, pode-se dizer que a interdisciplinaridade constitui a aproximação de distintos campos científicos para a solução de problemas específicos.

A partir deste entendimento, ressalta-se que,

Para realizar um trabalho interdisciplinar, é necessário estabelecer tanto uma definição comum dos conceitos teóricos afins, quanto uma metodologia que dê conta dessa situação particular. Essa redefinição conceitual e metodológica é necessária para que se possam ultrapassar os limites impostos pela organização acadêmica que justapôs as disciplinas como entidades autônomas, distanciadas da vida real (DILL ORRICO, 1999, p.20).

Logo, o movimento interdisciplinar torna-se fundamental para o fortalecimento dessa nova concepção científica, uma vez que “no ponto de partida e de chegada, cada ciência encontra a íntima coesão e a inspiração de que precisa. Por isso, as ciências convergem e fazem alianças” (MORIN, GADOUA, POTVIN, 2007, p.30). Além disso, o processo científico leva ao acréscimo dos conhecimentos e resulta na pluralidade dos diversos pensamentos e hipóteses, cujos debates contraditórios constituem a mais segura fonte para resultados proveitosos. Em realidade, como forma de transferência de conhecimentos entre campos e seus pares, o movimento interdisciplinar condiciona uma visão mais ampla e adequada da realidade, que tantas vezes aparece fragmentada pelos meios de que o homem possui para conhecê-la e não porque o seja em si mesma.

Marco das Ciências Humanas e Sociais, a interdisciplinaridade acentua-se no cenário contemporâneo como componente básico e necessário da maioria das ciências que emergiram a partir da década de 1940, uma vez que propicia o questionamento da segmentação dos diferentes campos científicos.

Whewell (1840) manifestara a noção de interdisciplinaridade ao cunhar o termo “consiliente”, o qual na visão de Braga (1999, p.09) representa um “salto conjunto do conhecimento entre e através das disciplinas, por meio da ligação de fatos e de teorias, para criar novas bases explanatórias”. Portanto, buscam-se os possíveis pontos de convergência entre os vários campos e a sua abordagem conjunta, propiciando-lhes uma relação epistemológica. Assim, a interdisciplinaridade assegura que a aproximação dos fenômenos naturais e sociais ocorra de modo mais apropriado, sobretudo, por suas condições complexas e irredutíveis ao conhecimento obtido quando abordados pela concepção de um único campo científico.

Percebe-se, então, que a interdisciplinaridade se impõe no campo científico na medida em que propicia abertura de pensamento por meio das aproximações, interações e métodos comuns as diversas especialidades, garantindo a busca da verdade²⁰.

Ao abordar a interdisciplinaridade, Klein (1996, p.45) discorreu sobre o trabalho de fronteiras e as relações entre os campos científicos. No entendimento do referido autor, a interdisciplinaridade é o símbolo maior do fim da crise que se encontra a ciência, representada pela “[...] explosão de uma disciplina muito rígida ou a fundação de uma nova disciplina” e, que o cruzamento de fronteiras ocorre “[...] no nível de especialidades, e não numa disciplina, na sua totalidade.”

Com relação às especialidades, torna-se pertinente contextualizar que a migração²¹ de especialistas de múltiplas formações de um campo para outro “implicaria na diminuição das limitações de fronteiras” (KLEIN, 1996). Tal fenômeno, temporário ou permanente, ocorre justamente porque surgem novos problemas e exige-se um processo constante de reformulação dos campos científicos. Outro fator que acarreta um senso de necessidade interdisciplinar refere-se a prática profissional, a qual acaba por refletir problemas não contemplados pela teoria clássica.

Quanto as manifestações, acresce que as pesquisas de cunho interdisciplinar se constituem a partir de dois aspectos: da aproximação de campos científicos diferentes para a solução de problemas específicos e; do compartilhamento de métodos e técnicas visando equacionar os problemas específicos de cada campo (DOMINGUES, 2005). No entanto, a coexistência de interesses comuns entre os campos científicos não implica, necessariamente,

²⁰ Filosoficamente, o conhecimento representa a busca pela verdade.

²¹ A metáfora da migração, vinculada ao caráter híbrido das numerosas especialidades do conhecimento científico dá-se por diversas razões e em diferentes níveis e escalas de tempo.

um dever interdisciplinar se não existir a viabilidade da transmutação de conhecimentos, considerando-se que “a interdisciplinaridade é via de mão dupla e só acontece no trabalho conjunto e formalizado de grupos comuns” (BARRETO, 2004, p.01).

Por isso, a interdisciplinaridade não deveria constituir-se apenas como uma simples transferência de problemas, conceitos e métodos de um campo para outro, mas ter como função maior propiciar uma integração interna e conceitual que rompesse a estrutura de cada campo científico para construir uma axiomática nova e comum a todas elas, com intuito de assegurar a visão unitária de um determinado campo do saber (PALMADE, 1979).

A partir dessa concepção, verifica-se que as apropriações ocorrem na maioria das vezes de forma “[...] acrítica, superficial, inadequada, constituindo-se em meras extrapolações mecânicas e, muitas vezes, decorrentes de modismos passageiros” (PAIM et al., 2001, p.01). Percebe-se que muitas vezes a interdisciplinaridade é confundida com a mera incorporação de conceitos, teorias e métodos de um campo para outro. Entretanto, esse percurso não caracteriza a interdisciplinaridade, no máximo a potencializa, sugere sua necessidade e oferece condições necessárias ao seu aparecimento, o qual se concretizará a partir do diálogo efetivo entre os campos científicos. Constata-se, conseqüentemente, além de deturpações ou distorções de conceitos originais, a falta de organicidade conceitual, ou seja, de consistência e pertinência dos conceitos advindos de outros campos científicos.

Na literatura especializada sobre o tema, muito se discute a respeito das transformações que tem ocorrido a partir do movimento interdisciplinar no campo científico, porém, pouco se sabe sobre o que seja o próprio conceito de interdisciplinaridade. Recorrentemente proclamada e exponencialmente utilizada, a interdisciplinaridade não possui um conceito relativamente estável, uma definição unívoca. Tal dispare conceitual caracteriza a palavra como sendo um componente de significativas flutuações: da simples cooperação de um campo científico ao seu intercâmbio mútuo e integração recíproca ou, ainda, a uma integração capaz de romper a estrutura de cada campo científico (PALMADE, 1979).

A prerrogativa de que não exista certa estabilidade a este conceito segue-se desde a década de 1970, início das discussões em torno da ação interdisciplinar. Tais apontamentos são salientados por autores como René (1985), Chubin (1986) e Pombo (2003), para os quais, mesmo passadas décadas em torno deste conceito, ainda não há uma noção clara do que seja exatamente a interdisciplinaridade e o que identifica as práticas ditas interdisciplinares. Contudo, a crença entre os que a proclamam respalda-se na crença de que ela estabelece a

relação e articulação entre campos científicos, cuja reciprocidade entre os diferentes saberes visa explicitar a problemática do objeto de estudo.

O ponto em destaque é a não compreensão clara do que é possível ou mesmo desejável construir em termos de integração científica, considerando-se que a interdisciplinaridade evoca um espaço comum, uma coesão e enriquecimento mútuo entre os diferentes saberes no exame de um mesmo objeto. Portanto, qualquer forma de “[...] combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objeto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objetivo final à elaboração de uma síntese relativamente ao objeto comum” caracteriza o movimento interdisciplinar (POMBO et al., 1993, p.13).

No entanto, salienta-se que o referido percurso não caracteriza a interdisciplinaridade, na melhor das hipóteses apenas a potencializa e sugere sua importância ao oferecer as condições necessárias ao seu aparecimento. A interdisciplinaridade apenas se afirma a partir de um efetivo e concreto diálogo científico, o qual pode ser constatado quando “[...] conceitos, teorias, métodos e campos de investigação migram, transitam nos vários sentidos das ‘regiões fronteiriças’ concretizando essa interdisciplinaridade, que do contrário caracteriza-se apenas enquanto potencial a espera de atualização” (GOMES, 2001, p.04).

Nesse percurso, o trabalho contínuo de cooperação entre campos científicos respalda-se na análise conjunta de um mesmo objeto, numa tentativa para a resolução de um problema concreto e de proporções complexas. Assim, a interdisciplinaridade situa-se no contexto da contemporaneidade como a mais sólida resposta aos questionamentos e vácuos dos campos científicos, cuja integração de saberes é feita na sua maioria, de forma contraditória.

Sobre isto, Barreto (2004, p.01) defende que,

Um querer interdisciplinar não pode simplesmente transpor teorias e conceitos emprestados de um campo ou área para formar novo conhecimento em outra área. Este transporte de idéias, métodos, do pensar em si tem que respeitar as características existentes e manifestadas da área que empresta [...]. Não basta pegar e trazer. É preciso estabelecer um canal formal de comunicação e relações entre as duas áreas.

Sob este pensar, torna-se imprescindível que o transporte de ideias e métodos, impreterivelmente, respeitem as características existentes e manifestadas do campo que empresta, uma vez que o estabelecimento de um canal formal de comunicação e de relações

entre os campos científicos constitui o nicho necessário ao seu desenvolvimento e sustentabilidade enquanto ciência (SILVA, FUJITA e DAL' EVEDOVE, 2009).

A partir das explicações expostas até o momento, defende-se que o exercício da interdisciplinaridade não deve limitar-se apenas ao movimento interno de um campo científico, ou seja, deter-se na perspectiva teórico-metodológica, mas respaldar-se na promoção social. Em outras palavras, promover “[...] a ocorrência da interdisciplinaridade no interior da realidade social que envolve a práxis que se desdobra do fazer científico, entendida aqui enquanto cenário no qual se realizam as intervenções no social” (GOMES, 2001, p.05). Acredita-se que seja a partir deste entendimento do movimento interdisciplinar que o campo científico passe a promover o diálogo eficaz e necessário para que o saber deixe de ser “especializado” e assegure a sua apropriação, entendimento, uso e evolução no campo das ciências.

Tendo como base os apontamentos ora evidenciados, parte-se para o entendimento das questões específicas que permeiam o universo interdisciplinar da Ciência da Informação na contemporaneidade, a fim de verificar como esse percurso se concretiza no domínio²² em análise.

2.2 A interdisciplinaridade da Ciência da Informação na contemporaneidade

A Ciência da Informação apresenta-se no cenário contemporâneo como um campo científico dinâmico, instável e potencialmente catalisador de estudos sobre fenômenos informacionais, cujo objetivo essencial é compreender as relações humanas mediadas pela informação e os desdobramentos dessa ação, considerando todas as suas configurações fenomenais, qualidades, características e singularidades. Para tanto, torna-se necessário compreender, a partir de sua esfera humanística, os aspectos sociais e técnicos envolvidos na ação de produzir, sistematizar, organizar, disseminar e recuperar a informação, uma vez que a mesma é sustentada por fundamentos teóricos e metodológicos, processos, manifestações culturais, sociais e organizacionais.

²² O domínio representa um conjunto de itens de informação presentes em certo contexto, interrelacionados de forma coesa, os quais despertam os interesses particulares da comunidade. Tem-se, portanto, duas perspectivas para o domínio do problema: como um conjunto de problemas relacionados para os quais existe um sólido conhecimento capaz de produzir soluções e; como uma taxonomia de componentes que torna explícita as partes comuns de aplicações, identificadas como similares (ARANGO, 1994).

Por outro lado, uma das propostas da Ciência da Informação é abordar cientificamente os fenômenos que envolvem a “noção de informação” ocorrendo, para tanto, um diálogo entre os vários campos científicos que trabalham efetivamente com o conhecimento da informação e seus registros, a comunicação humana, bem como com as necessidades e usos da informação em seus contextos sociais, institucionais e individuais (SARACEVIC, 1999).

Popper (1972) salienta que a Ciência da Informação não estuda assuntos, mas sim problemas informacionais, os quais, no seu entendimento, devem atravessar os limites de qualquer assunto ou campo científico. Seguindo esta mesma linha de pensamento, Saracevic (1996, p.47) aponta que a Ciência da Informação atua em campos de concentração de problemas altamente complexos “[...] e como todos os problemas complexos são tratados de várias formas em muitos campos [...]”. Na visão do referido autor, o imperativo dos problemas assegura ao campo uma natureza interdisciplinar e uma posição denominada de “fronteira” a outros campos do saber.

Historicamente, a Ciência da Informação surge num período em que emergiram as primeiras críticas ao fracasso do modelo científico resultante do projeto de globalização na modernidade, em que,

Fortemente influenciadas pelas ciências empíricas, as primeiras manifestações desse campo embrionário pretendiam estabelecer leis universais que representassem o fenômeno informacional, daí a recorrência a modelos matemáticos (teoria da informação), físicos (entropia) ou biológicos (teoria epidemiológica). [...] Na década de setenta, entra em cena um personagem que redireciona o enfoque da ciência da informação: o usuário. [...] Com a presença dos usuários, as ciências humanas e sociais passam a contribuir também, com seus métodos e práticas, para a composição dessa ciência emergente (CARDOSO, 1996, p.73-74).

Tradicionalmente, a Ciência da Informação é definida pelos problemas que apresenta e pelos métodos que escolhe para resolvê-los. Em síntese, a característica de natureza interdisciplinar da Ciência da Informação respalda-se na prerrogativa de que elucidar o problema e, naturalmente chegar a um novo questionamento, “[...] exige conhecimentos compartilhados e a construção de um novo saber” (MORIN, GADOVA, POTVIN, 2007, p.74).

Considerando que a Ciência da Informação estuda a informação passível de ser transmitida e disseminada, sobretudo, a informação alicerçada no bojo social, verifica-se que

seus processos requerem a consolidação de diálogos interdisciplinares, nos quais a mediação, a formação e a interação informacional sejam evidenciadas, a fim de compreender o modo como sujeito e informações se articulam. Para tanto, o campo sustenta ou deveria sustentar um diálogo ativo com outros campos científicos que abordem estudos relacionados à organização, representação e uso da informação, uma vez que sua principal função é “[...] produzir conhecimentos que contribuam para a solução de problemas relacionados à organização de contextos de informação especializados na incorporação, sistematização, disseminação e recuperação da informação” (NEVES, 2006, p.39).

Em algumas definições de Ciência da Informação, a esfera interdisciplinar faz-se presente e delimita o campo. A partir de uma das definições mais influentes cunhada por Borko (1968, p.03) observa-se à abrangência de ciências direta ou indiretamente relacionadas à Ciência da Informação. Segundo o autor, “ciência da Informação é aquela disciplina que investiga as propriedades e os comportamentos da informação, as forças que governam o fluxo da informação e os meios de processar a informação para usabilidade e acessibilidade ótimas”. Por sua vez, Foskett et al. (1980, p.64) corrobora com a ideia de que a interdisciplinaridade seja inerente a Ciência da Informação ao pontuar que a sua inserção no campo das ciências “[...] surge de uma fertilização cruzada de idéias que incluem a velha arte da biblioteconomia, a nova área da computação, as artes dos novos meios de comunicação, e aquelas ciências como a psicologia e lingüística [...]”, campos que atuam diretamente com problemas relacionados à transferência da informação.

Em Ciência da Informação, o movimento interdisciplinar ocorre por duas razões, uma interna e a outra externa. A primeira refere-se ao movimento epistemológico interno, oriundo de problemas que permanecem sem uma efetiva compreensão a partir dos constructos ou abordagens de um único campo científico e, a segunda, dá-se a partir das relações das diferentes formações e conhecimentos dos especialistas da Ciência da Informação (SARACEVIC, 1996).

Certamente, o campo da Ciência da Informação – da teoria às aplicações – é permeado por conceitos, noções e ideias que o configuram enquanto ponto convergente de vários campos científicos, o que reforça a sua vocação interdisciplinar. Porém, considerando a natureza da interdisciplinaridade, com suas variações e conceitos correlatos, este movimento na Ciência da Informação não deve caracterizar-se como sendo mais um esforço ou hipótese sem consistência, mas abrigar novas expectativas e propiciar novas possibilidades.

O movimento interdisciplinar é fortemente exaltado pelos cientistas da informação, cujo posicionamento respalda-se em defesa e recomendação da prática interdisciplinar como característica inerente ao campo (MACHLUP e MANSFIELD, 1983; SARACEVIC, 1996; PINHEIRO, 1999). Entretanto, o que se percebe é que a Ciência da Informação coloca-se como lugar de absorção acrítica de conceitos, cujo atual posicionamento interdisciplinar além de tornar o campo vulnerável contribui para que seu desenvolvimento conceitual situe-se aquém do desejável e do necessário.

Sobre isto, advoga-se que o movimento interdisciplinar não deve figurar como um modismo passageiro, mas sua prática precisa promover a evolução da Ciência da Informação de modo real, estável e consistente; prever o acompanhamento da evolução teórica do campo de origem; bem como compreender ativamente a distinção ou aproximação dos diferentes saberes. Outro ponto importante nesta discussão respalda-se no fato da Ciência da Informação ser um campo de alta permeabilidade, o que a deixa muito mais aberta a ideias advindas de campos correlatos.

Após análise da interdisciplinaridade em Ciência da Informação, Pinheiro (1999, p.175-176) apontou que os estudos e pesquisas que abordam o referido temário reconhecem que “[...] a Ciência da Informação incorpora muito mais contribuições de outras áreas, do que transfere para essas um corpo de conhecimentos gerados dentro de si mesma”, o que sugere certa cautela quanto a indicação de determinados campos que ofereçam zonas de intersecção, como integrantes do seu núcleo principal. Isto porque, o diálogo interdisciplinar com diferentes campos que não exerçam uma interação ativa com os conteúdos científicos trabalhados pela Ciência da Informação, com vistas à construção de seu arcabouço teórico, “[...] podem apenas estar integrando um campo multidisciplinar com a Ciência da Informação, sem, entretanto, integrar o seu núcleo principal” (GOMES, 2001. p.05).

Ademais, percebe-se, por meio da observância dos discursos presentes na Ciência da Informação, a nítida confrontação entre a natureza interdisciplinar atuante e a necessidade de delimitação de suas fronteiras enquanto campo científico, uma vez que o uso exorbitante de conceitos importados de outros domínios é frequente e, na maioria das vezes, ao invés de contribuírem para o desenvolvimento do campo científico acabam por realizar o movimento inverso.

O movimento interdisciplinar deve ser realizado de maneira a contribuir ativamente para a construção e fortalecimento da Ciência da Informação, posto que os problemas relacionados a informação envolvam alto nível de complexidade. Assim, a inclusão

de um campo na composição de seu núcleo deve ser justificada, valendo-se da crença de que a interdisciplinaridade ocorre a partir do delineamento específico do núcleo de conhecimentos e métodos investigativos em um campo experimental sólido. A inexistência desse delineamento enfraquece qualquer diálogo a ser estabelecido e, inevitavelmente, permite apenas a absorção de narrativas por meio da mera incorporação de conceitos, teorias e métodos entre campos científicos, abstraindo-se o cunho fundante da interdisciplinaridade (GOMES, 2001).

Por esta razão, torna-se indispensável à exposição da fala de Almeida (2009, p.27), para o qual conferir a interdisciplinaridade como essência da Ciência da Informação não explica sua especificidade, apenas esboça uma das características dos objetos que investiga, conforme reflexão:

[...] a natureza interdisciplinar não é constituinte da Ciência da Informação, mas dos objetos, problemas e temas que, por suas formas cambiantes e complexas, forçam o cientista a travar diálogos com diferentes campos para prosseguir na pesquisa fundamental ou solucionar um problema prático [...]. Quando os problemas humanos servem de motivo para reunir disciplinas com o objetivo de solucioná-los, como ocorreu na gênese da Ciência da Informação de acordo com a narrativa estadunidense de sua história, surge um contexto propício para ultrapassar o nível elementar do diálogo entre as disciplinas. Se a Ciência da Informação emerge para solucionar problemas humanos – o excesso de conhecimentos registrados e/ou escassez de técnicas para tratá-los – e recorre a conhecimentos científicos e não-científicos, então, ela já nasceria nos limites das práticas interdisciplinares.

A partir do exposto e examinando em conjunto o estatuto interdisciplinar da Ciência da Informação, cuja característica predominante é a flexibilidade em dialogar com campos que assegurem novas formas investigativas para o seu objeto de estudo, faz-se necessário estudos que visem a identificar quais campos científicos que de fato promovem alguma alteração no campo teórico-prático da Ciência da Informação, a partir da incorporação dos avanços concretos presentes no interior do seu núcleo científico com vistas a efetivação de um diálogo interdisciplinar. A este respeito Gomes (2001, p.05) aponta que,

A observação, neste caso, deve se dirigir não mais para o interior da própria Ciência da Informação, mas sim para aquelas disciplinas através das quais vem buscando expandir suas bases teóricas, a fim de que se possa verificar em que medida a Ciência da Informação se insere no agir de cada uma delas, já que é no campo da ação que se pode identificar até que ponto suas contribuições adentram o universo do conhecimento dessas áreas de fronteira.

Com base neste apontamento, a Ciência da Informação com vistas a sua consolidação científica deve ir além de incorporar aspectos de seus campos convergentes, mas primar pela contribuição recíproca e significativa. Considera-se importante mencionar que, como qualquer outro campo do saber, a Ciência da Informação possui elementos que apontam a sua relação com as Ciências Cognitivas, Ciências Naturais, Ciências Sociais, Ciências da Computação e com os estudos de Comunicação, assegurando-lhe um posicionamento contrário ao imposto pela fragmentação do conhecimento.

Com isso, julga-se necessário expor que o estabelecimento de fronteiras com múltiplos campos é fruto da complexidade de seus problemas de investigação, relacionados a informação – ainda hoje elemento vago e contraditório. Talvez, a abertura interdisciplinar da Ciência da Informação respalde-se no fato de que a informação, mesmo ao não atuar como objeto de estudo, desempenhe papel estratégico em mais de quarenta campos de conhecimento (MACHLUP; MANSFIELD, 1983).

Hjørland (2000) complementa o exposto e esclarece que quase todo campo científico usa o conceito de informação dentro de sua própria abordagem contextual e fenomenológica. Este apontamento reforça a existência das várias possibilidades interdisciplinares na Ciência da Informação, seja por sua recente evolução enquanto campo científico, quanto pelas vastas abordagens propiciadas por seu objeto de estudo.

Devido a isso, o movimento interdisciplinar não deve ser considerado a única resposta para os vários questionamentos latentes na Ciência da Informação. Neste ponto, concorda-se com a visão de Mostafa (1996) ao pontuar que a Ciência da Informação é um campo contraditório na medida em que nega as suas demarcações embrionárias, pois ao mesmo tempo em que se aprofunda em determinadas questões e busca resolver suas contradições, lacunas permanecem abertas, considerando-se que toda demarcação é limitante.

Por outro lado, pesquisar sobre informação e interdisciplinaridade é, recorrentemente, “[...] penetrar em um mundo labiríntico, de critérios e conceitos, de variáveis e métodos que se alternam conforme a perspectiva do pesquisador, como num caleidoscópio, numa formação de imagens que se sobrepõem constantemente” (DIAS, 2008, p.208). Todavia, o estabelecimento e a definição de campos convergentes com a Ciência da Informação não é algo consensual na literatura, uma vez que seus interesses e abordagens variam de acordo com os problemas advindos pela necessidade social, ligados a questões temporais e; na medida em que os teóricos se debruçam em torno de uma mesma perspectiva.

Sobre a dificuldade de integração da Ciência da Informação com outros campos científicos, Christovão (1995, p.30) adverte que “[...] não há lugar onde se possa enquadrar a ciência da informação no atual quadro da ciência ou ciências. Ou a ciência da informação não é uma ciência, ou, para que venha a ser, deverão ser modificados os atuais critérios de cientificidade” que integram o modelo científico dominante.

Apesar de uma crítica constante da suposta fragilidade da abordagem qualitativa e da problemática da validação e da verificação do objeto nas Ciências Humanas e Sociais, a produção intelectual é sempre um ponto de vista a respeito do objeto. Demo (1986) levanta os critérios de cientificidade internos e externos que caracterizam um estudo científico. Na visão do referido autor, os critérios internos de cientificidade constituem a coerência – a argumentação lógica, premissas iniciais, construção do discurso e conclusões congruentes entre si; a consistência – capacidade de resistir a argumentações contrárias, ou seja, refere-se à qualidade argumentativa do discurso; a originalidade – produção inovadora, que permite ao conhecimento avançar e; a objetivação ou ‘objetividade’ tem por significado a tentativa de reproduzir a realidade, assim, expressa a busca de uma aproximação cada vez maior ao objeto que se pretende estudar e compreender. Por sua vez, os critérios externos correspondem a intersubjetividade, significando “a ingerência da opinião dominante dos cientistas de determinada época e lugar de demarcação científica” ou, em outras palavras, a vigência do argumento de autoridade em ciência (DEMO, 1986, p.17). Complementando, o autor acrescenta que toda discussão aberta de demarcação científica trará mais problemas que soluções, uma vez que a ciência dá soluções apenas à medida que levanta sempre novos problemas. Portanto, tem-se a necessidade de visualizar a ciência como um produto histórico, social e em processo de formação.

Percebe-se que as circunstâncias históricas e sociais que permearam o amadurecimento da Ciência da Informação são aspectos determinantes para essas novas configurações interdisciplinares, em virtude desta ainda se comportar “[...] como uma ciência imatura em busca de um paradigma que dê sustentação e abra os horizontes [...]” para o desenvolvimento de estudos e pesquisas (EUGÊNIO, FRANÇA & PEREZ, 1996, p.34). Sobre isto, a revisão da literatura mostra que não há um paradigma consensual e hegemônico que delimite o campo, isto porque os próprios especialistas divergem sobre esta questão e deixam “[...] transparecer a utópica tarefa de enquadrar a [Ciência da Informação] dentro de critérios e padrões vigentes que satisfaçam os cânones científicos” (LIMA, 2003, p.78).

Nesse cenário, a interdisciplinaridade apresenta-se necessária, por ser o fenômeno capaz de propiciar a Ciência da Informação o desenvolvimento de modelos e conceitos que visem auxiliar na expansão de seus domínios, bem como por solucionar problemas recorrentes das mudanças do papel do conhecimento na sociedade. Sendo assim, ignorar as características imanentes a Ciência da Informação e que, naturalmente, conduziram a sua tímida autonomia no campo das ciências é não ter uma compreensão clara dos limites e benefícios do movimento interdisciplinar.

Porém, o movimento interdisciplinar praticado e exaltado na contemporaneidade deixa em aberto uma indagação. A Ciência da Informação, sob o desígnio da interdisciplinaridade, importa conceitos de forma não acrítica. Sendo assim, até que ponto tais ‘contribuições’ advindas aleatoriamente ficção um caráter de interlocução da Ciência da Informação com o contexto dos campos científicos, ou seja, conduz um diálogo ativo e consistente nos domínios de natureza congruente? Referente a isto, advoga-se que observar os pluralismos teóricos e metodológicos advindos pelo movimento interdisciplinar e propor uma clareza das tendências científicas e conceituais adotadas pelos pesquisadores ajuda a delimitar as marcações interdisciplinares da Ciência da Informação e a compreender os paradigmas emergentes, os quais são indícios significativos para a consolidação do referido campo científico no universo das ciências.

Isto porque, o caráter de um campo científico é marcado, eminentemente, por enfoques específicos e na grande maioria reduzidos ao ângulo de visão particular de seus especialistas (JAPIASSU, 1975). Todavia, o fenômeno interdisciplinar transcende as características delimitadas de um campo para permitir interconexões e ampliação de questões similares, sem que nenhum dos campos tenha perda de identidade. Por outro lado, não se deve esquecer que o movimento interdisciplinar pode salientar a crise de aspectos substanciais que delineariam a almejada identidade e expansão dos saberes no amplo contexto científico.

Especificamente no que tange a Ciência da Informação esta prerrogativa torna-se um tanto preocupante, ao considerar a sua inconsistente identidade científica. Sabe-se que os limites das pesquisas científicas na Ciência da Informação são indefinidos, e talvez seja esta elasticidade a causa de tanta perplexidade, a qual acaba por respaldar numa significativa crise de identidade. Crise esta que parece ser a essência desta nova concepção de ciência.

A literatura especializada faz a alusão de que exista uma gama de campos contributivos. Contudo, a grande lacuna que se estabelece em termos de movimento interdisciplinar na Ciência da Informação situa-se na falta de apontamentos consistentes sobre

como seriam as participações desses campos científicos contributivos. Na verdade, percebe-se que preconizar e defender a interdisciplinaridade entre a Ciência da Informação e outros campos é atualmente corriqueiro, porém muito impreciso e pouco delimitado.

A própria interdisciplinaridade permite a constituição de novos objetos de estudo, uma vez que muitos objetos só podem ser constituídos numa perspectiva interdisciplinar (DURANT, 1991). A cognição²³ apresenta-se enquanto exemplo de objeto que uma única tradição disciplinar não poderia abarcar, nem sequer constituir como objeto de investigação, porque é possível colocá-lo sob várias perspectivas interdisciplinares, atentando-se que,

A cognição é um conceito amplo e abrangente que se refere às atividades mentais envolvidas na aquisição, processamento, organização e uso do conhecimento. Os processos principais envolvidos no termo cognição incluem detectar, interpretar, classificar e recordar informação; avaliar idéias; inferir princípios e deduzir regras; imaginar possibilidades; gerar estratégias; fantasiar e sonhar (MUSSEN et al., 1988, p.210).

Observa-se que tal objeto transita em abordagens próprias das ciências da informação e da cognição. Por causa disso, assinala-se que apesar de necessário o intuito da presente pesquisa não é apontar os principais campos científicos²⁴ que exercem e/ou são contemplados com significativas contribuições advindas da interdisciplinaridade com a Ciência da Informação, nem tão pouco expor discussões que defendam ou que, de alguma maneira apontem lacunas sobre os seus critérios de cientificidade, mas primar pelo entendimento do movimento interdisciplinar com as Ciências Cognitivas, a fim de compreender o cunho cognitivo inerente a atividade de tratamento temático da informação na esfera da Organização e Representação do Conhecimento, temário explorado com maior propriedade em seção própria.

Compreender o movimento interdisciplinar na atual concepção da Ciência da Informação representa uma das mais importantes e necessárias abordagens investigativas.

²³ A cognição refere-se ao complexo bojo de atributos da consciência humana. Desse modo, “[...] a cognição envolve o discurso, a comunicação ordenada do pensamento ou o poder de pensar logicamente”, cuja interação constante entre as complexas atividades mentais resulta numa mudança da competência do sujeito cognoscente (ANDALÉCIO; SOUZA, 2008).

²⁴ Em um debate sobre interdisciplinaridade intitulado “Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade”, Pinheiro (2007) apresentou a constituição científica da Ciência da Informação com suas respectivas subáreas, a partir das quais identificou os campos de conhecimento em que ocorre o exercício interdisciplinar a partir dos conceitos, princípios, constructos, leis, metodologias e teorias. O estudo apontou cerca de vinte campos científicos interdisciplinares, sendo estes: Administração, Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Computação, Ciência Política, Comunicação, Direito, Economia, Educação, Epistemologia, Estatística, Ética, Filosofia, Filosofia da Ciência, História da Ciência, Linguística, Psicologia, Matemática, Museologia e Sociologia da Ciência.

Entretanto, não se deve ocorrer apenas a compreensão da interface entre os campos científicos, mas as causas e contribuições desse movimento devem ser verificadas, especificamente no que tange a Ciência da Informação.

Diante o exposto e apesar da Ciência da Informação possuir forte interdisciplinaridade com muitos campos correlatos e, constantemente sofrer influências dessas ciências, sente-se a necessidade de elucidar os pontos contributivos das Ciências Cognitivas para a Ciência da Informação no que tange ao processo de conhecer humano pelas abordagens do desenvolvimento cognitivo, discussão empreendida na próxima seção.

2.3 Ciência da Informação e Ciências Cognitivas: algumas perspectivas de interlocução

Ao longo da história, a Ciência da Informação vem se defrontando com problemas de natureza conceitual relativa à pesquisa básica e aplicada. Neste caminhar, a questão do objeto e do método por muito tempo perpassou estas questões de modo que muitas das discussões buscaram verificar a identidade do referido campo científico, conforme o padrão de cientificidade ocidental instituído depois do século XVII e consolidado no século XIX.

Por mais de quatro décadas os cientistas da informação delimitaram como objeto de estudo a informação – registrada e passível de transmissão. Talvez, esse fato reducionista tenha contribuído para a crise de identidade, principalmente em relação ao seu caráter de cientificidade²⁵.

Contudo, para superar essa condição, desde o final da década de 1980 os estudiosos passaram a investigar o campo sob o paradigma da complexidade, o que

²⁵ A delimitação de um objeto de estudo é imprescindível para a evolução de qualquer campo científico, uma vez que o compartilhamento de um paradigma implica no comprometimento de regras e padrões para a prática científica, perdendo-se uma independente tradição de pesquisa. Contudo, “As áreas investigadas pela ciência normal são certamente minúsculas; ela restringe drasticamente a visão do cientista. Mas essas restrições, nascidas da confiança no paradigma, revelaram-se essenciais para o desenvolvimento da ciência”, uma vez que “A ciência normal conduz a uma informação detalhada e a uma precisão da integração entre a observação e a teoria que não poderia ser atingida de outra maneira” (KUHN, 2001, p.45 e 91). Sendo assim, deve-se ter cautela ao considerar todos os fatos e abordagens de uma ciência igualmente relevantes, pois desta maneira, pouco se caminhará no horizonte que conduz a cientificidade. Sobre isto, Wersig (1993) aponta que a deficiência em se estabelecer a informação como objeto próprio da Ciência da Informação torna-se um tanto quanto ousado ao considerar que “[...] ninguém aceita a ‘informação’ como sendo objeto, pois ninguém sabe o que realmente ela é (se alguém sabe, parece ser matéria de alguma disciplina já existente)”. Desse modo, a Ciência da Informação não se desenvolve a partir de um método único e específico por causa da imprecisão do suposto objeto – a informação.

contextualiza a Ciência da Informação como ciência contemporânea. Essa concepção²⁶ vem sendo discutida nos estudos de Wersig e Windel (1985); Wersig (1993); Day (2003); Kobashi e Tálamo (2003) e Robredo (2003).

Sob essa vertente, a Ciência da Informação, enquanto campo específico de conhecimento, não possui um único objeto, mas problemas informacionais dentro de um contexto social, político, cultural e social amplo e complexo que necessita ser investigado a partir de questões apresentadas pela ciência e pela sociedade. Acredita-se, sob esta prerrogativa, que a informação é conhecimento para a ação e que o papel da Ciência da Informação seja auxiliar os atores sociais que necessitam da informação (WERSIG, 1993).

Os referidos atores sociais firmam a necessidade de novos desdobramentos investigativos, seja na esfera de produtores/disseminadores e ou de usuários da informação. Por sua vez, esse *status* liberta a Ciência da Informação do modelo clássico de ciência, anteriormente aceito, e abre as portas para novas possibilidades investigativas²⁷, pois “a verdade surge mais facilmente do erro do que da confusão”.

Dentre as várias possibilidades, Popper (1972) ao apresentar a teoria dos três mundos²⁸ propiciou uma abertura necessária e relevante ao campo científico da Ciência da Informação com a adoção das interações entre os mundos do conhecimento subjetivo e do mundo do conhecimento objetivo. Esse estatuto torna-se peculiar ao reunir características que desmistificam e trazem perspectivas positivas, uma vez que a subjetividade enquanto abordagem investigativa assenta-se no processo cognitivo²⁹, enquanto elemento subjacente em várias atividades de processamento e representação da informação na Ciência da Informação.

Tal fato trouxe ao campo uma reivindicação única no território das ciências. Sobre isto, Brookes (1980) declara que a junção do elemento subjetivo e do objetivo no processo de

²⁶ De forma genérica, os referidos autores defendem que a Ciência da Informação deva ser contextualizada no período posterior a sociedade moderna, ou seja, concebida como uma ciência contemporânea, o que a torna mais propícia a novas possibilidades investigativas sob o prisma de outros saberes científicos.

²⁷ Essas possibilidades investigativas são fruto do movimento interdisciplinar. Assim, muito do que se produz no âmbito das ciências aponta na direção da interdisciplinaridade, devido aos complexos objetos de estudo permearem várias práticas científicas.

²⁸ De acordo com Popper (1972), o primeiro refere-se ao mundo físico (material); o segundo é o mundo do conhecimento subjetivo ou dos “estados mentais” e; por sua vez, o terceiro corresponde ao mundo do conhecimento objetivo, os produtos da mente humana.

²⁹ São dadas diferentes denominações terminológicas ao processo cognitivo, dependendo da abordagem conceitual, podendo apresentar-se como esquemas mentais, representações ou estruturas de conhecimento.

conhecimento, considerando-se suas delimitações e especificidades, justifica o estabelecimento de uma nova ciência – a Ciência da Informação.

As pesquisas com ênfase na subjetividade manifestaram-se na Ciência da Informação a partir da década de 1960 por sua interdisciplinaridade com as Ciências Cognitivas, cuja interface possibilita uma melhor compreensão dos processos cognitivos envolvidos na produção, comportamento e utilização de produtos e serviços informacionais. Assim, o foco das investigações interdisciplinares concentra-se nos sujeitos que coletam, selecionam e utilizam a informação.

Para Saracevic (1996, p.47) a principal razão que sustenta essa interface decorre do núcleo da Ciência da Informação ser constituído pela recuperação da informação e, conseqüentemente, relacionar-se com os processos cognitivos da comunicação humana de caráter científico e prática profissional, ambos “[...] voltadas para os problemas de efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos [...]”. Portanto, existe uma concentração de problemas para a pesquisa e a prática profissional na Ciência da Informação, os quais estão voltados à efetividade, à comunicação humana, ao conhecimento, aos registros do conhecimento, a informação, as necessidades e aos usos da informação, o que assegura uma visão mais global para o campo científico. Assim, a identificação do exercício interdisciplinar entre Ciência da Informação e Ciências Cognitivas pode ser relativizada na medida em que a informação, na sua condição de especializada, perpassa todos os campos do saber.

Em Ciência da Informação, o percurso de relações com as ciências comportamentais a partir do final da década de 1970 tem sido fortemente marcado por publicações, estudos e práticas que discutem o enfoque cognitivo. As principais influências centram-se nos estudos de usuário; nos estudos de categorização e recuperação da informação; nos estudos em torno do ambiente organizacional; bem como nos estudos de tratamento da informação em que são consideradas as faculdades mentais dos sujeitos, aspecto elucidado em seção específica desta pesquisa. Ademais, as Ciências Cognitivas contribui diretamente para a compreensão do significado da informação, juntamente com o modo de percebê-la, tratá-la e comunicá-la.

O processo de conhecer humano tem sido abordado tendo em vista que a informação, enquanto fator que propicia o conhecimento necessita ser investigada sob a ótica do comportamento humano. Tal prerrogativa decorre porque, na medida em que a Ciência da Informação lida com a necessidade humana de adquirir informação e conhecimento

delineiam-se suas relações com as Ciências Cognitivas, uma vez que a disponibilização adequada de informações, no nível coletivo, advém mediante os processos cognitivos dos facilitadores/disseminadores da informação.

Os principais elos dessa relação interdisciplinar são os processos de representação da informação, num contínuo de tratamento e representação simbólica da informação por meio dos processos cognitivos. Tal entendimento advém do próprio ato de representar, o qual significa elucidar materialmente um determinado elemento, de modo que as características do representado sejam expressas e tornadas compreensíveis num todo coerente e distinto. Sobre isto, Job (2008, p.376) salienta que a finalidade dessa representação é viabilizar “[...] a comunicação e o relacionamento social: o relacionamento entre as pessoas, o meio e os objetos representados.”

Consequentemente,

Se os sistemas cognitivos envolvem representações, se as operações cognitivas envolvem a manipulação de representações simbólicas, então estas representações devem existir em algum lugar e ser manipuladas de alguma maneira e a linguagem do pensamento deve ser um veículo extremamente rico para poder executar os muitos processos cognitivos – percepção, raciocínio, aprendizagem da língua e de valores semelhantes – que os seres humanos são capazes de fazer (LIMA, 2003, p.80).

Em Ciência da Informação, o interesse pelo conhecimento humano iniciou-se a partir de discussões com as Ciências Cognitivas. Segundo Dupuy (1996), as Ciências Cognitivas vale-se da prerrogativa de que o ato de conhecer³⁰ é produzir e reproduzir, ou seja, o espírito deste campo assenta-se na concepção de que “conhecer é simular” determinados modelos do fenômeno e efetuar sobre eles manipulações ordenadas, pautando-se na representação – aspecto que caracteriza o modo racional de conhecimento. Em outras palavras, a representação ocupa um lugar central nas investigações das Ciências Cognitivas, “[...] no qual as faculdades da mente são sempre apenas as propriedades de sistemas de processamento de Informação” (BORGES et al., 2003, p.06).

Portanto, a preocupação fim de ambos os campos científicos, Ciência da Informação e Ciências Cognitivas, é o humano, pois os aspectos informacionais tangenciam com os processos das ciências comportamentais, com vistas a “[...] desvendar os

³⁰ O ato de conhecer algo novo ou realizar um aprofundamento sobre algo anteriormente conhecido exige, dentre outros aspectos, a utilização dos diferentes sentidos, da razão e da linguagem (JOB, 2008).

‘mecanismos’ da mente humana sob o ponto de vista social ao qual se apresentam” (MAIMONE; SILVEIRA, 2007, p.56).

A partir deste entendimento e dentre as várias concepções³¹ sobre Ciência da Informação, expõem-se as mais significativas para o entendimento de sua proximidade com as ciências comportamentais, ciência cuja essência é tratar, especificamente, “[...] do modo como as pessoas percebem, aprendem, recordam e pensam sobre a informação” (STERNBERG, 2008, p.22).

Inicialmente, tem-se a Ciência da Informação como um campo do saber que possui componentes de uma ciência pura, na medida em que investiga os assuntos sem relação com a aplicação, e componentes de uma ciência aplicada ao criar serviços e produtos (BORKO, 1968). Devido a sua preocupação com a construção de abordagens específicas, enfrenta problemas devido ao fracionamento de seu campo científico em inúmeras disciplinas, o que obriga os cientistas da informação a lidarem com dados fragmentados de **natureza empírica e teórica**.

Noutra abordagem, a Ciência da Informação constitui-se como um campo sustentado por problemas informacionais, uma vez que se preocupa com a **transmissão de conhecimento** para aqueles que dele necessitam. Portanto, o cenário do campo científico está vinculado à responsabilidade social, sendo, portanto, também considerada uma ciência social, uma vez que se preocupa com o esclarecimento de um problema social concreto – o problema da informação (WERSIG; NEVELLING, 1975). Assim, a Ciência da Informação relaciona-se com a transferência da informação almejada entre o gerador e o ser social. Desse modo, volta-se para o estudo da informação e das inúmeras situações e processos decorrentes desse fenômeno, desde a origem até o uso da informação (BELKIN; ROBERTSON, 1976).

Em outra vertente, a Ciência da Informação é entendida como um campo científico que investiga a **estrutura** e as **propriedades da informação** e as regularidades dos processos de comunicação científica (MIKHAILOV; CHERNYI e GILYAREVSKYI, 1980). Logo, pode ser considerada como um fenômeno que emerge da coisa – do código linguístico, numérico, gráfico ou suporte material, possuindo propriedades essenciais; ou como um processo que engloba o comportamento informacional e um conjunto de etapas inerentes, tais

³¹ Nesta pesquisa não se elucidam de maneira abrangente as diversas concepções difundidas e utilizadas para caracterizar a Ciência da Informação sob as prerrogativas defendidas para sua constituição e enquadramento no campo científico, mas realiza-se apenas um raso paralelo de enunciados que asseguram de algum modo a sua interface com as Ciências Cognitivas.

como a criação, uso, difusão, organização, armazenamento, coleção, pesquisa e interpretação (SILVA; RIBEIRO, 2002).

A partir da exposição das referidas concepções verifica-se que a proposta básica desse campo é abordar cientificamente os fenômenos que envolvem a informação enquanto componente propulsor do conhecimento humano, pois a Ciência da Informação, independentemente das dificuldades técnico-conceituais que apresenta, movimenta-se na direção geral do fluxo da ciência (BRAGA, 1995), uma vez que se origina de demandas sociais específicas, as quais legitimam a sua existência. Sendo assim, cada uma das referidas concepções delinea um caminho percorrido pelo campo científico, inserindo de modo não datado os campos do saber e profissionais que a formaram.

O interesse dos campos que trabalham com a informação em suas mais variáveis especialidades, sobretudo, é compreendê-la e comunicá-la. Desse modo, voltam-se para o entendimento investigativo do comportamento humano diante da informação e sua utilização. Nas ciências comportamentais a informação é um signo ou um conjunto de signos que impulsionam uma determinada ação. Mais especificamente, “se distingue de dados porque dados não são estímulos de ação, mas simplesmente cadeias de caracteres ou padrões sem interpretação” (MURDICK; MUNSON, 1988, p.06).

Neste sentido, tem-se como ponto-chave a produção de conhecimento, a qual evidencia a condição inseparável entre os referidos campos científicos, uma vez que as Ciências Cognitivas constitui uma expressiva solução para a resolução de questões relativas ao processo de conhecer. Logo, o cerne das contribuições das ciências comportamentais é propiciar subsídios que ajudem os diferentes campos científicos a compreenderem, refletirem, pensarem e conceberem o conhecimento e o saber humano (DUPUY, 1996).

Assim como a Ciência da Informação, as Ciências Cognitivas é um campo ainda pouco consolidado e nos seus pouco mais de meio século de existência, encontra-se ainda em pleno processo de construção em um terreno difícil que envolve o trabalho da mente se auto-investigando com pretensões à cientificidade. O termo ciência cognitiva começou a ser amplamente empregado no início da década de 1970, em que dezenas de cientistas tentaram definir a natureza e o domínio do campo, dentre os quais se destacam Collins (1977); Miller (1979); Norman (1980); Rumelhart (1982) e Bruner (1983).

Na visão de Gardner (1996), as Ciências Cognitivas representa um esforço contemporâneo com fundamentação empírica em torno dos questionamentos epistemológicos

relativos à natureza do conhecimento – seus componentes, suas origens, seu desenvolvimento e seu emprego. Para o referido autor, as características ou aspetos associados com os esforços cognitivo-científicos de maior importância são constituídos por cinco aspectos fundamentais inerentes as Ciências Cognitivas: os dois primeiros incorporam os pressupostos centrais e os últimos três representam aspectos metodológicos ou estratégicos do campo científico.

Sendo assim, o primeiro aspecto aponta que as atividades cognitivas devem respaldar-se apenas nas representações mentais, em um nível separado do biológico/neurológico e do sociólogo/cultural; o segundo defende a crença de que o computador é essencial para a compreensão da mente humana – o modelo mais viável de como a mente humana funciona; o terceiro aspecto refere-se à decisão de não enfatizar alguns fatores que são importantes para o funcionamento cognitivo, porém intrincam o empreendimento cognitivo-científico, tais como fatores afetivos ou emocionais, o contexto que cerca qualquer ação ou pensamento, ou à análise histórica ou cultural; o quarto aspecto refere-se à esperança interdisciplinar entre os campos na busca por uma Ciência Cognitiva unificada e; por fim, o quinto aspecto abriga o anseio epistemológico em torno das questões e preocupações substanciais do campo visando sua autonomia nas ciências.

Sob essa perspectiva, as Ciências Cognitivas objetiva analisar a natureza, os componentes, as origens e os processos envolvidos nos mecanismos de funcionamento, representação e manipulação do conhecimento humano. Todavia, ocupa-se fundamentalmente em “[...] esclarecer os processos realizados pelos humanos para codificar, armazenar e utilizar a informação científica”, em função dos tipos de conhecimento; nível de experiência; passos epistemológicos; estratégia do pensamento; e o fator emotivo-afetivo existente no processo de pensamento (BERNAD, 1995, p.59). Na visão de Linares (2004, p.34), este campo científico representa “[...] a troca do dirigismo dominante para a defesa dos aspectos subjetivos e significativos da experiência psicológica, e trata de explicar e de tratar o que passa no mundo interior.”

Dessa maneira, as Ciências Cognitivas pauta-se pelos seguintes princípios: a) não existe dualismo entre a mente e o cérebro: um problema em nível físico vai se repetir em nível mental; b) o homem pode simular artificialmente os processos cognitivos mentais e; c) o conhecimento é uma representação simbólica do real (ROZADOS, 2003, p.86). Portanto, o objeto de estudo das Ciências Cognitivas é a mente a partir do desenvolvimento de teorias gerais que explicam a capacidade cognitiva dos seres humanos, que por sua vez pauta-se no

princípio de resolução de problemas³². González de Gomez (2001) defende que a principal questão neste campo do saber assenta-se na seguinte prerrogativa: em qual arquitetura da cognição torna-se possível à mente humana a sua capacidade de processamento de informação? Nesta concepção, a referida autora aponta que “[...] uma resposta preliminar à questão formulada sobre a arquitetura cognitiva pode ser encontrada na identificação das propriedades gerais das representações e dos processos que organizam essas representações” (GÓNZALEZ DE GOMEZ, 2001, p.215).

Nas Ciências Cognitivas, o sistema cognitivo (processamento de informação) compreende representações na forma de estrutura de dados e processos de operação dessas representações, em que a mente seria a faculdade de modelizar. Portanto, a essência dessas ideias é a percepção, a cognição e os processos cognitivos, pautados no paradigma cognitivo representacionista³³ e computacionista³⁴.

A partir do século XX os estudos sobre a cognição humana receberam um enfoque diferenciado, o que resultou num avanço considerável em torno das investigações nas Ciências Cognitivas. Por sua vez, as correntes dominantes neste campo científico estão

³² A solução de problemas consiste na aprendizagem, onde o aprender significa criar representações do mundo externo, por meio da assimilação de novas experiências.

³³ Nesta corrente de conotação humanista e filosófica, a mente humana equivale a um computador e, portanto, possui um modelo de representações de mundo, independente e externo, a partir da assimilação de novas experiências que lhe permite resolver problemas. Então, a cognição atua como a solução de problemas, onde o foco é o humano enquanto observador que processa e apropria-se de informações a partir da consciência subjetiva – categorias de representações disponíveis na mente e; como tais categorias são armazenadas na memória. Para o “cognitivismo”, o conhecimento é fruto de um processo complexo, inexplorado e ainda não modelável que envolve as cadeias do pensamento. O cognitivismo teve início no Simpósio “Teoria da Informação”, realizado no *Massachusetts Institute of Technology* em setembro de 1956, no qual trabalhos inéditos sobre o desenvolvimento do novo pensar foram apresentados por Herbert Simon, Noan Chomsky e Claude Shanon, considerados os precursores do cognitivismo. Para Gardner (1985), na década de 1960 encontram-se os principais autores e atores deste novo campo científico, cujo foco das investigações é o comportamento assimilado por conhecimento em duas esferas: seres humanos e máquinas e; a interação de ambos. Assim, basicamente a literatura cognitivista trata de como o sujeito processa a informação a partir da imagem da retina, com as categorias de representações já existentes na mente e; como essas categorias são armazenadas na memória (KROGH; ROOS, 1995). O pressuposto básico no cognitivismo sustenta que todos os sujeitos possuem um estilo particular de conhecer, entender e perceber o mundo a sua volta, em outras palavras, uma visão de mundo própria (VIGNAUX, 1995; FORTIN; ROUSSEAU, 1998; ANDLER, 1998; SCHANK, 1999; ANDLER, 1998). As primeiras teorias cognitivistas exploradas na Ciência da Informação foram as anglo-saxãs, cujos representantes são Farradane (1979); Brookes (1980); Belkin (1990); Ingwersen (1992) e a americana representada por Dervin (1996a; 1996b).

³⁴ Esta outra vertente das Ciências Cognitivas denominada de computacionista ou conexionista também trabalha com a concepção de que a mente é processadora de informações. Porém, a base do conexionismo baseia-se na biologia, ao contrário do cognitivismo, cujas bases estão na física. No entendimento dos conexionistas, o sujeito não é análogo às máquinas, mas este é considerado máquina, onde o cérebro é concebido como uma rede de interconexões entre os neurônios. Para Warren McCulloch e Walter Pitt, fundadores dessa corrente, o cérebro é uma variedade de máquinas computacionais com vastas possibilidades, porém todas ainda mal compreendidas, ou seja, o neurônio é entendido como uma calculadora aritmética elementar que, igualmente a esta, computa uma função booleana.

baseadas no objetivismo ao estabelecerem a separação do sujeito (mundo da mente) e do objeto (mundo das coisas).

Ao longo da história, verifica-se que as tentativas de desvendar a complexidade, riqueza e sutileza do funcionamento da mente humana requerem o suporte de um paradigma específico que, necessariamente, conduz a relevância de certos atributos e ao descarte de outros. Porém, caracterizar a cognição por meio de uma única conceituação respalda numa perspectiva de improvável êxito, sendo a realidade demasiada complexa para se aceitar que uma única abordagem revele todas as nuances da cognição enquanto elemento complexo e multidimensional.

A compreensão da mente humana assenta-se na exposição de um corpo de paradigmas que investigam as diversas vertentes e inerências dessa especificidade, especificamente no que tange o comportamento humano, a saber: o paradigma piagetiano; a perspectiva neopiagetiana; a abordagem do processamento informacional e; o paradigma contextual. Ademais, outras duas abordagens começam a ser referenciadas: a biológico-maturacional e a abordagem do conhecimento baseado em teorias. Juntos, esses paradigmas formam o corpo de conhecimentos que se complementam e integram os vários olhares³⁵ sobre a mente.

A partir destes apontamentos, parte-se para uma sucinta exposição das teorias e abordagens que tentam explicar o processo de aquisição de conhecimento da mente humana. Primeiramente, tem-se a abordagem behaviorista enquanto uma das mais representativas e abrangentes, a qual defende que a cognição modifica o comportamento humano. Em outros termos, a aquisição de novas informações dá-se mediante um novo comportamento cognitivo, ou mesmo pela observação dos atos de outros sujeitos. Este último, denominado de processo de aprendizagem social.

No paradigma piagetiano, evoca-se o funcionamento cognitivo e seu papel fundamental enquanto propulsor do desenvolvimento, a partir de uma perspectiva evolutiva – o desenvolvimento cognitivo está relacionado com as estruturas cognitivas que se organizam de acordo com o nível de inteligência. Para Piaget (1971), a estrutura cognitiva é construída em etapas ou conjunto de etapas, em que a construção do conhecimento ocorre pela ação

³⁵ O intuito desta pesquisa não é apontar a melhor maneira de se investigar o desenvolvimento cognitivo, mas apenas contextualizar as principais abordagens desse temário no campo das Ciências Cognitivas. Assim, expõem todas as abordagens em torno do desenvolvimento cognitivo por considerar que refletir sobre o todo tende a ser mais complementar que excludente, pois todos os paradigmas priorizam aspectos distintos do desenvolvimento cognitivo humano, o qual fomenta o aprender – capacidade humana de aprendizagem.

recíproca e interativa do sujeito e o seu meio. Neste, parte-se do pressuposto de que o conhecimento deve viabilizar ao sujeito uma adaptação ao ambiente a partir de três mecanismos³⁶ – assimilação, acomodação e equilíbrio (MUSSEN et al., 1988).

Na teoria defendida pelos neopiagetianos, as habilidades cognitivas possibilitam ao sujeito a diferenciação de informações com intuito de determinar subobjetos para atingir uma meta, cujo foco é “[...] a especificidade do domínio das habilidades cognitivas e dos aumentos evolutivos da capacidade mental” (FLAVELL, et al., 1999, p.24). Portanto, esta perspectiva resgata como paradigma básico à concepção estruturalista piagetiana, estabelecendo uma recorrência a outros paradigmas, a fim de preencher as lacunas evidenciadas na teoria anterior. Em linhas gerais, as incompletudes são expressas por meio da variabilidade do comportamento em função do contexto social, providas pelo processamento de informação.

Por conseguinte, a abordagem do processamento da informação propiciou uma análise minuciosa e detalhada do desenvolvimento cognitivo ao conceber a mente enquanto um sistema complexo de caráter lógico e não físico, buscando legitimar-se por meio de uma analogia estabelecida entre a mente humana e o computador (CARVALHO, 1998). Nesta perspectiva, a mudança cognitiva seria impulsionada pela automatização dos processos mentais, com vistas a uma reorganização do conhecimento e mudança comportamental. Contudo, dentre as vastas limitações desta abordagem, talvez a mais significativa seja o regresso de trazer a mente de volta às Ciências Humanas devido à ênfase acentuada nos processos de informação, negligenciando-se a descoberta e descrição formal dos processos de produção de significados que emergem da interação entre os seres humanos e o mundo (BRUNER, 1997). Assim, a grande lacuna que se estabelece respalda-se no fato da mente humana, primordialmente, ter a capacidade de vivenciar a consciência de seus processos, uma vez que a consciência constitui um princípio fundamental.

Paralelamente, o paradigma contextual ou vygotskyana valoriza a questão da construção de significados e da consciência, por entender que as interações no ambiente social são propulsoras do desenvolvimento cognitivo atual e futuro. As concepções anteriores advogam uma constituição intrinsecamente individual e interna do desenvolvimento

³⁶ Salienta-se que esses mecanismos atuam ao longo de toda a vida do sujeito, cujo no primeiro – adaptação, o sujeito ajusta-se as estruturas cognitivas existentes em seu próprio organismo, ou seja, o sujeito deve adaptar-se ao ambiente; no mecanismo de acomodação, o sujeito realiza constantes mudanças no intuito de adaptar-se ao ambiente ao qual ele está inserido e; por fim, no mecanismo de equilíbrio, tem-se um equilíbrio necessário entre o sujeito e o ambiente – capacidade mobilizadora da estrutura cognitiva em função da realidade.

cognitivo, em que o contexto social atua enquanto facilitador ou dificultador do desenvolvimento.

O posicionamento desta abordagem baseia-se no fato de que o desenvolvimento humano é constituído a partir do coletivo – perspectiva sócio-interacionista, cuja gênese da consciência é atribuída a internalização dos processos interativos estabelecidos no contexto social, “[...] vinculados por meio de uma relação indissociável de construção e reconstrução dinâmica ao longo de todo o processo de desenvolvimento” (SANTANA et al., 2006). Assim, o conhecimento é construído no decorrer de interações do sujeito com a sociedade, promovendo o aprendizado e o desenvolvimento de processos mentais superiores.

A abordagem biológico-maturacional, sustentada pela neurociência cognitiva, enfatiza que o processo de mudança cognitiva ocorre pela dotação genética e à maturação cerebral. Assim, a concepção da mente refere-se a um processo que abrange operações conscientes e inconscientes, ou seja, o processo de conhecer e o processo da vida. Nesta, meio e sujeito estão imbricados, cuja “[...] história de vida de todo organismo é uma história de mudanças estruturais coerente com a história de mudanças estruturais do meio em que ele existe, realizada através da contínua e mútua seleção das respectivas mudanças estruturais” (MATURANA, 1997, p.62). Salienta-se que a principal contribuição desta abordagem tem sido no sentido de revelar a existência de uma relação entre alguns aspectos da consciência e as operações e sistemas cerebrais específicos. Contudo, esta abordagem abandona o paradigma de representação, tão necessário para a organização da informação e do conhecimento.

Por fim, tem-se a abordagem do arcabouço teórico conceitual difundido como Cognição Situada. Nesta, a dicotomia sujeito-objeto deixa de ser enfatizada, na medida em que “[...] a realidade é vista como algo que depende do seu observador. É o próprio ser humano que constrói o seu mundo, na dinâmica do viver, incessante e interativo” (VENÂNCIO; BORGES, 2006, p.31). Assim, a cognição situada aponta que o ato cognitivo é experimental e situado – interação congruente entre o sujeito em seu meio.

Por meio dessas diferentes explanações sobre o desenvolvimento cognitivo e suas vastas concepções, observa-se que o sujeito pensante deve ser analisado dentro do meio que o cerca para que o processo de conhecer ocorra de maneira mais proveitosa e satisfatória, independentemente dos objetivos subjacentes envolvidos no desenvolvimento cognitivo. No que tange as atividades específicas nos sistemas de informação especializados, acredita-se que tal prerrogativa deva ser considerada, pois o processo de conhecer, seja para gerar

coletivamente novos conhecimentos (profissional) ou para desenvolvê-los individualmente (usuário), exige condições e ambiências favoráveis.

Esta prerrogativa baseia-se no fato de que, enquanto ser ativo, a necessidade básica do sujeito respalda-se na busca constante e incansável por novas informações que sanem o seu estado de anomalia³⁷. Considerando-se que o conhecimento é resultante da junção de um conhecimento prévio adquirido e um conhecimento extraído de uma informação, a produção de um novo conhecimento dá-se no momento em que uma dada informação, desconhecida até o momento, é incorporada e modifica os estados cognitivos do sujeito, resultando no novo conhecimento. Sobre isto, Barreto (2003, p.58) aponta que “a produção ou geração de conhecimento é uma reconstrução das estruturas cognitivas, ou seja, uma modificação em seu estoque mental de saber acumulado, resultante de uma interação com uma informação percebida e aceita”.

Sendo assim, a interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Ciências Cognitivas, tão necessária na atual conjuntura dos saberes, assenta-se no fato das ciências comportamentais conceberem os meios necessários de se compreender, refletir e pensar o conhecimento humano que, em Ciência da Informação, abre as portas para a observância do processo de conhecer dos atores sociais diante da informação e sua utilização. Esta exposição decorre do fato de que,

Em meio a tantas mudanças, incertezas e desafios, cumpre-se ter em mente que, por ser dependente de uma abordagem cognitivo-ontológico-epistemológica, as eternas e intransponíveis dúvidas metafísicas, relativas à estruturação, à essência e à efemeridade do conhecimento humano interferem no processo de organização do conhecimento, campo essencial no contexto da ciência da informação (ALVARENGA, 2003, p.21-22).

Realizadas as reflexões iniciais em torno dos pontos correlatos entre Ciência da Informação e Ciências Cognitivas, bem como as principais abordagens do desenvolvimento cognitivo investigadas nas ciências comportamentais, parte-se para a busca de um entendimento acerca do processo cognitivo na esfera da Ciência da Informação, considerando-se que o fator diferenciador da expressão humana é o potencial da simultaneidade na aquisição, processamento e repasse das informações.

³⁷ Tal anomalia refere-se, na visão de Le Coadic (1996), ao estado no qual o sujeito encontra-se ao constatar uma deficiência em seu estado de conhecimento.

2.4 A abordagem cognitiva em Ciência da Informação

Em Ciência da Informação a ênfase da abordagem cognitiva³⁸ está imbricada no processamento técnico e recuperação da informação, nos quais as estratégias de cunho cognitivo são evidenciadas por meio de processos e estruturas³⁹ mentais presentes nas ações realizadas durante a compreensão, identificação e seleção de conceitos com vista à representação e busca informacional.

Belkin e Robertson (1976) compreendem a informação como aquilo que é capaz de transformar estruturas cognitivas. Esta conceituação para o entendimento do fenômeno informação, por certo, constitui um sólido ponto de partida para a proposta da presente pesquisa. Porém, a certeza que realmente se tem e que teima em permanecer concentra-se nas zonas imprecisas da informação, devido a sua complexidade e ambiguidade, características que a torna, dentre os vários outros fenômenos, único e instigante, pois “[...] não se pode dizer quase nada sobre ela, mas não se pode passar sem ela” (MORIN, 1991, p.30).

Ao lidar com o processamento técnico da informação com vistas a sua recuperação, inevitavelmente a Ciência da Informação apresenta-se como uma ciência de cunho cognitivo, o que reforça sua intersecção com as ciências comportamentais (MACHLUP; MANSFIELD, 1983). De acordo com Brookes (1980)⁴⁰, a informação modifica a estrutura cognitiva dos sujeitos e a partir desse entendimento, a abordagem cognitiva faz-se presente em Ciência da Informação. Esta afirmativa pode ser verificada a partir de uma das mais significativas expressões da abordagem cognitiva no campo da Ciência da Informação, na qual o referido autor afirma ser o conhecimento “[...] uma estrutura de conceitos ligados por suas relações”, em que a informação constitui “uma pequena parte dessa estrutura”

³⁸ Na ótica de Capurro (1991), a forte inserção da abordagem cognitiva na Ciência da Informação decorre dos três paradigmas epistemológicos que sustentam o campo: o paradigma da representação (o ser vivente é cognoscente e, portanto, o processo de conhecer consiste na assimilação do mundo externo por meio da capacidade de criar representações dos objetos do mundo na mente), o paradigma da relação fonte-canal-receptor (o fenômeno da comunicação humana aplicado a diferentes níveis de realidade) e o paradigma platônico (o conhecer é algo objetivo por si).

³⁹ Em termos de esclarecimentos, adota-se a explanação de Werneck (2006, p.183), para a qual “o conhecimento resulta da interação do sujeito com o objeto. O desenvolvimento cognitivo ocorre pela assimilação do objeto de conhecimento a estruturas próprias e existentes no sujeito e pela acomodação dessas estruturas ao objeto da assimilação.”

⁴⁰ Deve-se a Belkin (1990) a relação da abordagem cognitiva com a Ciência da Informação e com outros conhecimentos científicos, no intuito de explicar os fenômenos informacionais presentes nos diversos campos, uma vez que tal abordagem atua na verificação dos fenômenos e da situação da representação do conhecimento, intenções, crenças, textos e nas interações entre tais representações.

(BROOKES, 1980, p.131). Desse modo, a estrutura de conhecimento subjetiva ou objetiva é transformada pela informação em uma nova estrutura de conhecimento, num processo cíclico⁴¹.

Considerando que o campo científico da Ciência da Informação possui caráter cognitivo, torna-se necessário compreender a abordagem cognitiva, cuja ênfase assenta-se nos,

[...] estudos que consideram o conhecimento humano individual, tanto sob ponto de vista de processamento quanto de representação, como parâmetro para análise e elaboração de teorias e metodologias. O foco, portanto, é a cognição – o processo de conhecer humano que oferece uma perspectiva de investigação a partir da compreensão do processamento e da representação (FUJITA; CERVANTES, 2005, p.30).

Diante disto, verifica-se que a abordagem cognitiva está relacionada aos estudos em torno do conhecimento humano, cujo foco é a cognição enquanto processo de conhecer o sujeito por meio da perspectiva de investigação com base na compreensão, processamento e representação. Desse modo, a cognição é o processo de aquisição de conhecimento por meio da mente humana.

Na Ciência da Informação o ponto central das contribuições advindas das ciências comportamentais respalda-se no processo de representação e recuperação da informação na esfera científica e social⁴², especificamente com vistas ao “[...] conhecimento prévio do usuário que busca e utiliza a informação, especialmente na sua interação com o sistema informacional, e como o cérebro processa esta informação” (LIMA, 2003, p.77). Por sua vez, o processamento da informação possui como conotação investigar a compreensão textual enquanto atividade cognitiva que aborda a memória, dedução, percepção e inferência.

Com relação às atividades cognitivas existentes, entende-se que em Ciência da Informação o ponto de vista cognitivo “[...] implica que cada ato de processamento da informação, seja ele perceptível ou simbólico, é mediado por um sistema de categorias e conceitos os quais, para o mecanismo de processamento da informação, constituem um modelo de mundo” (DE MEY, 1982, p.04).

⁴¹ Segundo Brookes (1980), a mudança da estrutura de conhecimento realizada pela informação é expressa pela equação $K[S] + \Delta I = K[S + \Delta S]$, onde a estrutura de conhecimento $K[S]$ é modificada para uma nova estrutura $K[S + \Delta S]$ pela informação ΔI , e ΔS passa a indicar a mudança, originando-se uma nova estrutura.

⁴² Como observação complementar, cabe destacar que a perspectiva das Ciências Cognitivas tradicional não leva em conta a influência de fatores sociais, culturais e psicológicos relacionados à personalidade e à motivação no processo cognitivo.

Uma das poucas verdades inquestionáveis é a de que os seres humanos são conhecedores e observadores da realidade, cujo processo de conhecer consiste na assimilação dos elementos por meio de suas representações mentais, em que são processadas e codificadas pelo cérebro para então, serem comunicadas (CAPURRO, 1991). Assim, o processo de conhecer (aprendizagem) é expresso pelas diversas linguagens do homem.

Ressalta-se que, ainda que não se queira ensinar um ser humano, este é observador o suficiente para ser capaz de aprender. No entanto, o ato de querer conhecer (aprendizagem pelo ponto de vista do desejante) não consiste em um condicionamento, mas sim em uma vontade que se constrói em cada sujeito conforme as relações que seu grupo social apresenta ter com relação ao conhecimento. Portanto, o maior êxito das ciências comportamentais “[...] foi à demonstração clara da validade da postulação de um nível de representação mental⁴³: um conjunto de constructos que podem ser invocados para a explicação de fenômenos cognitivos, indo da percepção visual à compreensão de histórias” (GARDNER, 1996, p.403).

Atualmente, um dos grandes esforços advindos da interdisciplinaridade entre a Ciência da Informação e as Ciências Cognitivas respalda-se nas novas metodologias para a elaboração de modelos conceituais apropriados para representar unidades de conhecimento (JOB, 2008). Neste pensar, Harmon (1971) identifica a relação interdisciplinar da Ciência da Informação com as ciências comportamentais, bem como com as que possuem “[...] uma acentuada tendência comum para construção de modelos”. Para o referido autor, a Ciência da Informação exerce investigações de cunho objetivo, subjetivo e prático.

Como anteriormente evidenciado, os principais enfoques nas ciências comportamentais são dados aos processos cognitivos formados pela memória, raciocínio, atenção, percepção, compreensão, pensamento, conceitualização, capacidade de solucionar problemas e a função da linguagem no contexto da representação informacional a partir do estudo da estrutura do conhecimento humano. Tais operações mentais contribuem para as questões do processamento e representação da informação no campo da Ciência da Informação, considerando-se o necessário desenvolvimento de propostas investigativas voltadas aos fluxos de informação e conhecimento multidirecionados, ou seja, “[...] que pensem a organização e recuperação da informação desde o momento da gênese informacional” (GALVÃO, 2008, p.209).

⁴³ A representação mental pode ser caracterizada como uma estrutura abstrata de símbolos organizada na forma de um padrão informacional declarativo ou explícito (proposições representadas por meio da linguagem) ou imagético (as representações não proposicionais são interpretadas em sua maioria em imagens/objetos).

Para tanto, acredita-se que os estudos em Ciência da Informação não devam somente explorar o processamento e a representação da informação na esfera do usuário⁴⁴, como recorrentemente proclamados, mas principalmente no que tange ao profissional⁴⁵ enquanto elemento ímpar para a organização e representação da informação. Toma-se por base a prerrogativa de que a compreensão da cognição humana, sobretudo, a dos profissionais facilitadores da informação documental, pode prover melhorias no processamento da informação nos diferentes contextos em que se apresenta.

A referida possibilidade decorre, especificamente, porque com base na abordagem cognitiva a Ciência da Informação viabiliza pesquisas qualitativas que possibilitam uma nova visão do conhecimento de seus profissionais, de seus procedimentos para a resolução de tarefas, do modo como organizam seu próprio conhecimento e, também, de suas representações sobre o conhecimento assimilado ou adquirido com vistas à socialização (DAL' EVEDOVE, 2007).

Assim, o enfoque na cognição dos profissionais revela aspectos implícitos decorrentes das ações e interações para a construção de conhecimento, visto que o conhecimento enquanto processo cognitivo depende da informação para sua construção. Em suma, o conhecimento se adquire mediante a reflexão do pensamento, sendo uma certeza subjetiva ou mesmo conclusiva da existência de algo (DALBERG, 1993).

Ao ser caracterizado como um sistema complexo, o cérebro constantemente possibilita novos meios de se conhecer o humano e todas as suas manifestações. Isto é, a capacidade do corpo humano de “[...] dar lugar a uma estrutura emergente de caráter inesperado – a mente e o processo de significação, em que qualquer nível que esteja acima não pode ser considerado como a simples superposição dos elementos pertencentes ao nível abaixo” (CÂNDIDO, 2001, p.87). Tal apontamento reforça a necessidade de abordar o profissional da informação enquanto ser pensante e indispensável para a promoção da socialização da informação nos diferentes contextos de informação.

Neste sentido, pode-se dizer que ao ser investigado apenas pelo prisma dos usuários, o paradigma cognitivo deixou de ser o cerne das investigações no campo científico

⁴⁴ A maior parte dos estudos que trabalham com a abordagem cognitiva na Ciência da Informação foca as necessidades dos usuários e suas relações com o sistema de informação.

⁴⁵ Investigar o profissional e suas ações cotidianas apresenta-se como uma das mais importantes possibilidades de evolução em nível teórico-metodológico na Ciência da Informação, tanto em abordagem prática quanto pela interação com o meio e suas características específicas, uma vez que o ser humano é constituído por diversidades comportamentais, bem como por uma qualidade ímpar de ser surpreendente.

da Ciência da Informação, sendo substituído pelo paradigma social. Isto porque o paradigma cognitivo atuou como um paradigma idealista e associal devido seu enfoque cognitivo individualista ao negligenciar os condicionamentos sociais e materiais do existir humano (FROHMANN, 1992).

Segundo Olson e Bool (2001) e Capurro (2003), a questão paradigmática regeu a Ciência da Informação da seguinte maneira: primeiramente, a Ciência da Informação nasce em meados do século XX como um paradigma físico, relacionado com a Teoria da Informação e diretamente associado à tecnologia, aos contextos de informação e à transmissão de mensagens – atualmente obsoleto por excluir o ser humano do processo de transmissão de informação, perdendo-se o sentido humano, prático e social do campo. Neste, coloca-se o usuário em uma posição passiva ao manifestar suas necessidades intrínsecas de informação, tendo que se adaptar aos mecanismos dos sistemas de recuperação da informação.

Posteriormente, assenta-se o paradigma cognitivo, no qual o sujeito deixa de ser um mero receptor passivo de informação, mas atua como agente ativo entre a estrutura de informação e a estrutura conceitual própria. Logo, o usuário passa a ter uma posição mais ativa ao elaborar ideias, conceitos, etc. em um contexto individual, uma vez que tal elemento é visto pela ótica da dimensão humana.

Finalmente, tem-se o paradigma pragmático e social⁴⁶, no qual trata a informação como matéria-prima básica que permite a geração de conhecimento, este último incorporado/inerente a um sujeito cognoscente. Então, a geração de novos conhecimentos depende da assimilação de um sujeito e conseqüentemente de seu compartilhamento com outros, pois os paralelos dependentes – informação e conhecimento – apenas passam a serem funcionais quando utilizados e compartilhados no meio social.

A dimensão social considera que o conhecimento e o conhecimento prévio dos sujeitos estão entrelaçados, de modo que essa rede social que os sustentam assegura o existir humano. Neste entendimento a realidade é socialmente construída e, neste caminhar, a informação deixa de ser um “dado” ou uma “coisa” e atua como um processo⁴⁷ passível de

⁴⁶ O conceito de epistemologia social em Ciência da Informação foi exposto por Shera (1980), cujos seguidores são Capurro (1991), Frohmann (1992) e Hjørland (1995; 1998), cada qual com um método próprio.

⁴⁷ Essa nova concepção que prioriza a observação humana atua em sentido contrário as concepções de Borko (1968) que exclui o sujeito e sua relação com a informação e a de Buckland (1991) que entende a “informação como coisa”, uma vez que “A questão da intersubjetividade formada a partir da informação se torna central para a compreensão dos diferentes planos de realidade, da distinção entre as diferentes formas de conhecimento e dos mecanismos de sua configuração e legitimação. Os sujeitos precisam, necessariamente, ser incluídos nos estudos

percepção e compreensão sob variadas formas pelos sujeitos (BERGER; LUCKMANN, 1998).

Conforme essa nova concepção sociológica, “[...] o objeto e o método são elementos sociais contextualizados dentro de fluxos de informação e de conhecimento” (SILVA; FUJITA; DAL’ EVEDOVE, 2009, p.284). Neste sentido, esse novo posicionamento acentua na Ciência da Informação uma natureza de trocas e interlocuções com os campos científicos correlatos, o que ampliou o foco das abordagens e a adoção de métodos diferenciados, uma vez que esta é uma imposição das problemáticas abordadas, visto que “a estrutura teórica de uma ciência nunca é completa ou fechada, oferece continuamente novos problemas” (BROOKES, 1980, p.125).

Portanto, a Ciência da Informação passa a investigar os canais, os suportes e as estruturas de informação dentro dos domínios de conhecimento pela corrente sócio-construtivista a partir da década de 1990. Nesta, as abordagens cognitivas são analisadas e criticadas por diversos pesquisadores que, além de relevarem os processos cognitivos dos sujeitos para a realização de processos documentais e na construção de sistemas de recuperação da informação, passam a agregar o elemento “contexto” e a ressaltarem a visão sóciocognitiva na efetivação desse processo, em que:

O Paradigma Social enfoca a recuperação dos elementos subjetivos dos usuários para a definição do desenho dos sistemas de recuperação, considerando sua visão de mundo. A partir dessa concepção, a Ciência da Informação volta-se para um enfoque interpretativo, centrado no significado e no contexto social do usuário e do próprio sistema de recuperação da informação (ALMEIDA; BASTOS; BITTENCOURT, 2007, p.22).

Vê-se, portanto, que o paradigma social enfoca a visão holística e coletiva dos sujeitos, colocando-os numa posição interativa, seja para o tratamento da informação ou na delimitação das configurações do sistema de recuperação da informação.

A seguir, demonstram-se as concepções teórico-aplicadas que norteiam e caracterizam os paradigmas físico, cognitivo e sóciocognitivo em Ciência da Informação, a saber:

sobre a informação e, sobretudo, precisam ser incluídos em suas interações cotidianas, formas de expressão e linguagem, ritos e processos sociais” (ARAÚJO, 2003, p.25).

PARADIGMAS	ABORDAGENS	PROCESSOS	O OLHAR
Físico	Sistema/Base de Dados	Tecnológicos	Organização e Tratamento da Informação
Cognitivo	Sujeito/Usuário	Psicológicos	Organização e Tratamento da Informação
Social	Domínio/Comunidade	Sociais e Culturais	Informação construída

QUADRO 2: Paradigmas da Ciência da Informação.

Fonte: Adaptado de MORADO NASCIMENTO (2006).

A partir dessa vertente, entende-se que a informação enquanto elemento/competência geradora de conhecimentos para o sujeito e para o seu meio está em constante movimento nos domínios individual e social e, portanto, num paradoxo de geração de conhecimento em nível individual e coletivo. Este novo olhar em torno da informação baseia-se, principalmente, nos fundamentos sócio culturais da cognição, em que muitos dos processos mentais são de ordem sóciocognitiva em sua origem (LURIA, 1990).

Tais colocações apontam que as manifestações da consciência humana constituem-se por meio das práticas básicas das numerosas atividades humanas, à luz do contexto histórico, social e cultural, em que as capacidades cognitivas estão numa cultura episódica⁴⁸: sistema coletivo de conhecimento e comportamento. Neste entremeio,

O conhecimento pode desenvolver-se através de experiências controladas; mas um contexto rico dá sentido aos dados experimentais. O mesmo princípio deve aplicar-se à cognição humana: deve haver uma etologia cognitiva da cultura humana, um enquadramento temporal para a emergência da mente (DONALD, 1999, p.184).

Para Donald (1999, p.20), as capacidades cognitivas dos seres humanos afetam diretamente os tipos de cultura que produzem, pois os “[...] tipos específicos de cultura humana têm efeitos diretos sobre a cognição individual”. O autor citado complementa expondo que a especificidade da humanidade assenta-se na capacidade dos seres humanos para rápidas mudanças culturais. Nessa perspectiva, esclarece-se que “essa dimensão não-material da cultura é a dimensão do conhecimento, que uma sociedade tem sobre si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre a própria existência”, em

⁴⁸ Neste ponto, o termo cultura refere-se aos padrões comuns de comportamentos adquiridos, em outras palavras, comportamentos característicos de um determinado grupo social.

que essa produção cultural torna-se fator de mudança social a partir de novas formas de percepção da realidade, na qual a informação assume “características de elemento instituinte da cultura” (BORGES et al., 2003, p.10-11).

A perspectiva sócio-cultural não só atesta a construção cultural dos processos psicológicos cognitivos, por meio da apropriação de certos operadores culturais, mas entende as atividades sociais como garantia das intenções que se materializam em conduta eficaz. A partir disso, o real “[...] problema está em saber em que medida ou de que maneira as disposições culturais para mediar e representar as ações e intenções mudam os processos auto-organizativos mentais que regulam a ação⁴⁹” (CÂNDIDO, 2001, p.83). Portanto, o papel das interações na produção e organização dos sistemas sociais, independentemente de suas características, necessita de um entendimento sócio-cognitivo, uma vez que as ações e os fenômenos são apreendidos quando consideradas as relações que os caracterizam, sendo tanto territoriais quanto transindividuais.

A compreensão da informação no contexto da orientação social vale-se dos processos sócio-culturais envolvidos, em virtude do valor informativo estar inserido dentro de um domínio (Hjørland, 2003). Logo, a tendência aponta que a maior omissão do campo científico da Ciência da Informação assenta-se na exaltação do documento em detrimento das relações que o sujeito estabelece com os conteúdos informativos, cujo ideal é que o documento seja apenas “[...] um elemento auxiliar de transmissão de conteúdos, [pois] a noção de conhecimento e de informação aumenta tanto quanto o papel desempenhado pelos sujeitos nos processos de produção, organização, busca e uso da informação” (ALMEIDA; BASTOS; BITTENCOURT, 2007, p.85).

Em primeiro lugar, sendo a informação um produto humano, o sujeito cognoscente não deve ser excluído do processo. Em segundo lugar, uma vez que o sujeito não é um ser isolado, mas vive socialmente e recebe influência de seu meio, o contexto de enunciação e interlocução deve ser evidenciado. Assim, no processo de conhecer com fins de organização e representação da informação os elementos contexto, agente cognoscente (profissional/usuário) e a própria informação são essenciais.

⁴⁹ Entende-se por ação a aplicação de um sistema de movimentos espontâneos ou intencionais a alguma coisa ou a operação de um sujeito, encarada em seu desenrolar e em seu resultado (MORIN, GADOUA, POTVIN, 2007).

Por isso, defende-se o aprofundamento investigativo⁵⁰ da abordagem cognitiva a partir da perspectiva sóciocognitiva ou sócio-construtivista apresentada por Hjørland (1995; 1998), uma vez que nesta nova dimensão cognitiva contemporânea não se perde a dimensão social, mas, admite-se que o sujeito possui formação coletiva e de sentido social, ou seja, todos os conceitos e sentidos são construções sociais; atentando-se em conjunto para as situações próprias de cada ser. Portanto, cada sujeito adquire e processa a informação de acordo com seu mapa cognitivo, prevalecendo suas condições sociais, culturais, educacionais, entre outras. Como resultado, a informação é uma dimensão da existência humana e constitui-se como fenômeno da esfera cultural dos seres humanos (CAPURRO, 1991).

O desenvolvimento humano deve considerar a interrelação entre as dimensões individual, social e cultural (ROGOFF; CHAVAJAY, 1995). Em Ciência da Informação esta perspectiva é sustentada por autores como Hjørland e Albrechtsen (1995), Jacob e Shaw (1998) e Ørom (2000), que defendem a investigação dos aspectos coletivos do contexto social do processamento da informação. Isto porque, no entendimento dos referidos autores, ao focar problemas a Ciência da Informação não deve centrar seus esforços de maneira reducionista, abordando a informação apenas de forma dualista. Tal posicionamento crítico ganha força e, como alternativa, os pesquisadores propõem considerar as tarefas como dependentes do contexto.

Nesta concepção, os estudos dedicados ao usuário e contexto de informação não devem possuir uma visão compartimentada, ou seja, exercerem um bojo de tentativas de identificar e resumir elementos que os influenciam na esfera individual. Como atesta Morado Nascimento (2006), a informação filosófica construída pelo sujeito por meio de uma prática social deve ser profundamente investigada. Para Miksa (1992), a Ciência da Informação concede uma ínfima atenção aos aspectos sociais da informação. Neste entremeio, os estudos devem integrar as várias manifestações e comportamentos do fenômeno ‘informação’ (análise da informação) e, paralelamente, reconhecer os comportamentos, efeitos e a implementação das interfaces dentro de um contexto de dimensões sociais (SARACEVIC, 1999).

Em uma perspectiva além, tem-se que,

[...] se a informação não é apenas uma ‘coisa’ a ser fisicamente observada, e sim historicamente construída, pois é ela que ‘dá forma a alguma coisa’,

⁵⁰ Apesar da pesquisa evidenciar o paradigma cognitivo, defende-se que os paradigmas da Ciência da Informação se complementam, onde seguramente reforçam segundo qual a sua maneira, a relevância desta ciência enquanto campo de conhecimentos atrelado aos anseios da sociedade contemporânea.

podemos concluir que os sujeitos criam mecanismos informacionais [...] para reconhecer, interpretar e transmitir significados. Ou seja, agir. Como resultado, entendemos a informação, renascida do seu sentido ontológico, apenas se inserida dentro de seu contexto cultural e social e não apenas causal ou natural (MORADO NASCIMENTO, 2006, p.06).

Estas elucidações atestam a necessidade emergente de pesquisas que primam pelo entendimento dos alicerces sociais do conhecimento e suas estratégias metodológicas, conforme recomendações de Jacob e Shaw (1998). Este novo olhar investigativo ganha espaço e uma considerável aceitação nos discursos dos cientistas da informação. No entanto, as questões que regem este foco investigativo são muitas e sugerem pesquisas adicionais, mediante os novos questionamentos.

Considera-se que a informação construída como prática social apresenta uma importante contribuição ao processamento da informação, uma vez que as estruturas de conhecimento devem ser explicadas a partir do contexto social do sujeito. Sobre isto, Hjørland (2002) atesta que a realidade é entendida pelo sujeito conhecedor de domínios específicos e formada pelo contexto histórico e cultural, propiciando-lhe a capacidade de perceber a realidade e todos os seus fatores inerentes. Para o referido autor, a informação deve ser sociologicamente observada por meio do estudo das estruturas informacionais pertencentes às comunidades de aprendizagem de um campo científico que organizam as práticas informacionais construídas historicamente, culturalmente e socialmente (HJØRLAND, 2000).

Verifica-se que, enquanto campo científico direcionado a resolução de problemas informacionais, o foco dos estudos em Ciência da Informação deve ser entendido e trabalhado pela perspectiva sóciocognitiva ampliada para a esfera de contextos sóciculturais. Este posicionamento reforça o entendimento de que toda ação humana fica destituída de significado quando não incluída em um sistema cultural de atividade (OLIVEIRA, 1993).

As ações dos sujeitos são completas de significados em um determinado contexto social e cultural. A este respeito Cole (1998, p.130) assinala que, pela perspectiva da abordagem sócicultural⁵¹, a atividade humana “[...] é entendida como dotada de um sistema de significação que é permanentemente construído e transformado pelo próprio grupo cultural”.

González de Gomez (1990, p.118) expõe que “o sistema institucional de informação só pode negar sua origem social, sua interligação com processos comunicacionais

⁵¹ Nesta pesquisa adota-se o termo sócicultural por ser mais apropriado quando se trata de uma perspectiva contemporânea.

cognitivos, na medida em que já nasce [...] de uma referência substantiva a um contexto específico sócio-cultural [...]”. Do contrário, a origem social dos contextos deve ser observada, posto que “[...] a informação deve ser construída como problema da sociedade, configurado como um fenômeno da ordem cultural e da humanidade” (MORADO NASCIMENTO, 2006, p.08).

Na concepção de Smith⁵² (2001 apud PINHO, 2006, p.90), “as diferenças culturais formam os modos com os quais as pessoas se relacionam com a informação e o seu papel na sociedade”. Sob esta percepção, evidencia-se que o valor e necessidade informacional de cada cultura é fator condicionante para o delineamento de qualquer contexto informacional. Esta perspectiva baseia-se em Beghtol (2002, p.511) ao evidenciar que a garantia cultural⁵³ significa que, “qualquer tipo de sistema de organização e/ou representação do conhecimento pode ser apropriado e útil para os sujeitos em alguma cultura, somente se for baseado nas suposições, valores e predisposições daquela mesma cultura”. A autora acentua a necessidade do sujeito se reconhecer no sistema de representação do conhecimento, uma vez que a garantia cultural reside, por parte do contexto informacional, na preservação das suposições, crenças, valores e a língua daquela determinada cultura.

Entretanto, a garantia cultural aumenta a complexidade de representar o conhecimento, uma vez que esse será acessado por sujeitos de diferentes culturas. Mas, torna-se necessária, pois a informação deixa de ser produto de um processo de representação e passa a nascer de “[...] interações entre os atores e os diversos domínios do ambiente” (CAMPOS; VENÂNCIO, 2007, p.113) e, portanto, deve ser encarada como uma dimensão do próprio existir do homem em sociedade, como atesta Capurro (1992).

Neste ponto, os esclarecimentos de Hjørland e Albrechtsen (1995) são pertinentes ao levantar questões relevantes e contribuir para a compreensão do conceito de informação. Na visão dos referidos autores, a Ciência da Informação deve ser considerada muito mais como um campo social do que como um campo mental (cognitiva). Diante disto, surge uma nova visão do conhecimento, seja pelas relações interdisciplinares, seja pela natureza social da informação.

Reconhecidamente, a Ciência da informação, mais que um infuso teórico, é um campo científico que funda-se sobre um esquema de trabalho que compreende o

⁵² SMITH, M. M. Global information justice: rights, responsibilities, and caring connections. *Library Trends*, Champaign, v. 49, n. 3, p. 519-537, 2001.

⁵³ Termo apresentado por Lee (1976).

entrelaçamento de conceitos científicos gerais, modelos e conceitos ordinários, sob os aspectos de seu desenvolvimento e de sua possível combinação do ponto de vista da resolução de problemas do conhecimento (CAMPOS; VENÂNCIO, 2007, p.116). Contudo, isto não significa que o aspecto cognitivo não esteja circunscrito e apresente-se como componente indispensável para as investigações em Ciência da Informação, evidenciado pela perspectiva sóciocognitiva.

Esta ênfase respalda-se na prerrogativa de que a gestão institucional dos saberes traduz a abordagem sóciocognitiva, ou seja, sendo o objeto⁵⁴ de estudo dessa ciência as “[...] ações exercidas pelas instituições (e não por pessoas) modernas sobre o fluxo de saber produzido pela sociedade e seus reflexos sobre esta última”, a informação consiste num artefato produzido culturalmente com vistas a religar o que foi separado. Importa, portanto, o conjunto de interações, regras e relações existentes entre agentes, processos e produções simbólicas e materiais.

Segue-se, então, que o processo de transformação da informação objetiva em informação subjetiva pelo sujeito para atribuir significado aos conteúdos informacionais e gerar conhecimento, o qual depende de várias conexões cognitivas – da própria experiência obtida do meio e do auxílio da observação dos dados adquiridos por meio de fontes documentais (ALMEIDA; BASTOS; BITTENCOURT, 2007, p.83). Desse modo, na esfera da Ciência da Informação, a produção do conhecimento abrange os aspectos intelectuais de apropriação de informação (cognição), bem como a representação e acessibilidade da mesma (contextos de informação), “[...] tornando essas duas frentes de estudo inseparáveis [...]” (MAIMONE; SILVEIRA, 2007, p.66).

A partir do exposto, acredita-se que a cultura humana deva ser observada nos estudos que visem um melhor entendimento sobre os processos cognitivos. Assim, a abordagem sóciocognitiva do sujeito tem que ser considerada como foco indispensável para uma análise consistente do processo de conhecimento – fortemente adquirido por meio de experiências sócio culturais.

Neste ponto, salienta-se que, no sentido de não haver redundâncias teóricas e analíticas, o paradigma sóciocognitivo é retomado no capítulo de número quatro desta pesquisa, posto que se discute o temário – Atuação profissional ancorada na realidade do

⁵⁴ De maneira semelhante, Gonzáles de Gómez (1990) entende que são objetos da Ciência da Informação “as pragmáticas sociais de informação, ou dito em termos mais frequentes, a meta-informação e suas relações com a informação”.

contexto de bibliotecas universitárias em perspectiva sóciocognitiva –, a partir de reflexões realizadas acerca dessa dimensão epistemológica em Ciência da Informação.

2.5 Síntese do capítulo

Este capítulo apresentou um panorama geral sobre os desdobramentos dos discursos contemporâneos em torno da fragmentação do conhecimento humano e os múltiplos agentes envolvidos no exercício de vigilância crítica dos sustentáculos da ciência, bem como a inserção do movimento interdisciplinar. Posteriormente, adentrou-se nas questões específicas da interdisciplinaridade na Ciência da Informação, com vistas a elucidar a sua configuração interdisciplinar enquanto campo científico em busca de uma consolidação e evolução no âmbito da ciência. Tais colocações sustentaram o entendimento dos pontos comuns entre a Ciência da Informação e as Ciências Cognitivas, especificamente no que tange a abordagem cognitiva e sua ampliação pela abordagem sóciocognitiva.

Portanto, verificou-se que:

- A especialização do conhecimento não abarca as mudanças da sociedade, uma vez que soluciona os problemas a partir de uma visão reducionista e ignora que a construção das realidades legítimas depende das relações humanas;
- Deve-se abordar o objeto de estudo por diferentes ângulos, no intuito de aprofundá-lo em diferentes concepções por meio de um trabalho de análise;
- Os temas transversais, especificamente a interdisciplinaridade, abrem as barreiras estáticas de um único modo de pensar o objeto de estudo, desde que este seja entendido e bem explorado;
- A interdisciplinaridade atua enquanto componente capaz de recompor o conhecimento a partir do ponto último de análise;
- O senso de interdisciplinaridade em Ciência da Informação refere-se, dentre outros, a prática profissional, a qual acaba por refletir problemas não contemplados pela teoria clássica;

- O trabalho interdisciplinar, caso seja realizado com a mera incorporação de conceitos acarreta falta de organicidade, consistência e pertinência conceituais advindos de campos científicos correlatos;
- O exercício interdisciplinar não deve limitar-se ao movimento interno de um campo científico, ou seja, deter-se na perspectiva teórico-prática, mas respaldar-se na promoção social;
- A Ciência da Informação deve dialogar ativamente com outros campos científicos que abordem a informação enquanto fenômeno contemporâneo;
- A prática interdisciplinar precisa promover a evolução da Ciência da Informação de modo real, estável e consistente; prever o acompanhamento da evolução teórica do campo de origem e; compreender ativamente a distinção ou aproximação dos diferentes saberes;
- A Ciência da Informação deve adotar comportamentos de abertura e de estabilidade devido à complexidade do seu objeto de estudo, objetivando-se uma base estável para seu estabelecimento enquanto campo científico;
- Os estudos interdisciplinares em Ciência da Informação devem ir além de incorporar aspectos dos campos convergentes, mas primarem pela contribuição recíproca e significativa entre um campo do saber;
- Ignorar as características imanentes a Ciência da Informação é não ter clareza dos limites e benefícios do movimento interdisciplinar;
- Devem-se observar os pluralismos teóricos e metodológicos advindos pelo movimento interdisciplinar para delimitar as suas marcações na Ciência da Informação e compreender seus paradigmas emergentes;
- A Ciência da Informação deve desenvolver seu próprio entendimento dos fenômenos e não apenas importar conceitos prontos;
- Delimitar com maior veemência a participação dos campos contributivos na Ciência da Informação;
- As Ciências Cognitivas contribuem no aspecto metodológico e fornecem um quadro para o entendimento da informação no contexto social;
- Necessária implantação do ensino dos princípios sobre a cognição humana no âmbito da formação de pesquisadores e profissionais que trabalham com a informação e o conhecimento, permitindo-lhes melhorar sua atuação e desempenho mediante compreensão dos processos cognitivos;

- Tem-se a cognição como um conhecimento necessário para que o profissional da informação compreenda e delinear a trajetória lógica da construção e apreensão do conhecimento;
- O processo de conhecer deve ser investigado sob o viés da informação, do sujeito cognoscente e do contexto, uma vez que tais elementos estão intimamente relacionados;
- A Ciência da Informação deve compreender as dimensões sociais das representações e da identidade humana, posto que olhar para o social é o cerne da função de qualquer ciência contemporânea;
- Estudos que suscitem novas colocações e discussões sobre o processo de conhecer sob viés do profissional da informação e que, conseqüentemente, tragam subsídios relevantes em torno da relação informação e as manifestações cognitivas ocorridas pela mente humana;
- Necessidade de uma melhor fundamentação da Ciência da Informação sobre alicerces mais estáveis e passíveis de interlocução entre as esferas cognitivas (sujeitos) e sociais (contexto) que a envolve;
- A perspectiva sóciocognitiva apresenta-se como componente fundamental e indispensável para as investigações em Ciência da Informação ao considerar o ‘contexto’ e todas as suas configurações e que;
- A cultura humana deve ser considerada, evidenciada e investigada com foco nos processos cognitivos para organização e representação da informação, com vistas à garantia cultural da informação socialmente construída.

Com base nestas lacunas e possibilidades investigativas, parte-se para o entendimento teórico-metodológico do processo de tratamento temático da informação, a fim de observar a maneira pela qual a subjetividade permeia as etapas do processo. Ademais, visa-se adquirir subsídios que apontem a necessária investigação do processo pela perspectiva sóciocognitiva, a fim de melhor compreender o processo de conhecer dos profissionais da informação durante o tratamento temático da informação, considerando-se que muitas vezes a Ciência da Informação trabalha como se os profissionais e os contextos de informação não tivessem uma variabilidade cultural, história e social mais ampla.

CAPÍTULO 3

TRATAMENTO TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO DA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

“Muitos homens, ao longo de anos, acariciaram, como a um brinquedo favorito, a vaga sombra de uma idéia, demasiado sem sentido [...] e amaram-na apaixonadamente, dela fazendo a companheira de todas as horas, consagrando-lhe as forças e a vida, abandonando, por ela, todas as demais ocupações e, em resumo, vivendo com ela e por ela, tornando-se carne de sua carne e sangue de seu sangue; e despertaram em certa manhã gloriosa, para verificar que ela se tinha desvanecido [...] e que, juntamente com ela, desaparecia a essência de suas próprias vidas.”

Charles Sanders Peirce

Este capítulo destina-se a tecer considerações sobre a relação da abordagem sócio-cognitiva com o tratamento temático da informação, fato este observado quando se ampliam os estudos cognitivos do processamento e recuperação da informação e na relação dos sujeitos que participam desses processos no contexto de enunciação. Com intuito de compreender melhor o tratamento temático da informação, inicialmente apresenta-se o desenvolvimento da abordagem temática na área de Organização e Representação do Conhecimento⁵⁵, a subjetividade do processo e suas específicas operações. Posteriormente, realiza-se um detalhamento teórico relativo à sistematização do processo, especificamente no que tange as operações de catalogação de assunto e indexação, para em seguida, abordar os passos e conceitualização da análise de assunto enquanto etapa de natureza subjetiva e atuante nas operações do processo de tratamento temático da informação.

Intimamente relacionada as pesquisas no âmbito da Biblioteconomia, as investigações na Ciência da Informação resultam no desenvolvimento de práticas aplicáveis aos problemas de organização e acesso das informações documentais. Neste sentido, a função da Ciência da Informação de assegurar formas cabíveis de produção, organização, tratamento, recuperação e disseminação da informação nas diversas esferas em que a informação se

⁵⁵ Nesta pesquisa adotou-se o termo Organização do Conhecimento com fins de abordar os fluxos informacionais que, originalmente, relacionam-se com as atividades de classificar e representar a informação por meio de registros (BUFREM, 2004). Este é um termo tradicional na literatura especializada, principalmente pela história da classificação do conhecimento de base filosófica. Contudo, entende-se que os termos “conhecimento” e “informação” não sejam sinônimos, uma vez que o conhecimento não é passível de mensuração ou organização em registros, sendo esta característica da informação, a qual torna-se capaz de representação e transmissão por algum meio/canal (MCGARRY, 1999). Assim, acredita-se que no âmbito da Ciência da Informação o termo que melhor sustente sua proposta investigativa seja “Organização da Informação”.

configura a torna um campo desafiador. Sendo assim, incidi uma preocupação em torno dos métodos e instrumentos utilizados para tratar a informação e as formas pelas quais os produtos desse tratamento são repassados à sociedade.

A noção de informação atua como contexto básico e de fundamental importância para a Ciência da Informação. Sobre isto, Le Coadic (1996) afirma que a atual sociedade necessita de uma ciência centrada nas propriedades da informação e em seus processos de construção. Isto porque no cenário contemporâneo, a informação exerce “um papel fundamental para alavancar a ciência e a tecnologia, [...] tendo igualmente um lugar importante na vida cotidiana dos cidadãos [...]”, os quais necessitam estarem bem informados para que exerçam dignamente a sua cidadania (PINTO, 2001, p.224).

Objetivando-se atender essa demanda informacional, atualmente os estudos em Ciência da Informação estão sedimentados em dois núcleos principais: as questões da informação e do conhecimento e; nos estudos de Recuperação da Informação (INGWERSEN, 1992). Na concepção de White e McCain (1998) a Ciência da Informação está estruturada em dois ramos: “ramo dominante” ou “análise da informação” e em “ramos da recuperação” ou “aplicado”, nos quais se desenvolvem:

Estudos analíticos da literatura e suas estruturas; estudos de textos como conteúdos de objetos [informacionais]; a comunicação nos vários segmentos da população, particularmente entre cientistas; o contexto social da informação; usos da informação; comportamento da informação e busca da informação; várias teorias da informação e assuntos relacionados. [No segundo, os cientistas da informação voltam-se para a] teoria de Recuperação da Informação e algoritmos de recuperação; processos práticos de Recuperação da Informação e sistemas; interação humano-computador; estudos de usuários; sistemas de bibliotecas; OPACS; e assuntos relacionados (WHITE; MCCAIN, 1998).

Para tanto, a Ciência da Informação engloba diversas atividades e técnicas destinadas a organização e representação da informação e do conhecimento. De acordo com Novellino (1996), a área de Organização e Representação do Conhecimento no âmbito da Ciência da Informação sustenta o desenvolvimento e avaliação de teorias e conceitos que fundamentam a elaboração de instrumentos e métodos de representação⁵⁶ da informação

⁵⁶ Muitos foram os esforços centrados na melhoria da representação da informação voltados ao desenvolvimento de questões que, de alguma maneira, diminuíssem os ruídos interferentes nas construções de produtos e instrumentos documentais. Dentre os estudos de maior impacto estão o de Kaiser (1911) que propôs a análise de assunto a partir de três categorias: concreto, processo e lugar; Ranganathan (1960), o qual formulou um sistema baseado em cinco categorias de análise: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo; Coates (1960), que por

gerada nos diferentes e específicos domínios do conhecimento. Assim, em Ciência da Informação, a área de Organização e Representação do Conhecimento corresponde, especialmente, a organização da informação e do conhecimento em registros bibliográficos na busca pela melhor e mais adequada maneira de construir e utilizar as representações, foco da Recuperação da Informação (HJØRLAND, 2003), propiciando bases satisfatórias para que os profissionais ajam sobre o documento.

Nas bases da Organização e Representação do Conhecimento, a informação configura-se no processo constituído pela descrição física e temática do conteúdo documental, sendo o conjunto desse processo de descrição a representação informacional (BRASCHER; CAFÉ, 2008). Logo, objetiva-se investigar as etapas do ciclo informacional, a partir da informação registrada enquanto insumo básico para a construção de conhecimento e desenvolvimento social.

Neste entendimento, a Organização e Representação do Conhecimento corresponde à área do conhecimento inserida no campo científico da Ciência da Informação⁵⁷ que,

[...] se dedica ao estudo e desenvolvimento dos fundamentos e técnicas do planejamento, construção, gestão, uso, evolução de sistemas de descrição, catalogação, ordenação, classificação, armazenamento, comunicação e recuperação dos documentos criados pelo homem para testemunhar, conservar e transmitir seu saber e seus atos, a partir de seu conteúdo, com o propósito de garantir sua conservação em informação registrada capaz de gerar um novo conhecimento, se caracterizando como uma ciência tridimensional, já que se ocupa dos princípios, métodos e instrumentos postos em ação para a gestão do conhecimento a partir de uma tripla perspectiva: sua representação, sua organização e sua comunicação documental (ESTEBAN NAVARRO; GARCÍA MARCO, 1995, p.152).

A primazia da referida área sustenta-se na “descrição de documentos, seu conteúdo, características e propósitos, e a organização destas descrições, para fazer destes

sua vez elaborou os cabeçalhos de assunto específicos por meio das seguintes categorias: coisa, parte, matéria e ação.

⁵⁷ Pode-se dizer que, na esfera da Ciência da Informação, muitos dos marcos da área de Organização e Representação do Conhecimento sustentam a sua atual estrutura e evolução teórico-metodológica. Inicialmente, destacam-se a criação do sistema de classificação facetada de Ranganathan (1967), que forneceu subsídios consistentes a vários outros estudos sobre classificação e indexação com vistas ao aspecto físico e de conteúdo dos documentos. Outro marco histórico da Organização e Representação do Conhecimento foi a criação da ISKO (*Internacional Society for Knowledge Organization*), enquanto maior fórum científico de discussão da área, cujas metas são incentivar a pesquisa, desenvolver e aplicar os métodos de organização do conhecimento; incentivar o diálogo e a troca de experiências em nível de pesquisa e; desenvolver, construir e aperfeiçoar sistemas de classificação, tesouros e terminologias.

documentos e de suas partes acessíveis às pessoas, buscando-os ou as mensagens que eles contêm” (ANDERSON, 1996, p.337). No entendimento de Miranda (1999, p.69), a Organização e Representação do Conhecimento é uma área inter e transdisciplinar que pressupõe análise, reflexão e aplicação de fundamentos científicos de modo a gerir e difundir em nível de excelência a informação no âmbito dos diversos contextos informacionais. Sendo assim, apresenta-se como “uma plataforma de integração das ciências documentais” (ESTEVAN NAVARRO, 1995, p.66).

Com vistas a propiciar um caráter mais metodológico a Organização e Representação do Conhecimento, muitas questões relativas aos processos de representação da informação documental estão sendo investigadas atualmente. Sobre isto, Guimarães (2007, p.14) observa “[...] que a área vem percorrendo uma trajetória que reúne a dimensão pragmática dos instrumentos à busca por uma base epistemológica que a explique e sustente”. Obviamente, a compreensão do papel da representação da informação documental no âmbito da Organização e Representação do Conhecimento, além de propiciar melhorias dos instrumentos e procedimentos, responde as necessidades sociais no que tange a qualidade dos produtos e serviços informacionais.

A importância das práticas organizativas das informações após a explosão bibliográfica pode ser sentida na seguinte afirmativa exposta por Naves (1996, p.215):

Esse acúmulo em todos os campos de conhecimento, e a interdisciplinaridade, vêm acelerando, nas coleções, o aparecimento de documentos com conteúdos cada vez mais complexos e, conseqüentemente, tornando árduo o trabalho do profissional que lida com essas informações. É necessário que o profissional domine técnicas adequadas para organização dessas informações, procurando torná-las acessíveis aos usuários.

Desse modo, o núcleo de estudos da Organização e Representação do Conhecimento na contemporaneidade concentra-se nos sujeitos que definem os mecanismos de organização da informação. Sob este foco, os estudos propiciam subsídios necessários para distintas áreas investigativas em Ciência da Informação, dentre as quais se destaca o tratamento temático da informação que visa a caracterizar o documento partindo do seu próprio conteúdo, cujos produtos tendem a viabilizar a recuperação da informação.

Observa-se em Ciência da Informação que, tradicionalmente, a Organização e Representação do Conhecimento está intrinsecamente ligada a área curricular do tratamento

da informação, na medida em que procura fornecer-lhe subsídios de cunho teórico e retroalimentares, sendo este o seu objeto principal (BARITÉ, 2001).

O tratamento da informação passou a ganhar visibilidade devido ao aumento da preocupação com processos que não apenas contribuíssem, mas que garantissem a recuperação efetiva da informação intrínseca e extrínseca dos documentos, devido à crescente produção de informação científica instaurada a partir de meados do século XIX. Isto porque, mesmo que os processos de informação tenham qualidade, não terão nenhum valor se não forem utilizadas pela sociedade (SHERA, 1977). Neste período, surge à síndrome denominada de “fadiga informacional”, cujos principais sintomas foram à paralisia da capacidade analítica, o aumento das ansiedades e das dúvidas, a inclinação para decisões equivocadas e levianas, bem como a falta de percepção para filtrar a gama de informações produzidas pelos meios de comunicação (LUZ, 2006).

Segundo Guinchat e Menou (1994, p.122), o processo de tratamento da informação consiste numa técnica documental que possibilita o direcionamento da informação para o usuário, objetivando-se não apenas “[...] dar a conhecer o documento, mas permitir a utilização das informações que ele contém baseadas nas necessidades dos usuários, no assunto tratado, nos meios da unidade de informação, nos produtos e serviços fornecidos e na relação custo-eficácia”. Neste sentido, basicamente, consiste no processo de gerar subprodutos do documento ou representações documentais, os quais, inseridos no contexto de sistemas de informação atuam como instrumentos de busca, cujo propósito corresponde à facilitação da consulta e disseminação do documento primário (PINTO MOLINA, 1993).

Por sua vez, esses documentos secundários são representações condensadas extraídas do texto, com intuito de “estabelecer uma ponte entre o usuário e o documento, fornecer subsídios ao processo de disseminação da informação e gerar produtos documentários” (GUIMARÃES, 2003, p.104).

No processo de tratamento da informação estão inseridos os aspectos relativos à identificação, extração e representação da informação documental, os quais acabam por incidir em dois níveis de análise documental: a de forma (descrição bibliográfica normalizada dos aspectos extrínsecos dos documentos com fins de identificação no acervo, ou seja, viabiliza a acessibilidade física do material) e a de conteúdo (representação dos aspectos intrínsecos do documento por meio de instrumentos específicos, objetivando-se a geração de subprodutos documentais).

Segundo Dias e Naves (2007), a expressão “Tratamento da Informação” engloba, na grande maioria, todas as áreas, técnicas, métodos e processos destinados às descrições físicas ou temáticas dos documentos em bibliotecas ou sistemas de recuperação da informação; características que apontam duas vertentes do tratamento documental: tratamento descritivo⁵⁸ e tratamento temático.

Nos contextos de informação, os documentos passam pelas etapas de seleção, processamento, armazenamento e de busca. Vizcaya Alonso (1997), especificamente sobre a etapa do processamento da informação, entende que o mesmo subdivide-se nas etapas de registro e controle da informação, descrição dos elementos extrínsecos e descrição do conteúdo intrínseco ou semântico da informação documental. Na concepção da referida autora, a descrição intrínseca constitui, em sua totalidade, uma variável dependente do contexto informacional, ou seja, interligada às saídas dos sistemas, os quais estão em dependência da temática e da tipologia documental que os caracterizam. Assim, em um contexto de informação, o tratamento temático da informação atua como elemento de saída, uma vez que está diretamente concatenado aos tipos de busca.

O tratamento temático da informação caracteriza-se “[...] num exercício intelectual de apreensão e representação do conhecimento contido em algum tipo de fonte informacional, que se completa, quando, em algum momento, o usuário recupera a informação necessária à consecução de sua ação” (VARELA; BARBOSA, 2007, p.123). Para tanto, constitui-se como um “[...] conjunto de procedimentos utilizados para exprimir o conteúdo dos documentos científicos sob formas destinadas a facilitar a sua localização ou consulta” (GARDIN, 1981, p.48). Em outras palavras, propiciar acessibilidade temática dos documentos por meio de suas representações condensadas.

Relativo a isso, aponta-se os dois níveis de análise documental que podem ser tratados como uma concepção integrada/integradora e restringida (RUIZ PÉREZ, 1992). A primeira concepção é defendida pela visão francesa – a qual adota a expressão Análise Documental⁵⁹ e considera-a apenas como o tratamento temático da informação, no qual a operação de indexação é fruto da fase de representação. Desse modo, exclui-se o tratamento

⁵⁸ Atentando-se para os objetivos da pesquisa, o tratamento descritivo não será explorado.

⁵⁹ Nesta pesquisa adota-se a linha de pensamento de Guimarães, Moraes e Nascimento (2005, p.135), para os quais “[...] o fato de que a derivação dos adjetivos procedentes dos substantivos terminados em -nto (comportamento, monumento, departamento etc.) faz-se em nossa língua, mediante o sufixo -al (comportamental, monumental, departamental etc.)”. Desse modo, utiliza-se o termo “Análise Documental” ao invés de “Análise Documentária”.

descritivo do processo de análise documental. Em contrapartida, o segundo nível do processo de análise documental, representado pela visão espanhola, considera a Análise Documental composta em dois diferentes momentos: a) análise de forma – responsável pela representação descritiva, física e bibliográfica dos documentos, em que a representação dá-se mediante os dados que descrevem a obra e; b) análise de conteúdo, responsável pela representação temática do documento (GUIMARÃES, 2000).

Nota-se que as concepções atuais da Análise Documental, bem como as concepções que sustentaram sua origem (norte-americana de cunho pragmático, focada na questão da consistência dos produtos documentais e a européia, centralizada nas discussões teóricas e conceituais do processo) são complementares e buscam cada qual a sua maneira, estabelecer bases científicas e metodológicas para tal afazer profissional (GUIMARÃES, 2007). Como consequência, ambas partilham de um propósito comum: contribuir para a melhoria da qualidade e objetividade dos produtos documentais, a partir de um acentuado cuidado de facilitar o acesso informacional, não os deixando baseados no bom senso profissional.

Sob a ótica de Guimarães (2007), tradicionalmente o tratamento temático da informação consolidou-se a partir de três vertentes de pensamento, sendo essas concepções a *Subject Cataloging, Indexing* e a *Analyse Documentaire*. A concepção da *Subject Cataloging* assenta-se numa abordagem mais pragmática da área, sendo o catálogo o produto do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas. Esta concepção norte-americana foi preconizada a partir dos marcos: a) princípios estabelecidos por Charles Ammi Cutter (1962) para a catalogação alfabética e; b) decorrente influência da tradição das listas de cabeçalhos de assunto⁶⁰ construídas pela *Library of Congress* estadunidense.

A concepção *Indexing*, pensamento de linha inglesa, compreende a Indexação e Análise Documental como processos idênticos, considerando-se a análise de assunto⁶¹ a fase inicial do processo. Sua base reside numa preocupação de natureza mais teórica relativa à

⁶⁰ As listas de cabeçalhos de assunto são organizadas em ordem alfabética, constituindo-se em extensas compilações dos cabeçalhos utilizados nas bibliotecas que servem de guia aos profissionais. Por sua vez, “foram construídas para instrumentalizar a indexação de assuntos de documentos, que seriam registradas em fichas catalográficas para compor o catálogo alfabético de assunto” (NOVELLINO, 1996, p.39).

⁶¹ Ressalta-se que a área de Organização e Representação do Conhecimento tem empregado diferentes concepções de termos para retratar esta etapa do tratamento temático da informação, podendo ser: análise de assunto, análise temática, identificação de conceitos e análise de conteúdo, as quais são utilizadas aleatoriamente, devido à falta de escopo conceitual delimitado. Sendo assim, para a presente pesquisa adotou-se o termo análise de assunto, por acreditar que esta concepção cerque o objetivo ao qual ela versa – propiciar análise do assunto do documento.

construção de linguagens documentais, delimitando os índices enquanto produtos decorrentes (GUIMARÃES, 2007). Os avanços nesta concepção ganharam maiores proporções a partir da criação do CRG – *Classification Research Group*, ao fornecer subsídios para a construção de uma base epistemológica mais sólida para a área de Organização e Representação do Conhecimento, a partir de pesquisas centradas na classificação facetada de Ranganathan (1967). Ademais, a abordagem analítico-sintética deste teórico, ícone em Ciência da Informação, também influenciou os sistemas pré-coordenados devido à composição de uma sintaxe mais cabível a esfera da organização e representação da informação (CAMPOS, GOMES, 2006).

Observa-se, contudo, que os estudos concebidos a partir dessa concepção são fundamentais para o entendimento da história da representação da informação em Organização e Representação do Conhecimento, uma vez que trouxeram questões relativas a necessidade de aprofundamento conceitual e metodológico dos processos e instrumentos utilizados na representação da informação, fundamentais no atual contexto contemporâneo. Todavia, muitas foram às contribuições para o desenvolvimento da linha *Indexing*, sendo os principais pesquisadores envolvidos nessa concepção Metcalfe (1959), Coates (1960), Foskett (1973), Farrow (1991), Lancaster (2004), entre outros.

Logo, a linha de pensamento *Analyse Documentaire*⁶², trabalhada pela concepção francesa, centra-se no processo de tratamento temático da informação sob o prisma da interdisciplinaridade de campos científicos como a Linguística, Lógica e Terminologia no que tange a identificação e seleção de conceitos com fins de representação e criação de produtos informacionais. Tal concepção defende que o processo de análise documental refere-se ao tratamento de conteúdo documental, uma vez que os teóricos franceses não compartilham da divisão em descrição física e temática.

O curso evolutivo dessa concepção teórica assenta-se num posicionamento clássico, composto pelas atividades de resumo e indexação documental. Isto introduz a referida concepção à característica de consistir, basicamente, num “[...] conjunto de teorias e procedimentos que vão da análise de textos à sua representação [...]”, seja com base em instrumentos e regras ou sem uma sistematização rigorosa (CUNHA; KOBASHI, 1991, p.42).

⁶² No Brasil, a área da Análise Documental foi difundida por meio do grupo TEMMA da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo em meados da década de 1980, tendo como principais pesquisadores envolvidos no âmbito nacional Smit, Guimarães, Tálamo, Fujita, Lara, Kobashi, Cintra, dentre outros que contribuem de maneira enriquecedora para o fortalecimento da área de tratamento temático da informação. Neste ponto, corrobora-se com Guimarães (2003) ao afirmar que a busca metodológica embasada no caráter interdisciplinar subjacente a área da Análise Documental confere-lhe um pilar investigativo.

Em outras palavras, a *Analyse Documentaire* refere-se a “um conjunto de procedimentos efetuados com a finalidade de expressar o conteúdo de documentos científicos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação” (GARDIN, 1981, p.29).

O principal representante desta orientação francesa é Jean-Claude Gardin, pioneiro que suscitou as primeiras reflexões teóricas da área de Análise Documental e introduziu a base fundante dos processos documentais e da terminologia⁶³ adotada pela Ciência da Informação (KOBASHI, 1996). Ademais, os principais seguidores dessa linha francesa são Chaumier (1988), Cunha (1990), Ruiz Perez (1992), Pinto Molina (1993), Kobashi (1996), Gil Leiva (1999), Fujita (2003), Guimarães (2003), dentre outros.

Ao longo do desenvolvimento histórico da Organização e Representação do Conhecimento, três vertentes subjacentes as dimensões teóricas (*Subject Cataloging, Indexing e Analyse Documentaire*) foram se estabelecendo: a) processos, b) produtos e c) instrumentos, os quais assumiram papel fundamental para a consolidação da área (GUIMARÃES, 2004). Contudo, o processo metodológico das três etapas indissociáveis pertencentes a representação de conteúdo são, respectivamente: análise, síntese e representação (KOBASHI, 1994). Por sua vez, essas etapas permitem que o conteúdo temático do documento seja representado em forma de subprodutos em diferentes níveis de especificidade.

O primeiro processo da análise ou etapa analítica tem por objetivo revelar, a partir de um trabalho intelectual por meio da leitura documental⁶⁴, os conceitos que melhor representem a essência do conteúdo informacional do documento, ou ainda, “se pode entender como sendo a separação das partes de um todo até chegar a conhecer seus princípios e elementos” (VIZCAYA ALONSO, 1997, p.33). Portanto, refere-se ao momento em que ocorre a leitura e segmentação da informação documental para identificação e seleção de conceitos representativos, ou seja, a decomposição dos elementos do todo, o que implica um estudo minucioso das partes e conteúdos constitutivos do documento. Assim, sua finalidade é [...] identificar a organização metodológica do discurso do autor/produtor através da segmentação do texto e em seguida isolar conceitos/palavras-chave tradutoras do conteúdo desses segmentos” (CUNHA, 1989, p.57).

⁶³ Gardin é referência nos estudos sobre representação da informação por ter reconhecido que tal atividade se desenvolve no universo da linguagem. Por sua vez, apresentou a ideia de Léxico Documentário enquanto “uma lista de termos, organizados ou não, que servem à indexação documentária [...]” (VOGEL, 2007, p.03).

⁶⁴ O temário ‘Leitura documental’ é trabalhado em seção específica, observando-se os objetivos da pesquisa.

A segunda etapa refere-se a síntese ou etapa sintética, na qual ocorre a construção de textos documentais/subproduto documental (enunciado de assunto composto por termos ou resumo) com os conceitos selecionados. Então, esta fase do processo “[...] visa a chegar a conceitos/palavras-chave capazes de traduzir o conteúdo do discurso analisado. Procede-se, então, em primeiro momento, a uma seleção e depois, a uma fixação desses conceitos/palavras-chave” (CUNHA, 1989, p.60).

Cabe ressaltar que as tarefas subjacentes realizadas nesta etapa, seleção e condensação do conteúdo documental, atribuem valor as informações contidas no documento, o que demonstra certo grau de complexidade (KOBASHI, 1994). Pode-se dizer também que a esta etapa esteja embutida uma das principais preocupações do tratamento temático da informação, pois para a execução da tarefa de selecionar conceitos deve-se haver conformidade entre três componentes: o contexto no qual os subprodutos documentais serão inseridos, a instituição e os usuários da informação.

O processo finaliza com a etapa de representação, a qual não possui um consenso na literatura especializada. Na visão de Kobashi (1994) e Fujita (1998) o processo de representação é composto por duas naturezas distintas: na primeira, a representação é construída a partir de um processo de condensação intensivo do texto original, tendo-se os diferentes tipos de resumo; na segunda, a representação ocorre por meio da utilização da linguagem documental⁶⁵, a qual atribui a normalização das unidades conceituais presentes no texto original pela indexação e classificação.

Porém, na ótica de Guimarães (2003, p.113), a etapa de representação refere-se a uma fase inerente à etapa de síntese, para o qual esta se divide em três níveis ou estágios: seleção de conceitos, condensação documental e representação documental, sendo esta última o momento de tradução do conteúdo temático do documento em linguagem documental.

Entende-se que a representação consiste em selecionar do texto original os elementos que atenderem satisfatoriamente as necessidades ou interesses informacionais, no

⁶⁵ No tratamento temático da informação, as linguagens documentais atuam como instrumentos essenciais de representação e posterior recuperação dos assuntos identificados no documento, uma vez que auxiliam o profissional sobre os conceitos que melhor representam o assunto abordado, bem como orientam os usuários na elaboração de estratégias de busca no sistema. Desse modo, "As linguagens documentárias são tradicionalmente consideradas instrumentos de controle terminológico que atuam em dois níveis: a) na representação da informação obtida pela análise e síntese de textos; b) na formulação de equações de busca de informações" (TÁLAMO; LARA; KOBASHI, 1992, p.197). Assim, as linguagens documentais são construídas com fins de tratamento, armazenamento e recuperação da informação e correspondem a sistemas de símbolos destinados a tradução do conteúdo informacional. Trata-se, portanto, de instrumentos de vocabulário estruturado em termos de níveis de construção, organização e integração.

instante de uma solicitação individual ou coletiva nos sistemas de recuperação da informação. Desse modo, a representação é construída por meio de um processo de condensação intensiva do texto original e; realizada por um sistema de símbolos ou sinais (linguagens documentais), cuja função básica é normalizar os conceitos selecionados, não necessariamente a partir dos conceitos encontrados no texto original (LARA, 1993).

Inevitavelmente, a linguagem documental utilizada influencia o tratamento temático da informação e, conseqüentemente, a recuperação e disseminação dos documentos, uma vez que a mesma estabelece um padrão de representação dos termos selecionados pelo profissional, considerando as necessidades informacionais do usuário e do contexto de informação.

A partir dessas elucidações, pode-se dizer que a Análise Documental consiste, em suma, num “[...] conjunto de procedimentos de natureza analítico-sintética, envolvendo os processos de análise do conteúdo temático dos documentos e sua síntese, por meio da condensação ou da representação em linguagens documentárias [...]”, cujo objetivo maior é garantir uma recuperação efetiva pelo usuário (GUIMARÃES, 2003, p.103). Neste entremeio, a Análise Documental possibilita oferecer serviços específicos destinados a necessidades específicas, a partir de processos condizentes de análise, representação e armazenagem de documentos de modo seguro e fidedigno.

No que tange ao tratamento temático da informação, a Análise Documental implica no efetivo entendimento dos significados contidos nos documentos, ou seja, na identificação de informações factuais a partir de hipóteses de interesse, por meio de estratégias de leitura documental⁶⁶. Assim, evidencia o sentido subjacente do texto, a fim de que esse conteúdo ou significação decomposto da informação original sirva para fins comprobatórios e de transmissão de conhecimento, a partir de sua recuperação. De maneira mais elucidativa, pode-se dizer que a Análise Documental efetiva o acesso ao maior número de informações (aspectos quantitativos), com o máximo de pertinência (aspectos qualitativos) aos que necessitam.

Ademais, deve-se valorizar a representação da informação enquanto elemento ímpar para a recuperação e disseminação efetiva da informação. Outro aspecto fundamental neste momento refere-se a responsabilidade inerente a essa etapa, pois abrange a interação entre o sujeito e a estrutura temática do documento, sendo a recuperação a sua maior

⁶⁶ Por sua vez, a finalidade dessas estratégias de leitura documental é tornar a análise de assunto uma tarefa mais ágil.

dependente. Na visão de Barité (2001), ao serem efetuadas as etapas de identificação, processamento e disponibilização do conteúdo informacional dos documentos, o tratamento temático da informação propicia condições necessárias para que sejam efetuadas as operações de representação e acesso informacional.

Observa-se, com base nas definições ora expostas, que nas etapas de análise e síntese ocorre à desestruturação do texto para uma posterior reestruturação mediante o uso das operações de representação, facilitando a recuperação temática da informação pelo usuário em sistemas de recuperação da informação. Tradicionalmente, essas operações de tratamento temático da informação são conhecidas como classificação, elaboração de resumos, catalogação de assunto e indexação, responsáveis pela descrição dos aspectos intrínsecos do documento.

Numa ótica teórica percebe-se que o cerne comum dessas operações consiste na tradução da linguagem natural, a qual reflete o conteúdo temático do documento em linguagem documental (mediante instrumentos documentais). Pode-se dizer que, de modo intrínseco, todas as operações estão relacionadas por desdobrarem-se em análise, síntese e representação da informação documental.

Por serem operações que primam pelo mesmo objetivo e trabalham com as mesmas etapas de representação do conteúdo intrínseco do documento, recorrentemente são tratadas como sendo indissociáveis conceitualmente, especificamente no cotidiano do processamento técnico dos contextos de informação. A este respeito, Lancaster (2004, p.15-16) aponta a diferença que ocorre na literatura especializada sobre as expressões catalogação de assunto, indexação e classificação, a saber:

Catalogação de assuntos refere-se comumente à atribuição de cabeçalhos de assuntos para representar o conteúdo total de itens bibliográficos completos (livros, relatórios, periódicos, etc.) no catálogo de uma biblioteca. **Indexação** de assuntos é uma expressão usada de modo mais impreciso; refere-se à representação do conteúdo temático de partes de itens bibliográficos completos, como é o caso de um índice no final de um livro. [...] O fato é que a **classificação**, em seu sentido mais amplo, permeia todas as atividades pertinentes ao armazenamento e recuperação da informação (grifo do autor).

A partir dessas elucidações iniciais, parte-se para uma explanação de cada operação que compõe o tratamento temático da informação, objetivando-se retratar suas

especificidades nos contextos de informação, respectivamente: elaboração de resumo, classificação bibliográfica, indexação e catalogação de assunto.

A **condensação documental** ou **elaboração de resumo**⁶⁷ é o resultado da análise e descrição dos aspectos temáticos da informação documental. Então, apresenta-se como uma atividade de descrição concisa dos temas relevantes do documento, ou melhor, é a síntese das ideias principais retratadas intrinsecamente na obra, sendo o resumo o produto final da condensação documental – ato de resumir (PINTO MOLINA, 1993). Portanto, os resumos constituem praticamente uma outra obra, a qual contempla os aspectos fundamentais do conteúdo original.

Neste sentido, a principal função da condensação documental é permitir diminuir o volume de informações primárias, uma vez que destaca os aspectos mais relevantes e necessários para a compreensão do todo do documento pelo usuário (GUINCHAT; MENO, 1994). Logo, caracteriza-se como um processo de natureza difícil e complexa, pois não existem instrumentos⁶⁸ válidos para o aprendizado e elaboração de resumos, sendo, pois, uma atividade essencialmente intelectual.

Devido a sua função de primar pela rápida difusão e seleção da informação documental, o conteúdo do documento é representado por meio de um conjunto restrito/limitado de sentenças ou frases expressivas. Todavia, Lancaster (2004) ressalta que o processo de representação do conteúdo documental não deve perder de vista a sua característica maior, ser sucinto e exato ao mesmo tempo, pois seu propósito é facilitar a identificação e seleção de documentos pertinentes com a demanda e necessidade informacional; contribuir ativamente para a identificação rápida do conteúdo temático da informação documental e; poupar o tempo do usuário-leitor no momento da busca e recuperação da informação. Portanto, a condensação documental é um processo de representação que supre com as necessidades informacionais ao atuar como instrumento de disseminação e recuperação da informação documental.

⁶⁷ Segundo Guimarães (2005, p.04), o processo de elaboração de resumo adquiriu relevância no contexto dos sistemas de informação e no cenário científico “[...] a partir da segunda metade do século XIX, com a explosão informacional quando, com a crescente geração de literatura científica e técnica [...] tornou-se impossível a leitura integral da totalidade das publicações de uma determinada área, a cada ano, em todo mundo. Isso levou à necessidade de um meio mais rápido e sucinto de acessar tal informação, representando ao pesquisador uma efetiva economia de tempo e investigação”.

⁶⁸ As poucas normas que auxiliam o profissional na execução da atividade de elaboração de resumos são a NBR 6028 de 2003 da Associação Brasileira de Normas Técnicas e as normas internacionais ISO 214 de 1976 e a ANSI Z39.14 de 1979. Tais normas estão desatualizadas e são voltadas especificamente para a elaboração de resumos de textos técnicos científicos, não contemplando em profundidade outras especificidades textuais.

Outra operação pertencente ao tratamento temático da informação é a **classificação bibliográfica**⁶⁹, a qual consiste na tradução do assunto principal do documento apresentado em linguagem natural para linguagem documental, cujo objetivo é ordenar os documentos em grupos ou campos do saber, conforme suas semelhanças temáticas com fins de organização, ordenação e localização dos documentos nas estantes do acervo, por meio de catálogos, bibliografias e outros.

Nesta, geralmente as linguagens documentais são descritas por notações presentes nos sistemas de classificação específicos⁷⁰. Desse modo, os sistemas de classificação, também denominados de linguagens documentais hierárquicas, referem-se a “[...] um mapa completo de qualquer área do conhecimento, mostrando os seus conceitos e suas relações; é chamado de tabela, [código] ou sistemas de classificação” (LANGRIDGE, 1977, p.38). Assim, os sistemas de classificação são apresentados em ordem sistemática, distribuídos num conjunto de ideias coordenadas e subordinadas, obedecendo à ordem de dependência e à ordem do geral ao específico, os quais podem ser apresentados em notações numéricas, alfanuméricas ou alfabéticas (PIEDADE, 1983).

Os sistemas de classificação bibliográfica podem ser divididos mediante o modo de representação dos assuntos, cuja separação dá-se em classificações enumerativas, semi-enumerativas e analítico-sintéticas/facetadas. Assim, tem-se:

As classificações enumerativas procuram indicar todos os assuntos e todas as combinações possíveis entre eles e apresentar os símbolos que os representam prontos para serem empregados. As classificações analítico-sintéticas apresentam listas dos conceitos (facetadas), acompanhadas de símbolos, e deixam ao classificador a tarefa de combinar os símbolos para representar os assuntos compostos [...]. Classificações semi-enumerativas são aquelas que recorrem em parte à síntese (combinação de símbolos) para a construção dos símbolos destinados a representar os assuntos compostos, mas outras vezes apresentam símbolos prontos para estes assuntos.

Na concepção de Campos (1975), os sistemas de classificação bibliográfica apresentam assuntos de natureza simples, composta e ou complexa e, por esta razão, são

⁶⁹ Salienta-se que a classificação bibliográfica é “comumente usada como sinônimo para classificação em biblioteca” (LANGRIDGE, 1977, p.17).

⁷⁰ Dentre os sistemas de classificação mais conhecidos e utilizados no mundo estão: Classificação Decimal de Dewey (CDD); Classificação Decimal Universal (CDU); a Classificação de Cutter; Classificação da *Library of Congress* (LC); Classificação de Rider (*Internacional Classification*); Classificação de Ranganathan (*Colon Classification*); Classificação de Brown (*Subject Classification*); *Classification Research Group* e; a Classificação de Bliss (*Bibliographic Classification*).

distribuídos em dois grandes grupos: enumerativas e facetadas. Entretanto, Ranganathan (1967) defende uma visão mais abrangente sobre a divisão dos sistemas de classificação bibliográfica. Para o referido autor, tais sistemas dividem-se em cinco grandes grupos: sistemas enumerativos, quase-enumerativos, quase-facetado, rigidamente facetado e livremente facetado.

Por sua vez, a operação denominada de catalogação é composta em dois eixos: catalogação descritiva⁷¹ (representação física) e **catalogação de assunto**⁷² (representação temática). Esta última, tradicionalmente, refere-se ao processo intelectual de atribuição de cabeçalhos de assunto ao documento, ou seja, responsável em estabelecer os pontos de acesso⁷³ temático do documento e suas respectivas entradas de cabeçalhos de assunto⁷⁴ (GARRIDO ARILLA, 1996), sendo que a representação de assuntos nos catálogos por meio do estabelecimento dos cabeçalhos de assunto iniciou-se em decorrência da necessidade de socialização do conhecimento.

Sobre isto, Silva e Fujita (2004, p.142) esclarecem que “a origem do termo catalogação de assuntos está ligada à construção dos catálogos de bibliotecas, principalmente, do catálogo de assunto que é organizado mediante determinação de cabeçalhos de assunto [...]”, os quais funcionam como enunciados de assuntos e formados em decorrência da composição ordenada de palavras. Segundo Gomes e Marinho (1984), os cabeçalhos de assuntos são as formas padronizadas e uniformes de pontos de acesso, os quais se constituem em inovação no que tange aos catálogos de bibliotecas. Sendo assim, os cabeçalhos de assunto são constituídos por termos que representam o conteúdo temático do documento de maneira consistente.

⁷¹ A título de esclarecimento, catalogação descritiva é o primeiro processo de tomada de decisão, onde as mensagens codificadas existentes no documento são estudadas, preparadas e organizadas, a fim de representá-lo de modo sucinto e padronizado para que seja único e contenha uma multidiversidade de pontos de acesso (MEY, 1995).

⁷² A escola norte-americana de Biblioteconomia impulsionou o desenvolvimento da catalogação de assunto, influenciando-lhe diretamente em concepções próprias sobre o tratamento temático da informação. Ao longo dos séculos, “as técnicas de catalogação de assunto praticadas na Biblioteca do Congresso tem sido desenvolvidas e constantemente suplementadas, revisadas e evoluídas [...]”, considerando-se o propósito de tornar prontamente disponível o corpo de documentos ao usuário, ao leitor, ao pesquisador ou ao bibliógrafo (MAYER, 1952).

⁷³ Pontos de acesso são campos específicos que permitem a recuperação de um registro bibliográfico.

⁷⁴ As entradas dos cabeçalhos de assunto dos documentos representados tematicamente são reunidas no catálogo de assunto, segundo o conteúdo de cada uma delas. Ademais, os cabeçalhos de assunto constituem um vocabulário controlado que padroniza e uniformiza a descrição sintética dos assuntos autocontidos.

Então, pode-se dizer que sendo os cabeçalhos de assunto produtos da catalogação de assunto, tal operação instaura-se entre a catalogação descritiva e a indexação, configurando-se como um elo complementar entre a descrição física e a representação temática da informação documental. De maneira pouco animadora, tem-se o produto da catalogação de assunto como um recurso/ferramenta de busca e recuperação da informação documental, conferindo-lhe uma grande responsabilidade e complexidade; isto porque, naturalmente, o ato de decidir o assunto e suas respectivas entradas no sistema é permeado pela subjetividade e bom senso profissional. Portanto, a operação da catalogação de assunto envolve um elevado grau de complexidade, estando imbuída de aspectos subjetivos e tendenciosos.

Neste sentido, a catalogação de assunto, em termos teóricos, consiste numa operação intelectual do exame do documento com fins de extração e representação de assuntos nele contidos, os quais servem de ponto de acesso para busca e recuperação do documento original no acervo, bem como para agrupamento das obras por área de abrangência temática dos documentos relacionados entre si, o que possibilita ao usuário contato com obras do mesmo universo do saber (SHOHAM; KEDAR, 2001). Por sua vez,

É trabalho do catalogador interpretar ou ampliar a proposição do autor, encontrar o [...] cabeçalho de assunto que colocará a obra junto a outras do mesmo assunto e, assim, usada em conjunto com a descrição bibliográfica, [a representação temática] permitirá ao leitor decidir se o livro preenche, ou não, as suas necessidades (PIGGOTT, 1988⁷⁵, apud MEY, 1995, p.69).

Consequentemente, a finalidade da catalogação de assunto é prover ao usuário modos de identificar os conteúdos particulares dos documentos, bem como propiciar o estabelecimento de relações com aspectos comuns a outros itens documentais para que sejam conjuntamente recuperados nos contextos de informação (LANCASTER, 2004).

Por fim, a **indexação**⁷⁶ consiste na ação profissional de descrever o conteúdo intelectual expresso em um documento com o auxílio de instrumentos que contenham padrões e conceitos descritores (UNESCO, 1975). Sua finalidade é facilitar a busca e a recuperação da informação documental, atuando como uma chave condensada de acesso entre o usuário e o

⁷⁵ PIGGOTT, M. *A topography of cataloguing*. London: The Library Association, 1988.

⁷⁶ Historicamente, a indexação originou-se na Idade Antiga por meio da construção de índices, os quais foram elaborados com o propósito de organizar a informação, ou seja, ordenar a informação de modo a torná-la acessível. Tais preocupações intensificaram-se a partir do século XIX em virtude da explosão das publicações periódicas (SILVA; FUJITA, 2004).

documento contido num determinado acervo (ROBREDO, 2004). Em suma, pode-se dizer que é uma operação mental que visa a identificar os conceitos que melhor reflitam a informação documental expressa inicialmente pelo autor no momento de sua produção, com fins de armazenamento e recuperação em contexto de informação. Desse modo, baseia-se na “[...] captação do conteúdo informativo do documento e na tradução desse conteúdo numa linguagem que sirva de intermédio entre o usuário e o documento” (CAMPOS, 1987, p.69).

Portanto, tem-se a indexação como:

[...] um produto destinado a identificar e descrever ou caracterizar o conteúdo informativo de um documento mediante a seleção das matérias sobre as quais versa (indexação sintética) ou dos conceitos presentes (indexação analítica) para sua expressão da língua natural e sua reunião em índice, com objetivo de permitir posterior recuperação dos documentos pertencentes a uma coleção documental ou conjunto de referências documentais como resposta a uma demanda acerca do tipo de informação que este contém (ESTEBAN NAVARRO, 1999, p.70).

Do ponto de vista metodológico, a indexação divide-se em: coordenada, automática, semi-automática e alfabética de assunto. A indexação coordenada constitui-se pela composição de descritores utilizados na representação do conteúdo temático do documento, cuja composição pode ser apresentada de modo pré-coordenada (combinação de conceitos no momento da elaboração do índice) e pós-coordenada (combinação de conceitos durante a busca para recuperação da informação). Em outras palavras, atribui-se um conjunto de descritores (conceitos) que definem/expressa o documento de forma complementar entre si. Neste ponto, os conceitos são combinados na definição do cabeçalho de assunto (pré-coordenada) ou no momento da busca no sistema (pós-coordenada).

A indexação automática⁷⁷ é o processo que possibilita localizar e selecionar os conceitos de conteúdo representativos do documento sem intervenção direta do profissional, mediante o uso de programas de computador. Assim, esta especificidade consiste em identificar as palavras representativas a partir da eliminação das palavras vazias, mediante a utilização de um programa computacional (ROBREDO, 1991). A indexação automática dá-se mediante dois processos: indexação por extração automática (extraem-se as palavras e expressões de maior frequência no texto) e indexação por atribuição automática (a representação do conteúdo ocorre por meio de um controle terminológico, ou seja, cada

⁷⁷ A indexação automática apresenta-se como uma alternativa a morosidade vivenciada na indexação manual e também, como uma possível solução para a busca e recuperação da informação em meio digital.

conceito atribuído requer uma padronização com o vocabulário controlado). Por fim, a indexação semi-automática é quando o documento analisado pelo sistema de forma automática recebe validação dos conceitos pelo profissional.

Finalmente, a indexação alfabética de assunto estabelece os cabeçalhos de assunto, por isso para alguns teóricos esta operação também pode ser considerada a catalogação de assunto, posto que os cabeçalhos de assunto representem a primeira tentativa de sistematização para a representação alfabética de assuntos, ou seja, atribuição de cabeçalhos de assunto para a representação do conteúdo do documento em catálogos de assunto⁷⁸. Sobre isto, ressalta-se que os catálogos de assunto objetivam:

1. Prover acesso por assunto a todo material bibliográfico relevante;
2. Prover acesso por assunto aos materiais mediante todos os princípios adequados de organização temática;
3. Reunir referências a materiais bibliográficos que tratem substancialmente do mesmo assunto, não obstante as disparidades terminológicas que possam resultar das peculiaridades nacionais, das divergências entre grupos de especialistas em determinados assuntos, e/ou da mudança natural dos conceitos dentro de uma disciplina determinada;
4. Revelar associações entre campos do conhecimento, as quais podem depender de semelhanças na matéria estudada, de método ou de pontos de vista, ou da utilização ou aplicação do conhecimento;
5. Prover a entrada de qualquer campo do conhecimento, em qualquer nível de análise, do mais geral ao mais específico;
6. Prover a entrada por meio de qualquer vocabulário comum a qualquer grupo considerável de usuários, especializados ou leigos;
7. Prover uma descrição formal do assunto contido em qualquer unidade bibliográfica, nos termos mais precisos e específicos possíveis, em forma de palavras, de frase sucinta, ou de número de classe ou símbolo;
8. Prover os meios que permitam selecionar, dentre todos os itens componentes de qualquer categoria, de conformidade com qualquer conjunto de critérios escolhidos [...]. (SHERA; EDGAN, 1969, p.20).

Então, sendo a catalogação de assunto caracterizada como atribuição de cabeçalhos de assunto para a representação do conteúdo total dos documentos em catálogos de bibliotecas e; considerando-se que a indexação alfabética de assunto está vinculada à determinação de cabeçalhos de assunto, recorrentemente esta é denominada de catalogação de assunto (SILVA; FUJITA, 2004).

⁷⁸ Para Guinchat e Menou (1981), os catálogos de assunto podem ser, nos seguintes tipos, a saber: catálogo alfabético de assuntos (organiza os registros valendo-se dos assuntos gerais ou específicos, contemplando a utilização de remissiva – indicação de outro registro); catálogo sistemático (abrange apenas os assuntos, cujas entradas seguem o critério de classificação) e; catálogo dicionário (armazena os registros numa mesma ordem alfabética).

Apesar das divergências sobre as semelhanças e diferenças conceituais e metodológicas entre os termos, percebe-se que essas operações acabam sendo equivalentes, pois são resultantes do processo da análise de assunto. Todavia, salienta-se que tais operações são atividades distintas, uma vez que estas funções são desempenhadas em sistemas de recuperação da informação e em bibliotecas, cuja finalidade é o tratamento temático da informação (MILSTEAD, 1983).

Neste sentido, a catalogação de assunto e a indexação são práticas complementares, cuja congruência respalda-se na análise de assunto, etapa eminente a ambas as operações. Ressalta-se, a partir disto, que o processo de tratamento temático da informação varia em função do contexto profissional, do tipo de suporte em análise e da profundidade com que o processo é efetuado.

Contudo, será que o processo resultante da análise de assunto é a catalogação de assunto/indexação de assunto, ou apenas uma destas operações decorre da análise de assunto? Esta inquietação é causada pela tênue ambiguidade conceitual em torno das operações de catalogação de assunto e indexação, o que aponta a necessidade de um exame minucioso das referidas operações e do processo subjacente a cada uma delas. Talvez esta indagação seja fruto de uma visão conceitual atuante na literatura especializada, para a qual o processo caracteriza-se como sendo equivalente, a saber:

O processo que consiste em decidir do que trata um item e de atribuir-lhe um rótulo que represente esta decisão é conceitualmente o mesmo, quer o rótulo atribuído seja extraído de um esquema de classificação, de um tesouro ou de uma lista de cabeçalho de assuntos, quer o item seja entidade bibliográfica completa ou parte dela, quer o rótulo seja subsequentemente arquivado em ordem alfabética ou em outra sequência [...], quer o objeto do exercício seja organizar documentos em estantes ou registros em catálogos, índices impressos ou bases de dados eletrônicas (LANCASTER, 2004. p.21).

Por outro lado, Milstead (1983, p.37) lembra que apesar de conceitualmente idênticas, a catalogação de assunto e a indexação são “[...] usualmente tratadas como atividades distintas, em decorrência disso, catalogadores e indexadores geralmente não falam muito um do outro, e falham em não perceber o quanto poderiam aprender trabalhando unidos, pois são atividades que tem muita coisa em comum”. A referida autora lembra que a

catalogação de assunto e a indexação são conceitualmente a mesma atividade, contudo, na prática⁷⁹ elas possuem diferenças substanciais.

Embora as operações apresentem como objetivos comuns à representação da informação documental, ressalta-se que seus produtos as delimitam enquanto prática profissional, uma vez que assumem nitidamente funções diferenciadas nos distintos contextos de atuação profissional. Geralmente, as explicações sobre a divergência e congruência entre catalogação de assunto e indexação centram-se em apontar que o catálogo provê acesso ao documento inteiro por meio de uma lista de assuntos, enquanto o índice leva a conteúdos específicos do item por meio de um guia. “De qualquer forma, a moderna catalogação de assunto é muito mais que uma lista porque tenta fornecer acesso ao conteúdo dos itens” (MILSTEAD, 1983, p.37). No entanto, acredita-se que a indexação aprofunde-se bem mais no ‘âmago’ do documento do que a catalogação de assunto, abstraindo-lhe o assunto num todo e promovendo um tratamento temático da informação mais consistente e completo.

Independentemente do contexto de informação em que o tratamento temático da informação seja realizado, todas as operações devem realizar-se de maneira mútua, uma vez que cada uma exerce e condiciona resultados únicos e necessários para que a qualidade dos produtos e serviços seja alcançada, bem como para resguardar o encontro entre usuário e informação. Assim, independente das diferentes formas e meios em que o tratamento temático da informação ocorra, a sua finalidade sempre resultará na transcrição dos conteúdos temáticos da informação documental e, certamente, todas as suas operações e etapas são necessárias nos diferentes contextos de informação com intuito maior de prover e facilitar o acesso das informações documentais.

Realizadas as considerações iniciais sobre o tratamento temático da informação e as divergências e congruências entre suas operações, especificamente no que tange a catalogação de assunto e a indexação, parte-se para uma elucidação teórica da sistematicidade das referidas operações, uma vez que, nesta pesquisa, as mesmas são tratadas de maneira

⁷⁹ No passado, muitos catálogos davam acesso às partes do documento; enquanto a maioria dos índices fornecia acesso ao nível do trabalho inteiro, ou seja, permitiam um acesso restrito ao não contemplarem as partes do documento. Atualmente, os índices são essencialmente originários de cada sistema de informação, propícios a inovação e mudança, uma vez que são mais customizáveis as necessidades específicas da comunidade de aprendizagem, das coleções e dos próprios usuários, sendo, por outro lado, a exploração de alternativas nos catálogos de bibliotecas limitada (MILSTEAD, 1983).

equivalente, posto que são operações complementares e que, em alguns casos, não são explicitamente compreendidas e diferenciadas⁸⁰ no momento da prática profissional.

3.1 A sistematicidade do processo da catalogação de assunto e indexação

O objetivo do profissional catalogador de assunto e/ou indexador é tornar conhecido o assunto expresso num determinado documento. Em outras palavras, representar o assunto de um documento por meio de conceitos significativos, primando por evidenciar todos os tópicos relevantes do documento. Logo, as operações de catalogação de assunto e indexação possuem por finalidade o tratamento temático da informação.

A catalogação de assunto é considerada um modo particular de expressar o conteúdo informacional do documento, a partir de um número limitado de conceitos. Igualmente, a indexação visa identificar os conteúdos representativos do assunto tratado no documento. Desse modo, ambas as operações são complexas e subjetivas⁸¹ ao lidarem com a compreensão do assunto principal de um documento.

Apesar de muitas vezes as necessidades dos usuários não serem refletidas diretamente na decisão e concretização das operações, sabe-se que estas são realizadas para eles. Neste sentido, a informação passa a ter significado e apresenta valor informativo ao usuário quando esta for pertinente as suas necessidades e/ou quando suprir com precisão o motivo da busca, provocando-lhe algum tipo de ação. Desse modo, tais operações devem ser vistas como o principal elo entre os usuários e os documentos, prevendo de antemão a eficácia dessa comunicação⁸², sem ruídos ou silêncios no momento da interrogação e busca no sistema de recuperação da informação.

⁸⁰ Ressalta-se que, por ser um conceito específico da literatura da área de Organização e Representação do Conhecimento, o tratamento temático da informação não é um termo conhecido por todos os profissionais.

⁸¹ A subjetividade decorre de diferentes ideias/compreensões sobre a mesma informação, ou mesmo ideias/compreensões que não estão muito claras no documento.

⁸² De acordo com Chaumier (1971, p.20), essa comunicação pode apresentar ruídos, o qual consiste na “[...] percentagem de documentos que não respondem à questão levantada e selecionada a partir da interrogação, em consequência, essencialmente, de combinações acidentais de características ou de confusões, no sentido quanto aos termos de caracterização”, ou, oposta a isso, apresentar a noção de silêncio, que constitui na “percentagem de documentos pertinentes que respondem a uma questão existente na memória e não selecionada a partir da interrogação”.

Para a realização da catalogação de assunto, Chan (1981⁸³ apud SAUPERL, 2002, p.06) aponta três passos ou estágios que propiciam uma orientação acerca da identificação dos conceitos importantes expressos no documento. De acordo com a referida autora, o primeiro passo refere-se ao exame do documento e a determinação do assunto de seu conteúdo documental, o qual exige uma investigação detalhada do conteúdo para confirmar o assunto principal. O segundo passo consiste na identificação dos tópicos de assunto em diferentes aspectos, tais como o ponto de vista do autor, o tempo de realização da atividade, o contexto informacional, etc. Por sua vez, o terceiro passo é a definição dos assuntos de acordo com o mapa conceitual de um controle particular do sistema de classificação.

Apesar de extensa tradição da catalogação de assunto, percebe-se nitidamente por meio da exploração da literatura especializada a pouca compreensão sobre o modo pelo qual ocorre o processo de determinação de assunto (SAUPERL, 2002). Notadamente, tal operação realiza-se com base nos estágios sugeridos pela *International Standard*, sendo estas o exame do documento; identificação dos principais conceitos e; expressão dos principais conceitos em termos da linguagem de indexação (HOVI, 1989⁸⁴ apud SAUPERL, 2002, p.10).

Contrariamente ao que ocorre no temário catalogação de assunto, as pesquisas sobre o processo de indexação para base de dados bibliográficos tem sido investigadas em profundidade pela literatura especializada. Percebe-se uma delimitação mais precisa sobre suas etapas, mesmo havendo um número maior de posicionamentos teóricos. Contudo, recorrentemente tal operação consiste basicamente em duas operações: identificação do assunto e tradução dos assuntos identificados na notação de classificação dos assuntos.

Segundo Van Slype (1977) e Chaumier (1988), a indexação possui quatro estágios distintos, a saber: conhecimento do conteúdo documental realizada por meio da leitura documental; escolha dos conceitos representativos do assunto abordado por meio da identificação dos conceitos a partir do conteúdo documental; tradução dos conceitos selecionados e; incorporação dos elementos sintáticos eventuais, sendo esta última utilizada quando o levantamento dos descritores adequados não foi suficiente para representar de maneira satisfatória o conteúdo documental. No momento da realização da operação, os

⁸³ CHAN, L. M. *Cataloging and Classification: An Introduction*. New York: McGraw-Hill, 1981.

⁸⁴ HOVI, I. The cognitive structure of classification work. In: *Information Knowledge. Evolution: Proceedings of the Forty-Fourth FID Congress Held in Helsinki, Finland, 28 aug.-1sep. 1989*. Edited by Sinikka Koskiala and Ritva Launo. Amsterdam: North Holland, 1989.

autores citados salientam a importância de avaliar o peso/pertinência dos conceitos em relação ao conjunto de documentos a serem processados no contexto de informação.

Neste sentido, a indexação realiza-se não somente sobre os documentos, mas também sobre as questões desenvolvidas pelos usuários no momento da busca informacional no sistema de recuperação da informação, exposto a seguir:

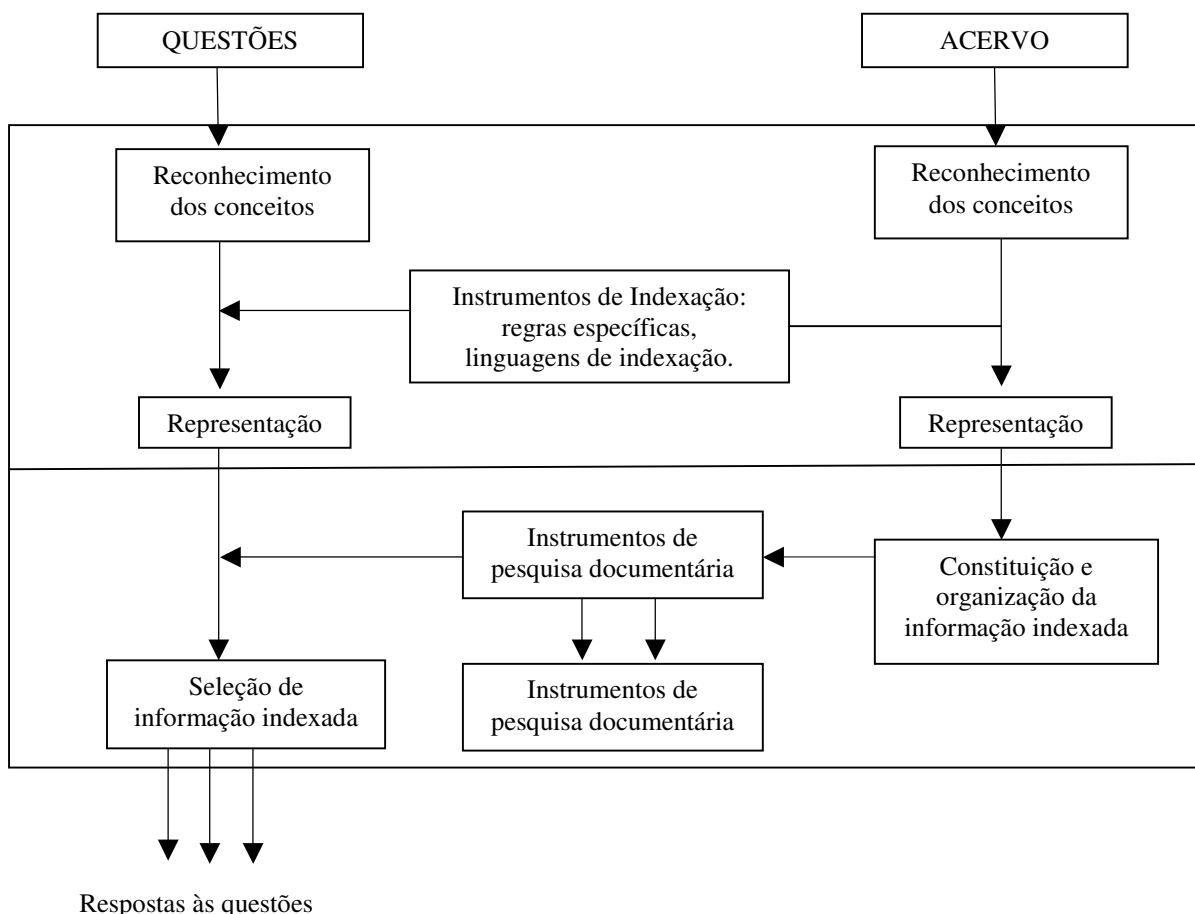


FIGURA 2: Processo de indexação.

Fonte: Adaptado de Chaumier (1988, p.65).

De acordo com os princípios estabelecidos pela Unisist no ano de 1981, o processo de indexação consiste em “descrever e caracterizar um documento com ajuda de representações de conceitos contidos no próprio documento, ou seja, transcrever em linguagens documentárias os conceitos extraídos dos documentos mediante uma análise”. Por sua vez, se fundamenta em duas fases: a primeira refere-se ao estabelecimento de descritores por meio da compreensão do conteúdo, identificação e seleção de conceitos contidos no

documento e; a segunda, concernente à tradução ou representação desses conceitos em termos de linguagens documentais.

Fujita (2003a) aponta que a indexação consiste em descrever o conteúdo representativo do documento, de maneira a representar o assunto abordado da melhor maneira possível, viabilizando a recuperação documental pelo usuário. Então, o referido processo consiste numa ação inteiramente intelectual por meio de uma análise cognitiva relativa à compreensão e representação da informação documental. Isso respalda a crença de que a indexação seja a etapa mais importante da análise documental, uma vez que representa o documento e prepara os resultados de uma estratégia de busca mais eficaz (CHAUMIER, 1888; FUJITA, 2003).

Corroborando-se com este entendimento, González (2004) destaca que a indexação desempenha um papel de protagonista, cuja relevância⁸⁵ decorre de todas as possibilidades de acesso e à adição de valores posteriores a representação informacional. Ressalta-se que a principal característica da representação é a substituição de uma entidade linguística extensa e complexa, ou seja, o próprio texto documental, por sua descrição abreviada. Assim, prima por enfatizar a essência da informação documental, porém com a perspectiva de uso dessas informações.

Ademais, entende-se que a partir da indexação a recuperação da informação dá-se de maneira mais satisfatória, sendo, desse modo, indispensável à autoconsciência profissional no momento do processo, a fim de que o documento seja recuperado em momento posterior.

Na visão de Langridge (1989), a catalogação de assunto e a indexação podem ser vistas como a mesma operação. Para tanto, a indexação deve envolver uma sumarização do assunto principal do documento, ou seja, avaliar os principais temas do documento. Evidentemente, consiste em definir o documento como uma unidade de conhecimento específica, a fim de distingui-lo dos demais. Por outro lado, a indexação profunda seria a identificação dos conceitos que constituem os assuntos do documento.

O referido autor aconselha que a primeira atitude do profissional frente ao documento seja a de concentrar o trabalho sobre si mesmo e anotar de maneira concisa a forma de conhecimento, o tema preciso e todas as características formais (LANGRIDGE, 1989). Teoricamente, percebe-se que o título, as informações sobre autoria e demais partes

⁸⁵ Aqui, entende-se por relevância a importância da informação recuperada em relação ao problema de busca inicial do usuário. Desse modo, tal relevância será determinada pelo próprio usuário a partir de sua avaliação sobre os documentos recuperados nos sistemas de informação.

constituintes do documento devem ser priorizadas para a avaliação do assunto, sendo necessário que o profissional observe todos os elementos atuantes na estrutura documental e textual, bem como os outros acompanhamentos do material para determinar o assunto expresso no documento. Nesta avaliação, a primeira impressão a respeito do assunto deve ser ajustada com todas as demais partes do documento, quando necessárias.

A partir das referidas concepções, observam-se duas características comuns entre catalogação de assunto e indexação: distinguem a avaliação do assunto da atribuição de cabeçalho de assunto ou classificação e; buscam aconselhar sobre a abordagem da avaliação do assunto documental. Entretanto, Sauperl (2002) advoga que os processos de atribuição do assunto e a classificação estão interligados, e ainda, que os profissionais necessitam de um processo mais detalhado para a determinação do assunto documental.

Outra característica complementar entre as referidas operações é que, no entendimento da literatura especializada, todas as etapas devem basear-se nos objetivos do ambiente institucional, na necessidade do usuário, nos documentos pertencentes ao acervo, bem como nas necessidades imediatas do sistema educacional maior da biblioteca universitária. Sob esta designação, defende-se a necessidade de que a realização das etapas considere o contexto informacional em sua particularidade e especificidade.

Na ótica de Lancaster (2004), as operações de catalogação de assunto e indexação envolvem duas etapas principais: análise conceitual ou análise de assunto – implica em decidir qual é o assunto do documento e; a tradução. Especificamente no que tange a primeira etapa, salienta-se que a mesma é realizada visando atender as necessidades de um determinado grupo de usuários. Assim, a fim de garantir a eficiência dessas operações, o autor alerta que as decisões dos profissionais não podem pautar-se apenas no que trata o documento, mas verificar por que ele se reveste de provável interesse para esses usuários.

Naturalmente, percebe-se que tanto o catalogador de assunto quanto o indexador possuem poder de interpretação quantitativa e qualitativa dos significados, o que lhes permite realizar mais do que generalizações estatísticas ou descritivas, mas uma análise interpretativa e crítica do documento analisado. Tal fato evidencia a importância da etapa da análise de assunto no bojo do processo de tratamento temático da informação. Sob este entendimento, parte-se para uma compreensão específica em torno dos elementos constituintes da referida etapa.

3.2 Princípios subjacentes à análise de assunto

Até meados do século XX as operações do tratamento temático da informação eram tratadas pela literatura especializada como uma arte ou fruto de um talento, um dom especial de representar a informação documental. Inevitavelmente, a origem aleatória e de cunho subjetivo desta atividade profissional decorre pela falta de parâmetros que conferissem um caráter de cientificidade e clareza dos procedimentos nas etapas da análise de assunto e de representação da informação documental, pois até recentemente, os métodos eram considerados como operações empíricas de bom senso profissional (CAMPOS, 1987).

No que tange ao tratamento temático da informação, a determinação de assunto envolve, especificamente, o percurso da análise de assunto do texto em busca de sua representação temática. Assim, apresenta-se como sendo um processo complexo de desmontar o conteúdo temático da informação documental, ou seja, delimitar o tema tratado no texto a partir da seleção dos termos mais apropriados para a representação da informação documental.

Em Ciência da Informação, o conceito/assunto é o atributo básico de representação, o modo pelo qual o campo se apropria para a construção da trajetória a ser percorrida pelo usuário e sua relação com o conhecimento (HJØRLAND, 2003). Desse modo, a extração de assunto⁸⁶, núcleo central da área de Organização e Representação do Conhecimento em Ciência da Informação, volta-se, basicamente, a delimitação do que seja o assunto na esfera do suporte documental. Isto porque, o assunto expresso no documento, cujo tema é amplamente empregado em Ciência da Informação, muitas vezes é utilizado sem clareza quanto a seu significado e adequação em representação da informação, podendo-se naturalmente expor que “[...] o assunto ou tematicidade do documento é o cerne principal e mais carente de esclarecimentos [...]” (FUJITA, 2003, p.78).

Todavia, as investigações em torno do termo ‘assunto’ alicerçam, em grande parte, a própria existência da Ciência da Informação ao contribuírem para a necessidade de tornar a informação documental passível de busca e acessibilidade pela sociedade.

⁸⁶ A preocupação em torno do assunto ganhou destaque na comunidade científica da área de Organização e Representação do Conhecimento a partir dos estudos de Cutter em decorrência de sua obra intitulada “*Rules for a dictionary catalogue*” datada de (1876), sendo a primeira tentativa de sistematizar a prática de construção de cabeçalhos de assunto, alterando substancialmente o modo de representar a informação documental em contexto de bibliotecas.

De modo geral, tal feito profissional exige, sobretudo, a definição e indagação “do que trata o documento?” (HUTCHINS, 1977). Para muitos o assunto retratado em um documento constitui algo sem maiores complicações, porém, para os entendedores da essência de representar a informação documental, refere-se a etapa mais importante e condicionante das demais nos contextos de informação. Esta elucidação baseia-se na necessidade da atribuição de assunto ser respaldada por questões de natureza ética e sócio-cultural, a fim de minimizar os ruídos que possam interferir ativamente nas construções de produtos e instrumentos documentais utilizados pelo profissional no processo informacional, com vistas a contribuir para a socialização da informação e do conhecimento nas diferentes esferas sociais.

Para Kobashi (1996), os estudos de representação da informação apresentam diferentes nichos teóricos e práticos, com maior ou menor ênfase em aspectos cognitivos, linguísticos e comunicacionais, enfatizando ora os domínios particulares de conhecimento e contextos de informação, ora a relação dos usuários com os repertórios informacionais. Tomando-se como base a particularidade no ato de determinar o assunto de um documento, observa-se em Mey (1995) a ideia dessa complexidade e subjetividade originalmente tecida por Wynar (1967)⁸⁷, na qual os livros, aqui entendidos de maneira global como qualquer tipo de documento, são:

[...] expressões escritas das idéias humanas e estas idéias podem ser expressas sob diferentes pontos de vista em diferentes níveis. Um assunto pode ser tratado em alguns livros ao nível popular, em outros, encontramos um tratamento científico. Muitos assuntos podem ser discutidos em um livro, ou um assunto pode ser discutido sob múltiplos aspectos. Os usuários podem também solicitar livros para diferentes finalidades e o tratamento de um assunto que satisfaça a uma categoria de leitor pode não satisfazer a outra.

A necessidade de sistematização do assunto suscita, inevitavelmente, uma gama de outras indagações inerentes ao tratamento temático da informação e que ainda permanecem imprecisas. Primeiramente, a necessidade de abordagens que cerquem o ‘assunto’ em Ciência da Informação e, inelutavelmente, venham suprir a falta de metodologias e definições concernentes a exploração temática, considerando-se o próprio vácuo do ‘assunto’ contido nos documentos. Em segundo lugar, tem-se como fator primordial uma preocupação efetiva em torno dos aspectos sócio-culturais atuantes no contexto e condicionantes dos produtos e serviços informacionais.

⁸⁷ WYNAR, B. S. *Introducion to cataloging and classification*. 3rd Ed. Littleton: Libraries Unlimited, 1967.

Não menos impactante estão às várias nomenclaturas que caracterizam o profissional responsável pela análise de assunto nos diferentes contextos de informação, as quais variam de acordo com o documento tratado e do tipo de contexto, conforme explicações anteriores. Assim, o processo da análise de assunto pode ser desenvolvido por indexadores, classificadores, resumidores ou catalogadores de assunto com responsabilidade profissional (DIAS, NAVES, MOURA, 2001).

Historicamente, Dias e Naves (2007) apontam que a análise de assunto torna-se foco do profissional catalogador de assunto⁸⁸. Apesar de extensa, julga-se relevante expor a seguinte fala com vistas a justificar tal atribuição, a saber:

As representações dos materiais bibliográficos foram por muito tempo reconhecidas por fichas catalográficas. A forma padrão de organização dessas fichas eram os catálogos. O profissional que elabora as fichas e organizava-as em catálogo passou a ser conhecido como catalogador. Por conseguinte, o catalogador é, historicamente, o primeiro nome utilizado para designar a pessoa que faz o trabalho de análise de assunto. Como a catalogação consiste tanto de dados descritivos, como de dados temáticos, com o tempo surge o termo catalogação de assunto [...] utilizado quando se queria especificar apenas esta parte do trabalho de catalogação. Logicamente, quando também se queria especificar o profissional que faz esse trabalho, passou-se a usar a expressão catalogador de assunto [...] (DIAS, NAVES, 2007, p.20).

A partir desses aspectos impactantes, a análise de assunto torna-se uma das atividades mais complexas nos contextos informacionais, uma vez que consiste na etapa mais importante do processo de tratamento temático da informação, em que ocorre a compreensão e a interpretação do conteúdo informativo do documento, sendo dependente da cognição profissional devido sua natureza subjetiva. Desse modo, o valor informativo dos documentos está sujeito à interpretação cognitiva dos significados.

Por sua vez, a análise de assunto consiste, basicamente, em derivar dos documentos “[...] um jogo de palavras que serve como uma representação condensada do mesmo. Essa representação pode ser usada para identificar o documento, fornecer pontos de acesso na pesquisa literária, indicar seu conteúdo, ou como substituto para o documento” (VICKERY, 1968, p.356).

Reafirma-se, portanto, que o trabalho do catalogador de assunto é desafiador, posto à incessante produção científica aliada a ativa interdisciplinaridade entre os domínios de

⁸⁸ Utiliza-se a nomenclatura “catalogador de assunto” em virtude da análise de assunto abordada nesta pesquisa ocorrer em contexto de bibliotecas universitárias.

conhecimento. Portanto, a análise de assunto é tida como um processo complexo por possuir caráter interdisciplinar em todas as suas fases, especialmente na leitura documental, na qual o leitor profissional introduz um sentido perceptivo e intelectual ao texto por meio de suas ações e capacidade subjetiva de interpretar (NAVES, 2001).

Neste ponto, ressalta-se que a realização da análise de assunto dá-se por meio de dois procedimentos: análise conceitual (processo de determinação intelectual do conteúdo documental) e; transação do resultado da análise conceitual dentro da moldura conceitual das listas de cabeçalhos de assunto/sistemas de classificação (TAYLOR, 1999). Verifica-se que uma vez identificados, os conceitos devem ser procurados na lista de cabeçalhos de assunto. Sobre isto, Sauperl (2002, p.07) aponta que tal entendimento “[...] parece racional e interessante, nesta direção, o catalogador ao utilizar-se de estratégias de catalogação, realiza com mais satisfação à análise de assunto do documento”.

Referente à primeira etapa, salienta-se que o ato de ler faz parte das atividades desempenhadas pelo profissional da informação, pois se trabalha predominantemente com a informação registrada, mesmo com o advento de novos suportes informacionais. A este respeito, Novellino (1996) expõe que a análise de assunto envolve a identificação de assuntos que não são explicitamente dispostos na estrutura textual de modo superficial em um documento, ou seja, não estão prontamente perceptíveis aos olhos do leitor profissional. Para tanto, “a compreensão do texto ocorre a partir do conhecimento de mundo e da familiaridade com os diversos tipos de textos, requerendo consciência semântica e pragmática de leitores mais proficientes” (NEVES, 2006, p.41).

Sob esta preocupação, em meados do século XX passou-se a enfatizar o processo de extração de assunto efetuado pela leitura documental. No tratamento temático da informação, a leitura documental pode ser considerada como o momento mais importante de todo o processo, visto que é a atividade pela qual o profissional realiza a análise de assunto. Fujita (2004, p.04) salienta que “a atitude do leitor frente ao texto, anteriormente vista como recepção passiva de mensagens, passou a considerar o processamento mental de informação da compreensão e evoluiu para uma perspectiva de interação entre leitor e o texto”.

A partir do exposto e sabendo que as investigações em torno do leitor profissional oferecem observações relevantes a respeito da mente humana e considerações para o aprimoramento dos procedimentos da análise de assunto pela abordagem sócio-cognitiva, parte-se para um aprofundamento em torno da cognição profissional no processo de

compreensão de leitura e de inferência como subsídios a identificação e seleção de conceitos em análise de assunto.

O processo de leitura documental caracteriza-se por dois elementos constituintes da operação, sendo eles o leitor e o texto. Deste modo, a leitura é um processo interativo em que o texto atua como agente vinculador entre o leitor e o autor, cuja interação ocorre no momento em que o leitor reconstitui a coerência textual estabelecida pelo autor por meio de processos cognitivos construídos para a sua compreensão. Assim, é o momento em que o leitor profissional utiliza-se dos conhecimentos prévios de mundo, de valores, de suas experiências; cuja bagagem pessoal, de característica única, possibilita a interação entre leitor-texto, atentando-se para o ponto de vista do autor, ou seja, a sua intencionalidade (CAVALCANTI, 1989).

Giasson (1993, p.21) defende a visão interacionista da leitura enquanto processo de comunicação e interação entre três variáveis, em que o texto-leitor-contexto é interligado e ambos influenciam na análise de assunto. Inevitavelmente, quanto maior a interação das variáveis durante a leitura documental, maior o nível de compreensão profissional em torno do assunto.

Nesta concepção, a variável **texto** representa a estrutura textual na leitura documental e contém as idéias do autor, em que o conhecimento textual faz parte do conhecimento prévio do leitor e propicia condições de compreensão quando o mesmo possui habilidade e familiaridade com as diferentes tipologias e estruturas textuais, o que facilita na busca pela compreensão do assunto. Entretanto, “a recepção da informação obtida do texto através da leitura dá-se de forma diferenciada de leitor para leitor, pela maneira de cada um atribuir sentido a seu conteúdo” (DIAS, NAVES, 2007, p.47).

Segundo Fujita (2003), o leitor profissional interage com o texto mediante o uso de estratégias metacognitivas e de seu conhecimento prévio, mantendo em mente o seu objetivo de representar o texto para futura recuperação, e também considerando as limitações da atividade e os objetivos do contexto de informação no qual está inserido. Contudo, a interação entre texto e leitor consiste numa amplitude de procedimentos coordenados e de operações perceptíveis, linguísticas e cognitivas, em que as características da estrutura textual fornecem importantes subsídios ao conhecimento do leitor, aumentando a compreensão do assunto abordado.

O leitor profissional interage com o documento ao realizar uma leitura compreensiva e dar sentido à estrutura textual, obtendo uma interpretação cognitiva do assunto. Sobre a compreensão, entende-se que o leitor apreende os significados mediatizados pelo texto e a eles incorpora seus próprios sentidos. Para Cintra (1987, p.31), “[...] o leitor que domina as superestruturas³ textuais, capta com mais facilidade as idéias centrais do texto, pois tem como parâmetro à identificação dos constituintes básicos”. Observa-se, portanto, que o conhecimento relacionado à estrutura textual proporciona ao leitor à localização precisa de conceitos válidos com intuito de identificar as informações relevantes.

Ademais, esclarece-se que a compreensão não depende apenas das características intrínsecas do texto, mas do conhecimento prévio compartilhado entre o autor e o leitor, em que o leitor possui em sua concepção uma representação de mundo e compreender um texto é relacionar elementos dessa representação, uma vez que “a atitude do leitor frente ao texto, anteriormente vista como uma recepção passiva de mensagens passou a considerar o processamento mental de informação da compreensão e evoluiu para uma perspectiva de interação entre o leitor e o texto” (FUJITA, 2004, p.02). Desse modo, a leitura é uma prática que visa dar sentido perceptivo e intelectual ao texto, em que neste contexto insere-se o leitor e sua capacidade subjetiva de interpretar. Assim, a segunda variável do processo de interação refere-se ao **leitor** munido de objetivos para a leitura documental.

O leitor munido de seu conjunto de suposições no momento da interpretação do enunciado é o elemento de maior influência e capaz de interferir no modo de representação documental. Sobre o comportamento do leitor, Kato (1985) apresenta dois tipos distintos de estratégias que o definem, sendo as estratégias cognitivas⁸⁹ (subconscientes e utilizadas durante a leitura fluida, ou seja, sem obstáculos) e as estratégias metacognitivas (ações conscientes do leitor mediante um problema – auxiliar no processo de compreensão). Cavalcanti (1989) afirma que as estratégias de leitura são percebidas no momento da ruptura da compreensão, ou seja, quando o leitor desacelera a leitura e torna-se cognitivo. Neste sentido, a cognição é uma ação e a aprendizagem é uma consequência da negociação entre sistemas e meio, em que não havendo a interação não há cognição.

Por fim, a variável **contexto** refere-se à análise de assunto em contextos de informação especializados e todos os elementos influentes no momento da leitura profissional. Desse modo, o contexto constitui “[...] todas as condições nas quais se encontra

⁸⁹ Os dois princípios que regem as estratégias cognitivas são: o princípio da canonicidade (aspecto sintático e semântico) e o princípio da coerência (busca da coerência textual).

o leitor quando entra em contato com um texto” (GIASSON, 1993, p.40). Na concepção de Van Dijk (1997) o contexto refere-se ao conjunto das propriedades da situação social, as quais são sistematicamente relevantes para a produção, compreensão ou funcionamento do discurso e de suas estruturas. Então, em leitura documental, o contexto representa não apenas o conhecimento prévio profissional e os objetivos da atividade em questão, mas também o próprio contexto de informação.

Para que o significado do conteúdo dos documentos seja o menos ambíguo possível, Pinto Molina (1993) diz que os documentos devem ser analisados de acordo com o contexto no qual estão inseridos, uma vez que tal variável tende a agregar valor em determinados conceitos, os quais passam a assumir novos significados apenas mudando-se o contexto de análise. Isto porque, o conceito somente assume sentido quando levado em consideração o contexto de situação, em que o leitor profissional deve ajustá-lo as suas decisões conforme a necessidade exigida pelo meio.

Constata-se, decorrente a essas afirmações, que as etapas de identificação e seleção de conceitos devem ser dirigidas para o processo de compreensão e investigadas sob a ótica de outros campos científicos, em que o estudo da leitura documental torna-se interdisciplinar quando considerado uma prática de dar sentido perceptivo e intelectual ao texto pelas ações do leitor profissional e sua capacidade subjetiva de interpretar, bem como das especificidades das tipologias textuais e do contexto informacional em que a análise de assunto ocorra.

Considerando esses argumentos, entende-se que a leitura deva permear a identificação e seleção de conceitos para que a qualidade da análise de assunto seja alcançada, pois a qualidade consiste na capacidade de reconstruir o assunto tratado no documento em conceitos para posterior recuperação pelo usuário no contexto de informação, sendo a etapa condicionante do processo de representação temática da informação. Portanto, é o momento em que o leitor profissional aborda o texto para realizar a análise de assunto.

Pode-se apontar, a partir das elucidações ora expostas, que a leitura e a compreensão textual com fins de construção de conhecimento estão diretamente enlaçadas às estruturas cognitivas e ao conhecimento prévio do profissional para o reconhecimento, assimilação e transformação da informação em conhecimento. Desse modo, as categorias cognição/conhecimento permeiam a trajetória lógica do profissional nas fases de tratamento e representação da informação. Quanto a esse fator, salienta-se que,

O ato de tratar tematicamente a informação envolve um bojo de processos cognitivos em todo o processo, seja em nível de compreensão textual, na composição representacional do conteúdo temático, quanto na atuação profissional, a qual é regida por esforços intelectuais e permeada por grande subjetividade, [...] o que torna seu trabalho complexo e desafiador (BORGES et al., 2003, p.14).

Como declarado por Neves (2006, p.42), “a questão da leitura e compreensão textual apontam para uma tendência de investigações sobre a importância do conhecimento prévio, as estratégias de transformação da informação em conhecimento e as variáveis textuais [...]”. Em detrimento, torna-se necessário que o catalogador de assunto compreenda os processos cognitivos em leitura documental, enquanto elementos influentes na análise de assunto, posto que o aspecto atuante na compreensão da leitura de maior relevância refere-se ao conhecimento prévio e sua influência tanto na formação, quanto na prática profissional.

Observa-se que no âmbito da Organização e Representação do Conhecimento, a análise e a identificação de conceitos por meio da leitura documental possuem cunho sóciocognitivo. Logo, não é um processo sistemático de etapas consecutivas, mas uma estratégia de leitura⁹⁰ em análise de assunto, ou seja, um processamento mental de informações que depende do conhecimento prévio, sendo composto de habilidades operatórias de pensamento.

A abordagem cognitiva de leitura procura desvendar os processos cognitivos subjacentes a esta habilidade. Sobre isto, Salles e Parente (2002, p.323) expõem que os processos básicos da leitura como a identificação de letras, reconhecimento de palavras, acesso ao significado, integração sintática e semântica são requisitos necessários, mas não suficientes, considerando-se que “uma compreensão textual bem sucedida exige processos cognitivos de alto nível, como capacidade de realizar inferências, habilidades linguísticas gerais, habilidades de memória, conhecimento de mundo [...]”, que juntos contribuem e condicionam para a construção de uma representação macroestrutural do texto.

Logo, a interpretação do conteúdo do documento exige do leitor profissional um processo cognitivo (REED, 1992), conforme a seguir:

⁹⁰ Para Lancaster (2004) esta atividade é um misto de ler e passar os olhos pelo documento de maneira estratégica. Por conseguinte, o processo de leitura documental difere-se da leitura comum.

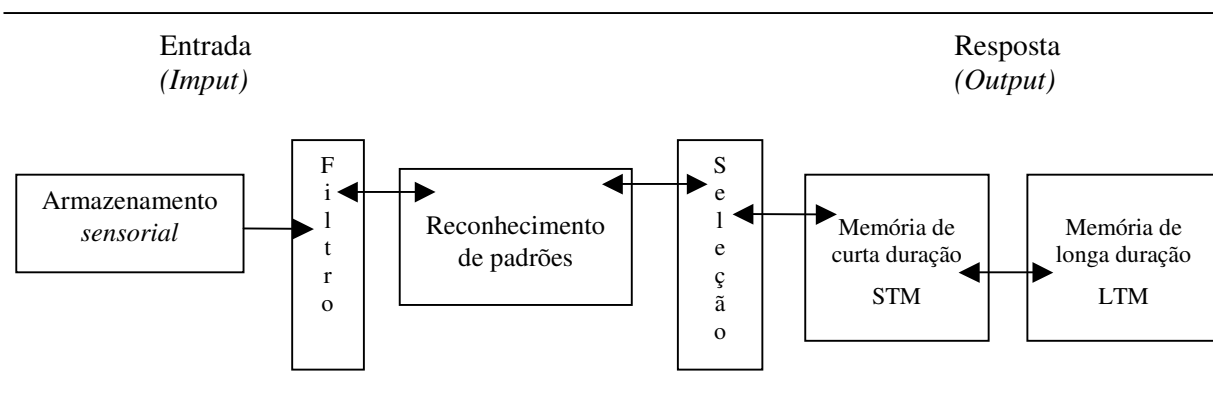


FIGURA 3: Estágios do modelo de processamento cognitivo da informação.

Fonte: REED (1992, p.05).

Em vista disto, torna-se necessário que haja por parte do leitor profissional uma real interação com o documento ao realizar uma leitura compreensiva, obtendo uma interpretação não apenas descritiva, mas cognitiva dos significados. Ressalta-se ainda que o processo de compreensão ocorre pela codificação semântica e episódica, aquisição de vocabulário e representações mentais, em que a junção destes elementos compreende na criação de modelos mentais. Portanto, na análise de assunto à compreensão do texto dá-se por meio de processos cognitivos realizados com base em esquemas mentais, os quais são considerados como representações de padrões ou regularidades mais gerais que ocorrem na experiência do sujeito.

Evidencia-se que os esquemas mentais são “[...] estruturas cognitivas relacionadas a um conjunto de conhecimentos armazenados em seqüência temporal ou causal, em que são mantidos os conjuntos de características dos objetos e seres que nos rodeiam” (NEVES, 2006, p.41), cujos modelos mentais são determinados culturalmente e aprendidos a partir da vivência do sujeito em sociedade. Em suma, esses esquemas referem-se ao leitor munido de seus conhecimentos e atitudes, e os processos cognitivos constituem as ações realizadas pelo leitor durante a leitura.

Portanto, os processos cognitivos utilizados pelo leitor durante a leitura documental são: conhecimento sobre a estrutura textual com vistas à identificação de informações relevantes; conhecimento prévio sobre o assunto/temática do texto; bem como a recuperação de esquemas⁹¹ de compreensão que permitem ao profissional inferir sobre o

⁹¹ No desenvolvimento do processo, o leitor profissional constrói vários e distintos esquemas que tendem a formar combinações que originam estruturas cognitivas, que por sua vez traduzem uma forma particular de equilíbrio na interação do sujeito com o ambiente do contexto. Assim, esses esquemas são armazenados em sua

assunto abordado, relacionando as diversas partes textuais num todo coerente para realizar a análise de assunto, uma vez que são eminentemente formados a partir da experiência de vida (SILVA; FUJITA, 2004). Inevitavelmente, o leitor profissional realiza um processo cognitivo de compreensão e interpretação do conteúdo documental e associação de significados com diferentes abordagens: a do texto, a do contexto de informação e a do conhecimento prévio.

Neste entremeio, salienta-se que o conhecimento prévio é um elemento essencial para o leitor profissional durante o processo de leitura para que haja a sua compreensão, uma vez que a compreensão é produto da interação entre o conhecimento prévio e o novo conhecimento (BORBA, 2003). Assim, a construção do conhecimento dá-se por processos de reflexão que permitem a identificação dos próprios limites. Acresce que o novo conhecimento “[...] não seria simplesmente absorvido pela mente humana, através de uma simples leitura ou explicação, mas aconteceria uma fusão entre o conhecimento prévio do leitor, com o conhecimento adquirido com a leitura, formando assim o novo conhecimento” (RUMELHART, 1977, p.17).

Salienta-se que o conhecimento prévio profissional dotado de estratégias de leitura documental é visto como uma condição mental de todo leitor. Sabe-se que tal fator somente é revelado em situações tidas como necessárias, dentre estas o momento da leitura em que são acionadas estratégias⁹² distintas para monitorar a compreensão do significado textual. Em síntese, o conhecimento prévio ou cognição profissional refere-se à representação mental do leitor, a qual propicia maior facilidade do processo de leitura ao trabalhar com o conhecimento linguístico, conhecimento enciclopédico, conhecimento da situação comunicativa e de suas regras, conhecimento superestrutural, conhecimento estilístico e conhecimento de outros textos, conhecimento de mundo e experiências acumuladas no decorrer da vida – todos utilizados como estratégias pelo catalogador de assunto no momento da descrição temática (KOCH, 2002, p.24).

Concernente a eficácia do contexto de informação, Langridge (1989) afirma que “nenhum sistema de recuperação da informação pode ser melhor que a análise de assunto que nele é realizada”. Esta ideia também é compartilhada por Dias (2004) ao expor que a

memória, formulando hipóteses que o ajudarão na compreensão do assunto do documento, sendo uma espécie de conceitos práticos, decorrentes de algo generalizável a partir da leitura documental.

⁹² No limiar do processo, vale observar que na estratégia ascendente (*botton up*), o leitor vai extraindo linearmente dos símbolos impressos no texto o significado, caminhando das partes para o todo e; na estratégia descendente (*top down*), o leitor volta-se para o seu conhecimento prévio, fazendo generalizações e predições.

qualidade dos produtos informacionais vai depender, principalmente, da competência com que a análise de assunto for realizada.

Segundo Albrechtsen (1993), a determinação do assunto do documento, fator de maior impacto no tratamento temático da informação, faz-se por meio de três diferentes concepções de análise de assunto, sendo estas a concepção simplista, concepção orientada para o conteúdo e concepção orientada para a demanda, as quais afetam o desempenho profissional⁹³ por estarem diretamente relacionadas com os objetivos institucionais e, inevitavelmente, com os objetivos específicos do sistema de recuperação da informação, a saber:

Concepção simplista vê os assuntos como entidades absolutas objetivas que podem ser derivadas como abstrações lingüísticas diretas de documentos ou resumidas. De acordo com esta concepção, a indexação pode ser totalmente automatizada. A concepção simplista de análise de assunto vê os assuntos como abstrações diretas dos documentos.

Concepção orientada ao conteúdo envolve uma interpretação dos conteúdos dos documentos que vão além do léxico e algumas vezes da estrutura superficial gramatical. Baseia-se tanto nas informações explícitas quanto nas implícitas presentes nos textos.

Concepção orientada à necessidade vê as entradas de assunto como instrumentos para a transferência de conhecimento. De acordo com esta concepção, os documentos são criados para a comunicação do conhecimento, e as entradas de assunto deveriam ser feitas para funcionar como instrumentos para mediar e traduzir este conhecimento visível para quaisquer pessoas interessadas (ALBRECHTSEN, 1993, p.220, grifo nosso).

Assim, a concepção orientada ao conteúdo baseia-se tanto nas informações explícitas⁹⁴ quanto nas informações implícitas presentes no texto, na qual o catalogador de assunto considera o contexto do documento e a concepção orientada a necessidade ou à demanda “[...] considera os dados do assunto como instrumentos de transferência do conhecimento, apontando um encontro pragmático da informação ou do conhecimento” (FUJITA, 2003b, p.44), ou seja, contribui na transferência e na disseminação da informação documental ao priorizar os usuários. Contudo, ambas as concepções são complementares.

⁹³ Salienta-se que o objetivo profissional tem relação entre a prática da análise de assunto e a concepção de análise assumida, com orientação do sistema de informação ao qual ele está inserido. Logo, o uso de estratégias profissionais relaciona-se ao tipo de concepção assumida pelo leitor profissional no momento da leitura documental.

⁹⁴ Por informações explícitas entende-se a informação que foi expressa na terminologia aplicada pelo próprio produtor do documento.

Notadamente, a análise de assunto está vinculada com a formação educacional do catalogador de assunto enquanto leitor profissional e com a postura e objetivos do contexto de informação. Referente a atuação profissional, Albrechtsen (1993) realiza indagações sobre a responsabilidade que percorre a ação do leitor profissional ao “[...] julgar e mediar às qualidades de um documento para usuários potenciais”. De outro modo, escolher a objetividade das informações contidas no documento que posteriormente, tendem a refletir na qualidade do produto informacional.

Neste cenário, expõe-se que à influência profissional ocorre por meio de fatores inerentes ao funcionamento da mente humana, sendo eles:

[...] **subjatividade** (diferentes indivíduos criam diferentes figuras ou idéias de uma mesma informação externa, por causa de suas inclinações pessoais e afetivas, que certamente interferem no trabalho por eles desenvolvido), o **conhecimento prévio** (se refere ao estoque de conhecimento armazenado na memória do indivíduo, assimilado e adquirido em suas vivências) e a **formação e experiência** (um mínimo de conhecimentos da área em que se está indexando (NAVES, 2001, p.191, grifo nosso).

Tal etapa envolve além de um alto grau de subjatividade, responsabilidade por parte do leitor profissional, advinda a partir de uma sólida formação educacional e experiências cotidianas. Isto porque ao ser o profissional responsável pela análise de assunto em contexto de bibliotecas universitárias, ao catalogador de assunto é creditado o resultado final – o sucesso ou insucesso na recuperação da informação. Sendo assim, observa-se que os problemas existentes no processamento e representação da informação podem e devem ser investigados em uma abrangência maior pelo domínio do processo de conhecer, especialmente ao ser incorporado o enfoque multifacetado de novos conhecimentos às técnicas de tratamento temático da informação.

Sob essas explanações, verifica-se que o conhecimento prévio/cognição profissional faz parte do contexto sóciocognitivo enquanto uma representação mental do leitor. Portanto, torna-se importante considerar a visão teórica de Hjørland (2002a) quanto à proposta de interação entre o sujeito e o ambiente social/organizacional por dois aspectos: o tratamento temático da informação é, sobretudo, um processo intelectual que depende da cognição e; o domínio do contexto faz-se necessário para que a identificação e seleção de conceitos abarquem as necessidades dos usuários e do contexto de enunciação.

Porém, a abordagem sóciocognitiva carece de investigações na esfera da atuação profissional, considerando-se que o processo cognitivo e o ambiente institucional são fatores

que influenciam diretamente o tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias. Outro fator que assegura a importância dessa nova abordagem investigativa decorre pela complexidade do processo, especificamente no que tange à etapa da análise de assunto.

As pesquisas em análise de assunto tendem a identificar os padrões de processamento dos catalogadores de assunto, objetivando-se auxiliar no aperfeiçoamento desses instrumentos (DIAS; NAVES, 2007). Nestas pesquisas, busca-se identificar as estratégias capazes de extrair de um documento o seu assunto, em outras palavras, focam o processo em si. Em seu estudo, Dias (2001) apresenta algumas linhas de investigações e ressalta a sequência cronológica estabelecida por Pinto Molina (1994), denominada de analítico-sintético-textual, a qual descreve o processo da análise de assunto nos seguintes estágios consecutivos: estágio da leitura e compreensão; estágio da inferência (interpretação) e; estágio da síntese. Outra vertente de estudo foca a perspectiva do usuário, assim sendo, visa colocar o usuário no centro das preocupações da área. Por outro lado, compreende-se muito pouco sobre as ações do leitor profissional e sua influência no resultado final do processo de tratamento temático da informação devido à carência de pesquisas que explorem o catalogador de assunto com base na abordagem sócio-cognitiva.

Concernente a esfera profissional, tem-se na literatura especializada as pesquisas de Chu e O'Brien (1993) e de Naves (2001), cujo objetivo foi identificar possíveis obstáculos enfrentados pelos profissionais. Outra linha de investigação centra-se no momento da leitura, cujos principais estudiosos são Farrow (1991); Fujita (1999) e Neves (2006) que buscam compreender os processos realizados pelo leitor durante a leitura documental em sua atividade profissional. Por sua vez, o contexto sócio-cognitivo é abordado notadamente no Brasil nas pesquisas de Fujita (2004-2006a, 2007b); Dal' Evedove (2007); Rubi et al., (2007); Gonçalves (2008); Rubi (2008); Dal' Evedove e Fujita (2008) e Fujita, Rubi e Boccato (2009), as quais arrolam investigações centradas nos profissionais e usuários, com fins de verificação das preferências e opiniões, identificando as dificuldades e os procedimentos utilizados no momento do tratamento, representação e no uso de serviços de recuperação da informação. Entretanto, expõe-se que as pesquisas sobre este aspecto são muito subjetivas, pois lidam com características sócio-cognitivas atuantes em contextos específicos, verificando a percepção de valor da informação por profissionais e usuários.

Ratificando a necessidade deste enfoque investigativo, ressalta-se que o presente estudo retorna a atenção para os aspectos sócio-cognitivos do profissional, na tentativa de

mensurar o verdadeiro impacto de suas ações particulares cotidianas desempenhadas no tratamento temático da informação, atrelando as características sócio culturais do contexto informacional, bem como na relação desses fatores com o sucesso ou fracasso da recuperação da informação. Tal ênfase respalda-se na necessidade de “[...] refletir sobre o fazer profissional e sobre o ‘eu’ diante de um mundo uno, somatório da objetivação e da subjetivação” (VARELA, 2008, p.23) que permeia o tratamento temático da informação em ambiente específico.

À vista do exposto, salienta-se que as ações subjetivas do profissional no momento da análise de assunto refletem diretamente na recuperação do documento nos contextos de informação. Logo, as dificuldades enfrentadas pelos catalogadores de assunto, especificamente no momento da representação documental, carecem de uma reflexão maior no que tange a vinculação profissional em contextos de informação especializados.

Neste ponto, o que se passa a descrever nas próximas páginas diz respeito à possibilidade de abordar sócio cognitivamente a atuação profissional no tratamento temático da informação, uma vez que as pressuposições geradas no seio desta abordagem ampliam, sobremaneira, o debate acerca de uma atuação profissional ancorada na realidade do contexto informacional.

3.3 Síntese do capítulo

Neste capítulo apresentou-se um breve panorama conceitual do tratamento temático da informação no âmbito da Organização e Representação do Conhecimento. Inicialmente, expôs-se a evolução e consolidação do tratamento temático da informação com fins de cientificidade, a partir das vertentes teóricas e da compreensão de suas diferentes operações. Posteriormente, elucidou-se a sistematização dos procedimentos da catalogação de assunto e indexação; bem como os princípios subjacentes da análise de assunto, enquanto etapa subjetiva do processo.

Em suma, percebeu-se que:

- Na área de Organização e Representação do Conhecimento a análise documental configura-se em duas concepções: integradora e restringida;

- O tratamento temático da informação consolidou-se a partir das vertentes da *subject cataloging* (abordagem pragmática cujo produto é o catálogo), *indexing* (abordagem de cunho mais teórico, na qual o índice é o produto) e da *analyse documentaire* (processo de representação e geração de produtos documentais de natureza interdisciplinar);
- A interdisciplinaridade fornece subsídios teóricos ao tratamento temático da informação, o que tende a contribuir para a representação da informação documental;
- A falta de delimitações conceituais nas operações de tratamento temático da informação causa problemas de ordem prática;
- As diferentes operações de representação da informação estão intimamente relacionadas, uma vez que geram subprodutos documentais com fins de recuperação temática;
- Todas as operações e etapas do tratamento temático da informação são necessárias nos diferentes contextos de informação com intuito maior de prover e facilitar o acesso informacional;
- Apesar da catalogação de assunto e a indexação serem operações próximas no que tange conceitos e processos, diferenciam-se nos produtos e na prática profissional;
- Necessidade de delimitar o significado conceitual e as utilizações práticas da catalogação de assunto e indexação nos diversos contextos informacionais, objetivando-se evitar as ambiguidades e imprecisões, bem como carência de delimitação do escopo investigativo de cada operação no âmbito do tratamento temático da informação;
- Em contexto de bibliotecas universitárias o tratamento temático da informação é realizado apenas pela catalogação de assuntos. Talvez, uma das explicações menos insatisfatórias para isto esteja ligada aos resultados comuns entre a catalogação de assunto e a indexação, resultantes da análise de assunto;
- Necessidade de uma sistematização metodológica que sustente o processo numa base mais científica e menos fruto do bom senso profissional e;
- O uso do bom senso profissional no processo de tratamento temático da informação evidencia a necessidade de sistematizar uma política de tratamento da informação documental específica para cada contexto informacional.

A partir disto, segue-se para uma explanação da perspectiva sóciocognitiva atuante nas ações profissionais em contextos informacionais. Ademais, julga-se relevante

elucidar sobre as influências no tratamento temático da informação advindas das ações profissionais alicerçadas no contexto sócio-cultural das bibliotecas universitárias.

CAPÍTULO 4

ATUAÇÃO PROFISSIONAL ANCORADA NA REALIDADE DO CONTEXTO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS EM PERSPECTIVA SÓCIOCOGNITIVA

“Nossas realizações vêm de coisas simples e de feitos complexos. Nascermos e renascemos como crianças todo dia, e tudo que é novo deve ser explorado pelo início, engatinhando, para que evoluções sejam condizentes com amadurecimentos e objetivos pessoais e profissionais. Não conseguimos mudanças só pensando nelas, para tudo existirá um dia aonde terás que enfrentar os medos para descobrir, não àquilo que te completa, mas o que te ausenta.”

S. Dal Sasso

Neste momento, parte-se para uma exposição da perspectiva sócio cognitiva que permeia as ações desempenhadas pelos profissionais no tratamento temático da informação, especificamente atrelada a biblioteca universitária, objetivando-se apontar as características influentes mais representativas presentes no referido contexto de atuação profissional.

A missão⁹⁵ social do profissional da informação é atuar como elo entre as informações constantemente difundidas nos mais diversos suportes e o usuário, ser ativo em torno da busca por novos conhecimentos. Em outras palavras, facilitar o acesso informacional pela e para a sociedade, com fins de promoção e socialização do conhecimento. Tal elo entre a informação e o usuário exige do profissional além de técnicas e habilidades específicas um compromisso ético com a sociedade, posto que ao mediar a informação e permitir sua socialização o ser da anuência ao que é realmente necessário em seu ofício de ‘guardião informacional’.

Para tal feito, a necessidade de informação deve ser respaldada pelo pragmatismo como concepção epistemológica, uma vez que a manifestação das necessidades de informação dá-se mediante processos cognitivos dos sujeitos associados a contextos histórico, social e cultural, devido à função social da Ciência da Informação de compreender o homem nas suas relações individuais e coletivas. Dito de outro modo, a Ciência da Informação põe “a ênfase no ser humano e na sociedade como um todo, e todas as suas formas de pensar, conhecer, agir e comunicar” (SHERA, 1973, p.90).

⁹⁵ Sobre isto, pode-se perfeitamente aludir que a missão seja “[...] a consciência que cada homem tem de seu mais autêntico ser, daquilo que está chamado a realizar. A idéia de missão é, pois, um ingrediente constitutivo da condição humana [...]” (ORTEGA y GASSET, 2006, p.07).

Na perspectiva do profissional, essa vertente decorre da mente humana suportar as capacidades cognitivas necessárias a sua sobrevivência e ao seu bem-estar, bem como por conferir-lhe a capacidade de exibir uma identidade e de agir como um todo coerente em contextos específicos, uma vez que os processos sociais e culturais participam ativamente do desenvolvimento de habilidades cognitivas individuais.

Considerando que o tratamento temático da informação consiste numa operação mental associada diretamente ao desempenho profissional, a construção dos métodos e instrumentos não deve basear-se apenas nos processos cognitivos residentes na mente humana, mas, sobretudo, em regras socialmente construídas (FROHMANN, 1990). Desse modo, no âmbito do tratamento temático da informação e dos sistemas de recuperação da informação torna-se cada vez mais eminente que as investigações de cunho cognitivo cerquem questões relativas à natureza das estruturas de conhecimento compartilhadas e todas as atividades subsequentes de organização e representação da informação e do conhecimento.

Valendo-se de que “o conhecimento constrói-se em um movimento contínuo de equilíbrio entre a aprendizagem duradoura e as aquisições decorrentes da experiência” (VARELA; BARBOSA, 2007), o contexto torna-se uma variável importante no tratamento temático da informação com fins de recuperação da informação, uma vez que reflete as experiências profissionais e as necessidades próprias dos usuários.

Assim, este novo olhar investigativo,

[...] permite compreender os fenômenos da prática científica como um intrincado espaço social formado por instituições e sujeitos individuais que dependem das relações construídas com os outros para sua manutenção. O conhecimento científico transforma-se em uma das expressões da cognição humana em um ambiente social, sua aceitação compete com outras formas de conhecimento também válidas e necessárias [...]. Com isso não há um mundo objetivo além do sujeito, mas sim condições sociais que conduzem a produção do conhecimento aceito (ALMEIDA; BASTOS; BITTENCOURT, 2007, p.70-71).

Sobre isto, Hjørland (1997, 2002b) esclarece que por ser um processamento intelectual de informações o tratamento temático da informação depende, necessariamente, dos processos cognitivos. Contudo, na concepção do referido autor torna-se necessário o domínio do contexto físico, abordando todas as condições de infra-estrutura física e material do contexto de informação; do contexto psicológico referente às condições do leitor, seus

interesses, motivação e objetivo de leitura e; do contexto sóciocognitivo que envolve o conhecimento prévio ou cognição do leitor profissional.

Os processos cognitivos há tempos adquirem uma ressonância predominante nos processos de organização e representação da informação. No entendimento de Goldmann (1973), o ato ou ação de entender uma determinada informação significa que, primeiramente, o sujeito a considerou como uma totalidade relativa (estrutura) para em seguida submetê-la a uma operação mental que verificou a função e suas partes constitutivas (dependências internas). Todavia, as necessidades atuais oriundas de uma sociedade incansável por informações e conhecimentos despertam uma nova perspectiva de se pensar a realidade, a qual incide numa postura que parta do profissional da informação inserido em contextos específicos de atuação, com intuito de refletir sóciocognitivamente o processo de tratar e representar as informações documentais.

Por conseguinte, o contexto sóciocognitivo constitui a interação entre processos cognitivos, de modo que os conhecimentos de diversas origens do profissional sejam parcialmente compartilhados (KOCH, 2002). A pertinência de tais indicações baseia-se na importância preponderante do contexto durante a leitura documental ao fixar os objetivos e delimitar o desempenho profissional. Em consonância, o contexto sóciocognitivo inclui todos os tipos de conhecimentos armazenados na memória denominada de “actantes sociais” que são utilizados durante um intercâmbio verbal.

O principal ganho advindo pela ótica sóciocognitiva decorre, principalmente, pelo fato de que,

A prescrição sóciocognitiva supõe que a mente humana elabora e padroniza universos de experiência enquanto interage com o ambiente externo, e esta capacidade é o pré-requisito essencial para o desenvolvimento da inteligência e a aquisição de novos conhecimentos com base em outros já existentes (GERHARDT, 2006, p.1186).

A preocupação em torno do contexto sóciocognitivo reside, especialmente, na busca por identificar as preferências e analisar as opiniões dos profissionais e usuários no momento do processamento e representação documental e no uso de serviços de busca e recuperação da informação, pois “a articulação com os diversos agentes do fluxo e do ciclo da informação é outro cuidado imprescindível para se evitar desperdícios e lacunas” (CIANCONI, 1991, p.207).

Esse cenário é ratificado cientificamente com os estudos de Fujita (2004-2006a, 2007b); Rubi et. al., (2007); Rubi (2008); Gonçalves (2008); Dal' Evedove e Fujita (2008) e Fujita, Rubi e Boccato (2009). Nesta gama de investigações, a principal crítica é tecida a adoção de modelos cognitivos individualistas para a construção de sistemas de recuperação da informação (BELKIN, 1980; INGWERSEN; 1996, 1999, 2002), partindo para uma dimensão teórico-metodológica na adoção de um modelo qualitativo com abordagem coletivista, a qual envolva os processos cognitivos do sujeito associado ao contexto histórico, social e cultural mais amplo (FROHMANN, 1990; HJØRLAND, 1997, 2002b). Neste sentido, acredita-se que a abordagem sóciocognitiva atue como componente capaz de subsidiar investigações de tratamento e recuperação da informação documental considerando uma realidade mais representativa dos profissionais e usuários de contexto de informação.

Assim, as necessidades informacionais do profissional durante o processamento e representação da informação e do usuário no momento de busca são entendidas de fora para dentro, uma vez que o meio influencia e contribui para a construção dessa necessidade, refletindo no interesse real de informação. Desse modo, as necessidades informacionais passam a serem representadas por meio dos modelos de mundo individuais, porém associados a uma concepção de mundo, ou seja, o modelo sóciocognitivo atua como elemento imprescindível para a construção do próprio conhecimento e, paralelamente, da informação com valor social agregado, sendo este o principal ganho investigativo.

Por ser um processo intelectual que visa compreender o valor informativo⁹⁶ do texto com fins de representação do documento, o contexto passa a ser considerado um elemento norteador das ações profissionais, uma vez que estabelece e delimita as funções profissionais em ambientes institucionais, especificamente em bibliotecas universitárias. Registra-se, com isso, que o contexto atua como elemento intermediador entre a situação real da biblioteca universitária e os processos cognitivos que permeiam a atividade de leitura documental, norteadora pelas concepções de análise de assunto utilizadas pelo catalogador de assunto.

⁹⁶ No entendimento de Buckland (1991), o valor informativo relaciona-se intrinsecamente com algo que o sujeito cognoscente atribui a alguma coisa no momento do processo de interpretação, o que denota a sua pré-compreensão. Assim, a concepção de “informação como coisa” é usada para designar objetos, dados, documentos revestidos de conhecimento, o qual é representado materialmente com vistas a ser considerado informativo, sendo essa representação necessariamente tangível. Não obstante, a visão do referido autor sobre “informação como coisa” “[...] desconsidera a construção social dos processos informativos, como um componente essencial da constituição das necessidades dos sujeitos, dos arquivos de conhecimentos e dos esquemas de produção, transmissão, distribuição e consumo” (ALMEIDA; BASTOS; BITTENCOURT, 2007, p.84).

A este respeito, Fujita, Rubi e Boccato (2009) apontam que a abordagem sóciocognitiva “[...] tem como foco o sujeito que realiza uma determinada atividade e sua cognição em relação ao seu contexto de produção”. Tal enunciado demonstra que o contexto sóciocognitivo torna-se fundamental no tratamento temático da informação, especificamente em análise de assunto, visto que esta condiciona os resultados da estratégia de busca⁹⁷ e da recuperação da informação.

A convergência das trajetórias cognitivas entre o profissional que elabora o esquema de representação e o usuário que o codifica/decodifica no momento da busca da informação pode ser explicitado na figura abaixo, a qual demonstra que a recuperação torna-se possível no instante em que as estratégias do profissional e a dos usuários se aproximam e se relacionam.

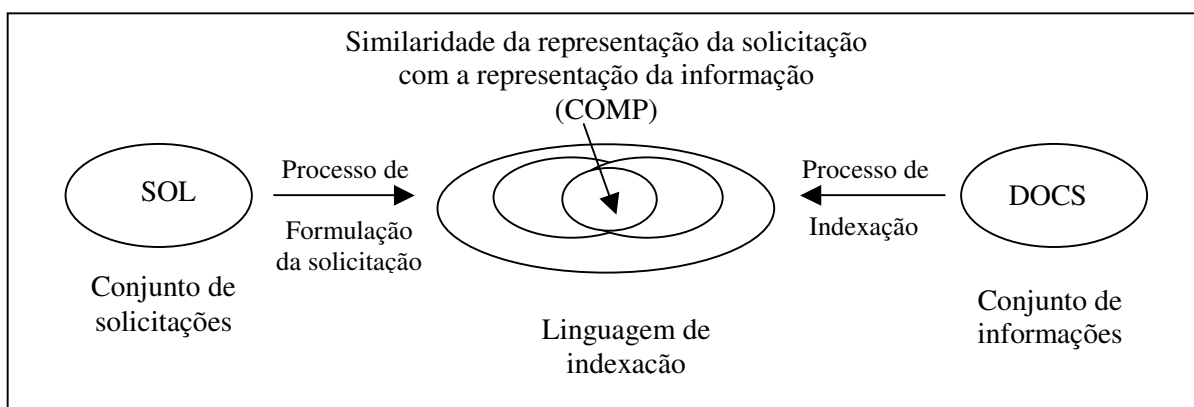


FIGURA 4. Esquema funcional de um Sistema de Recuperação da Informação.
Fonte: KURAMOTO (2006, p.120).

Neste sentido, o ato de tratar e representar de modo temático o estoque de conhecimentos acumulados constitui um dos mais importantes parâmetros do profissional da informação. Para tanto, o profissional antecede, cognitivamente, “[...] a trajetória lógica com a qual o usuário organiza seu pensamento para pesquisar a informação”, em que a cognição atua como conhecimento relevante para a questão do processo de organização da informação ao ampliar a compreensão profissional sobre “[...] a trajetória lógica do usuário no processo de busca da informação e da construção dos meandros da cognição na apreensão do conhecimento” (VARELA; BARBOSA, 2007, p.117). Sob este prisma, o processo de

⁹⁷ Conceitualmente, a estratégia de busca refere-se a uma “[...] técnica ou conjunto de regras para tornar possível o encontro entre uma pergunta formulada e a informação armazenada em uma base de dados” (LOPES, 2006, p.42).

tratamento temático da informação deve ser visto como uma etapa chave para a recuperação e transferência da informação.

Verifica-se, portanto, que o tratamento temático da informação e a recuperação da informação são faces de uma mesma moeda, ambas perpassadas pelas teorias cognitivas, fundamentais para o processo de construção e desconstrução do conhecimento, pois os conceitos atribuídos pelo profissional “[...] servem como pontos de acesso mediante os quais um item é localizado e recuperado, durante uma busca por assunto num índice publicado ou numa base de dados eletrônica” (LANCASTER, 2004, p.06).

Um dos entendimentos mais consolidados em Ciência da Informação respalda-se na função mediadora do profissional da informação, a qual prima pela melhoria da qualidade dos produtos e serviços informacionais, com objetivo de geração de conhecimento. Todavia, uma das lacunas de maior impacto na atuação dos profissionais, especificamente dos catalogadores de assunto decorre da falta de nortes metodológicos que satisfaçam as necessidades profissionais na busca por resultados mais satisfatórios no momento do processo de tratamento temático da informação e que venham, naturalmente, diminuir as variações de resultados, uma vez que cada profissional possui percepções⁹⁸ diferentes sobre o mesmo documento. Isso acarreta níveis de avaliações diferenciados, dependendo do profissional sobre a mesma realidade, cujas variações podem comprometer o nível da qualidade dos produtos gerados, como também a resposta às expectativas dos usuários do contexto de informação.

Cabe mencionar que a falta de procedimentos metodológicos que contemplem todo o fazer profissional no que tange as operações de tratamento temático da informação resulta em disparens nos produtos finais e prejudica diretamente a busca e recuperação da informação. Sobre isto Hutchins (1977, p.01) lembra que não é necessário entender como os profissionais “[...] chegaram a uma descrição particular do conteúdo de um documento, tudo que importa é se permite aos usuários encontrar o documento quando requerido”, posto que a realidade exige que o propósito final seja conhecido, sem mesmo haver uma clareza quanto ao processo. Todavia, o referido autor alerta que até poderia haver uma satisfação sob este viés, porém, esta seria superficial devido à consciência profissional sobre a ineficiência da maioria dos instrumentos.

⁹⁸ O fenômeno da percepção é um processo relativo ao percurso mental da informação ou como uma teoria de tratamento da informação (FORTIN; ROUSSEAU, 1998).

Ademais, a atuação profissional não pode ser superficial, com fins apenas de recuperação da informação como meta maior, mas deve debruçar sobre a confiabilidade dos resultados, valendo-se da tríplice profissional-usuário-contexto, bem como de todas as formas de relações e completudes.

De acordo com Neves (2006), um dos objetivos da Ciência da Informação é promover novos estudos que permitam o aprimoramento e promovam conexões entre contextos de informação e sujeitos na busca pela informação. Enquanto campo científico, a Ciência da Informação volta-se para os estudos de fenômenos subjacentes a produção, circulação e uso da informação nos diferentes contextos e domínios, cuja finalidade desses estudos respalda na “[...] criação de instrumentos e [no] estabelecimento de metodologias que viabilizem a transferência de informações” (NOVELLINO, 1996, p.37). Deve-se, portanto, considerar as formas específicas do documento, o usuário e o contexto de informação no estabelecimento de parâmetros metodológicos com fins de tratamento temático da informação, para que estejam comprometidos com a sociedade.

A preocupação em torno de métodos e instrumentos eficazes que garantam a qualidade do produto informacional gerado em contextos específicos e do acesso informacional respalda-se, sobretudo, no meio acadêmico e profissional. Um voltado para estudos relativos a representação da informação documental, o outro, responsável por aplicar na prática cotidiana tais conceitos e procedimentos metodológicos. Isto porque “as técnicas e os procedimentos usados [pelos profissionais] são ou deveriam ser baseados nos resultados teóricos da Ciência da Informação, e em contra partida, os teóricos deveriam estudar as técnicas e os procedimentos aplicados na profissão” (BORKO, p.02, 1968).

Presume-se, portanto, que teoria e prática devam estar constantemente interconectadas, com fins de troca e garantia de repercutir com satisfação as exigências atuais. Tal elucidação respalda-se na crença de que a teoria e a prática profissional estão inexoravelmente relacionadas, em que um alimenta o trabalho do outro (BORKO, 1968). Para tanto, o profissional deve compreender a importância de suas ações cotidianas desempenhadas em contexto específico e repercutidas, inevitavelmente, no usuário final.

No que tange a pesquisa do tratamento temático da informação sob a perspectiva profissional, deve-se considerar o comportamento e características inerentes durante a realização do processo, sendo este altamente subjetivo, pois os conceitos abstraídos são

fenômenos de natureza subjetiva, sendo informativos de acordo com o contexto de enunciação.

Sobre isto, Hjørland (2002b, p.431) advoga que:

[...] não podemos esperar aprender sobre nossa própria profissão estudando o comportamento de não-profissionais, entretanto, podemos [e devemos] obter suas análises sobre preferências, percepções, dificuldades e procedimentos acerca do uso de serviços de informação para compará-los com resultados de outras pesquisas que visam à compreensão do contexto.

Atualmente, uma das preocupações da Ciência da Informação respalda-se na utilização do bom senso profissional. Tal atitude, inevitavelmente, acaba, muitas vezes, incidindo preconceitos, valores e opiniões pessoais dos profissionais sobre determinado assunto, o que resulta na qualidade do produto gerado. Doravante, sendo um ser ideológico e culturalmente⁹⁹ social, o aspecto da neutralidade dificilmente será zelado, pois “sendo a linguagem intrinsecamente comprometida com o cultural e ideológico, tanto o processo de produção do texto, quanto o de recepção não se isentam destes componentes. E é esse comprometimento que garante o caráter interativo da leitura” (CINTRA, 1989, p.31).

Então, percebe-se que por mais ético e comprometido com a eficácia da recuperação documental, inevitavelmente o profissional acaba por interferir direta ou indiretamente nos produtos informacionais. Uma questão complementar a discussão empreendida até aqui diz respeito à sólida formação profissional, enquanto um dos fatores que podem amenizar essas influências, a saber:

[...] supõe-se que o [profissional] não tenha plena consciência desse processo que envolve seu conhecimento sobre o texto e o seu contexto de trabalho, que fixa os objetivos e delimita seu desempenho no ato de indexação. Em consequência, supõe-se também que o [profissional] não consiga atentar para a obviedade de que a fase inicial da indexação, a análise de assunto, realiza-se pela leitura e que condições específicas para o desenvolvimento desse processo, como o conhecimento prévio e estratégias construídas durante sua vida, têm importância fundamentais (FUJITA, 2004).

Em estudo investigativo, Sauperl (2002, p.02) ao observar a maneira pela qual alguns catalogadores de assunto realizavam o processo apontou que “as regras não escritas e as práticas usadas durante o processo de análise de assunto” estavam mais evidentes do que os

⁹⁹ Salienta-se que a padronização da representação, atrelada a cultura particular do profissional, substancialmente impõe uma visão reducionista de uma única cultura, a qual pode estar arraigada de preconceitos e tende a refletir valores próprios. Isto, por certo, priva a garantia literária e cultural.

padrões e ferramentas próprias de representação temática da informação documental. Isto demonstra, além da complexidade do processo, a subjetividade e uso do bom senso profissional, bem como a necessidade de parâmetros metodológicos específicos que garantem, pelo menos em parte, a qualidade dos produtos e uma padronização do processo, com fins de uniformidade entre os profissionais de um mesmo contexto.

Atentando-se ao fato de que o processo de tratamento temático da informação deve ser visto como uma etapa chave para a recuperação e transferência da informação, o catalogador de assunto e demais profissionais que influenciam os produtos finais devem não apenas utilizarem e estarem rodeados de instrumentos e técnicas de trabalho, mas observarem os fatores inerentes à natureza da informação; as diversas circunstâncias do contexto; bem como atentarem-se para a singularidade do usuário. Portanto, a necessidade de observação volta-se para a verificação da prática profissional em contexto específico de informação.

Como decorrência, Varela e Barbosa (2007, p.124) advogam que o tratamento temático da informação não é apenas uma categorização simplista de assuntos, mas um “[...] processo intelectual de análise de conteúdo e representação simbólica deste conteúdo, no qual está implícita a ação de busca e recuperação da informação, praticada pelo usuário na fase seguinte”. Portanto, configura-se como um processo complexo e de múltiplas vertentes, sendo formado por dois atores – catalogador de assunto e usuário –, “[...] cujas linhas de pensamento vão se encontrar em algum momento no tempo” (VARELA; BARBOSA, 2007, p.124).

Diante desses apontamentos, o desafio que se apresenta aos profissionais no processamento da informação assenta-se em realizar o tratamento temático da informação em detrimento das necessidades informacionais, ou seja, estabelecer sintonia entre os conceitos representativos e a demanda do usuário, uma vez que tal demanda é singular e circunstancial no que tange a atribuição de significados.

Quanto a referida proposta, deve-se acrescentar que, “[...] para a construção de qualquer pesquisa sóciocognitiva, é essencial a noção de domínios cognitivos, universo em que estão circunscritas, organizadas e relacionadas, de variadas formas, as experiências humanas” (GERHARDT, 2006, p.1187). Deve-se, portanto, investigar as ações profissionais ancoradas na realidade do contexto de trabalho, ou seja, compreender os processos sóciocognitivos envolvidos nas atividades de tratamento temático da informação seja na esfera dos aspectos técnicos como no comportamento profissional.

Certamente, este olhar traz à ascensão da política de tratamento da informação documental, uma vez que esta direciona as ações profissionais ao longo da vida profissional, ou seja, as práticas profissionais estão atreladas a esta diretriz. Logo, o profissional deve primar por um adequado processo de tratamento temático da informação, no qual seja evidenciado um grau mínimo de seriedade e competência que assegure a qualidade dos produtos e serviços informacionais, considerando-se as especificações e a percepção profissional embasada na realidade do contexto informacional. Para tal feito, a política de tratamento da informação documental se projeta e passa a ser vista como elemento de fundamental relevância no âmbito dos contextos informacionais, mediante constituição solidamente edificada na necessidade diagnosticada pelo profissional durante a realização do processo, determinando as suas alterações e melhorias.

Neste sentido, entende-se que a política de tratamento da informação documental deva considerar as necessidades próprias da biblioteca universitária, pois de nada adianta o estabelecimento de diretrizes que não condizem com os fatores atuantes no contexto informacional. Sendo assim, a execução das diretrizes da política de tratamento da informação documental, mesmo que conduzidas de forma gradativa, deve integrar todos os elementos constituintes e atuantes no contexto. Sobre isto, Fujita e Rubi (2006, p.19) acreditam que a política “[...] não deve ser vista como uma lista de procedimentos a serem seguidos, mas sim como uma filosofia a ser adotada pelo sistema de recuperação da informação”, que reflita as necessidades reais, os objetivos almejados e os futuros interesses da biblioteca universitária.

Na medida em que o tratamento temático da informação assume uma dimensão estratégica na atual sociedade, visto que o documento é o representante, substituto ou mesmo ‘espelho das ideias do homem’, pode-se dizer que este seja um dos fatores que sustenta a necessidade, urgência e importância da política de tratamento da informação documental.

Em resumo, a investigação das ações profissionais no tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias em perspectiva sócio-cognitiva faz-se necessária, uma vez que a observação desses aspectos pode apontar novos subsídios que venham a contribuir para a elaboração de uma política de tratamento da informação documental e promover uma compreensão efetiva das influências e características específicas que circundam a atuação cotidiana em bibliotecas universitárias para a criação de futuros instrumentos de tratamento temático da informação.

Nesta esfera, salienta-se que o ser humano deva ser o objetivo principal dos avanços científicos, especificamente no que tange ao tratamento temático da informação, uma

vez que o profissional é conhecedor e observador da realidade na qual a informação é cuidadosamente tratada com fins de disseminação futura. Seguramente, toda construção do conhecimento deve respaldar-se no contexto social, em que “a historicidade dos sujeitos cognoscente e dos objetos cognoscíveis [...]” devem ser consideradas, a fim de colocá-los em uma relação culturalmente determinada (CARDOSO, 1996, p.111).

A este respeito, sabe-se que ainda há muito que se explorar em termos de prática profissional sob orientações cognitiva e social. A primeira, insatisfatória para alguns, e a segunda, fortemente exaltada. Contudo, é nessa esfera cognitiva e social que os estudos sobre tratamento temático da informação devem se desenvolver, pois para que a informação tenha uma utilidade social máxima em benefício à humanidade, deve-se primeiramente atribuir valor a seus facilitadores de difusão informacional na esfera social.

Pode-se notar que, talvez, o que falte a Ciência da Informação seja compreender o entremeio entre informação (objeto de estudo investigado sob orientação dos paradigmas dominantes) e o usuário (finalidade maior do existir em si mesma enquanto ciência). Deve-se, portanto, voltar os olhos para o profissional, elemento que na maioria das vezes é imperceptível, nulo em seu existir humano aos que professam desvendar as lacunas e supostos domínios em Ciência da Informação. Assim, ao se professar sobre a função social do profissional da informação, necessita-se não apenas defini-lo como agente de transformação social mediante todas as suas ricas possibilidades de atuação, mas também compreendê-lo enquanto construtor de ‘pontes’ entre o obscuro insignificante (informação) e o ser cognoscente (usuário).

Com base nesses argumentos e defendendo-se um novo olhar investigativo, uma nova concepção do profissional no ambiente institucional, tanto para resguardar o potencial humano nas organizações, quanto para sedimentar uma atuação voltada para o contexto específico e suas necessidades e desafios próprios, parte-se para a exposição do contexto de bibliotecas universitárias e as implicações dessa realidade na atuação profissional. Para tanto, o contexto da biblioteca universitária é elucidado pela perspectiva sócio-cultural, com intuito de retratá-lo por meio de seus aspectos subjacentes.

4.1 O contexto sócio-cultural da biblioteca universitária

A “era da informação” e mais recentemente a “era do conhecimento” são vistas a partir de opiniões diferenciadas, atuando tanto em sua defesa, quanto no sentido de representar, para outros, um controle exacerbado, violento e cruel sobre o cidadão (WEBSTER, 1997). Apesar dessas discussões não possuírem resultados nem posições unânimes, mas serem fontes de grandes controvérsias, a informação adquire crescente evidência no cenário contemporâneo devido aos fenômenos, advindos a partir da revolução informacional, estarem presentes nos mais diversos contextos, tais como o tecnológico, econômico, cultural e espacial.

As discussões a respeito do conceito de informação fomentam a literatura da Ciência da Informação em busca de um objeto único, um método único que a caracterize enquanto campo científico. Isto porque em Ciência da Informação, as propriedades gerais da informação são investigadas visando à compreensão de sua natureza, gênese e efeitos num esforço conjunto em analisar os processos de construção, comunicação, utilização, bem como a concepção dos produtos e sistemas que permitem a organização, tratamento, armazenamento e uso da informação.

Sobre isto, são identificadas três correntes que delimitam e defendem diferentes abordagens de objetos¹⁰⁰ na Ciência da Informação, porém, iguais substancialmente. A primeira corrente defende como objeto de estudo a informação registrada e suas propriedades. Nesta, o principal empecilho para o estabelecimento de um consenso entre os pesquisadores esbarra-se na conceituação do que de fato seja ‘informação’, uma vez que a mesma apresenta-se enquanto fenômeno e, sendo assim, não há uma maneira comum de ser observada. Por sua vez, a segunda corrente teórica aponta a mediação, ou seja, a comunicação e os meios de transmissão e disseminação da informação. Contudo, sua problemática assenta-se no fato de que a comunicação e a transmissão da informação são elementos de interesse comum na Comunicação e nas Telecomunicações. Assim, o que se identifica é um conjunto de fenômenos com foco preestabelecido e, não uma nova abordagem de investigação fenomenológica. Por fim, na terceira definição, o objeto de estudo da Ciência da Informação é

¹⁰⁰ Para melhor entendimento das propriedades da informação ver Buckland (1991) em um dos mais clássicos trabalhos em Ciência da Informação, no qual a complexidade da informação enquanto termo polissêmico do campo é esclarecido, bem como reconhecido e delineado o seu caráter estratificado sob variados contextos. Contudo, independentemente das diferentes concepções defendidas sobre o verdadeiro objeto de estudo da Ciência da Informação, entende-se que não cabem mais posicionamentos contrários e/ou que ignorem a influência que os elementos externos do objeto de estudo delimitado possam exercer sobre o mesmo.

identificado como sendo o comportamento humano em sociedade, no qual se tem a informação enquanto elemento redutor de incertezas. Paradoxalmente, tal visão foca apenas a funcionalidade e as implicações da informação, esquecendo-se de suas delimitações ontológicas (FERNANDES, 1995).

A partir destas conceituações, percebe-se que a informação, ora identificada como fenômeno, ora como processo representa um elemento de apreensão universal, resultando num emaranhado de abordagens que fracionam o conhecimento por estar muito longe de ser apreendida em sua totalidade. Neste entremeio, o bibliotecário, profissional catalisador da informação, depara-se com novos desafios e significativas mudanças, especialmente relacionados com o advento da globalização, explosão informacional e aperfeiçoamento das tecnologias de comunicação e informação. Tais fenômenos permitem a rápida difusão de informações ao suscitarem a ruptura de fronteiras culturais, sociais e/ou territoriais.

Diante desta realidade, a informação torna-se um elemento necessário neste cenário de transformações mediante seu uso e acesso, posto que a informação é poder econômico, político e social da sociedade contemporânea (TARGINO, 1988). Sabe-se que o valor da informação está diretamente associado à pertinência que ela apresenta para o público a quem se destina. Assim, para que a informação tenha qualidade é preciso ser ajustada às demandas e expectativas dos usuários, em que os contextos informacionais aprimoram suas atividades devido ao dinamismo de seus produtos e serviços e, principalmente, pelos anseios informacionais da comunidade usuária. Para tanto, redimensionam o papel da informação visando ressignificar seu valor para os sujeitos que nelas atuam e fazem uso de seus serviços.

O papel atuante da informação enquanto componente básico para o progresso da sociedade, agregado a incansável produção científica, desencadeou a transformação das bibliotecas em unidades não apenas detentoras, mas disseminadoras do saber humano. Na atual conjuntura, a principal função das bibliotecas é o fornecimento de informações relevantes a uma determinada comunidade usuária, cujas mudanças ocorridas na sociedade apontam a necessidade emergente de se criarem novos métodos que explorem e contribuam nas atividades realizadas em torno da informação documental, e que sejam adequados às necessidades do contexto.

No que tange as bibliotecas universitárias, tal função dá-se no âmbito das comunidades locais, bem como de sua participação no sistema educacional. Por sua vez, o avanço científico e suas diversas expressões tecnológicas culminaram, dentre outros, para a

expansão das Universidades, as quais impulsionaram o crescimento das bibliotecas, em todas as suas especialidades. Este movimento deu-se, uma vez que,

A Universidade, na qualidade de centro autônomo de pesquisa e de criação do saber, é responsável pelo cumprimento da missão do ensino superior pela difusão dos seus valores fundamentais. Para a consecução de suas finalidades educativas, [...] busca reforçar o acesso à informação e ao conhecimento – seu papel de **instituição social** –, procurando implementar ações que contribuam para a formação de cidadãos capazes de atuar, competentemente, no seu contexto social, com o compromisso de construir uma sociedade solidária e ética (VARELA, 2008, p.30, grifo do autor).

Evidentemente, tal fato acarretou a necessidade de representação da informação com fins de busca, recuperação e acesso pelos usuários a partir das perspectivas humana e tecnológica que viabilizam estruturas de suporte e armazenamento informacional. A partir desta necessidade, a finalidade da biblioteca universitária voltou-se para uma atuação específica de apoio informacional e órgão disseminador de informações para fins de estudo, pesquisa, educação e cultura. Nesse aspecto, sua missão provê dos objetivos da própria Universidade em que desempenha a função de preservar e disseminar a informação e o conhecimento humano.

Desse modo, o papel da biblioteca universitária é atender as necessidades informacionais da comunidade acadêmica, diferindo-se dos demais contextos informacionais em virtude de ter como base do planejamento à educação e seus usuários serem heterogêneos. Invariavelmente, a biblioteca universitária deve ser percebida como:

[...] um sistema de informação [que] tem uma função caracterizada por: armazenamento de informações [...], tratamento do material informacional, disseminação e divulgação dessa informação, sendo distribuída numa estrutura técnica de atividades que propiciam a produção de serviços ou de produto final, que é posto à disposição da clientela (SANTOS et al, 2000).

Nessa perspectiva, a biblioteca universitária caracteriza-se por centrar “[...] seus objetivos nas necessidades informacionais do indivíduo, membro da comunidade universitária” (KLAES, 1991, p.14) difundindo o conhecimento, bem como disponibilizando e tornando acessível todo o tipo de informação que venha em um determinado momento contribuir na formação profissional, científica e cultural da comunidade.

Por ser uma organização dinâmica, a biblioteca universitária busca de maneira contínua aprimorar suas atividades tendo em vista o surgimento das necessidades

informativos dos seus usuários, os quais requerem precisão e rapidez na prestação dos produtos e serviços informativos realizados neste ambiente. Neste entendimento, os produtos e serviços oferecidos devem caracterizar-se pelo dinamismo dos processos e excelência em seus resultados, pois os profissionais deste meio realizam atividades multidimensionais.

Esses contextos informativos e sociais distinguem-se por duas razões especiais: desenvolvem ações, produtos e serviços direcionados a um público específico e; são detentores de propriedades intelectuais, materiais e organizacionais que atuam para o desempenho de funções direcionadas ao desenvolvimento da sociedade. Portanto, as bibliotecas universitárias são instituições sociais compostas por propriedades materiais, intelectuais e organizacionais –, componentes essenciais para sua estrutura e atuação no desempenho de funções.

Segundo Fujita (2005), a biblioteca universitária atua como um espiral de evolução científica e tecnológica ao tornar-se consciente de sua função intermediária entre os processos documentais e a preservação e disseminação da informação com fins de geração de conhecimento. São, por excelência, contextos disseminadores dos saberes desenvolvidos nos domínios de conhecimento específicos de cada Universidade. Assim, potencializam o processo de transformação da informação em conhecimento.

Em sentido amplo, a biblioteca universitária está inserida num efervescente contexto científico de alta especialização de assuntos em diversos campos do conhecimento. Dessa maneira, enquanto contexto dinâmico e mutável, a Universidade tem acompanhado de perto essas transformações sociais. Inevitavelmente, a biblioteca universitária contribui de maneira particular, mas abrangente em torno do desenvolvimento de produtos e serviços que tragam um maior entendimento ao ser social e o torne mais consciente de seu meio.

Há mais de trinta anos Miranda (1978, p.01) já expunha à unicidade como característica inerente a biblioteca universitária, em que por mais similar que está seja com o corpo de sua instituição maior, ela é única e, conseqüentemente, seus objetivos devem se ajustar as necessidades específicas de sua instituição maior, “[...] sem renunciar a satisfazer as necessidades de seus próprios usuários”. Sendo, portanto, a essência de qualquer instituição democrática. Tal fato, porém, aponta a necessidade de que tais contextos comportem a demanda contemporânea em torno da informação, pois a multiplicidade de definições e abordagens sobre a informação a torna generalizada e com pouca especificação de sua

determinação. Contudo, por mais efêmera que a informação seja ela não perde o seu aspecto social, ou seja, como bem social e de democratização.

A informação impulsionou e continua a impulsionar a Ciência da Informação em torno da melhoria do ciclo informacional, na esfera dos aportes teóricos e aprofundamento de técnicas e instrumentos, objetivando-se o aperfeiçoamento da organização e representação da informação em diferentes suportes e estruturas de armazenamento e recuperação, atentando-se para os aspectos sócio culturais inerentes a esses processos.

Certamente, a pretensão da Ciência da Informação é algo complexo e permeado por indagações e desafios, o que culmina numa preocupação sobre o posicionamento do profissional e suas ações desempenhadas em contextos de trabalho constituídos por características e singularidades específicas, tal como o da biblioteca universitária. Essa preocupação desencadeou a ativa necessidade de observá-lo a partir de uma visão holística por meio do paradigma social ou construtivista, o qual propõe uma integração do ponto de vista cognitivo para uma abordagem sócio cultural mais ampla.

Nesta concepção, o sujeito passa a ser considerado o centro do fenômeno informacional, sendo preciso despende a “visão, necessidades, opiniões e problemas desse indivíduo como elementos significantes e influentes que merecem investigação [...]” (FERREIRA, 1997, p.07). Desse modo, o contexto sócio cultural da biblioteca universitária em que o sujeito está inserido – profissional e usuário – torna-se fundamental. Isto porque neste cenário, o papel do profissional deixa de ser passivo, apenas organizando as informações, mas desafiador por tornar esse componente tão poderoso acessível. Portanto, hoje o profissional da informação apresenta-se enquanto elemento fundamental para a coletivização do conhecimento e promoção social.

Sobre isto, Almeida, Bastos e Bittencourt (2007, p.82) realizam uma análise crítica da pouca preocupação com os aspectos sócio culturais que permeiam a organização e representação da informação, especificamente no que tange os contextos multiculturais como no caso da biblioteca universitária, a saber:

O papel e compromisso social da Ciência da Informação apesar de ter em suas origens um relacionamento complexo e ao mesmo tempo mediador com seus procedimentos e ferramentas aliados a um contexto profissional, direcionam-se a uma sociedade monocultural. Tal sociedade desconsidera a diversidade cultural quando impõe uma estrutura vertical e hierárquica na organização e representação da informação.

Sendo instituições dedicadas à acumulação e transmissão de conhecimento e informação, as bibliotecas universitárias dissimulam “[...] uma concepção implícita de cultura, do saber e da memória, bem como da função que lhes cabe na sociedade de seu tempo” (JACOB, 2001). Na visão de Miksa (1992), a biblioteca universitária é uma instituição social e um processo de movimento da informação como um sistema de comunicação humana. Tais colocações chamam a atenção para a importância dos profissionais serem responsáveis por suas ações por meio de reflexões recursivas sobre as circunstâncias do contexto de trabalho, em que,

A codificação e decodificação de contexto permitem ao sujeito compreender seu lugar na construção do conhecimento, num movimento de representação e análise crítica da situação codificada, o que propicia sua mobilização em novos contextos, possibilitando a intervenção na realidade, constituindo-se competência crítico-analítica de apreender uma representação da realidade para discussão, o que possibilita a construção de um novo conhecimento. (VARELA, 2008, p.40).

A natureza espontânea e complexa dos contextos decorre do fato de atuarem como espaços de mudanças contínuas e possuírem componentes independentes e interativos. Logo, os contextos complexos, auto-organizantes como a biblioteca universitária, possuem um tipo de dinamismo que o torna qualitativamente diferente de outros objetos estáticos (WALDROP, 1992).

Então, verifica-se que “a eficácia no tratamento da informação depende, em grande parte, da forma com que ele é administrado e do bom entendimento de certos conceitos e relações” (FREITAS; KLADIS, 1995, p.01). Neste entendimento, os profissionais devem primar por um adequado tratamento da informação com um grau de seriedade e competência, que assegure à biblioteca universitária, na figura do sistema e dos usuários, um eficaz suporte de recuperação da informação. Paralelamente, a informação passa a ser relevante e oportuna, pois “a qualidade não existe *a priori*, ela precisa ser negociada e construída, ela terá pesos e sentidos diferentes em cada contexto. Os espaços precisam ser intencionalmente alargados, flexibilizados e planejados para adensar a aprendizagem” (VARELA, 2008, p.22).

Entendendo-se que a competência é um entendimento prático de uma determinada situação que se apóia num corpo de conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, certamente o profissional da informação, especificamente o catalogador de assunto deve ser um agente competente no que tange ao tratamento temático da informação, uma vez que a competência é

um entendimento prático de uma determinada situação que se apóia num corpo de conhecimentos adquiridos ao longo dos anos. A este respeito torna-se necessário expor que a competência profissional é um atributo latente, porém circunstancial, pois o ser competente exige determinadas ações específicas em um contexto de atuação. Desse modo, o catalogador de assunto necessita conhecer o contexto institucional para em seguida, adaptar-se as contingências específicas da diversidade de situações, para uma efetiva intervenção e solução de problemas (VARELA; BARBOSA, 2007).

Sobre isto, Dudiziak (2007) aponta que existem diferentes níveis de competências informacionais, próprias para cada necessidade e contexto, sendo estas: nível básico – organizar e localizar a informação a partir do domínio pleno na alfabetização tecnológica; nível secundário – acionar processos cognitivos para incorporar habilidades e conhecimentos construídos por meio da reflexão, com vistas ao uso, busca, localização e organização da informação e sua posterior transformação em conhecimento e; nível complexo – construir significados acrescidos da noção de valores a partir da tríade informação – conhecimento – aprendizagem.

Face ao exposto, o catalogador de assunto precisa estar ciente de que no decorrer das etapas, naturalmente ele constrói e desconstrói, acresce e modifica, complementa e altera o conhecimento, por meio de seus processos cognitivos. Assim, todo profissional envolvido nesta atividade deve possuir bem mais que uma ‘noção’ de suas ações cotidianas em um contexto institucional, mas principalmente atuar de maneira consciente e sob a ótica do usuário.

Devido à existência física do conhecimento (informação materializada), suas características centram-se na historicidade e portabilidade no contexto social. Enquanto atributo humano, o conhecimento necessita de uma complexa conjugação de partes da consciência, dentre estas a percepção, memória, imaginação, linguagem e pensamento (CHAUÍ, 2003). A este respeito, Santos (2006, p.25) expõe de maneira sucinta a relação entre conhecimento e consciência humana, em que se utiliza a “[...] percepção para recolher os indícios do meio, a memória para armazená-los, a imaginação para concebê-los, a linguagem para modelá-los e descrevê-los e o pensamento para elaborá-los”.

Por causa disso, a geração do conhecimento ocorre a partir de um nicho de “[...] informações estruturadas e interconectadas, de forma totalmente subjetiva, por cada indivíduo [posto que] o conhecimento é forçosamente individual e subjetivo, produto da apropriação, pelo indivíduo, de informações e da estruturação particular dada a estas” (SMIT, 2000, p.26).

Logo, a representação do conhecimento passa pela elaboração do sujeito gerador de conhecimentos. Consequentemente, o catalogador de assunto exerce papel ativo na geração do conhecimento, seja no reconhecimento, apropriação ou no uso da informação. Ou ainda, nas palavras de Barreto (1994, p.03), “aqui a informação é qualificada como um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo”.

Inevitavelmente, o entendimento do contexto implica no conhecimento/compreensão dos fatos subjacentes, pois no que tange as práticas profissionais, “[...] novas funções surgiram e outras continuam surgindo, ligadas à intercessão de diferentes áreas do conhecimento” (JAMBEIRO, 1998, p.03), o que reforça a crença de que hoje a dicotomia entre ‘teórico’ e ‘prático’ perde sentido quando alicerçados numa prática científica em que não é mais possível e aceitável diferenciá-los, pois só funcionam conjuntamente.

Saracevic (1970) advoga que todas as informações presentes em um contexto necessitam de um tratamento diferenciado em relação a sua relevância¹⁰¹, objetivando-se assegurar a informação preeminente aos usuários. Sobre relevância, o referido autor salienta que enquanto processo a informação usada para o desenvolvimento de um molde é identificada, capturada e organizada para que seja reutilizável¹⁰² e possibilite a criação de novas informações. Portanto, destaca-se que a relevância das informações acompanha o catalogador de assunto, juntamente com o seu processo cognitivo.

Por conseguinte, torna-se necessário conhecer a relevância das informações para compreender o contexto em análise, uma vez que a biblioteca universitária sofre constantes mudanças, alternando de tamanho e de forma. Por isso, mudam-se a necessidade e os interesses incorporados a produção do conhecimento. Segundo Ribeiro (2001), a compreensão do contexto torna-se primordial, devido a sua complexidade, natureza e diversas estruturas de informações inerentes, com fins de desenvolver um estudo abrangente e complexo sobre a comunidade de aprendizagem e suas relações em um contexto realmente relevante, uma vez que a realidade é uma proposição coerente utilizada para explicar as experiências humanas.

No que tange essa realidade, Maturana (2001, p.192) afirma que “a realidade, quando não é apenas um modo de explicar nossa experiência humana, é aquilo que, em nosso viver enquanto seres humanos vivemos como o fundamento do nosso viver”.

¹⁰¹ Esclarece-se que a relevância expressa critério de efetividade em recuperação da informação, bem como está presente nos vários processos de interação entre comunidades de aprendizagens, onde a mesma “[...] estabelece uma relação entre elementos que compõem o conhecimento” (SARACEVIC, 1996, p.203).

¹⁰² Sobre o reuso, o grande benefício ocorre por meio da representação de estruturas de conhecimento, o que permite a reutilização de artefatos mais abstratos que somente o código.

Complementando, o referido autor aponta que os seres humanos explicam suas experiências com suas próprias experiências e com as coerências de suas experiências. Sendo assim,

[...] a realidade é produto de um processo de aproximações sucessivas entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo, e que à medida em que as pessoas fazem registros [...] representam fatos, conceitos ou instruções; quando existe no indivíduo uma receptividade sobre o observado sua atenção se concentrará e o filtro perceptual se abrirá para a ação de conhecer, iniciando-se um processo de objetivação, apropriação; à medida que os dados vão adquirindo significado – informação – em razão de uma reação positiva do indivíduo, a categoria de valor também aflora, facilitando o processo de aquisição do conhecimento e conseqüentemente a aplicação do mesmo; o conhecimento, a depender do modelo de racionalidade escolhida (visão total ou fragmentada da realidade) contribui para a humanização/alienação do indivíduo transferido; a transferência de informação, num fluxo sempre crescente, através de um suporte comunicacional dialógico, vai exigindo construções mentais mais complexas de assimilação e acomodação das informações/conhecimento, evoluindo, na mesma medida, para a construção da cidadania que não deve ser tutelada, nem assistida e, sim, uma cidadania emancipatória – cada um, na sua individualidade construída no coletivo, aprende a aprender (VARELA, 2008, p.26).

Sob este pensamento advoga-se que o catalogador de assunto deve conhecer o todo, pois o processo de tratamento temático da informação exige perfazer mentalmente todo o ciclo informacional, da produção ao uso, posto que a organização da informação não é uma atividade deslocada da realidade. Assim, além da compreensão clara do contexto em análise, o referido profissional deve realizar o tratamento temático da informação considerando a comunidade usuária, as formas específicas de representação informacional e o domínio de especialização do documento. Além disso, torna-se possível considerar os princípios da abordagem sóciocognitiva no que tange a organização e tratamento da informação para o aprimoramento de sistemas de recuperação da informação, uma vez que a maior parte dos princípios norteadores do contexto de bibliotecas universitárias são regidos pelo tratamento temático da informação.

Diante disto, o catalogador de assunto deve respeitar as condições de uso da informação, para que os limites pré-estabelecidos entre a organização e o acesso informacional, estes regidos por uma concepção humana e social, não sejam circunscritos por conflitos ou tensões culturais. Para tanto, um aspecto a ser considerado reside na necessidade de informação do usuário e o critério de relevância da informação recuperada no processo, postulado por Hjørland (1997, 2000, 2002b). Sobre a questão do critério de relevância, o referido autor faz uma abordagem sustentada pelos pontos evidenciados em quatro

concepções epistemológicas, sendo: o empirismo, o racionalismo, o historicismo e o pragmatismo. Nestas, a questão da relevância é entendida sob os seguintes pontos de vista: intersubjetividade (empirismo); pensamento puro (racionalismo); conhecimento retrospectivo sobre a pré-compreensão (historicismo) e; informação como consequência das ações subjetiva e objetiva (pragmatismo). Por sua vez, o conceito de relevância está relacionado com o conceito de necessidade de informação. Logo, o ponto evidenciado sobre a questão do uso da informação está ratificado nos fundamentos apresentados por Hjørland (1997, 2000, 2002b), respaldado pelo pragmatismo como concepção epistemológica.

Sendo o critério de subjetividade e objetividade manifestado durante o desenvolvimento cognitivo na esfera coletiva e individual, corrobora-se com Boccato (2009, p.130) ao expor que,

[...] a necessidade de informação é manifestada por meio dos processos cognitivos dos usuários associados ao seu contexto social, explicitados por seu desejo informacional que, após a realização da busca, atribuirá um critério de relevância referente à pertinência ou não do resultado alcançado, em relação ao seu objeto/problema de pesquisa.

Percebe-se, portanto, que o julgamento realizado pelo usuário sobre a relevância ou não da informação está intimamente relacionado às ações dos catalogadores de assunto, as quais devem ser direcionadas a garantia cultural, ou seja, primarem pela e refletirem sobre a cultura do sujeito e do ambiente em que ele está inserido, bem como da área de assuntos da qual realizam o processo. Nesse cenário, acredita-se que tanto o usuário quanto o catalogador de assunto, integrantes de um contexto informacional, devam ser considerados no estabelecimento de uma política de tratamento da informação documental, visto que a necessidade de informação vale-se do contexto sóciocognitivo do usuário e do profissional, pois é causada por fatores sociais e culturais.

Pela perspectiva da abordagem sóciocognitiva o catalogador de assunto consegue suprir as incompletudes evidenciadas no processo de tratamento temático da informação com vistas a uma obtenção efetiva da realidade em que atua, objetivando-se incorporar os principais laços, interações e relacionamentos sociais com o contexto de atuação profissional.

Por essa razão, a abordagem sóciocognitiva abrange o lócus existente ao propiciar o entendimento da subjetividade profissional, ou seja, de sua própria realidade cognitiva atrelada a sua visão de mundo e; quanto à eminência do contexto de informação ser modelado de acordo com o usuário, valendo-se, portanto, da natureza de suas necessidades de

informação e seus padrões de comportamento no momento da busca e utilização da informação.

4.2 Síntese do capítulo

Neste capítulo abordou-se a atuação profissional ancorada em contexto informacional pela perspectiva da abordagem sóciocognitiva. Para tanto, inicialmente buscou-se delinear a importância das ações profissionais serem baseadas e condicionadas pela perspectiva sóciocognitiva do processo de tratamento temático da informação e, posteriormente, adentrou-se no contexto de bibliotecas universitárias e sua influência nos produtos e serviços gerados, especificamente devido a sua característica sócio-cultural.

Por meio das explicações expostas neste capítulo, verificou-se:

- Os conceitos imbricados na Organização e Representação do Conhecimento devem ser revisitados pela atual abordagem sóciocognitiva, a fim de formular todas as suas contribuições para o tratamento temático da informação;
- Necessidade de aprimoramentos e melhores especificações das atividades inerentes ao tratamento temático da informação dentro de contexto informacional especializado;
- A Ciência da Informação deve voltar-se para uma dimensão teórica focada em abordagens sóciocognitivas centradas no contexto social da informação, do profissional e do usuário;
- Necessidade de reflexões sobre o processo sóciocognitivo no decurso das ações profissionais, a fim de gerar conhecimentos que contribuam para a melhoria da qualidade do tratamento temático da informação;
- O contexto sóciocognitivo do profissional atua como elemento necessário para o desenvolvimento das etapas que compõem o tratamento temático da informação;
- Associado ao contexto sóciocognitivo, os aspectos físico e psicológico são importantes na formação do contexto profissional como variável imprescindível na construção do processo;
- As visões holísticas e coletivísticas dos profissionais são elementos contribuintes para a definição e realização do processo de tratamento temático da informação;

- O tratamento documental em bibliotecas universitárias constitui um processo aplicado a objetivos essenciais e de vastas dimensões sócio culturais;
- As condições de uso da informação devem ser respeitadas e evidenciadas pelo profissional na realização do processo de tratamento temático da informação;
- A biblioteca universitária, ao tratar tematicamente os documentos, necessita de instrumentos e diretrizes que sustentem a prática cotidiana de seus profissionais e;
- As ações dos catalogadores de assunto devem ser direcionadas a garantia cultural, a fim de primarem pela cultura própria do sujeito e do ambiente em que ele está inserido, bem como da área de assuntos da qual realizam o processo.

Inevitavelmente, tais constatações sustentam a relevância de novas formas investigativas que busquem olhar o todo do processo de tratamento temático da informação. Certamente, algo que demanda uma atenção especial ao profissional e todas as suas manifestações perceptíveis no momento da realização do tratamento temático da informação.

Neste ponto parte-se para a identificação dos aspectos subjacentes ao processo de tratamento temático da informação a partir das ações profissionais em contexto de diferentes bibliotecas universitárias.

CAPÍTULO 5

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

No presente capítulo descrevem-se os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento dos objetivos propostos nesta pesquisa, os quais voltam-se para as ações profissionais desempenhadas no momento do processo de tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias.

A pesquisa, segundo sua finalidade, possui caráter teórico-exploratória, ou seja, insere-se numa abordagem descritiva que alia uma pesquisa de natureza bibliográfica exploratória e aplicada, visando à realização de uma análise qualitativa. Para tanto, a metodologia utilizada é composta por três partes: exposição conceitual dos temários investigados, aplicação de questionários e utilização da técnica de Protocolo Verbal.

A primeira, exposição conceitual, consistiu numa extensiva revisão de literatura¹⁰³ em torno dos temários evidenciados e trabalhados teoricamente, os quais foram fundamentados de modo abrangente no exame da literatura científica com intuito de realizar um resgate do bojo teórico do tratamento temático da informação, bem como exposição dos principais fatores subjacentes ao processo, principalmente no que tange as preocupações de natureza teórica e prática e todas as suas configurações no âmbito da Ciência da Informação. Portanto, o corpus documental utilizado para o desenvolvimento da pesquisa deu-se a partir do levantamento bibliográfico nacional e internacional em diferentes fontes de informação sobre os temários explorados nos capítulos de bojo teórico, abrangendo os objetivos específicos um, dois e três apresentados no capítulo introdutório.

Considerando que a preocupação maior residia no aspecto sócio-cognitivo que permeia o processo de tratamento temático da informação, sentiu-se a necessidade de expor as relações existentes entre a Ciência da Informação e as ciências comportamentais, na busca por

¹⁰³ Todo material selecionado para a execução e análise qualitativa da pesquisa bibliográfica ocorreu por meio de exaustivas leituras e reflexões sobre os temários abordados. Essas fontes de informação selecionadas contribuíram para a delimitação das categorias de análise dos dados coletados pela utilização da técnica de Protocolo Verbal e formulação das questões contidas no questionário, mediante a incidência e relevância dos fenômenos relativos a subjetividade das ações profissionais no tratamento temático da informação de bibliotecas universitárias.

um entendimento maior sobre a questão sóciocognitiva. Inevitavelmente, tornou-se preciso voltar à atenção para o movimento interdisciplinar e sua real influência no núcleo científico da Ciência da Informação. Posteriormente, realizou-se um resgate conceitual sobre o tratamento temático da informação na área de Organização e Representação do Conhecimento, salientando a sistematicidade e subjetividade do processo. Por fim, em detrimento da carência de estudos voltados para as questões que permeiam a atuação profissional em contextos específicos de informação, buscou-se novos subsídios que tivessem como foco esclarecer e delimitar as divergências e congruências das operações de tratamento temático da informação valendo-se, para tanto, da perspectiva sócio cultural do contexto de bibliotecas universitárias.

No segundo momento, utilizaram-se questionários específicos (APÊNCIDES A, B e C), os quais foram elaborados tendo em vista os objetivos da pesquisa e sedimentados em Almeida (2005). Estes foram direcionados para as três categorias de profissionais investigadas nesta pesquisa, a saber: bibliotecário dirigente, bibliotecário de referência e bibliotecário catalogador de assunto, a fim de concretizar o objetivo específico quatro que prima pela análise das ações dos profissionais embasadas nos aportes teóricos e na prática cotidiana do processo de tratamento temático da informação inerentes ao contexto institucional e interação social.

No terceiro momento, utilizou-se a técnica introspectiva de coleta de dados – Protocolo Verbal – em detrimento da concretização do objetivo específico cinco, no qual buscou-se investigar por meio de comparações entre os aportes teóricos e a prática cotidiana do tratamento temático da informação a existência de uma uniformidade do processo a nível de bibliotecas universitárias. Assim, a utilização da técnica de Protocolo Verbal, especificamente na modalidade de Protocolo Verbal em Grupo, deu-se para verificar a percepção dos profissionais sobre a sistematicidade do processo e os aspectos relevantes que norteiam a sua uniformidade em contexto de bibliotecas universitárias.

Neste ponto, salienta-se que o público alvo foi constituído por bibliotecários dirigentes, bibliotecários de referência e por catalogadores de assunto que tinham como característica comum, além de pertencerem ao mesmo contexto informacional, realizarem o tratamento temático da informação na área de Ciências Humanas. Contudo, não buscou selecionar para esta pesquisa bibliotecas universitárias que trabalhassem com um mesmo domínio de conhecimento, pois o objetivo maior foi oferecer um panorama sobre as ações profissionais desempenhadas no processo, ou seja, evidenciar o saber e fazer profissional

mediante os aportes teóricos e a prática cotidiana. Acredita-se que a delimitação em apenas um campo científico tende a ser tendenciosa e não apontar subsídios consistentes para a formulação de uma política de tratamento da informação documental, a qual deve suprir ambiências que trabalhem com diversos saberes e não se limitar em determinadas disciplinas. Por isso, recorreu-se à área de Ciências Humanas a fim de abarcar as necessidades da política de tratamento da informação documental e assegurar os princípios da abordagem da Análise de Domínio.

Ressalta-se que tais princípios visam contribuir teoricamente para a observação do conhecimento da comunidade de aprendizagem dentro de um dado contexto de interesse comum, visando colaborar para a diagnose das lacunas existentes no contexto sob análise. Dessa forma, o uso da Análise de Domínio deu-se enquanto artefato de apoio ao contexto de bibliotecas universitárias, sendo explorada para dar um enfoque mais realista pela abordagem sócio-cognitiva a Ciência da Informação.

Por sua vez, o universo da pesquisa foi constituído por uma mostra de três bibliotecas universitárias de caráter público do estado de São Paulo, sendo uma destas localizada na capital e as demais situadas no interior do estado, com a finalidade de analisar o contexto de uma ambiência específica, a saber:

LOCALIZAÇÃO	BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS
CAPITAL	USP – Universidade de São Paulo Biblioteca Maria Luiza M. da Cunha – Campus de São Paulo
INTERIOR	UNESP – Universidade Estadual Paulista Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara
	UNICAMP – Universidade de Campinas Biblioteca Prof. Dr. Octávio Ianni – Campinas

QUADRO 3: Seleção das três bibliotecas universitárias.

Fonte: Elaborado pela autora.

Acentua-se que a escolha dos referidos contextos informacionais decorre, no âmbito das Universidades do Estado de São Paulo, pela consolidação do CRUESP/Bibliotecas¹⁰⁴ por meio do trabalho participativo e integrado dos Sistemas de

¹⁰⁴ São representativos desse contexto: DEDALUS (Banco de Dados Bibliográficos da USP), no qual são disponibilizados os acervos das quarenta e duas bibliotecas do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP (SIBi-SP) – <http://www.usp.br/sibi> –; o ACERVUS (Banco de Dados Bibliográficos da UNICAMP) – reunindo os documentos contidos nos acervos das vinte e cinco bibliotecas integrantes do Sistema de Bibliotecas da UNICAMP – http://www.unicamp.br/unicamp/servicos/servicos_bibliotecas.html#acervos –; ATHENA (Banco de Dados Bibliográficos da UNESP) – <http://www.cbg.unsp.br> –, apresentando os materiais bibliográficos

Bibliotecas da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), um serviço de cooperação, compartilhamento e de racionalização dos recursos.

Reforça-se que o intuito maior foi investigar o tratamento temático da informação mediante os aportes teóricos e prática cotidiana do profissional em contexto de bibliotecas universitárias pela perspectiva sóciocognitiva da Ciência da Informação, objetivando-se verificar por meio do Protocolo Verbal e aplicação de questionários focados a percepção profissional em torno de suas ações cotidianas e seus fatores influentes, contrapondo a teoria científica e a prática profissional.

Realizadas as exposições iniciais sobre o desenvolvimento da aplicação das metodologias a guisa de uma investigação prática, parte-se para uma exposição dos procedimentos metodológicos e suas especificações no âmbito da pesquisa.

5.1 A percepção como abordagem investigativa

Neste ponto, expõe-se a percepção enquanto abordagem investigativa dos processos mentais humanos. Realizaram-se, desta forma, revisões conceituais do comportamento perceptivo conforme os preceitos das ciências comportamentais.

Um dos focos dos cientistas cognitivos de hoje respalda-se no sujeito, especificamente no seu aparelho perceptivo, mecanismos de aprendizagem, memória e racionalidade, com intuito de investigarem as fontes do conhecimento e as diferenças entre os seres. Desse modo, visam explicar a natureza do conhecimento humano, ou seja, conjecturam a respeito dos vários veículos do conhecimento, das prioridades de órgãos sensoriais em contraposição ao “senso comum”, refletem acerca da linguagem e especulam a respeito da natureza da atividade de conhecer (GARDNER, 1996). Para tanto, as Ciências Cognitivas debruçam-se sobre a estrutura fundamental da mente humana contemporânea.

Dentre os processos cognitivos, a percepção apresenta-se como uma possibilidade investigativa viável em torno do processo de conhecer, devido sua relação direta com a esfera

contidos nos acervos das trinta e duas bibliotecas integrantes da Rede de Bibliotecas da UNESP, as quais estão distribuídas em vinte e três cidades do Estado de São Paulo e coordenadas pela Coordenadoria Geral de Bibliotecas da UNESP (CGB-UNESP).

individual ou coletiva em que se desenvolvem os conhecimentos adquiridos. Solidamente consolidada no campo científico das ciências comportamentais, a percepção é tradicionalmente considerada o processo pelo qual o sujeito entra em contato com a realidade. Pela sua própria natureza, a percepção extrai generalidades, sendo um dos mais antigos temas de especulação e pesquisa, com uma história correspondentemente longa de teorias e de fatos.

As explicações mentalistas consideram a percepção o ponto de contato entre o mundo físico e o mental. Neste processo psicofísico, por exemplo, um determinado estímulo físico excita os receptores dos olhos. Por sua vez, essa excitação é convertida em impulsos elétricos que percorrem vias nervosas em direção ao cérebro, em que provocam uma mudança estrutural da área do córtex, o qual recebe o impulso. Deste momento em diante o processo perceptivo passa a ser mental, convertendo-se em uma cópia mental do objeto em análise, podendo esta se denominar experiência, ideia ou representação, que por sua vez é percebida, compreendida ou interpretada pela consciência. Nessa teoria, a consciência é considerada o órgão interno de percepção.

Na visão de Sternberg (2008), como o âmago do processo cognitivo complexo, a percepção pode ser ordenada em quatro estágios no ato de extrair a informação, sendo estes:

- I. Energia física:** a percepção orienta a tarefa de adaptação do sujeito ao seu ambiente. Em algum momento um conjunto de eventos precisa colocar o processo em movimento. Estas condições estimuladoras do ambiente residem na energia física, as quais provêm a entrada para a percepção, sendo, pois, os estímulos que afetam o comportamento e carregam mensagens informativas para o organismo. Porém, o sujeito precisa possuir tipos especiais de mecanismos sensórios que transformem as dimensões físicas em unidades informativas, sob condições que o sistema possa compreender – realizada no segundo estágio do processo perceptivo.
- II. Transdução sensorial:** a tradução da informação física em mensagens informativas que o sistema nervoso pode usar é denominada de processo de transdução sensória, no qual a informação do estímulo é transformada ou transduzida em impulsos nervosos, onde se inicia o processo perceptivo. Contudo, embora a percepção comece a ser organizada ao nível dos sentidos, sua organização continua a se desenvolver na medida em que os impulsos e padrões de impulsos ascendem ao cérebro.

- III. Atividade interveniente do cérebro¹⁰⁵:** Quando os impulsos nervosos alcançam o cérebro, surgem duas alternativas. O cérebro pode apenas agir como uma estação de recepção e passar a informação adiante para o sistema de respostas, complementando o ato perceptivo ou pode ir além e selecionar, reorganizar e modificar a informação antes de passá-la adiante para o sistema de resposta.
- IV. Experiência perceptiva ou resposta:** o quarto e último estágio do processo perceptivo é uma mera continuação do estágio interveniente, pois se refere à resposta comportamental verbalizada ou de uma nova resposta objetiva. Neste estágio, a percepção ocorre quando o sujeito afirma verbalmente ou quando surge algum outro indicador comportamental, tal como uma solução de problema (STERNBERG, 2008).

A partir desta concepção, o papel do sujeito na percepção ocorre basicamente a partir de duas possibilidades de análise. Na primeira tem-se o sujeito como “percebedor”, onde capta percepções no sentido de abstraí-las. De acordo com essa proposta, toda a percepção resulta em uma cópia do ambiente – existência de uma realidade em si, impossível de ser diretamente acessada. Na outra possibilidade, considera-se o sujeito como “recedor de percepções”, em que exerce um papel mais passivo. Nesta última, a realidade passa a existir independentemente do sujeito que a percebe, devido ao estímulo do ambiente (SKINNER, 1969; 1974).

Entretanto, as duas posições de análise apresentam como problemática comum a experiência *versus* realidade, uma vez que a experiência subjetiva difere-se da realidade objetiva. A proposta de Skinner (1974) para esta questão baseia-se na noção de contingências de reforço, em que a preocupação central está nos comportamentos envolvidos e nas variáveis das quais eles são função. Em outras palavras, “a única coisa que existe são as relações funcionais entre o comportamento do indivíduo e o ambiente [...]”, sendo que o conceito de ambiente não se restringe apenas ao estímulo antecedente – cenário atual, mas abarca tudo o que afeta o sujeito (LOPES; ABIB, 2002, p.130).

Nesta teoria, a experiência do sujeito corresponde a sua própria realidade e, portanto, as dicotomias “experiência *versus* realidade” e “percebedor *versus* recedor” adquirem praticamente o mesmo significado; em primeiro lugar, porque o sentido de “cópias mentais” não é usado nessa explicação e em segundo, porque não existe separação do

¹⁰⁵ Em suma, a partir de seu surgimento os conteúdos da percepção produzem o contexto para o comportamento de pensar e de adaptação.

estímulo e da resposta, uma vez que não há estímulo sem resposta ou tão pouco resposta sem estímulo.

Contudo, o conhecimento pode até ser classificado,

Por outro lado, o senso comum deve ser analisado, pois reflete a historicidade do conhecimento em todas suas manifestações. O fato é que toda forma de conhecimento implica em estar inserido numa determinada época, num determinado contexto e na existência de indivíduos, pessoas que fazem, criam, processam e comunicam conhecimento (JOB, 2008, p.367).

Helmholtz (1962) enfatiza a contribuição do sujeito perceptivo para a área da percepção. Para tanto, desenvolveu a ideia de inferência inconsciente, na qual ao invés de simplesmente ler percepções do mundo de estimulação externa, o sujeito recorre inconscientemente ao seu próprio conhecimento anterior para efetuar interpretações precisas daquilo que ele mesmo percebe. Assim, toda e qualquer experiência da percepção anterior do sujeito é adicionada inconscientemente numa reação presente a um dado estímulo (GARDNER, 1996).

Grande parte da percepção depende de inferências inconscientes e que a percepção de estímulos sofre modificações porque “os estímulos possuem informação que é extraída pelo organismo sob forma de aprendizagem, a qual modifica o organismo de modo que a percepção posterior dos mesmos estímulos será diferente” (STERNBERG, 2008, p.05). Com base nestes apontamentos, salienta-se que os dois aspectos interrelacionados mais importantes da mente são formados pela consciência e intencionalidade.

A consciência tem um grande número de formas e variedades. Todavia, os aspectos essenciais da consciência são sua natureza interior, qualitativa e subjetiva, sendo que, qualquer tentativa de descrever a consciência mostra-se inadequada, pois:

[...] a consciência não é apenas um aspecto importante da realidade. Em certo sentido, ela é o aspecto mais importante da realidade, porque todas as outras coisas só têm valor, importância ou mérito em relação à consciência. Se valorizarmos a vida, a justiça, a beleza, a sobrevivência, a reprodução, só as valorizamos como seres conscientes (SEARLE, 2000, p.82).

Embora nem todos os estados conscientes sejam intencionais e nem todos os estados intencionais sejam conscientes, Searle (2000, p.67) adverte que “[...] existe uma ligação essencial: só compreendemos a intencionalidade em termos de consciência”. No entendimento do referido autor, a intencionalidade corresponde aquela “[...] característica da

mente graças à qual os estados mentais são dirigidos a, ou falam de, ou se referem a, ou apontam para estudos de coisas no mundo”. Complementando, a intencionalidade é uma característica peculiar da mente, cujo objetivo não necessariamente precisa existir para ser representado pelo estado intencional do sujeito. Assim, a intencionalidade da mente refere-se à capacidade que a mesma tem, por meio de certas habilidades próprias, de representar a realidade.

Por sua vez, os aspectos estruturais da consciência enumerados em grau de relevância são: a subjetividade ontológica – todos os estados conscientes existem quando experimentados por algum agente; a consciência ocorre de forma unificada – experiência conceitual unificada; a consciência possibilita acesso a um mundo diferente dos estados conscientes de um agente – essencialmente ligada à intencionalidade; os estados conscientes aparecem quando o sujeito está com um determinado humor – qualquer estado consciente que se possa ter vem sempre com algum tipo de sensação; os estados conscientes em sua forma não patológica são sempre estruturados – o sujeito estrutura suas experiências conscientes em todos coerentes; a consciência tem graus variados de atenção – capacidade do sujeito de deslocar a atenção conforme sua vontade; os estados conscientes ocorrem normalmente com um sentido de sua própria situação – condições fronteiriças da consciência; as experiências conscientes atingem o sujeito com vários graus de familiaridade – a experiência tem uma continuidade, um transbordamento das experiências prévias; e por fim, os estados conscientes são sempre prazerosos ou desprezados em algum grau – uma dimensão escalar (SEARLE, 2000).

A despeito dessa variedade de estados conscientes, a intencionalidade representa um termo genérico para todas as diversas formas pelas quais a mente pode ser dirigida. Esses estados subjetivos de coisas incluem, dentre outros, a percepção. Portanto, a plena compreensão da natureza dos aspectos de recepção, aquisição, assimilação e utilização do conhecimento implicam, necessariamente, em relacionar a percepção com o problema geral do desenvolvimento cognitivo.

A literatura das ciências comportamentais aponta que a percepção refere-se ao processo cognitivo por meio do qual os objetos, pessoas, situações ou acontecimentos reais se tornam conscientes. Assim, é por meio da percepção que o ser humano compreende o contexto real a sua volta de forma total e complexa. Sob este entendimento, a percepção depende de uma série de fatores precisos enquanto processo de extrair informações. Segundo Forgas (1971, p.02) “a percepção apresenta-se como sendo o superconjunto e a aprendizagem

e o pensamento como subconjuntos subordinados ao processo perceptivo”, em que “vista desta forma, a percepção se torna o âmago da cognição ou aquisição de conhecimento”.

Observa-se que as tarefas ou estágios mais elevados/complexos da percepção envolvem um nível maior de extração da informação. Neste sentido, o tripé percepção, aprendizagem e pensamento constituem o processo cognitivo por tratarem, até certo ponto, do problema do conhecimento. Por ser adquirido de maneira individual, o conhecimento figura-se enquanto uma das maiores problemáticas de entendimento e delimitação das ciências comportamentais. Segundo Peter Burke (2003), definir conhecimento é quase tão difícil quanto definir verdade; o que demonstra sua fragilidade enquanto elemento investigativo independente de suas abordagens fenomenológicas.

Neste sentido, a percepção deve ser considerada como um processo contínuo que varia desde os eventos de natureza simples até aqueles de maior complexidade, os quais exigem aprendizagem e pensamento mais ativos. De modo geral,

[...] a **percepção** pode ser definida como o processo pelo qual um organismo recebe ou extrai certas informações acerca do ambiente. A **aprendizagem** é definida como o processo pelo qual esta informação é adquirida através da experiência e se torna parte do armazenamento de fatos do organismo. Assim, os resultados da aprendizagem facilitam a nova extração de informação, uma vez que os fatos armazenados se tornam modelos de acordo com os quais são julgados os indícios. O mais complexo destes processos cognitivos, ou seja, o **pensamento** é uma atividade cuja ocorrência se infere quando um organismo está ocupado em resolver problemas, o que também envolve o emprego de modelos (FORGUS, 1971, p.03, grifo nosso).

Logo, a percepção, o pensamento e a aprendizagem são processos cognitivos intimamente relacionados, sendo difícil separá-los em situações práticas. Especificamente o pensamento e a aprendizagem são processos que auxiliam a extração de informação e, por isso, representam um papel de importância crescente quando a extração exige um esforço mais ativo por parte do sujeito.

Acresce que, para uma ativa interrelação entre aprendizagem e pensamento no processo perceptivo, alguns perceptos são necessários, tais como a interação social, os aspectos comportamentais e a aprendizagem por *insight*¹⁰⁶, os quais dependem da ação integrada do processo cognitivo. Entretanto, torna-se pertinente expor que a relação entre os processos cognitivos não segue apenas uma direção, pois os perceptos anteriores podem afetar

¹⁰⁶ A aprendizagem por *insight* torna-se possível devido a informação armazenada pelo sujeito no decorrer de sua vivência com o ‘eu’ e com o ‘social’ durante os anos.

o pensamento e, por sua vez, o resultado do pensamento modifica a aprendizagem futura. A eficácia da aprendizagem aumenta conforme a organização da tarefa do problema pelo sujeito, a qual determina a seletividade da percepção ao aperfeiçoar a discriminação e a seleção perceptiva.

Os estudos do comportamento perceptivo são precorrentes para a resolução de problemas. Partindo-se deste ponto de vista, salienta-se que o propósito do comportamento perceptivo figura-se nas causas do comportamento, cuja função é indicar a direcionalidade da sequência comportamental. Embora o comportamento perceptivo envolva respostas privadas, o mesmo desempenha papel causal, ou seja, pode ter função na determinação de outros comportamentos.

O conjunto do comportamento perceptivo é constituído pelo propósito, atenção, consciência, experiência e pensamento (DONALD, 1999). Acresce que, no comportamento perceptivo o propósito consiste no reforço e nas operações estabelecidas para a emissão de determinada percepção. Posteriormente, a atenção propicia a clareza dos estímulos importantes para o controle do comportamento perceptivo. Na medida em que o processo perceptivo aumenta, a consciência permite ao sujeito determinar a percepção com mais adequação.

Donald (1999) distingue três níveis de consciência na evolução humana. O primeiro nível consiste na “consciência simples” e é subproduto da simples adaptação ao ambiente. O segundo nível refere-se a “consciência”, na qual o ambiente é representado a partir de um registro bibliográfico contínuo de experiências construído e guardado dentro de um contexto espaço-temporal, a base da qual é chamada a nossa memória episódica. Por fim, o terceiro nível, “autoconsciência”, envolve a representação dos conteúdos da consciência normal – representação do mundo exterior, suas capacidades físicas e sociais, e também a representação do “eu”. Mediante ampliação do conjunto perceptivo por meio da experiência, o sujeito torna-se mais complexo e rico de padrões, ou seja, mais capaz de extrair informações do ambiente. Neste sentido, a experiência refere-se ao conjunto de conhecimentos concretos adquiridos pelo uso e os contatos contínuos com a realidade, os quais alimentam as práticas profissionais.

Portanto, trata-se de conhecimentos adquiridos pelo exercício dos conhecimentos inerentes a fatos e observações em campos delimitados. Em diversos domínios específicos, esses fatos são aqueles vividos e observados de modo repetido e que, naturalmente, levam a conhecimentos e aprendizagens práticas.

A partir disso, percebe-se que, “baseado na experiência, o conhecimento acarreta a percepção pelos sentidos, pelo pensamento, as emoções, a admiração, a escolha. Em contrapartida, pensar o concreto sem referência a um sentido global situa o concreto de modo isolado e abstrato” (MORIN, GADOUA, POTVIN, 2007, p.51). Logo, o pensamento pode ser interpretado enquanto unidade cognitiva como sendo um processo comportamental, isto é, a mudança no comportamento como aprendizagem em todas as suas nuances, uma vez que, na verdade, a aprendizagem é um processo ativo¹⁰⁷ de codificação e de armazenamento da informação. A relação do pensamento e o comportamento perceptivo pode ser elucidada no estudo da resolução de problemas – pensamento como meio de explicação para os processos cognitivos envolvidos.

Skinner (1966) aponta que praticamente todo comportamento tem sua emissão original no nível público, incluindo o comportamento perceptivo. Entretanto, existem três possibilidades do comportamento tornar-se encoberto: 1) quando o controle de estímulos é fraco ou envolve punição; 2) quando ele é reforçado automaticamente ou; 3) quando é precorrente, cuja função é apenas tornar o comportamento subsequente mais eficaz. Assim, o comportamento perceptivo pode regredir ao nível encoberto e tornar-se diretamente inacessível para outros sujeitos, fato esse que justifica chamá-lo de ‘pensamento’ – evento de natureza especial. Contudo,

Isso não ocorreria se todo o processo fosse observado e se o observador conhecesse as relações funcionais envolvidas, pois em termos funcionais não há diferença entre um comportamento encoberto e um comportamento manifesto, ambos são mantidos por variáveis passíveis de ser manipuladas. Nesse sentido, se é possível estudar de modo científico o comportamento manifesto, o mesmo pode ser dito do comportamento encoberto (LOPES; ABIB, 2002, p.134).

Tomando-se como base os apontamentos ora expostos que sustentam a percepção enquanto componente investigativo que integra os processos cognitivos e envolve tanto os estímulos presentes, quanto à experiência anterior do sujeito que percebe, de modo a ser desenvolvida a consciência do ambiente e de si mesmo, na presente pesquisa investiga-se o profissional durante a realização do processo de tratamento temático da informação, cuja

¹⁰⁷ A aprendizagem como processo ativo dá-se porque, uma vez que a informação tenha sido armazenada, sua utilização torna-se eficaz caso o seu acesso seja pertinente e em momento oportuno. Sobre isto, Soares (2001, p.309) aponta que “o processo de recuperação apropriado, eficaz e flexível é tão importante quanto o processo de codificação eficiente. Evidentemente, o armazenamento e a recuperação da informação não devem ser considerados como funções totalmente separadas, estes processos caminham lado a lado. O processo de recuperação depende do modo como a informação foi armazenada na memória”.

atuação esteja ancorada num contexto de trabalho específico. Isto porque, a percepção enquanto processo cognitivo propicia efetivas compreensões a respeito da aprendizagem, consciência e pensamento, aspectos que merecem maiores observações concernentes às ações profissionais desempenhadas no referido processo.

Desse modo, parte-se para a compreensão do funcionamento das estruturas mentais dos profissionais da informação, a partir de suas inferências perceptivas sobre a forma de organizar e representar a informação de modo que as necessidades dos interlocutores dos sistemas sejam providas adequadamente.

5.2 A técnica introspectiva do Protocolo Verbal

Na década de 1970 os estudos em Psicologia Cognitiva foram marcados pelo uso da introspecção, sendo esta a principal técnica empregada para obtenção das estruturas de conteúdo de experiências conscientes dos sujeitos, com foco na descoberta das semelhanças do comportamento humano. A introspecção é um método por meio do qual o sujeito presta uma atenção meticulosa as suas próprias sensações e as relata de forma objetiva. Tem-se, pois, a introspecção como uma reflexão consciente sobre os conhecimentos e experiências anteriores realizadas pelo próprio ser, considerando-se que o conhecimento é um elemento pessoal e, sendo assim, subjetivo e conceitual. Portanto, para que o sujeito o comunique, o mesmo deve ser expresso, descrito ou representado em uma forma física.

De acordo com Radford e Burton (1974), as técnicas de introspecção são classificadas em três grupos: auto-observação (o sujeito relata seus próprios eventos mentais – introspecção); auto-relato ou autopercepção¹⁰⁸ (o sujeito conta sua experiência ao pesquisador – retrospecção) e; pensar alto (o sujeito pensa em voz alta enquanto realiza uma determinada atividade – protocolo verbal ou análise de protocolo). Destaca-se, porém, que para a realização da autopercepção necessita haver no mínimo dois participantes, o sujeito e o pesquisador; na introspecção o sujeito observa e analisa o seu comportamento; enquanto que no pensar alto exige-se pelo menos dois participantes – sujeito e pesquisador.

¹⁰⁸ Considerando-se os objetivos da pesquisa, neste ponto a autopercepção não será enfatizada, uma vez que está elucidada em seção própria.

Hasstrup (1987)¹⁰⁹ foi uma das pioneiras na utilização de técnicas introspectivas para investigar o processo de leitura, valendo-se da Entrevista Retrospectiva¹¹⁰ para exteriorização das dificuldades, estratégias e uso de procedimentos pelo sujeito participante. Assim, tem-se a possibilidade de utilizar-se da autopercepção para a retomada de algum item abordado que não tenha ficado bem esclarecido durante a realização da atividade proposta.

A técnica de Protocolo Verbal para a observação da atividade de leitura teve como precursores Ericsson e Simon (1987). Esta técnica tem sido amplamente utilizada nos campos da Psicologia Cognitiva, Educação e Linguística para observação e investigação dos processos mentais da mente humana, principalmente no que tange a representação da informação e uso de estratégias por consistir na gravação da exteriorização verbal do pensamento (processos cognitivos) durante a atividade de leitura, de modo simultâneo a realização da mesma (FUJITA, NARDI, FAGUNDES, 2003).

Em Ciência da Informação, a técnica de “Pensar Alto” (*Think Aloud*) tem sido utilizada em pesquisas em torno da busca e recuperação das informações interativas desde a década de 1970. No Brasil, os estudos com base no uso da referida técnica tem sido amplamente realizados em estudos coordenados pela Professora Doutora Mariângela Spotti Lopes Fujita no grupo de pesquisa “Análise Documentária”, especificamente para observação do processo de leitura documental. Nestes, o propósito volta-se para a identificação do processo mental de leitura, análise e tradução de conceitos contidos no texto documental, bem como para observação das estratégias de leitura utilizadas pelo leitor profissional durante o processo de representação da informação documental, com fins de tratamento temático da informação (FUJITA, 1999, 2003; FUJITA, NARDI, FAGUNDES, 2003; DAL’ EVEDOVE, 2007).

As observações dos processos mentais fornecem informações importantes sobre os passos de processamento individual, tais como verbalizações espontâneas e sequência de movimentos com os olhos que exteriorizam os processos mentais, mantendo a sequência das informações processadas. Dessa forma, o “Pensar Alto” do sujeito é gravado e transcrito

¹⁰⁹ Enquanto linguista, a referida autora investigou quais as fontes de informação/conhecimento eram utilizadas por sujeitos aprendizes de diferentes níveis de proficiência no idioma inglês para inferirem significado em palavras desconhecidas.

¹¹⁰ Esclarece-se que a Entrevista Retrospectiva atua enquanto recurso opcional.

literalmente, produzindo protocolos verbais, definidos como relatos verbais¹¹¹ dos processos mentais conscientes dos informantes. Em outras palavras, o Protocolo Verbal consiste:

[numa técnica] de coleta de dados introspectiva, a qual propõe o acesso ao processo de pensamento do indivíduo que executa determinada atividade com objetivo pré-determinado. Enquanto executa a tarefa, o indivíduo verbaliza ‘tudo o que lhe passa pela cabeça’ e, após a transcrição de seu Protocolo Verbal, é possível observar os conhecimentos declarativo, procedimental e metacognitivo sobre a atividade realizada (FUJITA; RUBI, 2007, p.143).

De acordo com a intenção investigativa e da natureza da atividade, a técnica de Protocolo Verbal pode ser aplicada em três modalidades específicas: a) Protocolo Verbal Individual, b) Protocolo Verbal Interativo e c) Protocolo Verbal em Grupo.

A modalidade de Protocolo Verbal Individual é comumente a mais utilizada, na qual o sujeito participante é solicitado a relatar a atividade de leitura, ou seja, o sujeito verbaliza todos seus processos mentais enquanto o pesquisador acompanha a verbalização espontânea do pensamento, sem qualquer tipo de interação¹¹² (interferências ou comentários), cabendo-lhe apenas controlar o aparelho gravador, realizar a anotação que julgar necessária, ou mesmo lembrar ao sujeito a importância de sua exteriorização de pensamentos.

Em adaptações da técnica do Protocolo Verbal, Nardi (1999) em sua tese de doutorado realizou estudos sobre esta interação em protocolos, Protocolo Verbal Interativo ou Protocolo Verbal com Escora, proporcionando à metodologia uma inovação sobre a participação interativa do pesquisador, o qual passa a ter como papel fundamental instigar o sujeito para que este seja motivado e atinja níveis mais satisfatórios de compreensão durante a atividade proposta. Assim, tem-se o Protocolo Verbal Interativo como a segunda modalidade investigativa, que permite uma participação interativa do pesquisador experiente com o sujeito aprendiz.

A terceira modalidade também surgiu em decorrência de adaptações da referida autora em pesquisas específicas – investigação de um grupo de pessoas mediante análise e discussão de um mesmo texto. Neste sentido, a prática de leitura como evento social também se configura como um instrumento de coleta de dados introspectivo, posto que os leitores

¹¹¹ Os protocolos são geralmente definidos como relatos verbais dos processos mentais conscientes do informante, ou seja, eles se referem ao “pensar alto” do sujeito enquanto realiza uma determinada atividade (CAVALCANTI, 1989).

¹¹² O único momento de intervenção do pesquisador é para lembrar ao sujeito participante sobre a importância da exteriorização dos pensamentos presentes em sua mente durante a execução da atividade do pensar alto.

verbalizam o conhecimento processual individual para desvendar a atividade de leitura. Alterna-se, portanto, o conhecimento prévio dos sujeitos com a leitura documental de modo aleatório.

Esclarece-se que o conhecimento processual possibilita que o sujeito realize uma leitura consciente do documento, ou seja, perceba o modo pelo qual realiza a leitura e tenha consciência de suas especificidades próprias (estratégias de leitura). Para Cavalcanti (1989), as estratégias de leitura são percebidas quando há uma ruptura na compreensão, em que o leitor desacelera a leitura e torna-se cognitivo. Para Fujita e Cervantes (2005), a cognição é uma ação e a aprendizagem é uma negociação entre sistemas e meio, em que não havendo interação, não há cognição.

Neste sentido, o sujeito caracteriza-se enquanto produto subjetivo de apropriação do mundo objetivo. Notoriamente, a consciência produz-se em um processo ativo, especialmente em torno das relações sociais, uma vez que não se limita ao saber lógico, mas inclui todas as formas e manifestações conscientes e inconscientes do homem (BOCK, et. al., 1994). Considerando-se este aspecto, os atos conscientes dos sujeitos tendem a contribuir solidamente para as explanações e interlocuções conscientes mediante interação social, posto que esta modalidade de Protocolo Verbal, vista pela abordagem sóciocognitiva, aborda os sujeitos no momento de uma determinada atividade e seus processos cognitivos em relação ao contexto de produção.

Segue-se, neste ponto, para uma maior elucidação do Protocolo Verbal em Grupo enquanto modalidade empregada, principalmente por possibilitar constantemente trocas de informações e reflexões entre os sujeitos participantes, elemento enriquecedor para os objetivos delimitados para a presente pesquisa.

5.2.1 Protocolo Verbal em Grupo

A modalidade de Protocolo Verbal em Grupo destaca-se das demais por incluir dados gerados a partir das manifestações espontâneas dos sujeitos participantes em eventos de leitura realizada colaborativamente para observação da cognição e conhecimento processual socialmente construídos. Basicamente, o Protocolo Verbal em Grupo consiste na reunião de pessoas – sujeitos participantes e pesquisador para a leitura de determinado texto e discussão

de temas suscitados pelo mesmo. Nesta modalidade, o pesquisador interage como um dos sujeitos participantes apenas no intuito de controlar o gravador (FUJITA; RUBI, 2007).

Dentre os estudos focados no processo de leitura documental a partir da utilização da referida modalidade destacam-se os de Rubi (2004), no qual o emprego da técnica deu-se para análise do contexto do bibliotecário indexador e investigação de seu conhecimento sobre a política de indexação; Dal' Evedove (2006, 2007) que investigou a modalidade enquanto instrumento pedagógico de sujeitos aprendizes e o conhecimento declarativo de catalogadores de assunto em contexto de bibliotecas universitárias; Gonçalves (2007) que realizou estudo do contexto sóciocognitivo de usuários integrantes de grupo de pesquisa da UNESP; Fujita, Rubi e Boccato (2009) que realizaram investigações em torno do contexto de tratamento temático da informação de bibliotecas universitárias, dentre outros. Nota-se, portanto, uma preocupação em torno da leitura documental enquanto componente do tratamento temático da informação e elemento de natureza sóciocognitiva.

Valendo-se da riqueza da interação entre os sujeitos na construção de possíveis significados, impressões e novas indagações e conhecimentos, nesta pesquisa a utilização do Protocolo Verbal em Grupo volta-se, especificamente, enquanto produto da discussão entre os sujeitos constituintes de uma comunidade de aprendizagem em contexto institucional.

Ressalta-se, ademais, que a aplicação da técnica foi realizada pela pesquisadora uma única vez em cada biblioteca universitária com os profissionais que integram o grupo de profissionais participantes das referidas instituições. Desse modo, por meio da utilização da técnica de Protocolo Verbal em Grupo objetivou-se obter a observação e análise das ações cotidianas dos profissionais, embasadas no saber e no fazer do processo de tratamento temático da informação pela perspectiva sóciocognitiva, uma vez que para se realizar estudo focado em um contexto informacional específico torna-se necessário o levantamento de dados do ambiente em análise.

Para tanto, utilizaram-se dos seguintes procedimentos metodológicos¹¹³, a saber:

¹¹³ Destaca-se que os procedimentos metodológicos foram apresentados por Nardi (1999), os quais contemplam as etapas anteriores, durante e posteriores da aplicação do Protocolo Verbal. Observa-se que tais procedimentos metodológicos de coleta de dados não são específicos da modalidade de Protocolo Verbal em Grupo, sendo utilizados em quaisquer modalidades desta técnica (FUJITA; RUBI; BOCCATO, 2009).

– *Procedimentos anteriores às sessões de aplicação da coleta de dados*

a) *Definição do universo da pesquisa:*

A aplicação da técnica de Protocolo Verbal em Grupo deu-se com uma comunidade de aprendizagem constituída por bibliotecários dirigentes, bibliotecários de referência e bibliotecários catalogadores de assunto de três diferentes bibliotecas universitárias do estado de São Paulo de caráter público, sendo uma localizada na capital e as demais no interior do estado. Evidencia-se que todas são representativas da área de Ciências Humanas.

b) *Seleção do texto-base:*

Para a realização da coleta de dados selecionou-se o livro intitulado “Análise de Assunto”, especificamente o capítulo dois “O processo de tratamento temático”, por abordar de maneira sucinta os procedimentos necessários para a realização do processo de tratamento temático da informação, de acordo com a literatura especializada. Contudo, a fim de evitar uma leitura extensa das partes, selecionou-se para a leitura e discussão no Protocolo Verbal em Grupo o trecho entre as páginas 27 e 31, por conter os principais aspectos da sistematicidade do processo e serem pertinentes à discussão, a qual traria à tona as principais reflexões e percepções dos integrantes da comunidade de aprendizagem acerca do saber e do fazer profissional em contexto de bibliotecas universitárias para o desenvolvimento do tratamento temático da informação (ANEXO A).

Referência:

DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes. O processo de tratamento temático. In: ____ *Análise de assunto: prática e teoria*. Brasília: Thesaurus, 2007, p.27-31 (Estudos avançados em Ciência da Informação, 3). 2007.

Resumo:

Apresenta o contexto do tratamento temático da informação na concepção da literatura especializada, objetivando-se diferenciar a atividade de indexação e catalogação de assunto a partir da delimitação conceitual do processo em Ciência da Informação. Para tanto, apresenta as etapas do processo, bem como descreve os principais pontos e aspectos que diferenciam as duas operações do tratamento temático da informação. Ademais, cerca a questão da subjetividade da etapa da análise de assunto e reflete sobre a importância da autoconsciência profissional no momento da análise, seleção e tradução de conceitos.

c) *Definição da tarefa:*

Os tópicos abordados durante as coletas de dados dizem respeito aos objetivos a serem alcançados com base nos seguintes questionamentos: O por que da presente pesquisa? Quais informações deverão ser obtidas? Quais tópicos pretendem-se abordar? Por sua vez, cada grupo de profissionais foi reunido no próprio ambiente institucional e observado pela pesquisadora durante a aplicação da técnica, cuja participação foi moderada, ora interagindo com o grupo como um sujeito a mais, ora conduzindo a discussão de modo que todos os tópicos fossem discutidos por todos os sujeitos e não houvesse dispersão do assunto abordado.

d) *Seleção dos sujeitos participantes:*

A seleção dos sujeitos concentrou-se no corpo de profissionais que influenciam direta ou indiretamente o processo de tratamento temático da informação. Para tanto, selecionou-se como público alvo três bibliotecários que atuam nos seguintes setores: administrativo, de referência e de processamento técnico, especificamente na catalogação de assunto de cada uma das bibliotecas universitárias pertencentes as seguintes Universidades: USP, UNESP e UNICAMP.

e) *Elaboração do roteiro:*

A aplicação do Protocolo Verbal em Grupo visou investigar por meio de comparações entre os aportes teóricos e a prática cotidiana dos profissionais a existência de uma uniformidade do processo de tratamento temático da informação em nível de bibliotecas universitárias. Assim, a utilização da técnica deu-se para verificar a percepção dos profissionais sobre a sistematicidade do processo e os aspectos relevantes que norteiam a sua uniformidade em contexto de bibliotecas universitárias, conforme o objetivo específico cinco. O roteiro foi seguido após a aplicação da técnica no intuito de elencar todos os aspectos necessários para a compreensão do temário discutido, visando refletir sobre a importância da atividade em contexto de bibliotecas universitárias. Para tanto, consideraram-se os seguintes pontos:

1. Sistematicidade do processo de tratamento temático da informação

Tratamento temático da informação

- Conceitualização
- A questão do assunto
- A subjetividade do processo
- Discrepâncias e congruências entre os aportes teóricos e a prática cotidiana

Operações do tratamento temático da informação

- Catalogação de assunto e Indexação

Procedimentos metodológicos

- Etapa da análise de assunto
 - Leitura documental com fins de identificação de conceitos
 - Extração de conceitos
 - Determinação da atinência/seleção de conceitos
- Etapa de tradução de conceitos

2. Pertinência do processo em bibliotecas universitárias

Uniformidade do processo

- Utilização de métodos e instrumentos específicos
- Padronização

Perspectivas do contexto de bibliotecas universitárias

- Usuários
- Linguagem documental
- Política de tratamento da informação documental
- Aspectos sócio culturais influentes
- Consciência profissional

f) *Conversa informal com os sujeitos participantes:*

Inicialmente, realizou-se uma conversa informal com o responsável por cada biblioteca universitária, a qual resultou na aceitação e definição da data para a realização da coleta de dados. Posteriormente, no momento da aplicação do Protocolo Verbal em Grupo os sujeitos participantes foram recepcionados pela pesquisadora, ocorrendo um momento de apresentação entre as partes. Em seguida, a pesquisadora mencionou-lhes os objetivos e a importância da pesquisa no âmbito da Ciência da Informação para a qual contribuiriam. Neste ponto, esclareceu-se que todas as identidades dos sujeitos participantes seriam mantidas

ocultas, a fim de não comprometer-lhes e também, para que ficassem mais a vontade durante toda a aplicação da técnica. Ademais, os sujeitos relataram suas expectativas almejadas e, em seguida, foram-lhe tecidas considerações a respeito da escolha dos mesmos.

g) *Familiarização dos sujeitos com a técnica de Protocolo Verbal em Grupo:*

Os sujeitos participantes foram apresentados à técnica de Protocolo Verbal em Grupo e seus procedimentos específicos, sendo-lhes instruídos no modo como deveriam proceder durante a aplicação da mesma (ANEXO B).

– *Procedimentos durante a coleta de dados*

a) *Gravação do “Pensar Alto” do grupo de sujeitos participantes durante a discussão do Texto-Base:*

A realização da leitura e discussão do texto-base referente ao temário trabalhado foi gravada pela pesquisadora por meio de um gravador digital.

b) *Entrevista retrospectiva (opcional):*

Após o término da técnica introspectiva do Protocolo Verbal em Grupo foi realizada uma entrevista retrospectiva com o grupo de sujeitos participantes. Por sua vez, o intuito era esclarecer algumas dúvidas sobrepostas durante a execução da atividade em análise. Por isso, sentiu-se a necessidade de realizar uma conversa informal com os sujeitos participantes após o término das discussões.

– *Procedimentos após o término das sessões de coleta de dados*

a) *Transcrição literal das gravações das falas dos sujeitos participantes:*

Nesta etapa, realizou-se a transcrição literal das falas dos sujeitos participantes, com a identificação das fontes individuais de cada sujeito. Contudo, todas as falas foram enumeradas em turnos e divididas em unidades de análise, o que facilitou a análise e manteve a natureza contínua da interação entre os sujeitos.

- b) *Leitura detalhada dos dados em busca de fenômenos significativos e recorrentes para a construção de categorias de análise:*

Efetuiu-se uma leitura detalhada das transcrições dos Protocolos Verbais em Grupo a fim de buscar aspectos relevantes para a construção das categorias de análise dos dados coletados. Esta etapa foi baseada na leitura para observação.

- c) *Construção das categorias de análise:*

Após leitura detalhada dos dados coletados, construíram-se as categorias de análise que, por sua vez, constituem as unidades de análise por meio das quais as informações obtidas pela aplicação dos Protocolos Verbais em Grupo foram analisadas e estruturadas.

- d) *Releitura dos dados coletados:*

Realizou-se uma releitura das transcrições das coletas de dados com intuito de retirar trechos da discussão que melhor exemplificassem cada um dos fenômenos abordados nas categorias de análise.

- e) *Análise dos dados:*

As categorias de análise foram estabelecidas de acordo com os aportes teóricos e o objetivo da pesquisa, cujo último destes centra-se nos aspectos inerentes da percepção do grupo de sujeitos participantes sobre o saber e o fazer profissional e a interação social em contexto institucional de bibliotecas universitárias no processo de tratamento temático da informação. O estabelecimento das categorias deu-se conforme o roteiro elaborado para aplicação da técnica de Protocolo Verbal em Grupo, resultando nas seguintes categorias de análise de dados:

- Tratamento temático da informação
- Operações do tratamento temático da informação
- Procedimentos metodológicos
- Uniformidade do processo
- Perspectivas do contexto de bibliotecas universitárias

Para atender aos propósitos de análise da presente pesquisa, a elaboração das categorias/fenômenos de análise dos dados teve como base os referenciais teóricos apresentados nos capítulos anteriores e os objetivos da pesquisa (Quadro 1), conforme demonstradas no quadro a seguir:

CATEGORIAS DE ANÁLISE	FUNDAMENTAÇÃO	APORTES TEÓRICOS	OBJETIVOS DA PESQUISA
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tratamento temático da informação 	<ul style="list-style-type: none"> – Conceitualização da atividade de tratamento temático da informação; – Discussão da questão do assunto e sua imprecisão na Ciência da Informação; – A subjetividade do processo e sua interferência no resultado de busca e recuperação da informação documental e; – Discrepâncias e congruências entre os aportes teóricos e a prática cotidiana. 	<p>Foskett (1973); Hutchins (1977); Cintra (1989); Lancaster (2003); Fujita (1998, 2003, 2004); Dias (2004); Neves (2006); Dias e Naves (2007); Hjørland (2007) e; Guimarães (2009).</p>	<p>Objetivos específicos 1 e 2</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Operações do tratamento temático da informação 	<ul style="list-style-type: none"> – O conceito de catalogação de assunto e indexação na percepção profissional. 	<p>Fiuza (1985); Milstead (1983); Campos (1987); Chaumier (1988); Van Slype (1991); Lancaster (2004) e; Dias e Naves (2007).</p>	<p>Objetivo específico 2</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Procedimentos metodológicos 	<ul style="list-style-type: none"> – Etapa da análise de assunto: foco no momento da leitura documental com fins de identificação de conceitos, extração de conceitos e determinação da atinência/seleção de conceitos e; – Etapa de tradução de conceitos. 	<p>Langridge (1989); Farrow (1995); Novellino (1996); Naves (2001) e; Dias e Naves (2007).</p>	<p>Objetivo específico 2</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uniformidade do processo 	<ul style="list-style-type: none"> – Utilização de métodos e instrumentos específicos de representação da informação e; – Padronização do processo em contexto de bibliotecas universitárias. 	<p>Cunha e Kobashi (1991); Fujita, Rubi e Boccato (2009); Guimarães (2003, 2007) e; Dias e Naves (2007).</p>	<p>Objetivos específicos 3, 4 e 5</p>

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perspectivas do contexto de bibliotecas universitárias 	<ul style="list-style-type: none"> – A realização do processo considerando o usuário do contexto de informação; – A linguagem documental; – Utilização e/ou estabelecimento da política de tratamento da informação documental; – Aspectos sócio culturais do contexto e influentes nas ações cotidianas dos profissionais e; – Consciência profissional sobre suas ações cotidianas no tratamento temático da informação. 	<p>Jacob e Shaw (1998); Nascimento (2006); Dias e Naves (2007); Dal' Evedove e Fujita (2008); Rubi (2008) e; Fujita, Rubi e Boccato (2009).</p>	<p>Objetivos específicos 3, 4 e 5</p>
--	---	---	---------------------------------------

QUADRO 4: Construção das categorias de análise a partir dos referenciais teóricos apresentados nos capítulos anteriores e dos objetivos da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora.

5.3 Questionário focado: perspectivas do contexto institucional e interação social

Sabe-se que muitos são os fatores interferentes nos produtos e serviços resultantes do tratamento temático da informação, dentre estes a falta de interação entre os profissionais para a troca de experiências e conhecimentos; a passividade dos profissionais pela educação continuada e melhoria de sua atuação; a pouca conscientização sobre as ações particulares desempenhadas em suas funções específicas; a nula preocupação pela cultura da comunidade usuária e o desconhecimento de suas necessidades informacionais; bem como a falta e/ou inutilidade das políticas de tratamento da informação documental são apenas alguns dos aspectos que influenciam negativamente o resultado do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias. Desse modo, julgou-se relevante desenvolver e aplicar um instrumento de coleta de dados direcionado para a observância de alguns desses fatores interferentes, considerando que o contexto de atuação profissional exerce influências de diversas magnitudes.

Diante destas características, muitas próprias de bibliotecas universitárias, o modo pelo qual o contexto institucional influencia o tratamento temático da informação torna-se relevante para esta pesquisa, uma vez que não há uma gama de estudos detalhados sobre os fatores sócio culturais reais que permeiam o contexto das bibliotecas universitárias e que, de

algum modo, acabam por interferirem e direcionarem a atuação profissional e, conseqüentemente, os produtos e serviços informacionais. De qualquer modo, a pesquisa não foca a cultura organizacional, apesar do temário ser relevante para as pesquisas que envolvam ambientes organizacionais como é o caso da biblioteca universitária. Apesar disso, reforça-se a importância de estudos centrados nas pessoas (profissionais) e no contexto institucional (aspectos sócio culturais), dois dos eixos pretendidos na pesquisa.

Por isso, para que a metodologia corresponda aos temários propostos, entende-se que a posição a ser assumida nesta pesquisa, no que tange a aplicação dos questionários, deva ser a do paradigma fenomenológico, pois o que se busca conhecer com maior profundidade se encontra recolhido no interior dos profissionais, na construção e na atribuição de significados construídos em nível social e; pela pesquisa estar estabelecida sobre objetivos e pressupostos que induzem a aplicação do instrumento de pesquisa. Sobre isto, Roesch (1999, p.123) explica que:

A tradição fenomenológica parte da perspectiva de que o mundo e a realidade não são objetivos e exteriores ao homem, mas socialmente construídos e recebem um significado a partir do homem. Dentro desta visão, a tarefa do cientista social não é levantar fatos e medir a freqüência de certos padrões, mas apreciar as diferentes construções e significados que as pessoas atribuem a sua experiência.

Baseado nesta necessidade, a formulação dos questionários assentou-se basicamente na investigação da biblioteca universitária enquanto contexto institucional e, também, na troca de experiências e conhecimentos entre os profissionais para a realização do tratamento temático da informação. A primeira abordagem focou os principais aspectos sócio culturais subjacentes ao contexto de bibliotecas universitárias enquanto unidades vinculadas as Universidades Públicas do Estado de São Paulo. Por sua vez, a segunda abordagem deteve-se para a característica contributiva e impactante das interações profissionais concernente ao tratamento temático da informação, mais incisivamente, nos produtos e serviços subjacentes ao processo.

Sob este entendimento, utilizaram-se três questionários focados compostos por questões abertas, fechadas e mistas, cada qual direcionado para o bibliotecário dirigente, o bibliotecário de referência e o catalogador de assunto. Salienta-se que a vinculação ao paradigma fenomenológico, que é essencialmente qualitativo, não impede a utilização de instrumentos frequentemente adotados pelo paradigma positivista, como é o caso do

questionário fechado, o que justifica a adoção de um questionário formado por questões de natureza/estrutura variada.

O questionário aplicado com os bibliotecários dirigentes foi composto por doze questões, das quais três eram direcionadas à estrutura administrativa da biblioteca universitária, 6 referentes ao tratamento temático da informação e os profissionais envolvidos nesta atividade e três voltadas para a reflexão e interação profissional. O questionário elaborado para os bibliotecários de referência era composto de dez questões, sendo três direcionadas para a satisfação do usuário em relação ao tratamento temático da informação, três destinadas à verificação das ações desempenhadas pelo serviço de referência visando contribuir para a qualidade do tratamento temático da informação e quatro voltadas para a interação profissional. Por fim, o questionário focado para os catalogadores de assunto constou de sete questões sobre a postura e capacitação profissional, duas sobre o respaldo teórico da literatura especializada para a execução do tratamento temático da informação, seis envolvendo o contexto de biblioteca universitária e sua influência na prática profissional e três direcionadas a interação profissional, totalizando dezoito questões.

Apesar de não serem questionários extensos, acredita-se que as questões formuladas são abrangentes e permitiram verificar os aspectos relacionados a:

- Interação social entre os profissionais que realizam e/ou influenciam o tratamento temático da informação;
- O papel específico de cada profissional nos produtos e serviços do tratamento temático da informação e;
- Os aspectos sócio culturais que permeiam o contexto de biblioteca universitária e que são interferentes na prática profissional.

Realizada a exposição do questionário enquanto instrumento relevante para a presente pesquisa, segue-se para o capítulo de apresentação e análise dos dados coletados a partir da aplicação do Protocolo Verbal em Grupo e dos questionários focados.

CAPÍTULO 6

TRATAMENTO TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO NA PERCEPÇÃO PROFISSIONAL: apresentação e análise dos dados

“Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino.”

Leonardo da Vinci

Este capítulo apresenta as análises dos dados coletados por meio dos instrumentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. Inicialmente são expostas as análises dos Protocolos Verbais em Grupo e, em seguida, são retratadas as análises dos questionários focados, ambas as técnicas empregadas nos contextos das bibliotecas universitárias investigados.

6.1 Apresentação e análise dos Protocolos Verbais em Grupo

A partir da delimitação das categorias de análise os dados foram enumerados e agrupados em suas respectivas unidades interacionais, no intuito de destacar os resultados mais significativos apresentados pela comunidade de aprendizagem de cada contexto retratado, bem como para que a apresentação e análise dos mesmos fossem viáveis, devido ao grande volume de falas resultantes das interações dos grupos participantes. Os fragmentos das falas foram agrupados de acordo com os temas específicos abordados por cada categoria de análise, em virtude de promover uma respeitabilidade do contexto profissional e propósito no qual estão inseridos.

As categorias de análise são apresentadas em unidades específicas objetivando-se, dessa maneira, descrevê-las e tornar viável a compreensão dos apontamentos levantados. Por sua vez, as falas seguem a indicação do sujeito participante com o propósito de evidenciar cada uma das partes envolvidas na discussão. Salienta-se que, dentre todas as falas transcritas, apenas aquelas que melhor explicitassem e/ou exemplificassem os temários abordados nas respectivas unidades interacionais foram utilizadas.

Cada unidade interacional apresenta uma síntese analítica dos fenômenos

discutidos pelos sujeitos participantes, com intuito de facilitar a leitura e compreensão. As análises e apresentação dos dados dos Protocolos Verbais em Grupo seguem a seguinte sequência: USP, UNESP e UNICAMP. Ressalta-se que foram apresentadas em cada unidade interacional à análise de todos os protocolos verbais, a fim de dinamizar a apresentação dos dados e propiciar comparações entre as distintas percepções dos profissionais. Para uma leitura completa dos turnos vide APÊNDICES A, B e C.

UNIDADE INTERACIONAL 1: *Tratamento temático da informação*

Nesta unidade interacional são retratados temas ligados ao tratamento temático da informação, especificamente aspectos relacionados a conceitualização; ao assunto intrínseco no documento; a subjetividade profissional em compreender e atribuir o assunto expresso no documento e; as discrepâncias e congruências entre os aportes teóricos e a prática cotidiana de cada profissional. Portanto, a síntese da unidade interacional aponta a questão da compreensão particular de cada grupo de profissionais sobre a atividade do tratamento temático da informação seus respectivos contextos de bibliotecas universitárias, a saber:

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da USP*

Síntese dos dados: nesta biblioteca universitária, as discussões sobre o temário em análise surgem no turno 1 quando o catalogador de assunto relata que a literatura especializada é distante da realidade profissional, mas que no geral procura seguir os aportes teóricos. No turno 2 o bibliotecário dirigente enfatiza a necessidade do contato com os aportes teóricos e aponta que, na medida do possível, os profissionais do processamento técnico procuram realizar o processo de acordo com os conhecimentos acadêmicos. O bibliotecário de referência salienta a importância dos profissionais lembrarem as técnicas e conceitos da profissão, exposto no turno 3. No turno 8 o catalogador de assunto afirma que o processo de atribuição de termos é de natureza subjetiva e reflete sobre a importância do conhecimento prévio do profissional para a execução da atividade. Sob este entendimento, o profissional defende a especialização do catalogador de assunto em determinadas áreas de assunto, a fim de facilitar e melhorar a atribuição de termos. No turno subsequente, o bibliotecário de referência concorda com tal necessidade. No turno 10 o catalogador de assunto reforça que a especialização é pouco evidenciada pela literatura especializada e acredita ser esta uma das

principais lacunas da área. Nos turnos 22 e 23 o catalogador de assunto e o bibliotecário de referência contextualizam o tratamento temático da informação. Na sequência, o bibliotecário de referência acrescenta que a falta de atenção para as diretrizes teóricas prejudica o resultado final do processo devido à subjetividade de cada profissional, turno 25. Nos turnos 26 e 28 o catalogador de assunto reforça que a subjetividade sempre foi um dos maiores problemas da indexação e aponta que no dia a dia a realização do processo de tratamento temático da informação difere-se da teoria por serem as etapas realizadas em um único momento. No turno 36 o profissional reforça que os conhecimentos adquiridos por meio da experiência profissional enriquecem o trabalho e são, na maioria das vezes, mais consistentes que os advindos pela literatura especializada. O bibliotecário dirigente relata que os conhecimentos advindos da prática profissional acabam sobrepujando os adquiridos no contexto acadêmico, pensamento reforçado pelo catalogador de assunto que declara não seguir plenamente a literatura especializada, conforme turno 40.

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da UNESP*

Síntese dos dados: as reflexões dos sujeitos participantes iniciam-se com o catalogador de assunto expondo não haver dispares entre a teoria relativa ao tratamento temático da informação e a prática profissional, cuja problemática em sua opinião é a questão temporal, ou seja, afirma que o cotidiano exige um comportamento diferenciado. No turno 2 o bibliotecário de referência enfatiza a questão da subjetividade das ações profissionais e das discrepâncias nos resultados que um mesmo profissional pode apresentar ao tratar um documento duas ou mais vezes. Sobre isto, no turno 3 o bibliotecário dirigente indaga que uma possível solução seria cada contexto realizar a catalogação de assunto, mesmo que o documento já esteja disponível para cooperação; isto porque em sua opinião o profissional não segue minuciosamente a teoria, por melhor que ela seja. No turno 4 o catalogador de assunto ressalta que essa subjetividade decorre da constante aprendizagem/conhecimentos adquiridos durante a vida e prática profissional e; salienta que o ato de definir o assunto do documento é a atividade mais desafiadora para os profissionais da informação. O bibliotecário de referência alerta para o fato dos profissionais não buscarem na teoria um direcionamento para a diminuição dessas nuances no momento da atribuição de assunto, apontando a necessidade de serem mais conscientes, considerando-se que suas ações refletem no momento da busca e recuperação do documento pelo usuário, exposto no turno 5. Posteriormente, o catalogador de assunto no turno 6 salienta sobre a dificuldade do processo e preservação da

qualidade do produto informacional. O referido profissional fala no turno 8 sobre a segurança advinda pela experiência profissional e advoga que a literatura especializada apresenta falhas ao não olhar para a realidade da biblioteca universitária; carência está compartilhada pelo bibliotecário de referência no turno 9. Ademais, o catalogador de assunto no turno 12 aponta que a imprecisão do que seja o assunto na própria Ciência da Informação interfere na prática profissional. Em seguida, o profissional declara não seguir a teoria e realizar o processo por meio de seu conhecimento tácito, exposto no turno 22. No turno 24 aborda a necessidade da teoria ser mais precisa, ou seja, delimitar os procedimentos de modo a despende menos tempo por parte do profissional. Por sua vez, no turno 33 declara utilizar o bom senso para atribuir o assunto do documento. Sobre isto, o bibliotecário dirigente reforça que o maior erro profissional é deixar que suas opiniões pessoais delineiem a rotina de suas ações cotidianas, retratado no turno 39. No turno 48 o catalogador de assunto expõe a atividade de tratamento temático da informação como sendo, em sua opinião, a mais importante da biblioteca. No turno 60 o profissional reforça a dificuldade em aplicar a teoria na prática cotidiana, uma vez que a atividade tornou-se técnica/mecânica e; declara buscar aprimoramento profissional por meio de cursos e participação em eventos. O profissional chama a atenção para o fato de durante a graduação os alunos não realizarem atividades práticas, ou seja, não conhecerem a realidade existente nos diversos contextos informacionais. Para ele isto é lastimável, pois com o tempo perde-se o interesse pela teoria e reflete-se menos, devido à mecanização da atividade, relatado no turno 62.

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da UNICAMP*

Síntese dos dados: o catalogador de assunto inicia as discussões nos turnos 1 e 3 declarando não conhecer o termo tratamento temático da informação. No turno 2 o bibliotecário dirigente enfatiza a definição do autor sobre o processo de tratamento temático da informação. Na sequência, o bibliotecário de referência demonstra familiaridade com o termo e seu significado. Nos turnos 10 e 49 o mesmo profissional enfatiza a subjetividade do processo no momento da atribuição do assunto, bem como declara que o conhecimento prévio do catalogador atua como um componente necessário para a realização do processo, principalmente em documentos da área de humanas. No turno 11 o catalogador de assunto enfatiza que a prática profissional exige comportamentos específicos e; aponta ser inviável seguir a indicação teórica, uma vez que ele trabalha em cima de números e resultados quantitativos. Nos turnos 13 e 19 o referido profissional salienta que a literatura deveria ser

mais adequada a realidade do contexto de atuação dos profissionais, mas que em termos gerais ele consegue aplicar muitos dos conhecimentos adquiridos em sua formação acadêmica. No turno 47 o profissional ressalta que grande parte de seu conhecimento sobre indexação decorre de sua vivência profissional. Essa problemática educacional é relatada também pelo bibliotecário dirigente, o qual atesta no turno 48 não ter tido contato com a teoria sobre indexação durante sua formação acadêmica. Nos turnos 51 e 53, o referido profissional diz perceber uma preocupação por parte da literatura especializada em trabalhar a questão do assunto do documento, aspecto pouco explorado em sua opinião e, acredita que a função do catalogador de assunto exige sensibilidade analítica. No entendimento do bibliotecário dirigente, a definição de termos é uma tomada de decisão por parte do catalogador de assunto, conforme turno 54. Na visão do catalogador de assunto, essa tomada de decisão é facilitada pelo conhecimento prévio profissional sobre determinado campo científico, turno 55. Tal pensamento é compartilhado pelo bibliotecário dirigente no turno 56 e pelo bibliotecário de referência no turno 61.

UNIDADE INTERACIONAL 2: Operações do tratamento temático da informação

Nesta unidade interacional evidencia-se a percepção dos profissionais sobre as operações do tratamento temático da informação, especificamente a catalogação de assunto e a indexação em contexto de bibliotecas universitárias, posto que nesta ambiência tais operações se realizam por meio dos mesmos procedimentos, a saber:

– Análise do Protocolo Verbal em Grupo da USP

Síntese dos dados: nesta unidade o catalogador de assunto expressa sua opinião a respeito das operações do tratamento temático da informação e afirma desconhecer o termo catalogação de assunto, uma vez que o profissional considera a indexação e a catalogação de assunto como sendo a mesma atividade, conforme turno 1. No turno 22 o profissional distingue as operações de indexação e classificação como processos pertencentes a catalogação e no turno 24 afirma que a mecanização do processo decorre do contexto de informação ter acoplado as três operações – classificação, indexação e catalogação. Por sua vez, o bibliotecário dirigente relata não ser prejudicial ao produto final o fato das operações ocorrerem simultaneamente, conforme turno 27.

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da UNESP*

Síntese dos dados: os sujeitos participantes discutiram sobre a catalogação de assunto e a indexação, sendo que para o catalogador de assunto existem operações distintas para a realização do processo de tratamento temático da informação, porém, em sua prática cotidiana a catalogação de assunto e a indexação ocorrem de maneira conjunta devido à automatização do sistema. Para o referido profissional, a realização das atividades em momentos distintos não é algo viável, mas mostra-se consciente ao expor que esta não é a maneira correta, uma vez que existem lacunas. Em sua opinião, a catalogação de assunto e a indexação são praticamente a mesma atividade, cujo fator torna o processo mais dinâmico, falas expostas nos turnos 10 e 14. No entanto, no turno 11 o bibliotecário dirigente opina de maneira contrária ao expor que a catalogação de assunto peca ao não possibilitar uma leitura técnica mais cautelosa.

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da UNICAMP*

Síntese dos dados: No turno 1 o catalogador de assunto declara não realizar o tratamento temático da informação de acordo com a literatura especializada. O referido profissional acredita que a realização conjunta das operações de indexação e catalogação prejudica os produtos informacionais, conforme turno 5. O bibliotecário dirigente afirma que o catalogador de assunto não realiza todas as etapas do processo e que a indexação perdeu espaço no corpo das atividades profissionais, turno 6. Este pensamento é reiterado no turno 57 quando o profissional afirma existirem diferenças teóricas e metodológicas entre a indexação e a catalogação, mas que hoje o contexto informacional exige que ambas sejam realizadas juntas.

UNIDADE INTERACIONAL 3: Procedimentos metodológicos

Esta unidade interacional aborda os procedimentos metodológicos do tratamento temático da informação, evidenciando-se as etapas de análise de assunto e de tradução de conceitos, a saber:

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da USP*

Síntese dos dados: O catalogador de assunto relata que a atribuição de assuntos dentro da catalogação tornou-se algo automático, superficial e aponta que tal problemática advém do contexto de informação que obriga o profissional a realizar as operações no mesmo momento, turno 6. No turno 24 o referido profissional enfatiza que a atribuição de assunto dá-se como uma parte do processo de catalogação. No turno 28 expõe a etapa da análise de assunto e suas estratégias de leitura e compreensão do assunto.

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da UNESP*

Síntese dos dados: Os temários são retratados primeiramente pelo catalogador de assunto, o qual salienta a necessidade de se realizar o tratamento temático da informação por meio de suas etapas. Contudo, devido ao grande volume de trabalho em sua prática cotidiana o profissional declara realizar uma leitura automática do documento. Em seguida, afirma que o assunto principal do documento é verificado por meio da operação de classificação e indaga sobre a possibilidade de haver um profissional especialista para cada assunto, percepções visualizadas nos turnos 1, 4 e 6. No turno 10 relata que o processo de tratamento temático da informação é realizado em conjunto com o tratamento descritivo. Para tanto, o profissional atribui o assunto do documento por meio da classificação e automaticamente realiza a catalogação de assunto, uma vez que o sistema da biblioteca universitária é automatizado. Segundo ele torna-se difícil separar a classificação e a catalogação de assunto. Sobre isto, o bibliotecário dirigente expõe no turno 11 que esse procedimento é próprio do referido contexto organizacional. No turno 12 o catalogador de assunto ressalta que por não serem operações distintas, ambas ocorrerem momentaneamente, aspecto que facilita o trabalho e faz com que a leitura das partes seja menos imprecisa. Nos turnos 20 e 22 o profissional declara não seguir as etapas na íntegra e de maneira sequencial, isto porque ao trabalhar com catálogo cooperativo ele inicialmente verifica se os termos são autorizados pelo Bibliodata¹¹⁴ e, caso o documento ainda não tenha sido tratado, o profissional parte para a leitura das partes redobrando a atenção para o título e sumário do documento em análise. Em seguida, aponta

¹¹⁴ No Brasil, a Rede BIBLIODATA – <http://www2.fgv.br/BIBLIODATA/> –, desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas, integra sessenta bibliotecas dos diversos campos do saber. Essa rede cooperativa de bibliotecas tem seus acervos representados no Catálogo Coletivo BIBLIODATA, contendo mais de um milhão e meio de registros bibliográficos, onde são realizados a catalogação cooperativa e compartilhamento de produtos e serviços informacionais, tendo em vista a redução dos custos e a promoção e difusão dos acervos de suas instituições.

verificar todas as possibilidades da análise de assunto para que os conceitos selecionados não sejam reducionistas, porém, salienta que a leitura técnica e a análise são realizadas de maneira superficial. No turno 23 o bibliotecário de referência expõe que o fato de não seguir as etapas conforme indicação da literatura especializada influencia de maneira negativa no momento da recuperação do documento, bem como salienta a necessidade de uma reflexão maior sobre este temário para que o usuário seja o maior beneficiado. O catalogador de assunto no turno 24 esclarece que, devido à quantidade de trabalho, torna-se inviável realizar todas as etapas do processo. O referido profissional aponta a necessidade da comunidade científica formular algo que seja mais preciso e viável com a prática profissional. Este profissional declara não ser preciso seguir as etapas do processo e, por isso, realiza a atividade a sua maneira, opiniões declaradas no turno 44.

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da UNICAMP*

Síntese dos dados: No turno 6 o bibliotecário dirigente ressalta que antigamente a indexação tinha um espaço maior nas atividades profissionais, mas que hoje o processo de tratamento temático da informação tornou-se mecânico. Para o catalogador de assunto é inviável a realização de todas as etapas do processo, uma vez que não há tempo para esta prática profissional, turno 7. Para o bibliotecário de referência à literatura especializada deve ser seguida, conforme turno 8. Esta unidade interacional finaliza no turno 9 com o catalogador de assunto reforçando que, apesar das etapas serem importantes, não são possíveis de serem realizadas na prática profissional.

UNIDADE INTERACIONAL 4: *Uniformidade do processo*

Nesta unidade interacional explora-se a pertinência do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias. Para tanto, evidencia-se a utilização de métodos e instrumentos específicos, bem como a questão da padronização do processo, a saber:

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da USP*

Síntese dos dados: nos turnos 26 e 38 o catalogador de assunto ressalta a importância dos manuais, especificamente dos manuais voltados a indexação, os quais, em sua opinião, direcionam e uniformizam o processo. Enfatiza que a utilização de manuais traz ao profissional segurança e resultados positivos no que tange a recuperação da informação.

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da UNESP*

Síntese dos dados: O bibliotecário dirigente aponta que seu maior receio está no fato de não haver um nível de padronização da atividade de tratamento temático da informação na prática profissional e; advoga sobre a necessidade de instrumentos que propiciem certa normalização e/ou parâmetro que assegurem a qualidade do processo, exposto no turno 3. Adiante, o catalogador de assunto corrobora com essa necessidade e esclarece que este parâmetro contribuiria para garantir a qualidade dos produtos, relatado no turno 6. Finalmente, no turno 22 o profissional aponta sentir falta de um manual de serviço específico para a realização da catalogação de assunto, posto que na prática não existe nenhum tipo de preocupação relativo à padronização do processo com vistas à qualidade dos resultados. No turno 55 ressalta a necessidade de instrumentos permanentes que avaliem o trabalho e demonstrem se a realização do processo é ou não pertinente/satisfatória com as necessidades dos usuários.

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da UNICAMP*

Síntese dos dados: No turno 21 o catalogador de assunto defende que o tratamento da informação não deve ser realizado em bibliotecas setoriais, mas que a Universidade deveria centralizar o processo em um único local, a fim de que os produtos gerados sejam padronizados. O bibliotecário de referência acredita que se o tratamento da informação fosse centralizado em um único local o usuário seria prejudicado, turno 22. Na sequência, o catalogador de assunto reafirma o seu posicionamento favorável à centralização do processamento técnico, mas acredita que a uniformidade do processo viria por meio de articulações concretas entre os catalogadores de todas as bibliotecas setoriais, conforme turno 23. No turno 24 o bibliotecário dirigente defende que os catalogadores de assunto deveriam ter autonomia centrada em manuais e salienta que o catalogador de assunto e o bibliotecário de referência devem trocar experiências e conhecimentos, objetivando a melhoria do

processo. Por fim, no turno 58 o catalogador de assunto relembra que o trabalho de catalogar é de natureza subjetiva e que o tratamento temático da informação carece de padrões que direcionem a prática profissional, especificamente no que se refere à atribuição do assunto.

UNIDADE INTERACIONAL 5: *Perspectivas do contexto de bibliotecas universitárias*

A presente unidade interacional trabalha a questão dos elementos influentes no tratamento temático da informação pela perspectiva do contexto de bibliotecas universitárias. Para tanto, discutem-se os seguintes temas: usuário, linguagem documental, política de tratamento da informação, aspectos sócio culturais influentes, bem como a postura consciente e reflexiva dos profissionais sobre suas ações particulares, a saber:

– Análise do Protocolo Verbal em Grupo da USP

Síntese dos dados: as discussões iniciam-se no turno 4, no qual o bibliotecário dirigente aponta incentivar os demais profissionais pela busca de aprimoramentos. Sobre isso, o bibliotecário de referência expõe no turno 5 a importância da educação continuada para a ampliação do conhecimento e reflexão profissional. O catalogador de assunto tem o mesmo posicionamento, contudo, diz sentir falta de cursos específicos para a atribuição de assuntos, conforme turno 6. A pouca qualidade dos cursos da área é tema compartilhado pelo bibliotecário de referência no turno 7 e no turno 10, no qual o catalogador de assunto relata que a preocupação maior da área gira em torno das tecnologias e não centra-se em questões específicas do ambiente de bibliotecas universitárias. Os turnos 12, 18 e 20 retratam a motivação por parte do catalogador de assunto em ampliar o grupo de discussão relacionado ao tratamento temático da informação, tendo como integrante o bibliotecário de referência, visando atualizar o vocabulário controlado. Na opinião deste profissional, a troca entre os referidos setores contribuiria de forma significativa para a melhoria dos resultados do tratamento temático da informação. O bibliotecário dirigente expressa seu apoio ao grupo de discussão, conforme turno 13. O catalogador de assunto reforça seu interesse e motivação para a troca de experiências com os demais setores e salienta que esta postura profissional é enriquecedora, turnos 14 e 18. O bibliotecário dirigente lembra nos turnos 15 e 45 que a frequência do usuário na biblioteca universitária e, conseqüentemente, sua participação nos produtos e serviços está diminuindo, fator que afeta a motivação profissional. Este

pensamento é reforçado pelo bibliotecário dirigente nos turnos 15 e 32, nos quais atesta que o despertar no usuário sobre a importância de sua participação nos serviços da biblioteca deve partir da própria instituição. O bibliotecário de referência demonstra interesse em participar do grupo de discussão e acredita que a troca de experiências é importante para a recuperação da informação por parte do usuário e para que o profissional preocupe-se mais com o social, turnos 16 e 19. Por sua vez, o bibliotecário dirigente aponta que a troca de experiências entre setores permite conhecer o todo da biblioteca. No turno 28, o catalogador de assunto explica que a utilização de duas bases de dados, uma geral e outra específica contribui para que as necessidades informacionais dos usuários sejam atendidas, pensamento compartilhado pelo bibliotecário de referência no turno 29. Nos turnos 33 e 46 o bibliotecário de referência salienta a importância dos profissionais serem mais reflexivos. Sobre isto, o catalogador de assunto externa sua preocupação em se especializar a fim de que sua atuação não seja condicionada apenas ao bojo de atividades técnicas biblioteconômicas, turno 34. Nos turnos 11 e 30 as diferentes realidades de cada biblioteca são relatadas pelo bibliotecário dirigente, o qual fala sobre a importância da política de tratamento da informação documental nos afazeres do catalogador de assunto. O catalogador de assunto ressalta que a desatualização do vocabulário controlado da universidade prejudica o processo, turno 31. Por sua vez, no turno 42 o profissional relata que a política condiciona a prática profissional apenas no início e que depois ela se torna um instrumento inutilizado. Para o referido profissional as bibliotecas devem elaborar políticas mais atualizadas e direcionadas a realidade de cada contexto informacional. O bibliotecário de referência reforça o pensamento de que as ações profissionais estão mais pautadas nas experiências adquiridas no cotidiano da atividade do que na literatura especializada, turno 43. Em sua opinião, as políticas devem retratar o ambiente de cada biblioteca e abordar diretrizes mais condizentes com a realidade profissional. No turno 45 o bibliotecário dirigente reforça que a política deve ser bem elaborada para que exerça influência positiva nos profissionais. No turno 44 o catalogador de assunto advoga que a política deve retratar temas específicos de cada biblioteca, visando facilitar o processo de tratamento temático da informação. O catalogador de assunto e o bibliotecário dirigente comentam sobre a importância da valorização dos profissionais por parte da instituição, turnos 36 e 37. Por fim, o catalogador de assunto reforça no turno 38 que as condições do local de trabalho influenciam na prática profissional.

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da UNESP*

Síntese dos dados: primeiramente o bibliotecário dirigente alerta para a questão dos produtos e serviços da biblioteca universitária estarem voltados para a demanda, sendo tal pensamento corroborado pelo catalogador de assunto no turno 8. Em seguida, o profissional salienta que a dinâmica do ambiente universitário e o anseio pela disseminação da informação contribuem para que o trabalho deixe de ser direcionado para um grupo específico, exposto no turno 11. Nos turnos 14 e 46 o catalogador de assunto declara tratar o documento de acordo com a realidade do usuário e do contexto institucional. Contudo, o bibliotecário de referência aponta que o usuário realiza a busca no sistema de recuperação da informação de modo pouco eficaz, principalmente por utilizar termos fechados, cuja explanação é confirmada pelo catalogador de assunto, pensamentos expostos nos turnos 15, 16 e 18. No turno 25 o bibliotecário de referência justifica a carência de estudos de usuário na falta de tempo, porém, concorda que esse levantamento tende a contribuir com o trabalho dos catalogadores de assunto, uma vez que atuaria como parâmetro no momento da atribuição de termos. Sobre isto, o catalogador de assunto diz que o foco passaria efetivamente para as necessidades dos usuários, sendo a falta desse levantamento um dos maiores erros, turno 26. No turno 33 o profissional justifica a utilização do bom sendo para análise de assunto e atribuição de termos na falta de retorno das necessidades dos usuários. Ademais, a questão da política de tratamento da informação é inicialmente discutida no turno 35 pelo catalogador de assunto, que declara não existir esse parâmetro na biblioteca em que atua e nunca ter ponderado sobre seus os benefícios para o contexto institucional. No turno 36 o bibliotecário dirigente declara que uma política voltada para a realidade do contexto tende a contribuir para a diminuição de dificuldades ao atrelar as necessidades dos usuários com a realidade e objetivos do contexto. Em contrapartida, o catalogador de assunto apresenta certo preconceito com o estabelecimento e utilização de uma política de tratamento da informação documental, pois acredita que esta não mudaria sua rotina e prática atual, exposto nos turnos 37 e 40. No turno 39 o bibliotecário dirigente salienta que o cotidiano não contribui para efetivas reflexões sobre as ações profissionais, porém que tal atitude é necessária, cuja ideia é compartilhada nos turnos 5, 23, 48, 60 e 62 pelos demais profissionais. Contudo, para o bibliotecário de referência à política seria viável por amenizar falhas profissionais e propiciar um padrão de qualidade aos produtos e serviços oferecidos pela biblioteca universitária, bem como por direcionar as ações cotidianas dos profissionais, exposto nos turnos 38 e 41. Nos turnos 42 e 44 o catalogador de assunto aponta que o maior benefício da política seria para funcionários novos, recém formados e não para os

que já possuem prática profissional, pois no seu caso seria difícil seguir os procedimentos estabelecidos. Contrariamente, o bibliotecário dirigente acredita que a política é relevante para todos os profissionais, turno 43. Nos turnos 51, 53, 55 e 60 o catalogador de assunto elucida sobre a importância da troca de conhecimentos entre os profissionais no contexto de trabalho enquanto oportunidade enriquecedora e sinaliza a possibilidade de haverem trocas de funções para que todos os profissionais venham a conhecer o todo do contexto da biblioteca universitária, especialmente uma convivência maior entre o serviço de referência e o processamento técnico. Sobre isto, o bibliotecário de referência afirma no turno 59 que a interação profissional ocorre de maneira esporádica.

– *Análise do Protocolo Verbal em Grupo da UNICAMP*

Síntese dos dados: No turno 12 o bibliotecário dirigente queixa-se da falta de apoio administrativo para aplicar os aportes teóricos em sua prática cotidiana. No turno 13 o catalogador de assunto ressalta que a prática cotidiana difere-se da teoria, especificamente quando se trata de bibliotecas universitárias. Sobre isto, o bibliotecário dirigente afirma que a prática profissional exige comportamentos específicos e que dificilmente o profissional aplica todo o seu conhecimento teórico durante sua atuação, conforme turno 14. No turno 15 o catalogador de assunto reforça a crença de que a literatura especializada não conhece a realidade profissional. No turno subsequente o bibliotecário dirigente destaca que os cursos de especialização não atendem as necessidades do contexto informacional. O catalogador de assunto acredita que os profissionais devem se conscientizar sobre a importância de suas funções em biblioteca universitária, turno 17. No turno 18 o bibliotecário de referência ressalta que durante os anos da faculdade o aluno não tem contato real com o contexto de atuação do profissional, conseqüentemente, segue para a atuação profissional sem conhecer todos os setores e especificidades da biblioteca universitária. O catalogador de assunto destaca a necessidade de trocas de funções por um determinado período de tempo para que o bibliotecário de referência compreenda a realidade do setor de processamento técnico e, paralelamente, o catalogador de assunto tenha contato real com o usuário, a fim de conhecer suas opiniões, necessidades e dificuldades, turno 23. O bibliotecário de referência relata que essa troca contribui para a qualidade dos produtos informacionais. No turno 26 o catalogador de assunto afirma dialogar com os demais setores. No turno subsequente, o bibliotecário dirigente reforça a importância da atualização profissional. Sobre isto, o catalogador de

assunto declara no turno 28 não haver apóio administrativo para que os profissionais busquem o aprimoramento profissional. No turno 29 o bibliotecário de referência lembra a importância da interação profissional e sua contribuição para o fortalecimento do grupo de profissionais da biblioteca universitária. O bibliotecário dirigente ressalta que a função do catalogador de assunto exige aprimoramentos profissionais, uma vez que o mesmo profissional passou a realizar duas operações. No turno 31 o catalogador de assunto lembra da dificuldade em atuar no tratamento temático da informação, mas acredita que a utilização de uma linguagem documental atualizada contribuiria para a realização do processo. Em sua opinião, o grupo de discussão é necessário para a troca de experiências, uma vez que a educação acadêmica foi falha, conforme turnos 35 e 37. Na concepção do bibliotecário dirigente falta ao catalogador de assunto uma formação humana, visto que a atuação profissional é fortemente condicionada a uma atuação tecnicista, conforme turno 38. O catalogador de assunto enfatiza que a definição do assunto é direcionada para o usuário local, visando atender suas necessidades informacionais; aponta que a biblioteca universitária peca ao importar a catalogação e não realizar todo o processo, visando as suas especificidades locais, turno 39. No turno 42 o bibliotecário de referência questiona a preocupação da biblioteca em cooperar suas informações, afastando-se de seu usuário local. No turno 43 o bibliotecário dirigente afirma que o resultado dos produtos e serviços depende em grande parte da qualidade da política de tratamento documental de cada instituição. No turno 50 o bibliotecário dirigente expõe que os profissionais devem ser mais reflexivos e possuir um nível maior de cultura para a realização do processo. No turno 60 o catalogador de assunto declara utilizar apenas a linguagem documental e não se preocupar com as necessidades do usuário; relata utilizar os termos atribuídos pela catalogação na fonte. Defende que a política de tratamento da informação documental deva ser estabelecida por meio de uma comissão formada pelos profissionais, usuários e docentes da biblioteca universitária, conforme turno 64.

A partir das sínteses dos dados ora expostas, segue-se para a análise dos dados no intuito de evidenciar os resultados obtidos em cada unidade interacional. Salienta-se que a disposição estrutural das análises dos dados visa, dentre outros, propiciar uma melhor observação e compreensão das informações. A ênfase durante a análise dos dados coletados permeou a percepção de cada categoria de profissionais investigada nesta pesquisa, a fim de obter relatos reais da comunidade de aprendizagem sobre o tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias. Buscou-se, nesta perspectiva, identificar

as opiniões, impressões, comportamentos e interesses pessoais e coletivos dos profissionais acerca dos temários explorados durante a discussão grupal.

As categorias de análise dos dados que direcionaram a aplicação da técnica de Protocolo Verbal em Grupo e discussão dos temários pautam, neste momento, a análise dos resultados obtidos nos contextos de bibliotecas universitárias investigados. Para tanto, elaboraram-se quadros específicos para cada categoria de análise estabelecida anteriormente, a fim de evidenciar trechos dos pensamentos e opiniões dos profissionais que melhor exemplificassem os temários explorados. Estruturalmente os quadros apresentam duas colunas fixas, sendo a primeira composta pelos temários e a segunda pelas declarações dos sujeitos participantes. Ao final de cada quadro evidenciam-se as mais significativas problemáticas e opiniões apresentadas por cada categoria profissional.

Considerando que os grupos investigados eram constituídos pelo bibliotecário dirigente, bibliotecário de referência e catalogador de assunto, sentiu-se a necessidade de evidenciar suas impressões e expectativas de modo particular. Por conseguinte, a apresentação dos resultados obtidos nas três especificidades de atuação profissional foi dividida em: bibliotecário dirigente, bibliotecário de referência e catalogador de assunto. Dentro dessas especificidades são expostos os pontos retratados por cada profissional investigado, conforme segue.

CATEGORIA DE ANÁLISE: Tratamento temático da informação

Temários	Declaração dos sujeitos
<p>Conceitualização</p>	<p>23 Bibliotecário de referência: (...) o tratamento temático está voltado à questão do assunto do documento, ou seja, algo mais intelectual que envolve a leitura e a retirada dos termos que representem o documento (USP).</p> <p>4 Bibliotecário de referência: como eu me formei a pouco tempo eu posso dizer que eu já ouvi falar nesse termo, eu inclusive tive disciplinas que retratavam a questão do assunto, que seria essa descrição temática do documento (UNICAMP).</p> <p>22 Catalogador de assunto: (...) essa questão é um pouco delicada ao meu ver, porque o autor ele coloca como sendo processos diferentes acoplados dentro do que ele denomina tratamento temático, mas eu entendo que o tratamento temático é uma coisa só, indexar o documento e classificá-lo (...). Então para mim não são coisas distintas, porque agente faz tudo junto e é dessa forma que eu entendo (USP).</p> <p>1 Catalogador de assunto: (...) essa terminologia utilizada por ele para mim é nova, porque na faculdade eu aprendi a indexação, a classificação e a catalogação, mas nunca ouvi falar de tratamento temático (UNICAMP).</p> <p>3 Catalogador de assunto: (...) eu não saberia dizer o que é tratamento temático antes de ler o texto. Eu entendi o que significa isso para o autor, mas</p>

	<p>até então eu não conhecia esse processo (UNICAMP).</p>
A questão do assunto	<p>51 Bibliotecário de referência: (...) percebo que a área está mais preocupada em teorizar a questão do assunto, da subjetividade que cerca o tratamento da informação e essas questões próprias da indexação principalmente. O que é um ganho, porque quanto mais nítido ficar mais plausível será a atuação do profissional (UNICAMP).</p> <p>4 Catalogador de assunto: (...) o ato de definir o assunto do documento é o que mais desafia o profissional no seu dia a dia (...). O assunto é algo por si só subjetivo (UNESP).</p> <p>12 Catalogador de assunto: (...) na própria área não tem muito claro o que seria esse assunto contido no documento, essa imprecisão acaba respaldando na prática profissional (UNESP).</p>
A subjetividade do processo	<p>56 Bibliotecário dirigente: na área de humanas a catalogação é algo extremamente subjetiva, não tem meio termo. Tudo é muito baseado no conhecimento do profissional sobre o assunto, por isso é importante o profissional sempre buscar conhecer a área em que atua (UNICAMP).</p> <p>49 Bibliotecário de referência: eu percebo muito a importância do conhecimento do catalogador sobre a área em que está atuando, o famoso conhecimento prévio do profissional principalmente para a área de humanas, porque é uma área subjetiva por natureza, então seria muito mais rico se houvesse esse conhecimento, conseqüentemente o usuário e o catalogador estariam falando a mesma língua (UNICAMP).</p> <p>8 Catalogador de assunto: eu particularmente achei muito interessante quando o texto lembra que o trabalho do pessoal do processamento técnico é subjetivo no momento da atribuição dos termos, porque não é algo só mecânico (...). Apesar de achar que deveria haver um profissional, no caso o catalogador, para cada área que a biblioteca trabalhasse. Eu digo isso porque no momento de ler e retirar os termos é muito mais fácil quando há um conhecimento prévio do campo de assunto, ou seja, da área mesmo do material que está sendo tratado (USP).</p> <p>4 Catalogador de assunto: é complicado essa história da subjetividade, porque inevitavelmente se hoje eu classifico um documento em determinado lugar amanhã isso pode ser alterado pela necessidade da comunidade que eu atendo, do avanço científico e da interdisciplinaridade entre os conhecimentos, e também por causa da alteração ocorrida em mim enquanto profissional, (...) no decorrer da minha vida eu vou aprendendo coisas novas e isso certamente vai me influenciar no momento de classificar e catalogar um documento (UNESP).</p> <p>33 Catalogador de assunto: agente quando trata o documento sempre pensa em que lugar o documento seria mais utilizado, ou seja, quais assuntos melhor caracterizam o documento pensando mesmo na demanda do usuário. Obviamente muitas vezes agente usa do bom senso (UNESP).</p> <p>22 Catalogador de assunto: (...) agente não segue ao pé da letra o que é preconizado pela teoria, agente acaba indo de encontro com o nosso conhecimento tácito (UNESP).</p>
Discrepâncias e congruências entre os aportes teóricos e a prática cotidiana	<p>39 Bibliotecário dirigente: o que agente percebe é que muitas vezes o profissional ligado ao processamento técnico não observa muito a teoria porque com o passar dos anos a realização do processo começa a ser algo mais natural (USP).</p> <p>1 Catalogador de assunto: (...) outro ponto é que ele aponta uma maneira distante, ao meu ver, da realidade do profissional, pelo menos eu não me preocupo com tantos detalhes, mas claro faço da maneira como aprendi na faculdade, visto que não faz muitos anos que me formei e logo comecei a</p>

trabalhar com a catalogação, na área mesmo do tratamento da informação. De um modo geral o autor lembra alguns pontos que no meu dia a dia eu não me preocupo mais, acho que é por causa da necessidade diária, porém no geral não foge muito do que agente faz aqui na biblioteca (USP).

36 Catalogador de assunto: (...) *a teoria contribui para que a minha prática seja mais condizente. Infelizmente agente sabe que é inviável agente seguir todos os passos, o que a teoria coloca como a melhor opção, mas eu jamais quero abandonar os meus conhecimentos acadêmicos, apesar de achar que no meu dia a dia aprendo sempre também. Mas assim, a minha atuação profissional está muito mais voltada para o que eu aprendo no meu trabalho diário do que na teoria, porque muitas coisas são distintas (...) não tem como aplicar a teoria apenas, porque a minha realidade é bem diferente e exige uma postura diferente, um pensar e agir diferente (USP).*

40 Catalogador de assunto: (...) *por mais que agente conheça a literatura, o dia a dia exige uma postura diferente, sei lá, um agir mais visando as necessidades da biblioteca e aí tudo começa a ser mais natural mesmo (...). Mas, por mais que agente saiba que deve-se seguir a literatura, se preocupar mesmo com a forma dita correta de se catalogar, pelo menos a minha prática não é tão certinha (...) conforme os apontamentos da literatura (USP).*

6 Catalogador de assunto: (...) *a teoria é muito linda e correta, mas apenas para quem não entende da dificuldade que enfrentamos diariamente para que o produto seja realmente algo de qualidade (UNESP).*

8 Catalogador de assunto: (...) *agente acaba adquirindo novos conhecimentos e a ter uma segurança maior de realizar o tratamento (...) pela experiência advinda da prática, e não apenas do conteúdo teórico. (...) Para mim a literatura ainda apresenta muitas lacunas, ela não está preocupada com o que acontece dentro das paredes da biblioteca universitária (UNESP).*

24 Catalogador de assunto: *agente sente falta de algo mais preciso, algo que despenda de menos tempo para ser realizado, porque torna-se impossível realizar todas essas etapas com uma pilha de documentos esperando (UNESP).*

60 Catalogador de assunto: (...) *a teoria até pode direcionar, mas é complicado colocar na prática diária porque a realidade é diferente (UNESP).*

62 Catalogador de assunto: (...) *na graduação agente não tem uma prática consistente, ou melhor, agente não tem prática nenhuma. Agente aprende a teoria, o modo de fazer, mas na prática é extremamente diferente (...) o que é uma pena (UNESP).*

13 Catalogador de assunto: (...) *o que falta é uma literatura mais dinâmica, sei lá, eu não entendo porque a prática é tão diferente da teoria. De duas uma, ou o profissional faz tudo errado, ou a literatura não entende nada sobre a realidade de uma biblioteca, principalmente de biblioteca universitária que tudo é mais complicado (UNICAMP).*

19 Catalogador de assunto: *agente aprende tudo muito desvinculado, disciplinas que abordam apenas a teoria de determinado setor ou atividade profissional. Daí o profissional na hora de atuar tem que pela intuição trazer a teoria para a sua realidade e muitas vezes você nem acaba seguindo a teoria, porque ela não corresponde a sua necessidade (UNICAMP).*

QUADRO 5: Percepção dos profissionais sobre o tratamento temático da informação.

Fonte: Elaborado pela autora.

- **Bibliotecário dirigente**

Esta categoria profissional acredita que a prática profissional no tratamento temático da informação exige comportamentos específicos, muitos dos quais não são contemplados pela literatura especializada. Na opinião do profissional da USP, com o passar dos anos o catalogador de assunto deixa de se pautar na teoria devido às experiências adquiridas em sua vivência profissional. Para o profissional da UNESP, os catalogadores de assunto não seguem de maneira minuciosa as diretrizes e apontamentos teóricos, cujo maior erro é deixar que suas opiniões pessoais delineiem a rotina de suas ações profissionais. Por sua vez, o profissional da UNICAMP investigado nesta pesquisa acredita que o tratamento temático da informação é um processo subjetivo e, por isso, o catalogador de assunto deve possuir conhecimento prévio sobre determinadas áreas de assunto. Segundo relato pessoal, a especialização deste profissional contribuiria para a realização do processo e diminuição da subjetividade.

- **Bibliotecário de referência**

No entendimento destes profissionais o tratamento temático da informação refere-se a atribuição dos assuntos do documento por meio da etapa de análise de assunto. O profissional da USP mostrou-se preocupado com o fato do catalogador de assunto realizar as operações do tratamento temático da informação num único momento, fator que, em sua opinião, agrava a subjetividade do processo e interfere de modo negativo no resultado final dos produtos e serviços informacionais. O profissional da UNESP corrobora com tal pensamento e acredita que a subjetividade do processo é um elemento preocupante, uma vez que respalda na recuperação da informação pelo usuário, em virtude de um mesmo profissional apresentar dispares ao tratar um documento duas ou mais vezes. Em sua opinião, o erro reside no fato dos profissionais não buscarem na teoria um direcionamento prático, bem como para a diminuição das nuances no momento da análise de assunto. Para o profissional da UNICAMP investigado, o conhecimento prévio do catalogador de assunto contribui para a diminuição da subjetividade do processo, especificamente quando realizado com documentos da área de Ciências Humanas. O referido profissional apresenta familiaridade com o processo de tratamento temático da informação e enfatiza que a etapa da análise de assunto é de natureza subjetiva. Segundo ele, a literatura especializada mostra-se preocupada com a questão do assunto.

▪ **Catalogador de assunto**

Esta categoria profissional acredita que o tratamento temático da informação signifique indexar e classificar o documento. O profissional da USP mostrou-se consciente sobre a subjetividade do processo e enfatizou que a atuação do catalogador de assunto não é apenas técnica, mas exige reflexões e preparo intelectual, especificamente por meio do conhecimento prévio e educação continuada. No seu entendimento, a subjetividade do processo sempre foi um problema de natureza complexa. Acredita que no seu dia a dia consegue aplicar a teoria, apesar de na maioria das vezes agir de acordo com as necessidades do contexto. Ressalta que a teoria contribui para um agir condizente, mas que sua experiência profissional condiciona suas ações cotidianas, uma vez que a prática profissional exige posturas diferenciadas. No entendimento do profissional da UNESP não existem disparidades entre a literatura especializada do tratamento temático da informação e a prática profissional, todavia, ressalta que o cotidiano do processo exige um comportamento diferenciado. Para ele, o fato da atuação profissional ser técnica/mecânica dificulta a aplicação do bojo teórico; situação agravada pela inexistência da prática durante sua formação profissional. Acredita que a subjetividade do processo decorre dos conhecimentos adquiridos durante a vida e experiência profissional, cujo conhecimento tácito e o bom senso acabam direcionando suas ações profissionais. Salienta que o ato de definir o assunto do documento é a atividade mais desafiadora para os profissionais da informação, devido à imprecisão existente na própria Ciência da Informação do que seja o ‘assunto’. Em sua opinião, a literatura especializada apresenta falhas ao não olhar para a realidade da biblioteca universitária e enfatiza que o tratamento temático da informação é a atividade mais importante da biblioteca, cuja característica principal é a perfeição, a fim de garantir a recuperação da informação. O profissional da UNICAMP declarou não conhecer o termo tratamento temático da informação. Na sua opinião, não é possível seguir apenas a teoria, pois a instituição exige mais resultados quantitativos do que qualitativos. Para este profissional, a literatura especializada deveria atender as necessidades específicas de cada contexto informacional.

CATEGORIA DE ANÁLISE: *Operações do tratamento temático da informação*

Temários	Declaração dos sujeitos
<i>Catalogação de assunto e Indexação</i>	27 Bibliotecário dirigente: <i>essa questão do tratamento é bem complicada, eu falo isso porque quando eu comecei minha carreira há mais ou menos uns 20 anos atrás não havia a tecnologia tão presente, então cada profissional fazia uma etapa do tratamento técnico. Hoje o profissional ele se tornou mais ágil</i>

com o apóio da tecnologia e o mesmo profissional passou a fazer três operações num mesmo momento. Eu não consigo ver uma negatividade muito gritante devido a isso. É claro que tem seus problemas, mas eu acredito que melhorou muito (USP).

11 Bibliotecário dirigente: (...) *a catalogação de assunto tem seus benefícios como eu já falei, mas ela peca por não ter aquele tempo entre o livro e o profissional, tão necessário para a realização da leitura técnica de maneira cautelosa e até mesmo prazerosa (UNESP).*

6 Bibliotecário dirigente: (...) *antigamente a indexação tinha um espaço maior na biblioteca, no processamento do documento, mas hoje com a implantação do MARC tudo mudou, agora a atribuição de termos, do assunto mesmo do documento é realizada em um ou dois campos apenas. Tornou algo mais mecânico, porque agente sabe que os catalogadores não realizam todas as etapas do processo como o autor ressalta (UNICAMP).*

1 Catalogador de assunto: (...) *confesso que achei o autor um pouco confuso ao tratar a indexação e a catalogação de assunto como formas diferentes, porque eu sempre considerei como a mesma atividade. Para falar a verdade eu nunca ouvi falar em catalogação de assunto, isso é novo para mim (USP).*

22 Catalogador de assunto: (...) *indexar pensando no usuário, ou seja, retirar termos de busca visando facilitar a recuperação do documento e a classificação serve para localizar o documento no acervo da biblioteca. Claro, tudo isso dentro do processo da catalogação. Então para mim não são coisas distintas, porque agente faz tudo junto e é dessa forma que eu entendo (USP).*

24 Catalogador de assunto: (...) *não dá mais para tratar o documento em três momentos distintos, onde o primeiro é classificar, o segundo catalogar, descrever o documento voltado para a sua parte mais física e por fim fazer a indexação. Isso porque o sistema informatizado vai pedindo que você atribua os campos em um único momento, então já realiza tudo junto e isso facilita o trabalho porque o profissional ganha tempo (USP).*

10 Catalogador de assunto: (...) *a literatura entende o tratamento temático em dois momentos né, o que chama de indexação e catalogação de assunto, só que isso é muito complicado (...) Então desde o momento em que a gente classifica para gerar a etiqueta, automaticamente agente já realiza a catalogação e a indexação, o que para nós é a catalogação de assunto mesmo. Hoje em dia não é mais viável realizar a indexação dos documentos para depois catalogá-los no sistema, porque um já remete ao outro pelo próprio sistema, o que em minha opinião é o mais prático, porém é claro, não é o mais perfeito para se realizar, porque lacunas vão sempre existir (UNESP).*

14 Catalogador de assunto: (...) *o fato de em nossa prática não haver muita distinção entre a indexação e a catalogação de assunto e considerarmos praticamente a mesma coisa, ambas como sendo uma mesma atividade, isso sem dúvida para mim acaba sendo um ganho (...) porque o processo fica mais dinâmico e eficaz (UNESP).*

1 Catalogador de assunto: (...) *eu senti que o autor coloca coisas no texto que não são tão presentes no dia a dia do tratamento da informação. (...) Quando ele colocou a questão do tratamento temático, nós não fazemos desse jeito, aqui nós só trabalhamos com a catalogação e aí dentro desse processo é que ocorre a atribuição de termos (UNICAMP).*

5 Catalogador de assunto: (...) *queira ou não o fato de fazer tudo junto prejudica o resultado final, porque sempre temos que cumprir prazos e isso condiciona uma atuação mais direcionada a técnica e é aí que a catalogação ela se destaca (UNICAMP).*

57 Catalogador de assunto: *existe uma diferença gritante entre a indexação*

	<p><i>e a catalogação, porém, hoje em dia os dois ficaram implícitos na mesma atividade, no mesmo processo mesmo. O que acontece, o profissional antigamente realizava a indexação, atribuía os termos e depois catalogava, descrevia fisicamente o documento, mas hoje tudo é feito no mesmo momento e pelo mesmo profissional. Eu não sei te dizer até que ponto essa junção contribui ou não, porque desde que eu comecei a trabalhar eu já parti para esse processo unificado. Na faculdade eu aprendi os processos separados, mas sempre entendi que se tratavam de processos que deveriam ser feitos juntos para tratar o documento (UNICAMP).</i></p>
--	--

QUADRO 6: Percepção dos profissionais sobre as operações do tratamento temático da informação.

Fonte: Elaborado pela autora.

- **Bibliotecário dirigente**

Na concepção do profissional da USP a simultaneidade das operações de classificação, indexação e catalogação não apresentam problemas, ao contrário, acredita que essa prática agiliza o processo. Para o profissional da UNESP a catalogação de assunto peca ao não possibilitar uma leitura técnica mais cautelosa dos documentos em análise. Segundo o profissional da UNICAMP a indexação perdeu espaço na prática profissional em decorrência da automatização do tratamento da informação, cujo resultado, em sua opinião, foi à mecanização do processo e da atuação profissional.

- **Bibliotecário de referência**

Os bibliotecários de referência não opinaram sobre este temário.

- **Catalogador de assunto**

No entendimento do profissional da USP o texto apresentado para a discussão era confuso, uma vez que o autor considera a indexação e a catalogação de assuntos operações distintas e, no entendimento do profissional, referem-se a mesma atividade. Outro ponto evidenciado pelo profissional foi o desconhecimento do termo catalogação de assunto. Ressaltou ainda que as operações de classificação e indexação ocorrem no momento da catalogação devido à agilidade do sistema de informação. O profissional da UNESP afirmou conhecer as operações do tratamento temático da informação, porém em sua prática cotidiana realiza a catalogação de assunto devido à automatização do contexto de informação, característica que, em sua opinião, dinamiza o processo. Segundo ele, a realização do processo em momentos distintos não é algo viável e declara que a catalogação de assunto e a

indexação são praticamente a mesma atividade, não havendo grandes distinções. Na visão do profissional da UNICAMP a agilidade com que as informações devem ser tratadas resultou na mecanização do processo. Como consequência, a catalogação descritiva ganhou espaço e o tratamento temático da informação passou a ser inexpressível, uma vez que a atribuição de termos ocorre na catalogação em sistemas informatizados. Em sua opinião, a indexação e a catalogação de assuntos são as mesmas atividades.

CATEGORIA DE ANÁLISE: *Procedimentos metodológicos*

Temários	Declaração dos sujeitos
<p><i>Etapa da análise de assunto</i></p>	<p>6 Bibliotecário dirigente: (...) agente sabe que os catalogadores não realizam todas as etapas do processo como o autor ressalta (UNICAMP).</p> <p>23 Bibliotecário de referência: (...) o fato dessas etapas não serem cumpridas na prática, no cotidiano da atuação do profissional responsável, certamente influencia de maneira negativa para a recuperação do usuário (UNESP).</p> <p>8 Bibliotecário de referência: mas se a literatura indica que devem ser feitos é porque é importante (UNICAMP).</p> <p>6 Catalogador de assunto: (...) eu falo isso porque mesmo sendo feita de maneira quase que automática, a atribuição de assunto dentro da catalogação, eu vejo que é algo que acaba ficando muito superficial. Na faculdade eu tive disciplinas específicas para cada etapa do processamento técnico, mas hoje o sistema obriga o profissional a fazer tudo junto (USP).</p> <p>1 Catalogador de assunto: (...) agente sabe que tem que olhar todas as partes importantes do material como, por exemplo, o sumário, a contra-capas, a orelha, a introdução, enfim, todos os capítulos e demais partes compostas. Porém, muitas das vezes, ou melhor, todas às vezes a gente faz a leitura automática tendo em vista o montante de material que diariamente deve ser tratado para que a excelência da biblioteca seja preservada frente aos usuários e a comunidade local (UNESP).</p> <p>4 Catalogador de assunto: (...) muitas vezes agente se respalda no assunto que ficou definido pela classificação mesmo (UNESP).</p> <p>10 Catalogador de assunto: (...) normalmente você não vai classificar e depois catalogar, o que aqui pra nós é o mesmo momento da indexação, uma vez que no momento em que agente trata a parte física do documento, retira os dados para que o documento seja encontrado, localizado na estante, agente já atribui os conceitos para que ele seja encontrado por meio do assunto que ele aborda, então agente já faz a indexação como a literatura apresenta só que não em dois momentos separados, acaba sendo junto (UNESP).</p> <p>12 Catalogador de assunto: (...) o fato do tratamento não ser separado né, ocorrer no mesmo momento acaba sendo uma vantagem (...) quando eu classifico o documento eu já tenho em mente do assunto que ele trata e quando eu vou catalogá-lo no sistema isso é muito mais rápido. A leitura das partes passa a ser algo menos impreciso devido a essa minha noção do assunto maior, e depois eu só vou confirmar e especificar (UNESP).</p> <p>20 Catalogador de assunto: (...) infelizmente agente não faz como na prática, não seguindo as etapas de análise, seleção, tradução na sequência e mesmo na íntegra (UNESP).</p>

	<p>22 Catalogador de assunto: <i>ocorre mesmo que a análise toda é bem superficial e sem grandes aprofundamentos mesmo (UNESP).</i></p> <p>24 Catalogador de assunto: <i>(...) torna-se impossível realizar todas essas etapas com uma pilha de documentos esperando (...). Isso porque quando agente classifica os assuntos já estão praticamente todos ali, então é praticamente um consenso entre os catalogadores que aqueles assuntos né, que essa maneira de retirar os assuntos do documento é algo que vai conseguir cumprir com o objetivo (UNESP).</i></p> <p>7 Catalogador de assunto: <i>mas hoje em dia é impossível agente realizar todas as etapas para um único documento, não temos tempo para isso (UNICAMP).</i></p> <p>9 Catalogador de assunto: <i>eu concordo que são etapas importantes, mas são inviáveis (UNICAMP).</i></p> <p>45 Catalogador de assunto: <i>(...) no nosso dia a dia não tem um tempo disponível para realizarmos a leitura do material, a leitura para retirar os termos, porque a atenção maior é dada ao preenchimento da planilha e não para a parte do assunto, tudo é direcionado mais para a descrição física do documento e a parte do assunto fica em segundo plano (UNICAMP).</i></p> <p>52 Catalogador de assunto: <i>o processo em si não é algo muito mecânico, ou seja, eu consigo flexibilizar a catalogação, então no momento da atribuição do assunto eu olho as partes ditas chaves, mas nunca é da maneira como a teoria coloca. Então é mais por meio de um conjunto de partes do item, não tem uma sequência, é tudo mais dinâmico, bem diferente da teoria (UNICAMP).</i></p>
<p><i>Etapa da tradução de conceitos</i></p>	<p>20 Catalogador de assunto: <i>(...) utiliza o Bibliodata como sendo o único instrumento mesmo no momento da tradução, porque agente não tem outro parâmetro (UNESP).</i></p>

QUADRO 7: Percepção dos profissionais sobre os procedimentos metodológicos.

Fonte: Elaborado pela autora.

- **Bibliotecário dirigente**

Os profissionais da USP e UNESP não opinaram sobre o presente temário. Por sua vez, o profissional da UNICAMP mostrou-se consciente sobre a realidade que cerca a atuação dos catalogadores de assunto ao dizer que os profissionais não seguem todas as etapas do processo de tratamento temático da informação. No entanto, não transpareceu nenhum tipo de posicionamento contrário ou favorável à situação observada por ele no contexto da biblioteca universitária que administra.

- **Bibliotecário de referência**

Os profissionais da USP e UNESP não opinaram sobre o presente temário. O profissional da UNICAMP julga preocupante o fato dos catalogadores de assunto não realizarem todas as etapas da análise de assunto. Em sua opinião, tal prática profissional

prejudica a recuperação da informação pelo usuário.

- **Catalogador de assunto**

O profissional da USP advoga que a atribuição de termos é prejudicada devido à agilidade do sistema de informação, no qual as etapas do processo de tratamento temático da informação ocorrem simultaneamente. Em seu entendimento, esta característica prejudica a etapa da análise de assunto e seleção de termos. Transparece que a realização das etapas em momentos distintos, conforme conhecimentos adquiridos em sua vivência acadêmica, são melhores para a recuperação da informação no sistema. Declara realizar a etapa da análise de assunto e buscar formas variadas de se compreender o assunto expresso no documento. Apesar do profissional da UNESP entender a necessidade de se realizar o tratamento temático da informação por meio das etapas, ele declara não segui-las em sua prática cotidiana. Isto porque realiza uma leitura automática do documento, pois sua atribuição de termos decorre do assunto classificado para o documento. Para ele, o fato das operações de classificação, indexação e catalogação serem unificadas facilita o trabalho. Em sua opinião, a qualidade do processo é muito relativa, posto os fatores subjetivos interferentes. Acredita que a experiência pessoal advinda da prática profissional propicia-lhe mais segurança do que o respaldo teórico e, por isso, não segue as etapas do processo de tratamento temático da informação. O profissional da UNICAMP acredita que as etapas do processo são importantes, mas justifica não haver tempo viável para realizá-las em sua prática profissional. Logo, realiza a análise de assunto de maneira superficial, sem respaldo teórico. Afirma que o tratamento temático da informação fica em segundo plano, visto que sua preocupação central é direcionada a descrição física do documento.

CATEGORIA DE ANÁLISE: *Uniformidade do processo*

Temários	Declaração dos sujeitos
<i>Utilização de métodos e instrumentos específicos</i>	<p>3 Bibliotecário dirigente: (...) talvez seja necessário, para garantir mesmo essa tão almejada troca por meio da cooperação entre instituições um instrumento ou mesmo uma normalização que poderia ser utilizada como norte, um parâmetro para que venha a ter um nível de qualidade comum a todas elas (UNESP).</p> <p>24 Bibliotecário dirigente: (...) acho que o catalogador deveria ter um pouco mais de autonomia para catalogar, mas tudo centrado dentro de manuais, para que todo documento tenha o mesmo tratamento. E outra coisa, o setor de referência e o de tratamento devem dialogar sempre (UNICAMP).</p> <p>26 Catalogador de assunto: (...) para as monografias agente segue um</p>

	<p><i>manual de indexação que aponta a melhor maneira, que ajuda nessa questão. Então agente percebe que ajuda para que os profissionais atribuam os termos. É claro que nunca uma indexação será igual a outra, mas pode ser mais aproximada quando existe um apóio, um direcionamento que faz com que o trabalho deixe de ser mais voltado para os termos que o profissional acha correto, o que eles julgam mais relevantes. Então esse momento se torna algo mais voltado para o usuário, agente começa a executar esse processo de modo mais parecido, devido ao direcionamento que o manual oferece. Eu vejo mais como um apóio a normalização, é claro que não vai ficar idêntico, mas a ideia é que a indexação fique mais uniforme (USP).</i></p> <p>38 Catalogador de assunto: (...) não é uma tarefa fácil atribuir assuntos, mas com o respaldo teórico e o apóio dos manuais da instituição se torna algo prazeroso, porque você sente que terá um resultado positivo lá na frente, ou seja, que o usuário irá recuperar a informação desejada (USP).</p> <p>6 Catalogador de assunto: (...) se pelo menos tivéssemos algo mais específico, um norte mesmo para realizarmos o trabalho de tratar o documento tendo em vista a prática, uma vez que a teoria é muito linda e correta, mas apenas para quem não entende da dificuldade que enfrentamos diariamente para que o produto seja realmente algo de qualidade (UNESP).</p> <p>20 Catalogador de assunto: (...) utiliza o Bibliodata como sendo o único instrumento mesmo no momento da tradução, porque agente não tem outro parâmetro (UNESP).</p> <p>22 Catalogador de assunto: (...) na prática mesmo da catalogação ou como a teoria diz do tratamento temático agente não utiliza na nossa biblioteca nenhum manual de serviço, o que é uma pena (UNESP).</p> <p>55 Catalogador de assunto: (...) infelizmente agente aqui não tem um instrumento permanente que avalie o nosso trabalho, ou seja, que mostre se o que agente faz está de acordo com aquilo que o usuário precisa, e muito menos se o nosso trabalho está sendo satisfatório ou não (UNESP).</p>
<p><i>Padronização</i></p>	<p>3 Bibliotecário dirigente: (...) não há um nível de padronização real para a realização da técnica na prática (UNESP).</p> <p>22 Catalogador de assunto: (...) na prática não segue essas etapas do processo e pouco se preocupa com essa padronização do processo para buscar um nível de qualidade dos resultados (UNESP).</p> <p>21 Catalogador de assunto: (...) por trabalharmos em uma biblioteca setorial, eu acho que todo o tratamento da informação deveria vir pronto da matriz e ser distribuído às demais unidades, porque eu penso que só assim poderia haver certa padronização, algo que é extremamente necessário. (...) Acho que a única coisa mais padronizada é a tradução, porque agente segue um vocabulário controlado, mas que nem a quantidade de termos, a especificidade dos termos, são coisas que ninguém segue digamos “as regras”, é complicado trabalhar dessa forma. Deve haver um padrão, um norte para se realizar o tratamento da informação porque se não a coisa não funciona, não dará resultados satisfatórios (UNICAMP).</p> <p>23 Catalogador de assunto: (...) é necessário haver a troca com o pessoal de referência para agente conhecer as necessidades dos usuários, mas eu vejo que o setor do tratamento da informação ganharia muito se fosse concentrado em um único lugar, porque haveria uma real preocupação dos profissionais em padronizar a catalogação e dar um tempo maior para o assunto. Mas na realidade o que falta mesmo são articulações mais concretas, diálogos mais ativos entre os catalogadores de todas as bibliotecas da universidade para que o tratamento seja algo mais coerente, uma única cara, independente se foi realizado aqui ou na biblioteca x (UNICAMP).</p> <p>58 Catalogador de assunto: o texto serviu para (...) mostrar que o</p>

	<i>tratamento da informação carece de padrões que apontem a melhor maneira de se catalogar e atribuir os termos, porque se não cada um vai fazer de acordo com a sua opinião (UNICAMP).</i>
--	---

QUADRO 8: Percepção dos profissionais sobre a uniformidade do processo.

Fonte: Elaborado pela autora.

- **Bibliotecário dirigente**

O profissional da USP não opinou sobre o presente temário. A principal preocupação exposta pelo profissional da UNESP decorre da inexistência de um nível de padronização da atividade do tratamento temático da informação na prática profissional. Em sua opinião, o profissional carece de um instrumento específico que propicie uma normalização e/ou parâmetro metodológico para obtenção da qualidade do processo. Na concepção do profissional da UNICAMP o catalogador de assunto deveria ter autonomia para tomar determinadas decisões, desde que centradas nos manuais, visando à padronização do processo em contexto de bibliotecas universitárias.

- **Bibliotecário de referência**

Os bibliotecários de referência não opinaram sobre o temário em análise.

- **Catalogador de assunto**

Na visão do profissional da USP os manuais auxiliam e direcionam as ações profissionais, bem como promovem uma uniformidade do processo. Aponta a necessidade do profissional atuar tendo respaldo teórico e normativo, este último oriundo dos manuais técnicos. Para o profissional da UNESP a uniformidade do processo advinda por meio de parâmetros metodológicos tende a contribuir para a qualidade dos produtos e serviços informacionais da biblioteca universitária. O profissional sente falta de um manual de serviço direcionado para a atividade do tratamento temático da informação, bem como de instrumentos permanentes que avaliem sua atuação e demonstrem se a realização do processo é ou não pertinente/satisfatória com as necessidades dos usuários. O profissional da UNICAMP corrobora com a necessidade de parâmetros teóricos e metodológicos para a atuação no tratamento temático da informação. Acrescenta que, em se tratando de bibliotecas universitárias setoriais, o processo deveria ser centralizado visando o aumento da qualidade e padronização dos produtos gerados.

CATEGORIA DE ANÁLISE: *Perspectivas do contexto de bibliotecas universitárias*

Temários	Declaração dos sujeitos
Usuários	<p>15 Bibliotecário dirigente: (...) antigamente o usuário se preocupava mais com a biblioteca, era mais ativo. Agora com a internet isso mudou e a cada novo ano a frequência diminuiu e conseqüentemente o interesse em verificar o processo, conversar com os profissionais, expor seu ponto de vista, contribuir, criticar, enfim, se fazer valer, porque afinal estamos aqui para servi-lo (USP).</p> <p>32 Bibliotecário dirigente: o que eu percebo é que a postura do usuário precisa mudar, ele não se interessa, mas talvez isso poderia mudar se da biblioteca partir esse convite, chamá-lo mesmo para participar dessa comissão, para mostrar a biblioteca suas necessidades enquanto usuário (USP).</p> <p>44 Bibliotecário dirigente: eu acho que a nossa catalogação atende as necessidades do usuário, porque o pessoal do processamento técnico procura especificar o documento para deixar o mais visível pelo usuário no momento da busca no sistema (UNICAMP).</p> <p>23 Bibliotecário de referência: (...) tem que se pensar que talvez o fato dessas etapas não serem cumpridas na prática, no cotidiano da atuação do profissional responsável, certamente influencia de maneira negativa para a recuperação do usuário. (...) talvez esse ponto que estamos discutindo agora seja algo a se pensar, para que o usuário seja o ganhador maior de tudo isso (UNESP).</p> <p>25 Bibliotecário de referência: (...) um dos maiores erros que eu sei que existe, devido ao pouco tempo que agente tem para realizar tudo que a biblioteca necessita é a questão do estudo de usuário. (...) Certamente se tivesse um estudo de usuário mais focado no momento da recuperação da informação né, do documento no sistema isso poderia ser um ganho, porque seria um norte mesmo para os catalogadores atribuírem o assunto sabendo quais termos são os mais procurados pelo usuário (UNESP).</p> <p>14 Catalogador de assunto: então, mas eu acho que o pessoal da referência deve contribui mais (USP).</p> <p>16 Catalogador de assunto: (...) quando eu vou catalogar o documento eu procuro pensar como o usuário (UNESP).</p> <p>39 Catalogador de assunto: (...) eu acho que o papel da biblioteca universitária é esse, especificar o documento ao máximo visando o usuário local e não se preocupar muito com a cooperação entre bibliotecas (UNICAMP).</p>
Linguagem documental	<p>20 Catalogador de assunto: (...) esse grupo que agente busca estruturar há mais de um ano irá contribuir também para o nossa vocabulário controlado (...) apesar de usarmos o mesmo vocabulário, cada material tem a sua especificidade e isso deve ser melhor estudado, observado aqui por nós, porque a preocupação é de se fazer algo que atenda as necessidades reais da nossa biblioteca (USP).</p> <p>31 Catalogador de assunto: (...) por mais que haja uma preocupação da universidade, agente sabe que é algo demorado, muitas vezes até desgastante realizar atualizações no vocabulário controlado, o que acaba prejudicando e muito a recuperação do material, infelizmente, porque o trabalho todo, de todos os profissionais é perdido, por mais que agente se esforce, a partir do instante em que a linguagem é desatualizada e não atende mais as necessidades do público específico da biblioteca (USP).</p> <p>31 Catalogador de assunto: (...) se seguirmos um norte para realizarmos a identificação, seleção e tradução de termos valendo da especificidade da área</p>

	<p><i>do conhecimento, buscando conhecer a terminologia e tendo uma linguagem documentária atualizada tudo é mais fácil (UNICAMP).</i></p> <p>60 Catalogador de assunto: <i>agente cria poucos termos, utilizamos os da catalogação na fonte (UNICAMP).</i></p>
<p>Política de tratamento da informação documental</p>	<p>41 Bibliotecário dirigente: <i>a questão da política que o autor levantou no texto é algo que contribui, no meu entendimento, para que a literatura seja mais presente e aí o profissional estará sempre em contato com as diretrizes, com o modo mais preciso de se tratar o documento (USP).</i></p> <p>36 Bibliotecário dirigente: <i>(...) nós nunca paramos para discutir sobre a questão da política mesmo, o que seria um outro ganho se tivéssemos uma específica para a nossa realidade, ou mesmo uma que pelo menos diminuísse toda essa dificuldade que é tratar e conseguir atender ao que o usuário e o sistema precisam, claro conseguir atrelar as duas realidades ao mesmo tempo (UNESP).</i></p> <p>43 Bibliotecário dirigente: <i>eu já vejo que a política seria um ganho para todos nós, independentemente do tempo de serviço (UNESP).</i></p> <p>63 Bibliotecário dirigente: <i>(...) o resultado do nosso trabalho vai depender muito da qualidade da política de cada instituição, do tipo de público, da exaustividade da sua indexação (UNICAMP).</i></p> <p>43 Bibliotecário de referência: <i>(...) esse tipo de material fica muito distante do profissional, e daí no dia a dia as ações profissionais acabam sendo voltadas para a prática, ao conhecimento adquirido a partir das experiências e vivências enquanto profissional. Isso faz com que a literatura fique distante, mas é claro que isso vai variar de profissional para profissional. Eu acho importante que as normas, os procedimentos e diretrizes estejam mais próximos do profissional, não apenas em deixá-los em cima da mesa, mas que o conteúdo em si seja mais atual e voltado para a biblioteca (USP).</i></p> <p>38 Bibliotecário de referência: <i>eu já vejo que seria muito viável e necessário mesmo, porque por mais que agente se esforce, faça mesmo todo o processo, tudo o que está ao nosso alcance para atender de maneira satisfatória o usuário e deixar os produtos e serviços oferecidos pela biblioteca com um certo padrão de qualidade, sempre existem muitas falhas, as quais, na minha opinião, poderiam ser amenizadas com essa política (UNESP).</i></p> <p>41 Bibliotecário de referência: <i>(...) essa política viria para dar um norte mesmo, então a partir do instante que você a conhecesse, conseqüentemente as suas ações cotidianas já seriam direcionadas para o que ela demonstra ser o correto (UNESP).</i></p> <p>42 Catalogador de assunto: <i>infelizmente a política fica em segundo plano, porque quando eu entrei aqui, por exemplo, eu li todos os manuais, mas o meu contato com esses materiais foi apenas na primeira semana e depois é algo que fica esquecido. Talvez a biblioteca deveria criar algo mais atual, mais específico com a realidade em que trabalhamos, porque isso certamente faria com que os profissionais do tratamento técnico se sentissem mais seguros em realizar o processo, porque teriam um respaldo condizente com a realidade da biblioteca (USP).</i></p> <p>44 Catalogador de assunto: <i>(...) por ser um trabalho não apenas técnico, mas intelectual é importante que essas políticas direcionadas ao tratamento do documento abrangem desde os campos, as etapas da atribuição dos assuntos, mas também a biblioteca, sei lá, retratar pontos como a cultura, o foco, o público, coisas que fazem parte da biblioteca e que influenciam no trabalho, seja antes, durante ou depois do tratamento técnico (USP).</i></p> <p>35 Catalogador de assunto: <i>(...) quando o texto fala da importância da política de tratamento eu logo vi que agente não tem, e mais, nunca paramos</i></p>

	<p><i>para pensar no benéfico que uma política poderia trazer para a nossa instituição (UNESP).</i></p> <p>37 Catalogador de assunto: (...) <i>eu já tenho meus receios pessoais, pois não sei se com uma política seria algo muito diferente do que agente já faz (UNESP).</i></p> <p>44 Catalogador de assunto: (...) <i>uma política já iria mostrar o modo correto de fazer as etapas do processo, só que no meu caso, por eu fazer do meu jeito, eu já teria muita dificuldade de seguir os passos necessários (UNESP).</i></p> <p>41 Catalogador de assunto: <i>a função do catalogador é retratar o documento de acordo com o usuário e por isso o fato de seguirmos uma política geral que abrange diversas bibliotecas acaba havendo grandes falhas, porque o profissional tem que se condicionar a satisfazer uma instituição ao invés de satisfazer o usuário (UNICAMP).</i></p> <p>64 Catalogador de assunto: (...) <i>o interessante seria se cada instituição fizesse a sua política por meio de uma comissão específica, que tivesse o envolvimento dos profissionais, dos usuários, dos docentes (UNICAMP).</i></p>
Aspectos sócio culturais influentes	<p>11 Bibliotecário dirigente: (...) <i>agente sabe que a realidade de cada biblioteca é diferente (USP).</i></p> <p>17 Bibliotecário dirigente: <i>acho que é esse tipo de pensamento que deve prevalecer, porque cada um pode contribuir, uma vez que tem uma visão micro do seu setor e juntando todas as visões agente consegue observar o todo e verificar com mais profundidade as reais necessidades da biblioteca (USP).</i></p> <p>12 Bibliotecário dirigente: (...) <i>não temos o apoio necessário para trabalharmos da maneira como gostaríamos, colocarmos em prática mesmo tudo o que a literatura da nossa área aponta como ser o correto (UNICAMP).</i></p> <p>10 Catalogador de assunto: <i>uma coisa que eu percebo é que a nossa área se preocupa muito com as tecnologias e deixa de pensar nas necessidades que a biblioteca e os profissionais precisam de fato no dia a dia (USP).</i></p> <p>28 Catalogador de assunto: (...) <i>agente sempre conversa entre nós do setor para tirar dúvidas, trocar mesmo experiências porque às vezes um colega já tratou desse assunto e pode esclarecer as minhas dúvidas e vice versa. Então assim, é muito rica essa nossa troca, sempre contribui e enriquece o tratamento (USP).</i></p> <p>36 Catalogador de assunto: (...) <i>o ambiente dessa biblioteca favorece que eu aplique a teoria, muitas das coisas que eu aprendi, porque tem um apoio, uma preocupação com o profissional, com o corpo humano mesmo. Isso é muito gratificante (USP).</i></p> <p>51 Catalogador de assunto: (...) <i>essa troca que ocorre é muito importante, porque um outro catalogador conseguiu pensar de outra maneira o documento e isso vai agregando valor ao seu trabalho, você vai aprendendo mais e se capacitando para o trabalho (UNESP).</i></p> <p>55 Catalogador de assunto: (...) <i>a estrutura mesmo da biblioteca poderia ser algo menos engessado, o que eu quero dizer, o pessoal da referência poderia ter uma noção maior de como é o processo, desde a aquisição do material até o momento em que ele é tratado e disponibilizado para consulta no sistema (UNESP).</i></p> <p>13 Catalogador de assunto: <i>para mim o que falta é uma literatura mais dinâmica, sei lá, eu não entendo porque a prática é tão diferente da teoria. De duas uma, ou o profissional faz tudo errado, ou a literatura não entende nada sobre a realidade de uma biblioteca, principalmente de biblioteca universitária que tudo é mais complicado (UNICAMP).</i></p>
	<p>30 Bibliotecário dirigente: <i>o processo da catalogação é algo que exige</i></p>

Consciência profissional

constantes aprimoramentos (...) essa função exige do profissional uma dedicação especial, porque em sistemas de bibliotecas universitárias a catalogação descritiva ocorre junto com a atribuição de assuntos e queira ou não o mesmo profissional passou a executar duas funções, a de catalogar e a de indexar. Por um lado isso contribui, mas por outro lado apresenta grandes falhas, caso o profissional não esteja preparado, não se qualifique (UNICAMP).

5 Bibliotecário de referência: *(...) a educação continuada além de trazer ao profissional a oportunidade de se qualificar para a função que exerce e de ampliar o conhecimento, faz com que o mesmo reflita e pondere mais sobre o modo como atua e contribui para a sociedade (USP).*

33 Bibliotecário de referência: *(...) para mim todos, independente do setor, devemos ser mais reflexivos, pensarmos mesmo no nosso agir diário, no que estamos fazendo, até que ponto agente se preocupa em colocar em prática o nosso conhecimento adquirido durante a formação acadêmica, a nossa formação posterior realizada por meio de cursos, eventos, leitura, discussões, trocas profissionais, para vermos até que ponto nós estamos agindo em prol do usuário, qual é o nosso objetivo profissional, o ganho da nossa profissão para a sociedade, enfim, são algumas indagações que eu verifico que estão apáticas, não tem uma preocupação ativa (USP).*

25 Bibliotecária de referência: *(...) meu contato com o pessoal do tratamento é no caso verificar com o usuário se o termo atende sua necessidade de informação. Então eu converso com o pessoal do tratamento para mostrar os termos mais utilizados pelos usuários, acredito que isso acaba repercutindo de maneira positiva tanto para o meu trabalho quanto para o catalogador (UNICAMP).*

12 Catalogador de assunto: *(...) uma outra coisa interessante é que agente do processamento técnico faz mensalmente um bate papo, uma reunião para verificar como está sendo o trabalho, quais são as dificuldades, enfim para ver mesmo os pontos que podemos melhorar. Agente sempre tentou ampliar essa participação com o pessoal da referência, porque eles estão diretamente com o público e sabem os pontos fracos e fortes (USP).*

34 Catalogador de assunto: *certamente nós profissionais precisamos constantemente nos policiar, revisar o que a teoria aponta como sendo o mais viável, até que ponto o ambiente da biblioteca interfere no nosso trabalho, como melhorar o nosso serviço, os produtos que oferecemos. Essas são coisas que muitas vezes ficam esquecidas, mas que são extremamente relevantes. Para mim, um outro ponto bem importante é com relação à reflexão pessoal de cada profissional, a preocupação em continuar se especializando, não deixar cair numa rotina e num agir técnico (USP).*

48 Catalogador de assunto: *(...) eu mesmo, amo o meu trabalho e sei o quanto ele é necessário para a biblioteca, para o usuário e para a própria comunidade que agente atende né, então agente busca fazer o melhor, mesmo sabendo que existem muitas falhas, muitas coisas a serem melhoradas (UNESP).*

60 Catalogador de assunto: *(...) sempre quando agente pode melhorar agente melhora, mas é algo muito complicado de estar fazendo. O que é muito comum é agente ler muito, fazer cursos, especialização para tentar melhorar, porque sempre surgem coisas novas, técnicas e nortes mais viáveis para a nossa realidade, isso sempre contribui, mas para eu trazer isso para o meu dia a dia é que é mais complicado, porque tudo se tornou algo muito mecânico, técnico mesmo (UNESP).*

23 Catalogador de assunto: *(...) é necessário haver a troca com o pessoal de referência para agente conhecer as necessidades dos usuários. (...) na realidade o que falta mesmo são articulações mais concretas, diálogos mais ativos entre os catalogadores de todas as bibliotecas da universidade para*

	<p><i>que o tratamento seja algo mais coerente, uma única cara, independente se foi realizado aqui ou na biblioteca x (UNICAMP).</i></p> <p>37 Catalogação de assunto: (...) o nosso respaldo maior é mesmo essa troca de experiências. Agente sabe que a educação é falha, mesmo na faculdade agente sabe que não tem uma base sólida, seja pela falta de bons estágios, seja pela teoria que não foi bem trabalhada em sala de aula, então são vários aspectos que cada catalogador trás consigo, a própria cultura de cada um, ou até pela falta de familiaridade com as regras e padrões da catalogação (UNICAMP).</p>
--	---

QUADRO 9: Percepção dos profissionais em relação às perspectivas do contexto de bibliotecas universitárias.

Fonte: Elaborado pela autora.

- **Bibliotecário dirigente**

O profissional da USP lembra que o usuário deixou de participar das questões ligadas às atividades da biblioteca universitária. Acredita que tal postura mude no momento em que os profissionais demonstrarem interesse em ouvi-lo e atender suas necessidades informacionais. Em sua opinião, a política contribui para a prática profissional ao retratar os aportes teóricos e direcionar metodologicamente o processo. Evidencia as distintas realidades que permeiam o contexto da biblioteca universitária e declara que a troca de conhecimentos, experiências e opiniões contribuem para que os profissionais conheçam todos os setores da biblioteca e suas necessidades específicas. Para o profissional da UNESP os produtos e serviços informacionais gerados na biblioteca universitária devem ser direcionados à demanda. Em sua opinião, uma política de tratamento da informação documental voltada para a realidade do contexto tende a contribuir para a diminuição de dificuldades da prática cotidiana, especificamente ao atrelar as necessidades dos usuários com a realidade e objetivos próprios do contexto. Salaria que o dia a dia da profissão não contribui para efetivas reflexões sobre suas ações profissionais, apesar de acreditar que tal atitude faz-se necessária. No entendimento do profissional da UNICAMP, o tratamento temático da informação realizado em sua biblioteca universitária atende as necessidades dos usuários. Acredita que o estabelecimento de políticas de qualidade tende a melhorar os resultados do processo e, conseqüentemente, da prática profissional. Para ele, o contexto informacional não oferece condições para que os profissionais apliquem os conhecimentos teóricos na prática profissional. Defende que o catalogador de assunto precisa se qualificar, uma vez que o referido profissional passou a descrever física e tematicamente o documento.

- **Bibliotecário de referência**

O profissional da USP defende que as políticas de tratamento da informação documental devem conter diretrizes atualizadas e específicas de cada contexto informacional. Reforça a importância da educação continuada e acredita que todos os profissionais devam aprimorar seus conhecimentos e refletirem sobre o seu papel na sociedade. Na visão do profissional da UNESP os estudos de usuário tendem a contribuir com o trabalho dos catalogadores de assunto, apesar de não serem realizados estudos focado para avaliação. Em sua opinião, a política de tratamento da informação documental torna-se viável por amenizar falhas e propiciar um padrão de qualidade aos produtos e serviços oferecidos pela biblioteca universitária, bem como por direcionar as ações cotidianas dos profissionais. Para ele o diálogo entre o setor de referência e o processamento técnico é relevante para que as necessidades informacionais dos usuários sejam atendidas, pensamento corroborado pelo profissional da UNICAMP.

- **Catalogador de assunto**

Para o profissional da USP o bibliotecário de referência deve ser mais participativo. Advoga pela constante atualização do vocabulário controlado. Defende que as políticas de tratamento da informação documental devam ser condizentes com a realidade da biblioteca universitária, para que venha a utilizá-las. Em sua opinião, a literatura especializada preocupa-se mais em desenvolver e aplicar novas tecnologias ao invés de investigar o contexto informacional e suas necessidades específicas. Demonstra-se consciente sobre a importância de grupos de discussão, nos quais o bibliotecário de referência atue ativamente, uma vez que tal profissional possui contato direto com o usuário e, portanto, conhece suas necessidades informacionais. Para ele a troca de conhecimentos, experiências e opiniões profissionais são ações significativas para a prática do tratamento temático da informação. O profissional declara observar a literatura especializada para que suas ações não sejam direcionadas a um agir tecnicista. Declara ainda tratar o documento de acordo com a realidade do contexto institucional, ressaltando que suas particularidades devem ser observadas. O profissional da UNESP justifica a utilização do bom senso profissional na falta de estudos de avaliação sobre a eficiência do tratamento temático da informação pela perspectiva do usuário. Este profissional aponta nunca ter pensado sobre os benefícios advindos da política de tratamento da informação documental e apresenta certo preconceito com o estabelecimento

e uso dessa diretriz, pois acredita que tal instrumento não modificaria sua rotina atual. Julga importante a troca de conhecimentos entre os profissionais no contexto de trabalho enquanto oportunidade enriquecedora de aprendizagem grupal. Declara haver falhas e lacunas em sua prática profissional. Segundo o profissional da UNICAMP o tratamento temático da informação realizado nas bibliotecas universitárias deveria ser direcionado para o usuário local e não para a cooperação entre instituições. Defende a atualização do vocabulário controlado para que o trabalho do catalogador de assunto seja facilitado, mas declara utilizar os termos advindos da catalogação na fonte. Em sua opinião, a política de tratamento da informação documental deve responder aos questionamentos locais. Expõe que a literatura especializada não conhece a realidade do contexto de bibliotecas universitárias e que a teoria deveria ser mais dinâmica. Defende o estabelecimento de diálogos mais ativos entre os bibliotecários de referência e os catalogadores de assunto a fim de amenizar as falhas da formação acadêmica.

Diante disso, parte-se para a exposição e discussão dos principais resultados obtidos por meio dos protocolos verbais.

6.1.1 Resumo e discussão dos resultados dos Protocolos Verbais em Grupo

Neste momento da pesquisa são expostos e discutidos os principais resultados advindos das análises dos Protocolos Verbais em Grupo aplicados em três bibliotecas universitárias do Estado de São Paulo. Salienta-se que, na medida em que os resultados dos temários investigados forem sendo apresentados, são tecidos comentários e reflexões acerca dos pontos evidenciados pela comunidade de aprendizagem, os quais, por sua vez, são respaldados por autores confluentes ou divergentes com o assunto abordado nesta pesquisa, com destaque e indicação dos aspectos referentes ao tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias.

Inicialmente, a categoria de análise – Tratamento temático da informação apresenta a conceitualização do tratamento temático da informação enquanto atividade profissional, a questão do assunto como elemento impreciso na literatura especializada e, conseqüentemente, como fator condicionante da subjetividade da atuação do catalogador de

assunto. Evidencia-se, nesta ambiência investigativa, a subjetividade do processo pela perspectiva da atuação profissional e analisa as principais distinções entre o bojo teórico e metodológico advindo da literatura especializada e da prática cotidiana do profissional em contexto de bibliotecas universitárias.

Na categoria de análise – Operações do tratamento temático da informação, a catalogação de assunto e a indexação são investigadas a partir da percepção dos profissionais que atuam ou influenciam no tratamento da informação. São expostas as principais distinções que permeiam tais operações, bem como suas contribuições particulares para o tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias.

Posteriormente, a categoria de análise – Procedimentos metodológicos investiga a etapa da análise de assunto e a tradução de conceitos no processo de tratamento temático da informação. Salienta-se que o interesse sobre este temário respalda na necessidade de se conhecer o modo pelo qual os profissionais identificam e atribuem valor ao assunto do documento.

A categoria de análise – Uniformidade do processo arrola a percepção do grupo de profissionais sobre a utilização de métodos e instrumentos específicos para a realização do tratamento temático da informação e a importância da padronização do processo em contexto de bibliotecas universitárias.

Finalmente, a categoria de análise – Perspectivas do contexto de bibliotecas universitárias aborda alguns dos fatores próprios do contexto de atuação profissional em análise. Portanto, foram discutidos temas como usuários, linguagem documental utilizada pelo contexto informacional, papel e relevância das políticas de tratamento da informação documental na atuação profissional, impacto dos aspectos sócio culturais próprios do contexto informacional e, também, tecidas opiniões sobre a consciência dos profissionais no que tange suas ações cotidianas.

Realizadas as especificações dos temários discutidos em cada uma das cinco categorias de análise elaboradas e utilizadas para esta pesquisa, parte-se para a discussão dos resultados advindos pela perspectiva dos três grupos de profissionais investigados, resultantes das aplicações da técnica de Protocolo Verbal em Grupo.

Tratamento Temático da Informação

A análise demonstrou que os profissionais investigados não compreendem com clareza o processo de tratamento temático da informação e a distinção de suas operações pela perspectiva teórica. Esta problemática é resultante, em parte pelo desconhecimento conceitual e, também, pela impraticabilidade cotidiana.

Enquanto abordagem contraditória na literatura especializada, a questão do assunto foi um dos temas menos evidenciado e discutido pelos profissionais. Para eles, a imprecisão na Ciência da Informação relativa ao ‘assunto’ interfere de forma negativa na prática profissional, fator que deve ser explorado em profundidade pela comunidade científica, uma vez que esta lacuna teórica reforça a imprecisão e o despreparo profissional para a atribuição do assunto.

Quanto ao temário discrepâncias e congruências entre os aportes teóricos e a prática cotidiana, observou-se que a atuação dos profissionais que tratam a informação documental está distante da literatura especializada. Um dos aspectos levantados pelos profissionais para tal postura baseia-se, principalmente, na importância que é dada pelo profissional ao contexto informacional e suas características particulares. De modo geral, observou-se que para a grande parcela dos profissionais investigados a literatura especializada apresenta falhas ao não evidenciar a realidade própria das bibliotecas universitárias. Ressalta-se que esse cenário é um fator preocupante e que merece ser investigado atentamente pela comunidade científica, visando promover um elo, subsidiado por aspectos sócio culturais que assegurem uma realidade condizente entre os aportes teóricos e a prática cotidiana no contexto informacional em análise.

Dentre outros, constatou-se que os profissionais acreditam que a prática profissional ligada ao tratamento temático da informação exige comportamentos específicos, muitos dos quais não são contemplados pela literatura especializada. Partindo desta problemática, corrobora-se com Ribeiro e Motta (s.d, p.5) ao trazerem à tona um ponto importante sobre o distanciamento da formação acadêmica e continuada, a saber:

O conhecimento atualizado se constitui em razão suficiente para modificações dos processos de trabalho e das relações de trabalho entre os profissionais? Responder a estas questões implica, em primeiro lugar, na revisão das concepções pedagógicas predominantes que, ao entenderem a

prática como mera aplicação do conhecimento, esvaziam-se de sentido e estabelecem uma relação linear e simplista entre o saber e o fazer. Em seus cursos de atualização, os profissionais são elevados ao paraíso do ‘como deveria ser’, tradução da verdade do conhecimento científico acumulado e atualizado, aplicável numa espécie de representação universal e única [...]. Quando retornam aos serviços, entretanto, se vêem confrontados em suas realidades cotidianas com a impossibilidade da aplicação do conhecimento adquirido. Na prática, a teoria é outra.

Neste sentido, pode-se dizer que tais comportamentos resultam da realidade específica do contexto de bibliotecas universitárias, a qual interfere e condiciona as ações profissionais e influencia nos resultados dos produtos e serviços informacionais. Sobre isto, acredita-se que o contexto de atuação do profissional deva ser explorado por meio de pesquisas que visem retratar os fatores e aspectos que interferem na prática cotidiana do tratamento temático da informação. Esta é uma necessidade investigativa emergente, visto que os profissionais devem condicionar suas ações profissionais ao contexto social, histórico e cultural das informações e, para tanto, necessitam de respaldo teórico. Desse modo, advoga-se que o estabelecimento de uma política de tratamento da informação documental específica para cada contexto informacional tende a direcionar as ações profissionais, atender as necessidades da biblioteca universitária e retratar com propriedade sua realidade sócio-cultural mais ampla.

Outro ponto verificado é que grande parte dos problemas enfrentados pelos profissionais no cotidiano do tratamento temático da informação decorre da carência da prática profissional nos anos de formação acadêmica. É ciente o impacto dos estágios curriculares na prática profissional e, sob esta perspectiva, tais vivências devem ser mais bem pensadas e estabelecidas pelas instituições educacionais, a fim de que os estágios realizados durante os anos de formação acadêmica sustentem a prática profissional com mais veemência.

A partir das análises dos dados, constatou-se que o catalogador de assunto deixa de se pautar nos aportes teóricos devido às experiências adquiridas nos anos de sua vivência profissional. No entanto, pode-se dizer que esta atitude é um erro, pois a falta de diretrizes condiciona uma atuação baseada em opiniões pessoais, as quais delineiam a rotina de suas ações profissionais. Logo, advoga-se que os aportes teóricos devam permear e direcionar a prática profissional, visando, sobretudo, a diminuição das nuances ocorridas no momento da representação da informação.

Apesar de nesta pesquisa ser constatado que os aportes teóricos estão distantes da prática profissional e os profissionais agirem de acordo com os conhecimentos advindos da

experiência e convívio profissional, verifica-se que a comunidade de aprendizagem investigada mostra-se consciente sobre a sustentabilidade advinda pela teoria, aspecto importante, uma vez que “a união da prática com a teoria produzirá as reflexões necessárias para mudanças na atitude profissional e na busca por melhorias” (ALMEIDA, 2007, p.91).

Teoricamente, os profissionais acreditam não haver dispares entre a teoria e a prática profissional. Contudo, seus relatos revelam que a teoria não supre todas as dificuldades enfrentadas por eles no cotidiano do contexto de bibliotecas universitárias. Em decorrência, não buscam nos aportes teóricos um direcionamento para suas ações profissionais, aspecto este agravante, visto que os catalogadores de assunto passam a utilizar o bom senso profissional e dos conhecimentos tácitos para realizarem o processo.

O terceiro temário investigado, subjetividade do processo, apresentou forte interesse e preocupação por parte dos profissionais, considerando-se que a subjetividade sempre foi um problema de natureza complexa para a área do tratamento temático da informação. A este respeito, os profissionais investigados mostraram-se conscientes sobre a atividade intelectual que envolve o tratamento temático da informação e acreditam que a subjetividade do processo decorre dos conhecimentos adquiridos durante as experiências pessoais e profissionais e, também, pela falta de especialização terminológica. Inevitavelmente, revelam que o conhecimento tácito e uso do bom senso acabam direcionando suas ações profissionais.

No que tange este aspecto particular, Contreras (2002, p.106-107) assinala que “nossa prática cotidiana está normalmente assentada em um conhecimento tácito, implícito, sobre o qual não exercemos um controle específico. Há uma série de ações que realizamos espontaneamente sem parar para pensarmos nelas antes de fazê-las” e lembra que, “nesse tipo de situação, o conhecimento não se aplica à ação, mas está tacitamente personalizado nela”. Sob este entendimento, salienta-se a necessidade do catalogador de assunto buscar respaldo nos aportes teóricos e interação social.

Com base nas percepções profissionais, observou-se que a subjetividade do processo de tratamento temático da informação é um dos elementos mais agravantes em relação a prática profissional, uma vez que respalda diretamente na qualidade dos produtos e serviços e, conseqüentemente, na eficácia do sistema de recuperação da informação.

Outro ponto evidenciado foi à necessidade do catalogador de assunto possuir conhecimento prévio sobre o assunto retratado no documento. Este seria um fator contributivo

para a realização do tratamento temático da informação, considerando-se que a especialização terminológica pode diminuir a subjetividade do processo. Fujita (2003, p.69) lembra “[...] que o processo de análise de assunto reveste-se de uma subjetividade característica, dadas as circunstâncias e elementos envolvidos [...]”. Neste sentido, entende-se que os profissionais que realizam o tratamento temático da informação em um ou mais assuntos específicos tendem a compreender melhor a área em análise.

Constatou-se que, para a comunidade de aprendizagem investigada, a subjetividade é um elemento preocupante, uma vez que interfere diretamente na recuperação da informação pelo usuário, em virtude dos profissionais apresentarem dispares ao tratarem um mesmo documento. Referente a isto, enfatiza-se que a atuação do catalogador de assunto não é apenas técnica, mas exige reflexões e preparo intelectual. Advoga-se que este preparo advém do bojo de conhecimentos adquiridos, seja na formação acadêmica ou pela educação continuada. Neste ponto, concorda-se com Pereira (1999, p.187) ao expor que a educação continuada “[...] é um processo de transformação sócio-cultural, por meio do qual o ser humano se desenvolve, informando-se e acompanhando as transformações da sociedade em cada contexto”, tendo a oportunidade de crescer sempre. Sendo assim, a vivência no tratamento temático da informação exige dos profissionais uma constante incorporação de novos conhecimentos.

Operações do Tratamento Temático da Informação

Relativo às operações do tratamento temático da informação, verificou-se que o dinamismo da catalogação em contexto de bibliotecas universitárias é um fator positivo para a comunidade de aprendizagem investigada. Apesar de não conhecerem em profundidade a catalogação de assunto pela perspectiva teórica, acreditam que esta operação seja tão eficaz quanto a indexação para a atribuição do assunto do documento e representação da informação. Esta percepção profissional pode ser alicerçada na visão de Bereijo Martinez (s.d., p.121), para o qual o catalogador de assunto,

[...] realiza habitualmente duas tarefas de natureza distintas: i) descreve a identidade física do documento e destaca os nomes de quem participou da sua criação; ii) extrai o conteúdo intelectual do documento, valendo-se de

termos que expressam sua matéria e também no contexto lógico-sistemático de um esquema classificatório.

Apesar de serem operações que visam, guardadas as devidas especificidades, a representação temática dos documentos, acredita-se que a indexação seja mais completa por propiciar um nível maior de detalhamento das informações documentais. Sobre isto, percebeu-se que as operações do tratamento temático da informação despertam opiniões distintas. Muitas vezes, os termos indexação e catalogação de assunto são utilizados indistintamente, quando na verdade designam dois diferentes conceitos e, a definição conceitual de cada operação faz-se importante porque traduz diferentes procedimentos. Para alguns profissionais investigados a catalogação de assunto e a indexação são atividades idênticas e na visão de outros são operações distintas, cujas diferenças assentam-se na especificidade processual e contributiva de cada uma para o tratamento temático da informação.

Na opinião da comunidade de aprendizagem investigada, a realização das operações de classificação, indexação e catalogação pelo mesmo profissional apresenta pontos fortes e fracos, cuja maior incidência de opiniões foi favorável a esta prática profissional. Pode-se dizer, a partir das percepções profissionais, que os pontos fortes baseiam-se na precisão com que o profissional atua, posto que suas ações tendem a serem fortalecidas por meio da vivência profissional. Outro aspecto favorável é que a prática da catalogação de assunto agiliza o tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias. Em contrapartida, a unificação das atividades agrava a subjetividade do processo e interfere de modo negativo na qualidade dos produtos e serviços informacionais. Todavia, a catalogação de assunto peca ao não possibilitar uma leitura técnica mais cautelosa dos documentos em análise, atividade contemplada pela indexação. De modo geral, os profissionais desfavoráveis a catalogação de assunto apontam que a prática desta operação resulta na mecanização do processo e num agir tecnicista.

Procedimentos metodológicos

Observou-se em muitos momentos da discussão que a etapa da análise de assunto ocorre de modo superficial e até mesmo mecanizada, conforme relatos dos próprios

profissionais. Apenas para um dos catalogadores de assunto investigados o tratamento temático da informação realizado por meio da indexação é melhor no que tange a análise de assunto para atribuição de termos. Apesar dos catalogadores de assunto transparecerem certa preocupação com a qualidade do trabalho, os bibliotecários de referência mostraram-se mais conscientes em relação à importância das etapas da análise de assunto para representar o documento e garantir sua efetiva recuperação nos sistemas de informação.

Outro ponto que merece destaque é o fato do profissional realizar uma leitura superficial do documento no momento da atribuição de termos, o que demonstra que a qualidade desses produtos e serviços é comprometida em decorrência das ações despreocupadas dos catalogadores de assunto em sua prática cotidiana. É o caso dos meios justificarem os fins. A adoção deste entendimento, já apressadamente interpretado como um comportamento consolidado ampara-se no problema dos fins serem, “[...] na maioria das vezes, inteiramente subordinados à questão dos meios. Em outros termos, o como sobrepõe-se facilmente sobre o porquê e o para que” (CHANLAT, 2000, p.76). No entanto, concorda-se com Fujita (2003, p.41) ao expor que esta “[...] é uma das etapas mais importantes do trabalho do bibliotecário indexador, pois tem como objetivo identificar e selecionar os conceitos que representam a essência de um documento”.

Percebeu-se que, para a comunidade de aprendizagem investigada, a descrição temática do documento exige um tempo inviável, devido à agilidade com que os documentos devem ser tratados e dispostos no acervo. Esta postura profissional decorre do catalogador de assunto julgar suas experiências pessoais e profissionais mais sustentáveis que o respaldo teórico. Certamente, o bojo de conhecimentos adquiridos durante os anos de atuação profissional contribuem ativamente para o aumento da capacidade profissional, porém, em contrapartida, os conhecimentos teóricos são mais coerentes e seguros, não sofrem distorções e atuam como facilitadores do processo de tratamento temático da informação.

A negligência profissional em direcionar sua atuação por aportes teóricos foi um dos resultados mais agravantes obtidos nesta pesquisa. O uso do bom senso profissional revela a necessidade de instrumentos e diretrizes que sustentem as ações profissionais em contexto de bibliotecas universitárias. Neste ponto, corrobora-se com Rubi (2008) ao afirmar que os manuais técnicos e demais documentos que orientem o desenvolvimento de uma análise de assunto adequada são requisitos fundamentais para uma biblioteca universitária, sendo necessário o estabelecimento de uma política de tratamento da informação documental norteada para tais procedimentos.

Reafirma-se a importância do catalogador de assunto realizar as etapas do processo de tratamento temático da informação mediante respaldo teórico e consciência profissional, a fim de garantir e primar pela qualidade dos produtos e serviços informacionais. Lancaster (2004) subsidia o relato desta afirmativa quando alerta que o controle de qualidade e a exatidão da indexação são condições de grande importância para o bom desempenho de um sistema de recuperação da informação.

Uniformidade do processo

A partir das análises realizadas sobre este temário, constatou-se que a preocupação central sobre a utilização de manuais e instrumentos advém do profissional catalogador de assunto. Este fator demonstra falta de interesse por parte da diretoria administrativa, especificamente sobre a uniformidade do processo e padronização dos produtos e serviços oferecidos pela instituição.

Verificou-se, por meio das percepções profissionais, que os catalogadores de assunto entendem a importância da prática profissional ser direcionada por padrões e diretrizes, os quais contribuem ativamente com a melhoria da qualidade dos produtos e serviços oriundos do tratamento temático da informação. Os profissionais mostraram-se conscientes sobre a necessidade de se estabelecer uma uniformidade do processo de tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias por meio de instrumentos destinados à identificação, seleção e tradução de termos. No entendimento da comunidade de aprendizagem investigada esses instrumentos avaliariam as ações dos profissionais e mostrariam se a prática cotidiana atende as necessidades dos usuários e corresponde, efetivamente, com sua formação acadêmica.

A principal preocupação profissional observada neste temário decorre da inexistência de um nível de padronização do processo de tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias. A carência de instrumentos direcionados a normalização e/ou parâmetro teórico e metodológico do processo é um dos principais pontos a serem observados pela literatura especializada e, principalmente, pelos contextos informacionais. No caso das bibliotecas universitárias essa preocupação deve ser ainda maior, posto que suas características específicas interferem na prática cotidiana de seus profissionais.

Sob este entendimento, julga-se necessário o estabelecimento de manuais específicos para a realização do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias, a fim de auxiliarem e direcionarem as ações profissionais, bem como promoverem uma uniformidade do processo. Todavia, ressalta-se que a uniformidade do processo é pensada nesta pesquisa como sendo as ações conjuntas e comuns dos profissionais para a execução do tratamento temático da informação. Neste sentido, acredita-se que a uniformidade do processo advinda por meio de parâmetros teóricos e metodológicos tende a contribuir para a qualidade e padronização dos produtos e serviços informacionais das bibliotecas universitárias.

Perspectivas do contexto de bibliotecas universitárias

Nesta categoria de análise os profissionais investigados opinaram sobre todos os aspectos evidenciados. Contudo, as principais colocações centraram-se na questão da passiva participação dos usuários nos serviços da biblioteca universitária. Outro ponto destacado refere-se a desatualização do vocabulário controlado e sua influência negativa para o tratamento temático da informação. Neste momento, recorre-se ao estudo de Boccato (2009, p.177) para reforçar a crença de que “[...] a função da linguagem documentária é ‘representar para recuperar’ e tanto o bibliotecário indexador quanto o usuário são atores principais desse processo”. Reitera-se a relevância da participação do usuário no estabelecimento e atualização do vocabulário controlado, a fim de viabilizar a recuperação da informação pela comunidade acadêmica local que requer documentos representados tematicamente numa extensão maior de especificidade, cuja utilização de termos seja capaz de “[...] representar o assunto do documento no mesmo nível de extensão em que ele é tratado pelo autor do documento” (TORRES, 1992, p.45).

No que tange os aspectos sócio-culturais evidenciados nas análises, a importância dada pelo profissional à comunidade local representa um fator positivo, uma vez que a preocupação maior no tratamento temático da informação é atender as necessidades dos usuários, considerando, para tanto, as especificidades inerentes do contexto informacional. Entende-se, a partir da preocupação profissional evidenciada, que o princípio da garantia cultural deva nortear o estabelecimento e atualização das linguagens documentais em contexto de bibliotecas universitárias, visando contemplar termos correspondentes aos utilizados pelo

usuário do contexto sócio-cultural ao qual está inserido, crença está alicerçada em Beghtol (2002).

Hjørland (1997, 2000, 2002b) ao tratar sobre a necessidade de informação como algo que se desenvolve no sujeito alicerça o posicionamento desta pesquisa, na qual, entende-se que o contexto informacional deva ser observado, juntamente com o contexto sócio-cognitivo do profissional, a fim de compreender os principais fatores sociais, históricos e culturais que influenciam e conduzem as ações de uma determinada comunidade de aprendizagem. Sob este entendimento, verificou-se por meio da percepção dos profissionais investigados que a realidade própria de cada contexto deve ser considerada, a fim de atender suas necessidades e neutralizar suas influências negativas.

Neste temário um dos catalogadores de assunto defende que a biblioteca universitária deveria se preocupar em tratar o documento para sua comunidade local e não visar, primeiramente, a cooperação de registros entre bibliotecas universitárias. Verificou-se que esta preferência das instituições em cooperar registros, seja no momento da descrição documental, quanto na importação de registros gera, dentre outros, preocupação e uma visível desmotivação por parte dos profissionais. Esta preocupação ganha respaldo em Pereira (2006, p.05) ao declarar que “com a disponibilização dos catálogos on-line das bibliotecas via Internet, mais habilidades e mais responsabilidades são exigidas dos bibliotecários catalogadores [...]”. Esta afirmativa reforça a necessidade dos profissionais buscarem aprimoramentos específicos para a atuação no tratamento temático da informação, bem como aponta o cenário global em que o contexto de biblioteca universitária está sendo inserido em decorrência da catalogação cooperativa.

Atentando para a realidade que cerca o referido contexto informacional, reafirma-se a necessidade de políticas de tratamento da informação documental, objetivando propiciar um grau mais elevado de padronização e qualidade ao bojo dos produtos criados pelos catalogadores de assunto. Neste momento de reflexão sobre a ação de catalogar no contexto de bibliotecas universitárias, torna-se eminente reforçar a importância do trabalho do catalogador de assunto, o qual deve estar alicerçado em uma política que permita ao profissional o desenvolvimento de suas ações com segurança.

De modo geral, os profissionais compreendem a importância da política de tratamento da informação documental como um direcionamento das ações cotidianas e como recurso eficaz para amenizar falhas profissionais. Sobre isto, ressalta-se a necessidade de

políticas condizentes com a realidade do ambiente de trabalho, visto que estas atuam como base consistente da prática profissional. Desse modo, as características próprias do contexto de bibliotecas universitárias devem ser contempladas nesta política, visando atender a comunidade local na esfera profissional e usuária. Justifica-se este posicionamento em Bruno e Drumont (2003, p.34) ao exporem que “[...] não se pode negar, tampouco romper, relações impostas à própria condição social do indivíduo que realiza seu trabalho, pois tal condição resulta de uma construção particular e relativa a um sujeito, que é fruto de uma história particular e de um convívio local [...]”.

Apesar de um dos catalogadores de assunto demonstrar não ser viável o estabelecimento de uma política de tratamento da informação documental em seu contexto de atuação, julga-se relevante que a prática profissional seja respaldada por normas e diretrizes atualizadas que atendam as especificidades de cada contexto informacional e direcionem as ações cotidianas. Este entendimento está reiterado em Almeida (2007, p.74) quando afirma que a política de tratamento da informação documental visa “[...] obter, a partir da gestão da informação registrada, a visibilidade na recuperação da informação, bem como identificar condutas teóricas e práticas das equipes de tratamento da informação [...]”.

Um fator a ser destacado é a consciência da comunidade de aprendizagem sobre a importância do profissional aprimorar seus conhecimentos e qualificar-se para a função. Valendo-se da prerrogativa de que o tratamento temático da informação não é apenas um trabalho tecnicista, mas que envolve um bojo de ações subjetivas, a reflexão e a autoconsciência profissional tornam-se necessárias para que a prática cotidiana seja coerente.

Outro ponto ressaltado neste eixo investigativo foi à interação profissional. Para a comunidade de aprendizagem esta prática em contexto de bibliotecas universitárias contribui significativamente para o aumento da qualidade dos produtos e serviços oferecidos pela biblioteca e facilita a prática profissional, principalmente no setor de processamento técnico. Isto porque, a interação e colaboração entre o bibliotecário de referência e o catalogador de assunto resulta em um maior interesse por parte do profissional catalogador em atender as necessidades informacionais dos usuários. Em concordância com Romero (1995), a interação entre tais seções é colaborativa, pois o catalogador de assunto conhecendo as necessidades do usuário terá condições de proceder adequadamente na seleção de conceitos condizentes.

Concorda-se com Bertholino e Ferro (1999) ao apontarem que a interação profissional promove a correção de deficiências e contribui para a descoberta de novas possibilidades. Em decorrência, sustenta-se que a interação social promove, especificamente

para o tratamento temático da informação, o estabelecimento de metas e objetivos exequíveis e reflexão pessoal e coletiva sobre a prática profissional, cuja troca de conhecimentos, experiências e opiniões seria a base para o encontro conjunto de soluções dos problemas das bibliotecas universitárias e, também, para definição de um padrão de conduta profissional coerente com a demanda da comunidade acadêmica.

6.2 Apresentação e análise dos questionários focados

A observação da percepção dos profissionais deu-se a partir dos seus pensamentos, impressões, atitudes e preferências sobre o tratamento temático da informação, com intuito de identificar e descrever os problemas que causam e/ou podem vir a causar impactos nos produtos e serviços informacionais. Para tanto, utilizou-se de três questionários, cada qual compostos por perguntas abertas, fechadas e mistas, com objetivo de investigar o modo pelo qual o bibliotecário dirigente, o bibliotecário de referência e o catalogador de assunto, todos integrantes do mesmo contexto informacional contribuem, em sua especificidade, para a qualidade do tratamento temático da informação. Portanto, o foco maior foi observar o impacto da interação social no ambiente de trabalho e os fatores sócio culturais atuantes no contexto de bibliotecas universitárias.

Sentiu-se, dessa forma, a necessidade de aplicar um questionário para cada profissional investigado, uma vez que as distintas funções/responsabilidades, apesar de influenciarem direta ou indiretamente o tratamento temático da informação, possuem especificidades próprias e são realizadas por meio de ações cotidianas particulares no ambiente de trabalho. A especificidade de cada questionário contribuiu para a observância do modo pelo qual o profissional percebe o contexto de bibliotecas universitárias e seu papel particular no processo de tratamento temático da informação.

O instrumento avaliou a qualidade dos serviços de acordo com as discrepâncias entre percepções e expectativas de cada profissional, comparando o que desejam/esperam com a realidade. Em sua especificidade, cada questionário contemplou a comunidade de aprendizagem retratada, sendo enviados eletronicamente a cada profissional investigado.

Esclarece-se que foi realizada uma análise descritiva simples para a interpretação das respostas obtidas, a fim de apresentar e caracterizar o conjunto de dados coletados. No

intuito de descrever apropriadamente as várias características deste conjunto, utilizou-se de tabelas com percentuais para análise exploratória, de acordo com o nível de mensuração das questões de caráter quantitativo. Tal delimitação para observação e interpretação dos dados coletados visa, dentre outros, uma melhor elucidação das informações levantadas.

As análises dos nove questionários focados aplicados nesta pesquisa ocorreram em dois momentos distintos. No primeiro momento realizou-se a tabulação das perguntas abertas por meio da padronização das respostas nas categorias abordadas. As análises seguem uma abordagem essencialmente qualitativa, objetivando-se preservar as opiniões pessoais de cada profissional investigado. Posteriormente, procedeu à tabulação das perguntas fechadas. Em suma, adota-se o seguinte contexto para análise e interpretação dos dados coletados por meio dos questionários focados: 1. pré-análise; 2. exploração do material e; 3. tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na etapa da pré-análise os questionários foram lidos e divididos nas respectivas categorias profissionais investigadas: bibliotecário dirigente, bibliotecário de referência e catalogador de assunto. Neste ponto, ressalta-se que o objetivo da pesquisa não era investigar a percepção dos profissionais sobre uma biblioteca universitária em especial, mas observar as opiniões, impressões e expectativas conjuntas de uma comunidade de aprendizagem pertencente ao referido contexto informacional.

Os questionários focados foram analisados seguindo sua especificidade profissional e não sua especificidade local. Para melhor visualização dos resultados obtidos nas análises dos questionários focados, a apresentação dos profissionais e seus respectivos contextos de atuação são descritos no quadro abaixo, no intuito de facilitar a visualização, de acordo com a seguinte legenda:

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA	CATEGORIA PROFISSIONAL		
	Bibliotecário Dirigente	Bibliotecário de Referência	Catalogador de assunto
USP	BD-1	BR-1	CA-1
UNESP	BD-2	BR-2	CA-2
UNICAMP	BD-3	BR-3	CA-3

Quadro 10: Identificação das categorias profissionais e suas respectivas bibliotecas universitárias.
Fonte: Elaborado pela autora.

▪ Questionário focado – Bibliotecário dirigente

O primeiro questionário focado analisado foi do bibliotecário dirigente. Neste, os profissionais BD-2 e BD-3 relataram que suas bibliotecas universitárias estão próximas à alta administração, ou seja, possuem voz ativa frente à instituição da qual pertencem. Outro fator positivo dos contextos investigados decorre da administração das três bibliotecas universitárias ser participativa e, conseqüentemente, haver abertura para o profissional apontar as problemáticas e soluções capazes de melhorar os vários componentes constitutivos neste contexto informacional.

Ainda sobre as questões relacionadas à estrutura administrativa das bibliotecas universitárias, o profissional BD-2 declarou não ser realizado por sua biblioteca um planejamento anual do tratamento da informação. Este fator demonstra que o processo de tratamento temático da informação não é observado cuidadosamente pela administração, fator que acarreta uma série de conseqüências negativas, principalmente no que tange a atuação profissional, pois na prática cotidiana os profissionais não possuem diretrizes e um respaldo concreto de suas ações, devido à inexistência de um planejamento das atividades a serem desenvolvidas no decorrer do ano e avaliação dos resultados obtidos nos anos anteriores. Diferentemente, os profissionais BD-1 e BD-3 afirmam ocorrer anualmente este planejamento. Contudo, o profissional BD-1 declara que o tratamento temático da informação não é abordado neste planejamento anual em virtude dos procedimentos desta atividade serem pré-estabelecidos. No caso do BD-3 as principais alterações e complementos neste planejamento decorrem das reuniões periódicas realizadas pelos catalogadores de assunto, visando avaliação do processo.

A questão de número quatro, relacionada à participação do usuário no planejamento das atividades do tratamento temático da informação apontou que, na visão do BD-2 o usuário nunca participa. Por sua vez, os profissionais BD-1 e BD-3 declararam que a participação dos usuários ocorre de modo esporádico, sem grandes contribuições. Na questão de número cinco perguntou-se aos bibliotecários dirigentes o número de profissionais que realizam o tratamento temático da informação, obtendo como respostas os dados a seguir:

Tabela 1 - Número de profissionais vinculados ao tratamento temático da informação por instituição

Biblioteca Universitária	T.T.I	Demais Setores	Total	%
USP	6	23	29	21
UNESP	1	14	15	7
UNICAMP	7	10	17	41
Total	14	47	61	23

A incidência de profissionais que realizam o tratamento temático da informação foi maior no contexto de atuação do BD-3. Em nenhuma das bibliotecas universitárias investigadas a questão de número seis foi positiva, demonstrando que nestes contextos não existem rodízios internos entre os profissionais. Referente a questão de número sete, os profissionais BD-2 e BD-3 relataram não existirem programas destinados à capacitação dos catalogadores de assunto oferecidos por suas bibliotecas universitárias. Em contrapartida, o profissional BD-1 afirmou a existência de um programa de capacitação profissional.

A questão de número oito solicitava aos participantes que descrevessem as principais atividades e/ou procedimentos realizados no contexto das bibliotecas universitárias, no intuito de contribuir com o processo de tratamento temático da informação. Dentre as respostas obtidas, o profissional BD-1 apontou a realização de estudos da terminologia específica dos cursos contemplados pela biblioteca universitária, os quais visam contribuir com o desenvolvimento do vocabulário controlado específico do contexto em análise. Por sua vez, o BD-2 expôs a consulta aos especialistas da área como aspecto contributivo e o BD-3 declarou ser realizado por sua biblioteca universitária o estabelecimento de procedimentos e instruções internas; padronização temática; treinamento adequado para os catalogadores de assunto e; disponibilização de recursos de pesquisa.

Finalizou-se o eixo temático sobre o tratamento temático da informação com a análise da questão de número nove, a qual indagava aos profissionais se o processo ocorria de forma centralizada ou não. Apenas o profissional BD-3 apontou que o processo do tratamento temático da informação é descentralizado.

As questões de número dez, onze e doze eram direcionadas a reflexão e interação profissional. Quando perguntado aos profissionais se eles refletiam sobre o impacto de suas ações particulares no contexto de bibliotecas universitárias o BD-1 respondeu que não e os

dois outros profissionais colocaram respostas positivas, ou seja, que refletem sobre sua atuação profissional. Todos os profissionais responderam que as interações profissionais visando à troca de conhecimentos, experiências e opiniões é algo indispensável para a melhoria da qualidade dos produtos e serviços informacionais. Por fim, a questão de número doze questionava a opinião dos profissionais sobre a repercussão satisfatória ou não da interação social no resultado dos produtos e serviços informacionais desenvolvidos no contexto das bibliotecas universitárias, tendo como resultado três percepções satisfatórias.

▪ **Questionário focado – Bibliotecário de referência**

As três primeiras questões do questionário aplicado com os bibliotecários de referência abordavam temas ligados à satisfação do usuário em relação ao tratamento temático da informação. A primeira questão perguntava sobre a existência de um acompanhamento da qualidade dos produtos e serviços gerados no processo de tratamento temático da informação, cujas respostas dos três profissionais investigados foi positiva.

No que tange a questão de número dois, o BR-3 relatou não serem realizadas análises de desempenho do usuário no momento da busca e recuperação da informação no sistema. No entanto, os profissionais BR-1 e BR-2 declararam a existência de análises de desempenho dos usuários.

Sobre a questão de número três, verificação do grau da necessidade de informação dos usuários, o profissional BR-1 não respondeu. Já o profissional BR-2 afirmou que este aspecto é observado por meio de pesquisas e *feedbacks* dos próprios usuários que encontram abertura para exporem suas necessidades a equipe de profissionais e; o profissional BR-3 disse ser realizado por meio do contato pessoal entre profissionais e usuários.

A questão de número quatro perguntava o modo pelo qual o setor de referência verifica o impacto da atividade de tratamento temático da informação no contexto das bibliotecas universitárias. O profissional BR-1 não respondeu. Por sua vez, o BR-2 disse que a recuperação da informação por parte do usuário é o principal banalizador deste impacto e salientou que o usuário não encontra dificuldades quanto a isso. O BR-3 apontou que tal verificação dá-se por meio da análise dos termos catalogados e os utilizados no momento da busca pela comunidade acadêmica.

No eixo destinado à interação profissional, dois dos profissionais investigados afirmaram na questão de número cinco que sua contribuição aos catalogadores de assunto dá-se de maneira insatisfatória, sendo satisfatório apenas para o profissional BR-3. As respostas da questão de número seis revelam que, para todos os bibliotecários de referência, a contribuição do setor de referência referente à qualidade do tratamento temático da informação advém por meio do diálogo e interação social.

A questão de número sete mostrou que os três bibliotecários de referência refletem sobre o impacto de suas ações particulares no contexto de bibliotecas universitárias e acreditam que as interações profissionais é algo indispensável, conforme questão de número oito. Sob esta mesma perspectiva investigativa, a questão de número nove apontou que os bibliotecários de referência consideram que a interação profissional repercute de maneira satisfatória nos produtos e serviços gerados no contexto de bibliotecas universitárias, especificamente os relacionados ao tratamento temático da informação.

Por fim, a questão de número dez abordava se em algum momento da trajetória deste profissional ele atuou no setor de processamento técnico. Os profissionais BR-1 e BR-2 afirmaram não terem experiência como catalogadores de assunto e o BR-3 afirmou ter experiência profissional no tratamento temático da informação, a qual, em sua opinião, contribuiu para ampliar seu conhecimento das palavras-chave do sistema e que, atualmente, este conhecimento contribui para ajudar o usuário no momento da busca no sistema de recuperação da informação.

▪ **Questionário focado – Catalogador de assunto**

Na questão de número um do questionário focado os profissionais deveriam opinar sobre o modo que seus conhecimentos teóricos em relação ao tratamento temático da informação permeiam suas ações cotidianas. Nesta, o CA-1 declara que a teoria sustenta a prática profissional, já para os profissionais CA-2 e CA-3 os aportes teóricos apenas complementam.

A questão de número dois apontou que o profissional CA-2 acredita que sua formação acadêmica capacitou-o de maneira satisfatória para o exercício do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias. No entanto, os profissionais CA-1 e CA-3 julgam que tal formação foi insatisfatória. Por sua vez, a questão de número três

revelou que o profissional CA-1 considera-se inadequado para a função que exerce na biblioteca universitária.

No que tange a questão de número quatro, o profissional CA-1 apontou a educação continuada como a principal competência profissional para a realização do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias; o CA-2 declarou serem necessárias competências como o domínio das tecnologias de informação e comunicação, comunicação interpessoal, atualização contínua e vasta cultura e; o CA-3 relatou a capacidade de análise e síntese, estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura, conhecimento de línguas estrangeiras, conhecimento prévio, familiarização com a área especialista no assunto, conhecimento da linguagem do contexto e atendimento ao usuário na referência.

A questão de número cinco solicitava aos profissionais que apontassem as principais carências de sua formação em serviço. Os profissionais CA-1 e CA-2 não responderam a questão, já o CA-3 afirmou ser o despreparo para a construção de cabeçalhos de assunto. Na questão de número seis todos os profissionais investigados afirmaram refletirem sobre o impacto de suas ações particulares no contexto das bibliotecas universitárias.

Na opinião dos profissionais, muitas são as necessidades inerentes da prática profissional no tratamento temático da informação que não possuem respaldo teórico. Para os profissionais CA-1 e CA-2 as principais carências teóricas baseiam-se no tratamento de acervos multidisciplinares de áreas não correlatas e a oscilação do nível de especificidade exigido pelos usuários para um mesmo assunto. Por sua vez, o CA-3 declarou a falta de parâmetros metodológicos que sane as dificuldades diárias. Na questão subsequente, o CA-1 afirmou não ter dificuldade em realizar o tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias. Contudo, o CA-2 reafirmou que sua dificuldade maior é tratar de materiais de assuntos não correlatos. Sobre esta temática, o CA-3 destacou a escassez de tempo em comparação ao montante documental; bibliotecário dirigente desatualizado; falta de apoio administrativo para o aprimoramento profissional em cursos e eventos científicos da área; pouca visibilidade da importância de seu trabalho por parte dos demais funcionários e usuários da biblioteca universitária; falta de uma política de tratamento da informação documental própria da instituição e; número inexpressivo de reuniões da comissão do tratamento da informação.

Na questão de número nove, o profissional CA-2 afirmou que a contribuição advinda pela estrutura organizacional para a concretização do processo de tratamento temático da informação é boa. Em contrapartida, o CA-1 declarou ser ruim e o CA-3 ser razoável.

O eixo investigativo sobre a interação profissional iniciou com a questão de número dez, a qual indagava os sujeitos participantes sobre a existência de algum nível de interação entre os catalogadores de assunto e os bibliotecários de referência para avaliação da adequação/pertinência dos produtos e serviços gerados no tratamento temático da informação. Todos os profissionais investigados responderam haver, porém com pouca frequência.

A questão de número onze retratava a influência dos aspectos externos da biblioteca universitária na atuação profissional. Nesta, o CA-1 não opinou e os CA-2 e CA-3 enfatizaram que a maior influência advém da alta administração, a qual condiciona a descrição temática de modo incisivo.

Os profissionais CA-1 e CA-3 declararam na questão de número doze que o principal fator que condiciona a prática profissional no tratamento temático da informação é o embasamento teórico. Entretanto, para o CA-2 a prática cotidiana é o principal norteador. Na questão subsequente, o CA-1 não opinou. Já o CA-2 colocou como principais melhorias para a realização do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias a realização de cursos; existência de instrumentos destinados ao monitoramento das necessidades dos usuários de forma contínua e eficaz; familiarização com a terminologia das áreas; aumento no número de catalogadores de assunto e; manutenção e atualização da linguagem documental, visando o controle de qualidade. Por sua vez, o CA-3 enfatizou o rodízio entre o catalogador de assunto e o bibliotecário de referência; especialização na área de assunto em que atua; formalização da política de tratamento da informação documental; maior interação profissional e; apoio administrativo para atualização em serviço.

Na questão de número quatorze todos os profissionais acreditam que o estabelecimento de uma política de tratamento da informação documental acarreta maior consistência e uniformidade aos produtos e serviços da biblioteca universitária. Sobre isto, o CA-2 ressaltou que seria uma maneira de conjugar a prática cotidiana com a teoria. No entendimento do CA-3 uma política clara e bem definida propicia uma maior padronização, além de ser uma fonte de consulta para nortear suas ações cotidianas.

A questão de número quinze mostrou que o CA-2 acredita que o principal atributo a ser contemplado pela política de tratamento da informação documental seja uma orientação

clara sobre o tratamento dos distintos materiais, respeitando suas características e peculiaridades. Para os CA-1 e CA-3 a política de tratamento da informação documental deve enfatizar a etapa da análise de assunto.

A questão de número dezesseis apontou que os profissionais acreditam que a interação profissional no contexto de bibliotecas universitárias é indispensável. Este pensamento foi reforçado na questão de número dezessete, quando todos os profissionais declararam ser satisfatória a interação social para a melhoria dos produtos e serviços informacionais. Por fim, a última questão deste questionário focado revelou que apenas o CA-3 possui experiência profissional no setor de referência, conhecimento que, em sua opinião, contribui para a sua atuação no tratamento temático da informação.

Descritas e apresentadas às análises dos dados obtidos por meio dos questionários focados, segue-se para a exposição e discussão dos resultados.

6.2.1 Resumo e discussão dos resultados dos questionários focados

Os questionários aplicados nesta pesquisa primavam pela exposição da percepção profissional sobre o contexto institucional e interação social. Dentro desse foco investigativo, as questões foram divididas em eixos temáticos que expunham situações relacionadas ao contexto de bibliotecas universitárias e a prática cotidiana dos profissionais em suas funções específicas.

As análises dos questionários aplicados com os bibliotecários dirigentes mostraram resultados relevantes. Dentre estes, destaca-se a aproximação da maioria das bibliotecas universitárias investigadas à alta administração das Universidades. Este aspecto contribui para a prática profissional, pois a maioria dos profissionais atua em contextos regidos por modelos participativos e democráticos, o que aumenta a motivação profissional.

Infelizmente, constatou-se que um dos contextos investigados não realiza o planejamento anual das atividades do setor de tratamento da informação. Logo, pode-se dizer que o processo de tratamento temático da informação é prejudicado pela falta de avaliação e redefinição da atividade periodicamente. Isto gera nos profissionais, além da falta de parâmetros comparativos, acomodação de sua prática cotidiana, esta última pela carência de

capacitação interna de pessoal. Ratificado em Anderson (1998), defende-se que o treinamento dos catalogadores de assunto é um recurso indispensável para a realização do processo no cotidiano das bibliotecas universitárias, uma vez que os treinamentos internos propiciam ao profissional maior preparo técnico e, sobretudo, uma base sólida para a melhoria pessoal e profissional.

Entende-se que a participação ativa dos usuários nas atividades do tratamento temático da informação tende a contribuir para a melhoria da prática profissional, especialmente em se tratando de bibliotecas universitárias, cujo contexto é permeado por vários aspectos sócio-culturais. Sobre isto, advoga-se que o respaldo dos produtos e processos por parte da comunidade usuário fará os profissionais refletirem sobre o impacto de suas ações particulares e coletivas, em prol da disseminação da informação e promoção da cidadania. Esta perspectiva sustenta-se em González de Gomez (1990, p.119) ao expor que,

[...] a intervenção técnico-administrativa de um agente no processo comunicacional-cognitivo-decisional de outros agentes estaria assentada numa estrutura recíproca de reconhecimento de um 'valor informacional', valor consensual que legitima e serve de 'solo' às trocas entre usuários e o sistema.

De modo geral, os resultados demonstram que o número de profissionais que atuam no tratamento temático da informação é satisfatório. No entanto, vale ressaltar que em uma das bibliotecas universitárias investigadas o processo é realizado por um único profissional. Sob esta situação, pode-se inferir que a impossibilidade de trocas de conhecimentos, experiências e opiniões entre os catalogadores de assunto tende a prejudicar o processo, visto que a interação social atua como elemento condicionante da qualidade do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias.

A falta de rodízios internos entre o grupo de profissionais atuante no mesmo contexto informacional foi um dos fatores evidenciados pela percepção profissional. A inexistência de conhecimentos práticos adquiridos por meio da atuação do profissional em outros setores da biblioteca universitária demonstra, além de baixa interação social, pouca capacidade de tomada de decisão e ações contributivas.

Dentre os procedimentos realizados pelas bibliotecas universitárias para aperfeiçoamento da prática no tratamento temático da informação, verificou-se maior incidência em ações direcionadas a terminologia, mais propriamente a padronização temática dos vocabulários controlados, consulta aos especialistas e disponibilização de recursos de

pesquisa. Estes elementos apontam uma preocupação das bibliotecas universitárias para a questão da linguagem documental, aspecto fundamental para a representação temática dos documentos e efetiva recuperação da informação nos contextos informacionais. Curras (1995) respalda tal entendimento ao sinalizar que a Terminologia propicia, dentre outros, a utilização correta dos vocabulários controlados, a uniformidade da linguagem documental e a busca de equivalências entre a linguagem natural (usuário) e a linguagem do sistema.

As análises dos questionários demonstraram ser, na opinião dos bibliotecários dirigentes, indispensável à interação profissional. Contudo, verificou-se que esta categoria profissional pouco participa das comissões internas compostas pelos catalogadores de assunto. Apesar de existir o apóio, ressalta-se a necessidade da interação social ocorrer entre o bibliotecário dirigente, o bibliotecário de referência e o catalogador de assunto, uma vez que cada profissional trará suas percepções particulares e, a unificação de todos os pensamentos promoverá uma contribuição coletiva. Tal afirmativa baseia-se em Cianconi (1991, p.207) ao defender que “a articulação com os diferentes agentes do fluxo e do ciclo informacional é outro cuidado imprescindível para se evitar desperdícios e lacunas”.

Referente ao questionário direcionado ao bibliotecário de referência, as análises apontam como principais resultados o comprometimento dos profissionais com o tratamento temático da informação. Dentre os pontos analisados, verificou-se que a maioria das bibliotecas universitárias investigadas acompanha a qualidade dos produtos e serviços gerados pelo setor de processamento técnico. Assim, a incidência de bibliotecas universitárias que realizam análises de desempenho do usuário no momento da busca e recuperação da informação foi maior do que as que não realizam. Esta preocupação demonstra o trabalho conjunto entre setores, característica positiva quando se trata da atuação profissional. Outro aspecto favorável decorre da verificação do grau de necessidade informacional dos usuários, prática constante nos contextos investigados.

De modo geral, esta categoria profissional acredita que sua contribuição ao tratamento temático da informação é insatisfatória. Por um lado esta percepção profissional reforça a falta de interação social entre os setores de processamento técnico e referência. Por outro lado, demonstra a autoconsciência dos bibliotecários de referência sobre a necessidade de ações mais ativas no que tange o tratamento temático da informação, com vistas à promoção da melhoria da qualidade dos produtos e serviços informacionais das bibliotecas universitárias.

Todos os profissionais refletem sobre o impacto de suas ações particulares e mostram-se favoráveis à interação profissional para troca de conhecimentos, experiências e opiniões, o que nem sempre ocorre, na medida em que foi observada uma expressiva dissociação entre o discurso e as ênfases de fato adotadas. Salienta-se que a interação profissional, além de promover o contato entre setores, repercute de maneira positiva nos resultados dos produtos e serviços informacionais gerados no contexto de bibliotecas universitárias. Este pensamento ampara-se em Mingers (2001) ao defender que a percepção e a ação estão mutuamente ligadas, posto que percepções envolvam ações e ações geram novas percepções.

Por fim, verificou-se que a maioria dos profissionais ligados ao serviço de referência não possui experiências profissionais no setor de processamento técnico, especificamente como catalogadores de assunto. Acredita-se que o bibliotecário de referência deva conhecer o cotidiano do processo de tratamento temático da informação, uma vez que tal conhecimento tende a ampliar a visão do profissional sobre a subjetividade do processo e torná-lo mais consciente sobre a necessidade de estudos direcionados a análise da incidência dos termos indexados e os utilizados pelo usuário no momento da busca e recuperação da informação no sistema.

O questionário focado aplicado com os catalogadores de assunto mostrou que, para a maioria destes profissionais, os aportes teóricos apenas complementam a prática cotidiana no tratamento temático da informação. O fato da teoria não sustentar a prática profissional decorre da formação acadêmica, a qual, na visão dos profissionais investigados, não os capacitou de maneira satisfatória para o exercício do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias. Consequentemente, um dos catalogadores de assunto declarou não considera-se adequado para a função que exerce na biblioteca universitária.

As percepções profissionais apontam uma gama de competências necessárias para a atuação profissional no tratamento temático da informação, dentre estas, destacam-se: educação continuada, domínio das tecnologias de comunicação e informação, comunicação interpessoal, amplo conhecimento cultural, capacidade de análise e síntese, estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura, conhecimento de línguas estrangeiras, conhecimento prévio, familiarização com a área especialista no assunto, conhecimento da linguagem do sistema, bem como experiências profissionais no setor de referência.

Percebeu-se que os catalogadores de assunto refletem sobre o impacto de suas

ações particulares no contexto das bibliotecas universitárias. Esta prática pessoal fez com que os profissionais observassem muitas lacunas entre o cotidiano do processo de tratamento temático da informação e a literatura especializada. Dentre estas carências, destaca-se a falta de parâmetros metodológicos que sane as dificuldades diárias.

Ademais, na percepção dos profissionais, as principais dificuldades da prática cotidiana do tratamento temático da informação é a escassez de tempo em comparação ao montante documental; bibliotecários dirigentes desatualizados; falta de apoio administrativo para o aprimoramento profissional em cursos e eventos científicos da área; pouca visibilidade da importância da catalogação de assunto por parte dos demais funcionários e usuários da biblioteca universitária; falta de uma política de tratamento da informação documental própria da instituição; número inexpressivo de reuniões da comissão do tratamento da informação e; a multidisciplinaridade de assuntos tratados.

Estes apontamentos reforçam a necessidade do planejamento anual do tratamento temático da informação, a fim de que sejam sanadas algumas destas dificuldades evidenciadas. Em decorrência, a interação dos profissionais ocorreria com maior frequência, uma vez que para o catalogadores de assunto esta prática propicia a avaliação da adequação dos produtos e serviços gerados no tratamento temático da informação.

Somadas a estas percepções, acredita-se que o estabelecimento de uma política de tratamento da informação documental clara e bem definida é uma maneira eficaz de conjugar a prática cotidiana com os aportes teóricos, propiciar uma maior padronização aos produtos e serviços informacionais e ser uma rica fonte de consulta para nortear as ações cotidianas dos profissionais.

A contribuição advinda pela experiência profissional de um dos catalogadores de assunto no setor de referência reforça a necessidade de rodízios entre os profissionais por um determinado período de tempo, a fim de adquirirem uma visão macro do contexto de bibliotecas universitárias. Isto porque, o contato direto entre catalogador de assunto e usuário fará com que a cultura da comunidade acadêmica local seja respeitada.

Neste sentido, entende-se que os resultados dos questionários focados são pertinentes com a proposta investigativa desta pesquisa, uma vez que retrataram a percepção da comunidade de aprendizagem sobre suas perspectivas do contexto institucional e interação social. Sendo assim, segue-se para a síntese dos principais resultados adquiridos por meio dos dados coletados nos protocolos verbais e questionários focados.

6.3 Síntese conjunta dos resultados

Neste ponto são expostos os principais resultados provenientes das aplicações dos Protocolos Verbais em Grupo realizadas com o bibliotecário dirigente, bibliotecário de referência e catalogador de assunto de três bibliotecas universitárias do Estado de São Paulo (Quadro 3) e dos questionários focados, os quais foram direcionados a cada membro da comunidade de aprendizagem investigada nesta pesquisa (Apêndices D, E e F).

Entende-se que os dados coletados proporcionaram um valioso conjunto de informações, as quais, inevitavelmente, conduziu a pesquisa para uma análise comparada dos resultados obtidos, com vistas à verificação das problemáticas evidenciadas pelos profissionais sobre o tratamento temático da informação nas particularidades do contexto de bibliotecas universitárias. Desse modo, a síntese conjunta dos Protocolos Verbais em Grupo e dos questionários focados objetiva expor os principais resultados desta pesquisa.

Inicialmente, apresenta-se a síntese conjunta num quadro, no qual estão dispostos os resultados provenientes das três abordagens investigativas que direcionaram as análises dos dados coletados: sistematização do processo de tratamento temático da informação; pertinência do processo em bibliotecas universitárias e; perspectivas do contexto institucional e interação social. Vale destacar que, apesar dos questionários focados serem instrumentos destinados à observação da perspectiva do contexto institucional e interação social dos grupos de profissionais investigados, seus resultados também são elencados nos dois primeiros eixos temáticos, visando à análise comparada.

Posteriormente, são tecidos os principais pontos comuns identificados por meio da percepção da comunidade de aprendizagem investigada para o tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias, conforme segue:

SISTEMATICIDADE DO PROCESSO DE TRATAMENTO TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO	
Protocolo Verbal em Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - o processo em contexto de bibliotecas universitárias exige comportamentos específicos, os quais não são contemplados pela literatura especializada (BD-1, BD-2, BD-3, CA-1, CA-2 e CA-3); - o erro dos catalogadores de assunto é deixar que suas opiniões pessoais delineiem a rotina de suas ações profissionais (BD-2); - o catalogador de assunto deve possuir conhecimento prévio para a realização do processo e diminuição da subjetividade (BD-3, BR-3 e CA-1); - a realização das operações do T.T.I num único momento agrava a subjetividade do processo e interfere de modo negativo no resultado final dos produtos e serviços informacionais (BR-1 e BR-2); - a falha da literatura especializada é negligenciar as especificidades sócio culturais da biblioteca universitária (CA-2); - a catalogação de assunto peca ao não possibilitar uma leitura técnica mais cautelosa dos documentos em análise (BD-2); - preocupação pela mecanização do processo e da atuação profissional (BD-3 e CA-3); - desconhecimento das especificidades conceituais e metodológicas da catalogação de assunto e indexação (BR-1, BR-2 e CA-3); - não realização das etapas da análise de assunto na atuação cotidiana (CA-3); - crença de que a experiência pessoal advinda da prática profissional propicia mais segurança do que o respaldo teórico (CA-2) e; - necessidade do catalogador de assunto atuar tendo respaldo teórico (CA-1).
Questionário focado	<ul style="list-style-type: none"> - desconhecimento teórico e metodológico do T.T.I (BR-2); - formação acadêmica insatisfatória para a realização profissional em contexto de bibliotecas universitárias (CA-1 e CA-3); - dificuldade de nortear sua prática cotidiana nos aportes teóricos (CA-2); - os aportes teóricos apenas complementam a prática cotidiana (CA-2 e CA-3); - falta de respaldo teórico para a realização do processo em contexto de bibliotecas universitárias (CA-2); - inexistência de parâmetros metodológicos que sane as dificuldades diárias do catalogador de assunto (CA-3); - necessidade de consulta aos especialistas da área para a realização do T.T.I (BD-2); - necessidade de especialização na área de assunto em que atua (BD-1, CA-2 e CA-3); - relevância da educação continuada para o catalogador de assunto (CA-1, CA-2 e CA-3); - necessidade do catalogador de assunto ter domínio das TICs, comunicação interpessoal, capacidade de análise e síntese, estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura, conhecimento de línguas estrangeiras, conhecimento prévio, familiarização com a área especialista no assunto, conhecimento da linguagem do sistema e atendimento ao usuário na referência (CA-2 e CA-3) e; - as maiores dificuldades decorrem da escassez de tempo, bibliotecário dirigente desatualizado, falta de apoio administrativo para o aprimoramento profissional, pouca visibilidade da importância de seu trabalho por parte dos demais funcionários e usuários da biblioteca universitária (CA-3).
PERTINÊNCIA DO PROCESSO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS	
Protocolo Verbal em Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - necessidade de o usuário participar nas atividades técnico-administrativa da biblioteca universitária (BR-1); - carência de uma política de tratamento da informação documental que retrate os aportes teóricos e direcione metodologicamente o processo de acordo com a realidade do contexto de bibliotecas universitárias (BD-1, BR-2, BD-3, BR-1, BR-2, BR-3, CA-1 e CA-3); - necessidade do catalogador de assunto atuar tendo respaldo normativo (CA-1); - preocupação profissional pela falta de um nível de padronização da atividade na prática profissional (BR-2); - falta de instrumentos permanentes que avaliem a atuação profissional e demonstrem

	<p>se a realização do processo é ou não pertinente/satisfatória com as necessidades dos usuários (CA-2 e CA-3);</p> <ul style="list-style-type: none"> - manutenção e atualização da linguagem documental, visando o controle de qualidade (CA-1, CA-2 e CA-3); - necessidade de qualificação profissional (BD-3 e BR-1) e; - descrença profissional sobre os benefícios advindas da política de tratamento da informação documental em sua prática cotidiana (CA-2).
Questionário focado	<ul style="list-style-type: none"> - necessidade de qualificação profissional (BD-3, BR-1, CA-2 e CA-3); - necessidade de instrumentos destinados ao monitoramento das necessidades dos usuários de forma contínua e eficaz (BR-1 e CA-2); - inexistência de análises de desempenho do usuário no momento da busca e recuperação da informação no sistema (BR-3); - necessidade de acompanhamento da qualidade dos produtos e serviços gerados no processo do T.T.I (BR-1, BR-2 e BR-3); - a recuperação da informação como principal banalizador do impacto das ações cotidianas do catalogador de assunto (BR-2); - contribuição esporádica do usuário no planejamento anual do T.T.I (BD-1 e BD-3); - manutenção e atualização da linguagem documental, visando o controle de qualidade (CA-2) e; - necessidade de uma política de tratamento da informação documental visando maior consistência e uniformidade aos produtos e serviços informacionais (CA-1, CA-2 e CA-3).
PERSPECTIVAS DO CONTEXTO INSTITUCIONAL E INTERAÇÃO SOCIAL	
Protocolo Verbal em Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - necessidade de troca de conhecimentos, experiências e opiniões entre os profissionais (BD-1, CA-1 e CA-2) e; - carência de diálogos ativos entre o setor de referência e processamento técnico (BR-3, CA-1 e CA-3).
Questionário focado	<ul style="list-style-type: none"> - ausência de planejamento anual das atividades do T.T.I (BD-2); - aumento no número de catalogadores de assunto (CA-2); - carência de apoio administrativo para atualização profissional (CA-3); - falta de programas internos de capacitação dos catalogadores de assunto (BD-2 e BD-3); - necessidade de rodízios internos entre profissionais (BD-1, BD-2, BD-3 e CA-3); - defesa de diálogos mais ativos entre os bibliotecários de referência e os catalogadores de assunto a fim de amenizar as falhas advindas da formação acadêmica (CA-3); - importância da observação das particularidades e especificidades do contexto informacional para melhor atender a comunidade local (CA-1 e CA-2); - necessidade de uma participação mais ativa do bibliotecário de referência no T.T.I (BR-1, BR-2 e CA-1); - necessidade de interação profissional para troca de conhecimentos, experiências e opiniões com maior frequência (BD-1, BD-2, BD-3, CA-1, CA-2 e CA-3); - necessidade de reflexão sobre o impacto das ações particulares no contexto de bibliotecas universitárias como fator contributivo (BD-2, BD-3, BR-1, BR-2, BR-3, CA-1, CA-2 e CA-3); - interação entre os setores de referência e processamento técnico para avaliação da adequação/pertinência dos produtos e serviços (BD-1, BD-2, BD-3, BR-1, BR-2, BR-3, CA-1, CA-2 e CA-3) e; - interação profissional como fator indispensável para a qualidade dos produtos e serviços informacionais (BD-1; BD-2 e BD-3).

Quadro 11: Síntese conjunta dos resultados.

Fonte: Elaborado pela autora.

A síntese conjunta dos resultados mostra-se coerente com o objetivo da pesquisa ao elencar vários aspectos que devem subsidiar a elaboração de uma política de tratamento da informação documental condizente e atual, visando a melhoria do processo de tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias.

Verificou-se, por meio da observação das percepções da comunidade de aprendizagem, a ativa necessidade do planejamento anual das atividades relacionadas ao tratamento temático da informação. Esta afirmativa decorre da carência de resultados avaliativos sobre o desempenho dos catalogadores de assunto no decorrer de sua prática profissional. Todavia, defende-se que estes planejamentos devam ser decisões conjuntas entre todos os setores da biblioteca universitária, bem como pelo usuário local. Reafirma-se que as opiniões pessoais e coletivas são altamente contributivas no que tange a qualidade dos produtos e serviços informacionais, bem como das ações cotidianas desempenhadas pelos catalogadores de assunto em contexto de bibliotecas universitárias.

Neste planejamento anual vários outros pontos destinados à melhoria do tratamento temático da informação podem e devem ser pensados conjuntamente. Dentre estes, destacam-se os programas e treinamentos internos destinados à capacitação dos catalogadores de assunto e o estabelecimento de rodízios entre profissionais. Acredita-se que a capacitação interna tende a fortalecer os padrões e diretrizes particulares de cada contexto, visando a padronização dos produtos e serviços gerados no tratamento temático da informação e; a troca de funções atua como fator condicionante de reflexões sobre o impacto das ações particulares, além de propiciar que o profissional adquira conhecimento prático do corpo de atividades realizadas em seu ambiente de trabalho. Neste sentido, a visão macro da biblioteca universitária tende a ampliar a troca de conhecimentos, experiências e opiniões profissionais em um contexto direcionado a disseminação da informação como recurso de desenvolvimento social, cultural e econômico do cidadão.

Outro ponto que a síntese dos dados evidencia refere-se a necessidade dos bibliotecários de referência acompanharem a qualidade dos produtos e serviços gerados no tratamento temático da informação, posto que a inexistência de análises do grau de desempenho dos usuários no momento da busca no sistema de informação pode promover no catalogador de assunto uma passividade pela melhoria constante de sua atuação profissional. Esta perspectiva baseia-se no fato da recuperação da informação ser o principal banalizador do impacto das ações particulares desempenhadas pelos catalogadores de assunto. Logo, a interação entre os setores de referência e de processamento técnico deve ser ativa, promover

uma contribuição satisfatória e desencadear um esforço conjunto para atender as necessidades informacionais dos usuários.

Sob este entendimento, a síntese demonstra a importância dada pelos profissionais à interação profissional. Sabe-se que esta não é uma constatação nova. No entanto, acredita-se que sua execução deva ser permanente, posto que o processo de tratamento temático da informação não é nulo de influências dos demais profissionais. Sendo assim, o diálogo, especificamente entre o catalogador de assunto e o bibliotecário de referência faz-se necessário.

De modo geral, o estabelecimento de procedimentos e instruções internas torna-se necessário no contexto de bibliotecas universitárias por direcionar as ações profissionais e garantir a padronização da prática profissional no que tange o tratamento temático da informação. Os resultados apontam que muitas das ações desempenhadas pelos catalogadores de assunto em sua prática cotidiana são alicerçadas em suas experiências pessoais e profissionais. Todavia, em determinados momentos esta prática desencadeia um descomprometimento profissional, resultando no uso do bom senso. Sobre isto, adota-se o posicionamento favorável por diretrizes que subsidiem a atuação profissional em contexto de bibliotecas universitárias. Este entendimento decorre da ativa necessidade da informação ser tratada valendo-se de seus aspectos sociais, históricos e culturais. Logo, a realidade do contexto informacional deve ser respeitada e refletida nos produtos e serviços informacionais.

A partir das explicações dos principais resultados identificados por meio da percepção da comunidade de aprendizagem, advoga-se a relevância de uma política de tratamento da informação documental própria para as bibliotecas universitárias que abarque as necessidades reais deste contexto informacional, dos profissionais e dos usuários pela perspectiva dos aspectos sócio-culturais influentes. Portanto, a partir desta necessidade emergente e com base nos pontos evidenciados pela comunidade de aprendizagem investigada nesta pesquisa, indicam-se os seguintes subsídios que devem ser considerados na elaboração desta diretriz, a saber:

- incorporação dos aportes teóricos e metodológicos do processo de tratamento temático da informação no intuito de propiciar uma nítida especificação das operações, com ênfase para a etapa da análise de assunto;

- abarcar uma sistematização metodológica que garanta ao processo sustentabilidade científica, valendo-se das dimensões sócio culturais do contexto e todas as configurações mais amplas da informação;
- preservação da perspectiva sócio cognitiva do profissional, evidenciando suas visões holísticas e coletivísticas sobre a realidade e necessidade informacional da comunidade acadêmica local, para que os princípios, critérios e filosofias do contexto informacional sejam contemplados e;
- subsidiar as ações profissionais na esfera do ‘saber e fazer’.

Realizadas as disposições e discussões dos resultados obtidos, segue-se para os apontamentos finais da pesquisa com enfoque para a importância da política de tratamento da informação documental para o contexto de bibliotecas universitárias, a fim de respaldar a prática profissional e propiciar uniformidade ao processo.

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"As reticências são os três primeiros passos do pensamento que continua por conta própria o seu caminho."

Mário Quintana

Nesse momento de reflexão final, torna-se relevante expor algumas considerações norteadas pelos três aspectos abordados na presente pesquisa, em consonância com os objetivos estabelecidos, que versam sobre: 1) sistematicidade do processo de tratamento temático da informação; 2) pertinência do processo em bibliotecas universitárias e; 3) perspectivas do contexto institucional e interação social.

A articulação entre os referidos aspectos sustentaram o desenvolvimento do foco investigativo, sendo efetuado um estudo da percepção profissional sobre o bojo teórico-metodológico do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias, partindo-se das reflexões sobre os aportes teóricos e as ações cotidianas da comunidade de aprendizagem. Portanto, pela perspectiva sócio-cognitiva tornou-se possível investigar a atuação profissional ancorada na realidade do contexto de bibliotecas universitárias e obter, dessa forma, aspectos reais que delineiam e fundamentam a prática profissional no tratamento temático da informação.

Neste sentido, a relevância da pesquisa assentou-se na viabilidade da observância do nível de conhecimentos teóricos e capacitação prática dos profissionais envolvidos no tratamento temático da informação e, também, por revelar a percepção dos profissionais – bibliotecário dirigente, bibliotecário de referência e catalogador de assunto – sobre as principais lacunas, problemáticas e carências existentes entre a literatura especializada e a prática cotidiana.

Por sua vez, a utilização da técnica introspectiva do Protocolo Verbal em Grupo enriqueceu a pesquisa ao apontar as opiniões e impressões do grupo de profissionais investigados e, conseqüentemente, possibilitar a auto-reflexão individual e coletiva dos participantes. Tal característica propiciou uma coleta de dados verídicos e próprios da comunidade de aprendizagem investigada, contribuindo para o atingimento dos objetivos da pesquisa.

Em decorrência, tecem-se alguns apontamentos a respeito dos subsídios identificados por meio dos saberes (aportes teóricos) e fazeres (prática cotidiana) do tratamento temático da informação pela percepção profissional, os quais podem e devem ser utilizados para nortear e/ou sustentar o estabelecimento de uma política de tratamento da informação documental própria para o contexto de bibliotecas universitárias.

7.1 Considerações quanto à sistematicidade do processo de tratamento temático da informação pela percepção profissional

A revisão de literatura foi fundamental para sustentar o foco investigativo e a discussão dos vários temários que cercam a questão do tratamento temático da informação na Ciência da Informação, enquanto atividade prática. Inicialmente, retratou-se o movimento interdisciplinar na evolução da ciência e sua atual posição e impacto na contemporaneidade, especificamente na esfera da Ciência da Informação. Este trabalho de análise contribuiu substancialmente para retratar a interface existente entre a Ciência da Informação e as ciências comportamentais, uma vez que, por se tratar de um processo de cunho subjetivo, a abordagem cognitiva faz-se presente e contribui para o entendimento de alguns pontos relativos ao processo de conhecer dos profissionais da informação.

Considerando que a construção das realidades legítimas no ambiente profissional depende das relações humanas, o objeto de estudo da Ciência da Informação deve ser abordado por diferentes ângulos, no intuito de aprofundá-lo em diferentes concepções por meio de um trabalho de análise. Ademais, entende-se que, quando bem explorada, a interdisciplinaridade latente em cada objeto, produto ou abordagem científica passa a recompor os pensamentos a partir do ponto inicial existente em cada esfera investigativa contemporânea.

Destaca-se, também, que o senso de interdisciplinaridade em Ciência da Informação está intimamente relacionado à prática profissional, a qual acaba por refletir problemas não contemplados pela teoria clássica. Desse modo, defende-se que o exercício interdisciplinar, que sedimenta a trajetória da Ciência da Informação com os demais campos científicos, deva considerar a perspectiva teórico-prática direcionada a promoção social. Sob esta concepção, corrobora-se com os apontamentos que permeiam os estudos em Ciência da Informação e consideram que a prática interdisciplinar precisa promover a evolução do campo

científico de modo real, estável e consistente; prever o acompanhamento da evolução teórica do campo de origem; bem como compreender ativamente a distinção ou aproximação dos diferentes saberes, objetivando-se uma base estável para seu estabelecimento e consolidação enquanto ciência.

No que tange as Ciências Cognitivas, observou-se que o rol das ciências comportamentais contribuem no aspecto metodológico da Ciência da Informação e fornecem um quadro de referência para o entendimento da informação no contexto individual e social. Logo, torna-se necessário a implantação do ensino de princípios sobre cognição humana no âmbito da formação de pesquisadores e profissionais que trabalham com a informação e o conhecimento, permitindo-lhes melhorar sua atuação e desempenho mediante compreensão dos processos cognitivos.

Neste sentido, a cognição mostra-se um conhecimento necessário para que o profissional da informação compreenda e delineie a trajetória lógica da construção e apreensão do conhecimento, pois o processo de conhecer deve ser investigado sob o viés da informação, do sujeito cognoscente e do contexto, uma vez que tais elementos estão intimamente relacionados. Sob este entendimento, reafirma-se que a cultura humana deva ser considerada, evidenciada e investigada em Ciência da Informação, com foco nos processos cognitivos para organização e representação da informação e do conhecimento.

Sobre isto, recomenda-se que a Ciência da Informação compreenda as dimensões sociais das representações e da identidade humana, posto que olhar para o social é o cerne da função de qualquer ciência no atual cenário contemporâneo. Sendo assim, advoga-se pela necessidade de estudos que suscitem novas colocações e discussões sobre o processo de conhecer do profissional da informação e que, paralelamente, tragam subsídios relevantes em torno da relação informação e as manifestações cognitivas ocorridas pela mente humana. Certamente, estas reflexões sobre o impacto social e cognitivo da informação tendem a ampliar o universo cognitivo do profissional e conduzi-lo a um agir mais consciente e menos tecnicista. Para tanto, a perspectiva sóciocognitiva apresenta-se como um componente fundamental e indispensável para tais investigações em Ciência da Informação ao considerar o ‘contexto’ e todas as suas configurações.

Posteriormente, centrou-se a pesquisa num estudo mais detalhado em torno do tratamento temático da informação, retratando num primeiro momento sua posição na Organização e Representação do Conhecimento. Esta ênfase respaldou o entendimento das operações do processo de tratamento temático da informação e apontou a necessidade de

abordagens que retratem os aspectos históricos, conceituais e metodológicos das operações de catalogação de assunto e indexação no cenário da Ciência da Informação, considerando-se o contexto de bibliotecas universitárias e a vinculação da prática profissional neste ambiente específico de atuação.

Apesar da catalogação de assunto e a indexação serem operações próximas no que tange conceitos e processos, diferenciam-se nos produtos e na prática profissional. Desse modo, torna-se relevante delimitar o significado conceitual e as utilizações práticas da catalogação de assunto e indexação nos diversos contextos informacionais de modo a evitar as ambiguidades e imprecisões, bem como demarcar o escopo investigativo de cada operação no âmbito do tratamento temático da informação. Evidencia-se que a interdisciplinaridade fornece subsídios teóricos ao tratamento temático da informação, o que tende a contribuir para a representação da informação documental.

Todas as operações e etapas do tratamento temático da informação são necessárias nos diferentes contextos de informação com intuito de prover e facilitar o acesso informacional. No entanto, em contexto de bibliotecas universitárias o processo dá-se mediante a operação da catalogação de assunto. Talvez, uma das explicações menos evasivas para isto esteja ligada aos produtos comuns advindos pela catalogação de assunto e a indexação, resultantes da análise de assunto.

Sabe-se que o traço distintivo entre a catalogação de assunto e a indexação centra-se nos contextos, no tipo de suporte e na profundidade com que os documentos são tratados. Porém, a identificação das percepções profissionais apontou que, apesar de seus resultados comuns, os produtos e serviços informacionais variam em função da consistência e qualidade informacional. Portanto, ressalta-se a emergente necessidade de uma sistematização metodológica que sustente o processo numa base mais científica e menos fruto do bom senso profissional, uma vez que a falta de delimitações conceituais nas operações de tratamento temático da informação causa problemas de ordem prática.

A partir disto, salienta-se que a percepção profissional sobre sua prática cotidiana, a influência das ações desempenhadas pelo grupo de profissionais e dos aspectos sócio-culturais do contexto de atuação devem ser evidenciados, não somente no tratamento temático da informação, mas, sobretudo, em todas as demais atividades do contexto de bibliotecas universitárias, de modo a criar condições ideais para assegurar a qualidade da recuperação da informação mediante um relacionamento harmonioso entre os aportes teóricos e a prática profissional.

Notou-se, em decorrência, que a atividade do tratamento temático da informação é compreendida de maneira rasa e até mesmo efêmera pelos profissionais da informação. À rasa compreensão da nomenclatura, conceitos e processos interfere diretamente na qualidade dos produtos e serviços informacionais devido, sobretudo, a nula reflexão profissional em torno de suas próprias ações cotidianas. Por sua vez, essa imprecisão repercute na realização do processo, fator que deve ser revisto e reformulado.

7.2 Considerações sobre a pertinência do processo em bibliotecas universitárias pela percepção profissional

Os aspectos do ambiente de trabalho foram percebidos e apreendidos por meio da percepção profissional, resultando na apropriação da realidade sócio-cultural do contexto das bibliotecas universitárias analisadas. Contudo, percebeu-se certa dificuldade em identificar a visão e comportamentos reais do profissional sobre o processo, visto que a observação manteve-se apenas a nível reflexivo e não prático. Talvez, visando uma melhor elucidação da influência do contexto sócio-cultural das bibliotecas universitárias no processo de tratamento temático da informação seja necessário que pesquisas posteriores observem os procedimentos, dificuldades e estratégias profissionais durante as ações cotidianas. Para tanto, a aplicação da modalidade de Protocolo Verbal Individual com o profissional catalogador de assunto pode apontar a opinião profissional no momento de sua atuação, transparecendo seus comportamentos e o modo como percebe o seu agir profissional.

Ademais, constatou-se que a realidade prática é que leva a construção do conceito de tratamento temático da informação e da prática de suas operações por parte dos profissionais, cuja distinção é tênue e, claramente equívoca. As ações cotidianas e o modo de interlocução sócio-cultural do contexto imprimem no profissional o entendimento do processo realizado de modo intuitivo, sem respaldo teórico e metodológico. Sobre isto, os resultados apontam a necessidade profissional de um amparo teórico real, que sustente a prática profissional e que retrate a realidade própria do contexto informacional. Isto porque, a comunidade de aprendizagem investigada é desprovida de instrumentos que propiciem parâmetros e níveis de segurança para a realização do processo de tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias.

Tais aspectos evidenciam a importância da política de tratamento da informação documental, no intuito de amparar a prática profissional sob a perspectiva teórica e estabelecer um nível de uniformidade ao processo em contexto de bibliotecas de universidades públicas do estado de São Paulo – devido ao trabalho conjunto dessas instituições.

Para tanto, considera-se que os estudos em Ciência da Informação devam abordar as ações cotidianas do profissional e suas articulações nos diferentes contextos informacionais, a fim de observar a real situação dos produtos e serviços concomitantes ao bojo teórico-prático do tratamento temático da informação, sob a prerrogativa de que a atuação profissional e o contexto de trabalho constituem uma unidade inseparável, cuja dinâmica de interação tende a ser contínua. Assim, deve-se avançar em observações que abordem a prática profissional em ambiente específico, no intuito de compreender as mudanças estruturais de cunho sóciocognitivo pelas quais os profissionais e o contexto passam constantemente. Nesta esfera investigativa, a abordagem sóciocognitiva mostra-se relevante e um posicionamento enriquecedor para as pesquisas em Ciência da Informação que busquem o entendimento e exaltação da informação construída na esfera social.

Certamente, este novo olhar tende a respaldar os anseios profissionais por um instrumento que abarque a visão mais ampla do contexto e todas as suas configurações em um cenário contemporâneo, dinâmico e mutante. A este respeito, pode-se dizer que uma das necessidades latentes a Ciência da Informação, especificamente no que tange a área de Organização e Representação do Conhecimento, assenta-se no estabelecimento de metodologias destinadas à atividade do tratamento temático da informação, uma vez que a prática profissional possui dispares comportamentais, os quais acabam por influenciar de maneira negativa a recuperação dos documentos nos sistemas de informação. No que tange a biblioteca universitária, esta necessidade é ainda maior, considerando-se o compromisso social do contexto e a responsabilidade de seus profissionais.

Por mais subjetivas e particulares que sejam as ações profissionais durante o processo de tratamento temático da informação, muitas delas decorrem da falta de instrumentos e parâmetros direcionados para a realidade da prática profissional, esta altamente dependente do contexto em que o profissional está inserido. Ressalta-se, portanto, a necessidade da literatura especializada direcionar sua atenção para o estabelecimento de uma política de tratamento da informação documental baseada não apenas nos aportes teóricos, mas que atenda as necessidades específicas de cada contexto informacional, bem como de

seus profissionais, ou seja, diretrizes que possibilitem tratar a informação envolvendo seus atores informacionais e sociais.

Neste ponto, reafirma-se que o tratamento temático da informação visa, sobretudo, contribuir efetivamente para a melhoria dos resultados organizacionais. Logo, inevitavelmente a opinião profissional torna-se de grande valia para o estabelecimento e avaliação das diretrizes que conduzirão a consecução do processo em contexto informacional. Assim, o referido processo deve estar calcado sob o prisma de uma política de tratamento da informação documental atual, consistente e pertinente com a realidade própria do contexto de bibliotecas universitárias, em virtude desse corpo de diretrizes profissionais atuar como componente fundamental no que tange a produção de bens e serviços na esfera organizacional, bem como de formação cultural e social para a memória institucional.

Nesta perspectiva, entende-se que a política de tratamento da informação documental constitui um elemento condicionador dentro do ambiente de trabalho. Sendo assim, defende-se a verificação de alguns atributos e seus elementos para o estabelecimento de uma política de tratamento da informação documental condizente com a realidade do contexto de bibliotecas universitárias.

Primeiramente, seu estabelecimento deve primar pela informação documental, no intuito de retratar e regulamentar as etapas do processo de tratamento temático da informação de modo que não haja subutilização dos profissionais envolvidos; garantir a estruturação e a integridade cultural das informações disponibilizadas, para que sejam condizentes com as necessidades da demanda organizacional e; padronizar as metodologias de organização e representação da informação assegurando um equilíbrio entre coordenação, controle e descentralização da informação para o fortalecimento da disseminação e do intercâmbio informacional entre instituições cooperantes. Na esfera da atuação profissional, a política de tratamento da informação documental deve situar as redefinições das práticas profissionais no âmbito do tratamento temático da informação no intuito de possibilitar mudanças estruturais na formação em serviço e na concepção dos perfis profissionais e; configurar a atividade profissional a partir dos objetivos institucionais. Por sua vez, no âmbito do contexto organizacional, a política de tratamento da informação documental deve assegurar um planejamento adequado que contemple todo o contexto informacional, objetivando-se salvaguardar a memória e a cultura institucional.

Enfatiza-se que o estabelecimento da política de tratamento da informação documental precisa prever a interdependência de seus elementos mediante uma avaliação constante, a fim de assegurar a qualidade da mesma, pois, quando bem elaborada, a política assegura confiabilidade ao bojo das atividades informacionais que, inevitavelmente, respaldam na atuação profissional. Assim, ressalta-se que a política de tratamento da informação documental precisa considerar e admitir a interdependência de seus elementos.

A observância dos atributos envolvidos no momento da construção, estabelecimento e/ou avaliação da política de tratamento da informação documental torna-se imprescindível, uma vez que a não observância desses aspectos tende a resultar no fracasso do contexto informacional. Tal apontamento respalda-se na influência que a política de tratamento da informação documental acaba por exercer na esfera organizacional, seja em nível da informação propriamente dita, considerando sua organização, armazenamento, disseminação e uso, quanto no nível do corpo profissional envolvido.

Encerra-se esta vertente reflexiva salientando que a formação acadêmica do profissional deve privilegiar a ação do ‘agente competente’ imbuída nos diversos profissionais da informação. Para tanto, advoga-se que a maior responsabilidade da formação acadêmica seja assegurar o saber e o saber-fazer, ambos adaptados às contingências que circundam as situações problema, com vistas num agir de modo eficiente e consciente. Por conseguinte, julga-se necessário frisar que as instituições formadoras devem ensinar durante os anos de formação acadêmica a prática do processo de tratamento temático da informação de maneira mais realista e dinâmica, o que amplia a responsabilidade do corpo docente.

7.3 Considerações em relação ao contexto institucional e interação social pela percepção profissional

A partir dos apontamentos levantados pela comunidade de aprendizagem sobre o tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias, percebeu-se que as ações profissionais ancoradas dentro do contexto institucional acabam por revelar a prática cotidiana e suas implicações no decorrer das atividades em serviço. Entretanto, constatou-se que os profissionais não refletem sobre suas ações cotidianas, o que acarreta falta de compreensão da influência de sua prática profissional nos produtos e serviços informacionais gerados e influenciados pelo processo de tratamento temático da informação.

Advoga-se que a essência da atuação profissional deva respaldar-se filosoficamente na organização e disponibilização do conhecimento e não apenas na organização de dados ou informações, ou seja, transformar informação em conhecimento e ação¹¹⁵. Sobre isto, advoga-se que o profissional deva igualmente socializar a informação “[...] quebrando a cadeia de poder dentro da sociedade, da comunidade ou da organização, transformando as informações em impulsos de poder e melhorando seu nível de tratamento e gerenciamento” (JAMBEIRO, 1998, p.07).

Porém, expõe-se que tal posicionamento ocorre mediante um novo entendimento do próprio profissional em torno do seu papel na sociedade, a qual carece de agentes transformadores e não apenas de mediadores da informação – profissionais com capacidade de modificarem e contribuir para o desenvolvimento social, profissionais que prezem pela qualidade dos frutos de seu trabalho, profissionais comprometidos com a sociedade e seus sujeitos na busca por todas as formas de igualdade que o conhecimento pode proporcionar, profissionais que reflitam sobre seus afazeres e embutem-lhes suas melhores e mais corretas ações. Enfim, profissionais que zelem pelo bem maior dos seres humanos – o conhecimento.

Sob este posicionamento, reafirma-se que o papel do profissional da informação respalda no gerenciamento das informações, de forma que todos os sujeitos sejam seres ativos na busca pelo conhecimento e acesso informacional, quer pela própria instituição, quer pela sociedade. Atentando-se para a prerrogativa de que a manutenção do conhecimento humano depende das relações construídas socialmente, julga-se eminentemente necessário investigar o profissional e suas ações cotidianas, enquanto uma das mais ricas possibilidades de evolução em nível teórico-metodológico na Ciência da Informação, tanto em abordagem prática quanto pela interação com o meio e suas características específicas. Isto porque, o ser humano é constituído por diversidades comportamentais, bem como por uma qualidade ímpar de ser surpreendente. Ademais, a informação e o conhecimento apenas passam a serem funcionais quando utilizados e compartilhados no meio social.

Reafirma-se, portanto, que é nesta esfera cognitiva e social que os estudos sobre tratamento temático da informação devam se desenvolver, pois para que a informação tenha uma utilidade social máxima em benefício à humanidade, o primeiro passo é atribuir valor a seus facilitadores de difusão informacional pela vertente social.

¹¹⁵ O conceito de ação refere-se à operação de um agente, encarada em seu desenrolar, em seu resultado. Assim, “a ação é um sistema de movimentos espontâneos ou intencionais, uma desestabilização do organismo, um emprego determinado de suas forças vivas, com vistas a um prazer ou a um interesse, sob a influência de uma necessidade, de uma idéia ou de um sonho” (BLONDEL, 1993, p.23).

7.4 Delineamento final

Sabe-se que os profissionais da informação devem estar comprometidos com o usuário e seu respectivo contexto. Certamente, este é um discurso acadêmico, sedimentado em concepções teóricas descentralizadas da prática profissional, uma vez que, por meio dos pontos dissertados e da identificação da percepção da comunidade de aprendizagem, verificou-se que não há uma correspondência direta e linear entre a atitude anunciada e o comportamento assumido nas ações desempenhadas no cotidiano da profissão. Notadamente, porque as variâncias na compreensão (perspectiva subjetiva) em virtude do contexto social (relações cotidianas) aparecem.

Neste sentido, acredita-se que a inexistência de investigações sobre o tratamento temático da informação pela abordagem sócio-cultural dos atores sociais ativos no estabelecimento, desenvolvimento e resultado do processo em contexto de bibliotecas universitárias deva ser sanada, valendo-se, principalmente, da perspectiva interdisciplinar do ‘produto informação’, com vistas à garantia cultural. Estas considerações reforçam a ênfase inicial “[...] de que todo comportamento humano deve ser entendido relacionalmente, em relação ao seu contexto” (COLE, 1998, p.131). Portanto, a necessidade de focar aspectos sócio-culturais nas investigações em Ciência da Informação é emergente, na medida em que este campo científico carece de fundamentação sobre alicerces mais estáveis.

Resta, nestas últimas palavras, lançar alguns questionamentos evidenciados no cenário caracterizado nesta pesquisa, os quais podem subscrever o tratamento temático da informação e a efetiva elaboração de uma política de tratamento da informação documental que sustente, teórica e metodologicamente, as ações cotidianas dos profissionais da informação em contexto de bibliotecas universitárias. Em primeiro lugar, seria possível circunscrever as ações subjetivas dos catalogadores de assunto? Como atribuir valor e preservar a cultura do contexto as informações construídas por meio de práticas sociais? Em que medida a atividade individual ou coletiva dos atores sociais influencia o tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias? Os produtos do tratamento temático da informação, quando não incluídos em um contexto cultural de atividade, são destituídos de significado ou tem sua garantia cultural preservada? Quais aspectos históricos, culturais e sociais que permeiam a informação devem sustentar uma política de tratamento da informação documental específica para o contexto de bibliotecas universitárias?

Há, de fato, muitas outras perspectivas e questionamentos a serem evidenciados e, quem sabe, explorados no campo científico da Ciência da Informação para a resolução de seus problemas informacionais. Sendo assim, espera-se que a presente pesquisa, enquanto um ínfimo fragmento reflexivo em Ciência da Informação, venha instigar futuras pesquisas centradas, especificamente, nos componentes da cognição e da cultura que permeiam e, muitas vezes, delineiam a qualidade dos produtos e serviços informacionais em contexto de bibliotecas universitárias. Acresce que as pesquisas pela abordagem sócio-cultural devem observar as ações construídas de acordo com o contexto dos diferentes grupos culturais, posto que a informação seja um produto socialmente construído.

Como último apontamento desta pesquisa que se finda, ressalta-se que o fator motivador para sua execução decorreu da oportunidade de contribuir para a expansão da Ciência da Informação e evidenciar alguns novos entendimentos para sua consolidação no campo das ciências. Encerra-se com a certeza de persistirem várias outras lacunas, cuja exaltação de alguns desses questionamentos e oportunidades investigativas sobre a esfera profissional no tratamento temático da informação resguardarão o vasto caminhar da Ciência da Informação, o qual, certamente, não se finda aqui.

REFERÊNCIAS

ALBRECHTSEN, H. Subject analysis and indexing: from automated indexing to domain analysis. **The indexer**, v.18, n.4, p. 219-224, oct. 1993.

ALMEIDA, C. C.; BASTOS, F. M.; BITTENCOURT, F. Uma leitura dos fundamentos histórico-sociais da ciência da informação. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v.6, n.1, p.68-89, 2007.

ALMEIDA, C.C. **Peirce e a organização da informação**: contribuições teóricas da semiótica e do pragmatismo. 416 f. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

ALMEIDA, D. P. R de. **Educação continuada em tratamento de conteúdos documentários**: uma proposta de formação em serviço para bibliotecários catalogadores da rede de bibliotecas da UNESP. 413f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências, 2007.

ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 8, n. 15, n. 15, 1º sem. 2003.

ANDALÉCIO, A. L.; SOUZA, R. R. Ciência Cognitiva e Ciência da Informação: Paralelos. **Informação & Informação**, Londrina, v.13, n.1, p.72-80, jan./jul. 2008.

ANDERSON, J. D. Organization of knowledge. In: FEATHER, J.; STURGES, P. (Ed.). **International encyclopedia of information and library science**. London: Routledge, p. 336-353. 1996.

ANDLER, D. **Introdução às Ciências Cognitivas**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1998.

ARANGO, G. **Software reusability**: domain analysis methods. Ellis Horwood, p.17-49. 1994.

ARAÚJO, C. A. A. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.

ARISTÓTELES. **A Poética Clássica**. 7ªed. São Paulo: Cultrix, 1987.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR6028**: resumos. Rio de Janeiro, 2003. 2 p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977.

BARITÉ, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (org). **Educação, universidade e pesquisa**. Marília: Unesp; São Paulo: FAPESP, 2001.

BARRETO, A. A. Padrões de assimilação da informação... In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I.L. **Organização e Representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

BARRETO, A. A. Sobre a interdisciplinaridade. **DataGramZero**, v.5, n.6, dez. 2004.

BEGHTOL, C. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. **Journal of Documentation**, London, v.58, n.5, p.507-532, 2002.

BELKIN, N. J. Anomalous State of Knowledge as basis for information retrieval. **The Canadian Journal of Information Science**, Toronto, v. 5, p. 133-143, 1980.

BELKIN, N. J.; ROBERTSON, S. Information Science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, v.37, n.4, p.197-204, 1976.

BELKIN, N. J. The cognitive viewpoint in information science. **Journal of Information Science**, v.16, p.11-15, 1990.

BEREJO MARTINEZ, A. **Análisis documental**: el problema de la distinción entre análisis formal y análisis de contenido. (no prelo).

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERNARD, J. A. Análisis y representación del conocimiento: aportaciones de la psicología cognitiva. **Scire**, Zaragoza, v.1, n.1, p.57-80, en./jun. 1995.

BERTHOLINO, M. L. F.; FERRO, J. M. Diagnóstico dos interesses de treinamento dos recursos humanos da biblioteca central da UEPG. In: RAMOS, M. E. M (org.). **Tecnologia e novas formas de gestão em bibliotecas universitárias**. Ponta Grossa: UEPG, 1999. 257 p.

BOCCATO, V.R.C. **Avaliação do uso de linguagem documentária em catálogos coletivos de bibliotecas universitárias**: um estudo sociocognitivo com protocolo verbal. 2009. 299f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L.T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 1994. 319 p.

BORBA, E. A. **Leitura para indexação**: o uso da linguagem documentária como estratégia específica do leitor profissional. 2003. 65 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2003.

BORGES, M. E. N. et al. Estudos cognitivos em ciência da informação. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.15, 1º sem. 2003.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, 1968.

BRAGA, G. M. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.1, p.84-88, jan./abr. 1995.

BRAGA, G. M. Prefácio. In: **Ciência da Informação, ciências sociais e Interdisciplinaridade**. Org. por Lena Vania Ribeiro Pinheiro. Brasília, Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP, 1999. 9-10 p.

BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 9, 2008, São Paulo, Anais. São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <<http://www.enancib2008.com.br>>. Acesso em: 30 de setembro de 2008.

BROOKES, B. C. The foundations of Information Science: part I. philosophical aspects. **Journal of Information Science**, Amsterdam, v.2, p.125-133, 1980.

BRUNER, J. S. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

BRUNER, J. S. **In Search of Mind**. Nova York: Harper & Row. 1983.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v.45, n.5, p.351-360, 1991.

BUFREM, L. S. Levantando significações para significantes: da gestão do conhecimento à organização do saber. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. esp., p. 1-10, 2004.

BURKE, P. **Uma história do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAMPOS, A. T. A indexação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.15, n.1, p. 69-72, jan./jun. 1987.

CAMPOS, A. T. A teoria das classificações analítico-sintéticas, ou facetadas, e a sua influência sobre a reforma da classificação decimal universal (CDU). **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.3, n.1, jan./jun. 1975.

CAMPOS, L. F. B.; VENÂNCIO, L. S. Perspectivas em (in)formação: tendências e tensões entre abordagens físicas, cognitivas e emergentes. **Transinformação**, Campinas, 19(2): 107-118, maio/ago, 2007.

CAMPOS, M. L. de A.; GOMES, H. G. Metodologia de elaboração de tesauro conceitual: a categorização como princípio norteador. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n.3, p.348-359, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n3/a05v11n3.pdf>>. Acesso em: 16 de abril de 2009.

CAPRA, F. **O tão da física**. São Paulo: Cultrix, 1983.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 5., 2003. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CAPURRO, R. Foundations of information science: review and perspectives. In: **INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE**, University of Tampere, Tampere, Finland, 26-28 August, 1991. Disponível em: <<http://www.capurro.de/tampere91.htm>>. Acesso em: 20 de março de 2009.

CARDOSO, A. M. P. Pós-Modernidade e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.63-79, jan./jul. 1996.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVALCANTI, M. C. **I-N-T-E-R-A-Ç-Ã-O**: aspectos de interação pragmática. Campinas: Unicamp, 1989.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática. 2003.

CHAUMIER, J. As línguas documentais. In: _____. **As técnicas documentais**. Lisboa, Europa América. 1971, cap.4, 50-77 p.

CHAUMIER, J. Indexação: conceitos, etapas e instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n.1, p. 63-79, jan./jun. 1988.

CHRISTOVÃO, H. T. A ciência da informação no contexto da pósgraduação do IBICT. **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, v.1, n.1, p.25-30, jan./jun. 1995.

CHUBIN, D. E. Interdisciplinarity: how do we know thee?, in D. E. Chubin; A. L. Porter; F. A. Rossini e T. Connolly (eds.), **Interdisciplinary analysis and research**, Maryland: Lomond, 427-440. 1986.

CHU, C. M.; O'BRIEN, A. Subject analysis: the critical first stages in indexing. **Journal of Information Science**, v.19, n.6, p.439-454, 1993.

CIANCONI, R. B. Gerência da informação: mudanças nos perfis profissionais. **Ciência da Informação**., Brasília, 20(2): 204-208, jul./dez. 1991.

CINTRA, A. M. M. Estratégias de leitura em documentação. In: Smit, Johanna W. (Coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. 2.ed. Brasília : IBICT, 1987.

COATES, E. J. **Subject catalogues: headings and structures**. London: Library Association, 1960.

COLE, M. **Cultural psychology: a once and future discipline**. Cambridge: Harvard University Press. 1998.

COLLINS, A. "Why Cognitive Science". **Cognitive Science**, 1: 3-4. 1977.

CUNHA, I. M. R. F. Análise documentária. In: SMIT, J. W. (Org) **Análise documentária: análise da síntese**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1989.

CUNHA, I. M. R. F. **Do mito à análise documentária**. São Paulo: EDUSP, 1990. (Teses; v. 11).

CUNHA, I.M.R.F.; KOBASHI, N.Y. Análise Documentária e Inteligência Artificial. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.24, n.1/4, p.38-62, 1991.

CURRÁS, E. A new concept of information in the science integration process. In: CONFERÊNCIA DE CONGRESSO DA FID, 45., 1990, La Habana. **Anais...**Madrid: FID, 1990.

CUTTER, C. A. **Rules for a dictionary catalog**. 4th ed. rewritten .Washington: Gov't Printing Office, 1904. 173 p.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993.

DAL' EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. A Cognição profissional de catalogadores de assunto em contexto de biblioteca universitária. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS – SNBU, 15., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CRUESP, 2008. p. 1-15.

DAL' EVEDOVE, P. R. **O estudo da cognição profissional pelo protocolo verbal de catalogadores de assunto em contexto de biblioteca universitária: uma abordagem sócio-cognitiva pela análise de domínio**. 2007. 125f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista; CNPq, Marília.

DE MEY, M. **The cognitive paradigm: an integrated understanding of science development**. Chicago: University of Chicago, 1982.

DIAS, E. W. Análise de assunto: percepção do usuário quanto ao conteúdo de documentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.9, n.2, p.146-157, jul./dez. 2004.

DIAS, E. W.; NAVES, M.M.L. **Análise de Assunto: teoria e prática**. Barsília: Thesaurus, 2007. 116 p.

DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L.; MOURA, M. A. O usuário-pesquisador e a análise de assunto. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.205-221, jul./dez. 2001.

DIAS, F. S. Análise das relações interdisciplinares das pesquisas científicas em sistemas de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.13, n.01, p.199-215, jan./abr. 2008.

DILL ORRICO, E. G. Interdisciplinaridade: Ciência da Informação & Linguística. In: PINHEIRO, L. V. R. (Org.). **Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. p.143-154.

DOMINGUES, I. **Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DONALD, M. **Origens do pensamento moderno**. Fundação Caloreste Gulbenkia: Lisboa. 1999.

DUPUY, J-P. **Nas origens das ciências cognitivas**. São Paulo: UNESP, 1996.

DURANT, G. Multidisciplinarités et Heuristique. In: E. Portella (Org.), *Entre Savoirs*. **L'Interdisciplinarité en acte: enjeux, Obstacles, Perspectives**, Toulouse: Ères / Unesco, 35-48. 1991.

ERICSSON, S.; SIMON, H. A. Verbal reports on thinking . In: FAERCH, C.; KASPER, G. (Eds.). **Introspection in second language research**. Clevedon: Multilingual Matters, 1987. p. 24-53.

ESTEBAN NAVARRO, M.A.E. Elementos, actividades y critérios para la identificación , comprensión y seleccion de conceptos em la indezacion analítica.In: GARCIA MARCO, F.J.G.M. **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación**. Zaragoza: capítulo Espanol de la ISKO, Universidad Carlos III de Madrid, 1999, v.3, p.69-93.

ESTEBAN NAVARRO, M. A.; GARCÍA MARCO, F. J. Las primeiras jornadas sobre organización del conocimiento: organización del conocimiento e información científica. **Scire: organización y representación del conocimiento**, Zaragoza, v.1, n.1, p.150-157, jan./jun. 1995.

ESTEBAN NAVARRO, M. A. Los lenguajes documentales ante el paso de la organización de la realidad y el saber a la organización del conocimiento. **Scire**, Zaragoza, v.1, n.2, p.43-71, 1995.

EUGÊNIO, M.; FRANÇA, R. O.; PEREZ, R. C. Ciência da informação sob a ótica paradigmática de Thomas Kuhn: elementos de reflexão. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.27-39, jan./jun. 1996.

FARRADANE, J. The Nature of Information. **Journal of Information Science**, Cambridge, v.1, n.1, p.13-17, 1979.

FARROW, J. F. A. A cognitive process model of document indexing. **Journal of Documentation**, v.47, n.2, p.149-166, 1991.

FARROW, J. F. All in the mind: concept analysis in indexing. **The indexer**, v.19, n.4, p.243-247, oct. 1995.

FAZENDA, I. C. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1995.

FERNANDES, G. C. O objeto de estudo da ciência da informação. **INFORMARE**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.25-30, jan./jun. 1995.

FERNANDES, G. C. **O que é Ciência da Informação: identificação através de relações conceituais a partir de três visões**. Dissertação de Mestrado apresentada ao IBICT/UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

FERREIRA, S. M. P. Design de biblioteca virtual centrado no usuário: a abordagem do Sense-Making para estudos de necessidades e procedimentos de busca e uso da informação. **Ciência da Informação.**, Brasília, v.26, n.2, 1997.

FIUZA, M. M. O ensino da Catalogação de Assunto. **Rev. Esc. de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 14, n.2, p. 257-269, set.1985.

FLAVELL, J. H.; MILLER, P. H.; MILLER, S. A. **Desenvolvimento cognitivo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FORGUS, R. H. **Percepção: o processo básico do desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: Edusp. 1971.

FORTIN, C.; ROUSSEAU, R. **Psychologie Cognitive: une approche de traitement de l'information**. Québec: Télé-université, 1998.

FOSKETT, A. C. **A abordagem temática da informação**. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1973.

FOSKETT, D. J. et al. **Ciência da Informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980, p.53-69.

FREITAS, H. M. R.; KLADIS, C. M. Da informação à política informacional das organizações: um quadro conceitual. São Paulo – SP: **RAP**, v.29, n.03, jun./set. 1995. p.73-86.

FROHMANN, B. Rules of indexing: a critique of mentalism in information retrieval theory. **Journal of Documentation**, London, 1990, v. 46, n. 2, p. 81-101.

FROHMANN, B. The power of images: a discourse analysis of the cognitive viewpoint. **Journal of Documentation**, v.48, n.4, p.365-386, 1992.

FUJITA, M. S. L. **A análise documentária no tratamento da informação**: as operações e os aspectos conceituais interdisciplinares. Marília: Departamento de Ciência da Informação, 2003a.

FUJITA, M. S. L. A estrutura de categorias do tesauro: modelos de elaboração. **Cadernos da FFC**, Marília, v.7, n.1/2, p.107-120, 1998.

FUJITA, M. S. L. **A leitura documentária do indexador**: aspectos cognitivos e lingüísticos influentes na formação do leitor profissional. 2003. 321 f. Tese (Livre-Docência em Análise Documentária e Linguagens Documentárias Alfabéticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003b.

FUJITA, M. S. L. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.5, n.4, ago. 2004.

FUJITA, M. S. L. **A leitura em análise documentária**: relatório parcial. Marília: UNESP; CNPq, 1999. 123 f. Projeto Integrado de Pesquisa.

FUJITA, M. S. L.; CERVANTES, B.M.N. Abordagem cognitiva do protocolo verbal na confirmação de termos para a construção de linguagem documentária em inteligência competitiva. In: VALENTIM, M.L.P. (Org). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. 29-56 p.

FUJITA, M. S. L. La enseñanza de la lectura documentaria en el abordaje cognitivo y sociocognitivo: orientaciones a la formación del indicador, **Anales de Documentación**, Murcia, n. 10, p. 397-412, 2007b. Disponível em: <<http://www.um.es/fccd/anales/ad10/ad1000.html>>. Acesso em: 05 de setembro de 2008.

FUJITA, M. S. L.; NARDI, M. I. A.; FAGUNDES, S. A. A observação da leitura documentária por meio de protocolo verbal. In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. (Org). **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. p.141-178. (Estudos avançados em ciência da informação, v.2).

FUJITA, M. S. L. **O contexto da leitura documentária de indexadores de bibliotecas universitárias em perspectiva sócio-cognitiva para a investigação de estratégias de ensino: 2007/2010**. Marília: UNESP; CNPq, 2007a. 36 f. Projeto Integrado de Pesquisa.

FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P.; BOCCATO, V. R. C. O contexto sociocognitivo do catalogador em bibliotecas universitárias: perspectivas para uma política de tratamento da informação documentária. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.datagramazero.org.br>>. Acesso em: 14 de abril de 2009.

FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P. O ensino de procedimentos de política de indexação na perspectiva do conhecimento organizacional: uma proposta de programa para a educação à distancia do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n.1, p.8-68, 2006.

FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P. Protocolo verbal como metodologia sociocognitiva para coleta de dados e recurso pedagógico em sala de aula. In: MACHADO, L. M.; MAIA, G. Z. A.; LABEGALINI, A. C. F. B. (Org.). **Pesquisa em Educação: passo a passo**. Marília: Ed. M3T, 2007. p.143-154.

GALVÃO, M. C. B. A organização da informação na perspectiva da ciência da informação e a dinâmica da cultura científica. In: HOFFMANN, W. A. M.; FURNIVAL, A. C. M. **Olhar: ciência, tecnologia e sociedade**. São Paulo: Ed. Pedro e João Editores/CECH-UFSCar, 2008. 278 p.

GARDIN, J. C. et al. **La logique de plausible: essays d'epistemologie pratique**. Paris: Maison de Sciences de L'Homme, 1981.

GARDIN, J. C. **L'automatisation des recherches documentaires: un modèle général**. Paris: Gauthier-Villars, 1964.

GARDNER, H. **A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

GARDNER, H. **The mind's new science**. Basic Books, Nova York, 1985.

GARRIDO ARILLA, M. R. **Teoria e historia de la catalogación de documentos**. Madri : Síntesis. 1996.

GERHARDT, A. F. L. M. Uma visão sóciocognitiva da avaliação em textos escolares. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1181-1203, set./dez. 2006

GIASSON, J. **A compreensão na leitura**. Lisboa: Asa, 1993. 317 p.

GIL LEIVA, I. **La automatizacion de la indizacion de documentos**. Trea, 1999. 187 p.

GOLDMANN, L. **Lukacs et Heidegger**. Paris: Denoel-Gonthier, 1973.

GOMES, H. F. Interdisciplinaridade e ciência da informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **DataGramZero – Ciência da Informação**, v.2, n.4. ago. 2001.

GOMES, H. E.; MARINHO, M. T. **Introdução ao estudo do cabeçalho de assuntos**. BITI - Biblioteconomia, Informação & Tecnologia da Informação. 1984. Disponível em: <http://conexario.com/bit/cabecalho/cab_ass.htm>. Acesso em: 15 de março de 2009.

GONÇALVES, M. C. **A indexação em catálogos on-line de bibliotecas universitárias na percepção de usuários integrantes de grupos de pesquisa: uma contribuição ao desenvolvimento de política de indexação na rede de bibliotecas da UNESP**. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

GONZÁLES DE GOMEZ, M. N. O objeto de estudo da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.19, n.2, p.117-122, jul./ dez. 1990.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.6, n.1, p.5-18, jan./jun. 2001.

GONZÁLEZ, J. A. M. **El contenido de los documentos textuales: su análisis y representación mediante el lenguaje natural**. España: Ediciones TREA, S.L., 2004.

GUIMARÃES, J. A. C. A análise documentária no âmbito do tratamento da informação: elementos históricos e conceituais. In: RODRIGUES, Georgete Medleg; LOPES, Ilza Leite. **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. 300p. p:100-117. (estudos avançados em Ciência da Informação; 2003).

GUIMARÃES, J. A. C. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. // Garcia Marco, F, J. (Org.). (2009). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación y en entorno digital**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, p.105-117, 2009.

GUIMARÃES, J. A. C. **A dimensão teórica do tratamento temático da informação no universo científico da International Society for Knowledge Organization – ISKO**. Marília, 2007. Projeto integrado de pesquisa apresentado ao CNPq.

GUIMARÃES, J. A. C. As políticas de indexação como elementos para a gestão do conhecimento nas organizações. In: VIDOTTI, S. A. B. G. (Org.). **Tecnologia e conteúdos informacionais**. São Paulo: Polis, 2004. 43-52 p.

GUIMARÃES, J. A. C. **Indexação em um contexto de novas tecnologias**. [S.l.: s.n], 2000. (Texto didático).

GUIMARÃES, J. A.C. O profissional da informação sob o prisma de sua formação. In: VALENTIM, M. L. (Org.). **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p.67- 68.

GUINCHAT, C.; MENOU, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Brasília: IBICT, 1994. 540 p.

HAASTRUP, K. Using thinking aloud and retrospection to uncover learners lexical inferencing procedures. In: Faerch e Kasper (eds). **Introspection in second language research**. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 1987.

HARMON, G. On the evolution of information science (opinion paper). **Journal of the American Society for Information Science – JASIS**, v.22, n.4, p.235-241, july- august, 1971.

HELMHOLTZ, H. **Treatise on Physiological Optics**. Vol. III. Tradução de J. P. C. Southall. Nova York: Dover. 1962.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a New Horizon in Information Science: Domain-Analysis. **Journal of the American Society for Information Science – JASIS**, v.46, n.6, p.400-425, 1995.

HJØRLAND, B. Documents, memory institutions and information science. **Journal of Documentation**, v.56, n.1, p.27-41, 2000.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches-traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v.58, p.422-462, 2002b.

HJØRLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspective in information science. **Journal of the American Society for Information Science and Tecnology**, v. 53, n. 4, p. 257-270, 2002a.

HJØRLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization: international journal devoted to concept theory, classification, indexing, and knowledge representation**, Frankfurt, v.30, n.2, p.87-111, 2003.

HJØRLAND, B. **Information seeking and subject representation**. London: Greenwood Press, 1996.

HJØRLAND, B. **Information seeking and subject representation: an activity-theoretical approach to information science**. Westport: Greenwood Press, 1997. 213 p.

INGWERSEN, P. Cognitive information retrieval. **Annual Review of Information Science and Technology**, New York, v.34, p.3-52, 1999.

INGWERSEN, P. Cognitive perspectives of information retrieval interaction: elements of a Cognitive IR Theory. **Journal of Documentation**, London, v.52, n.1, p.3-50, 1996.

INGWERSEN, P. **Information retrieval interaction**. London: Taylor Graham, 1992. 246 p.

JACOB, C. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

JACOB, E. K.; SHAW, D. Sociocognitive perspectives on representation. In: WILLIAMS, M.E. (Ed.). **Annual Review of Information Science and Technology.** Medford, NJ: Information Today for American Society for Information Science, v.33, p.131-185. 1998.

JAMBEIRO, O. Gestão e tratamento da informação na sociedade tecnológica. **São Paulo em Perspectiva**, 12(4), p.3-10, 1998.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1975. 221p. (Série Logoteca)

JOB, I. Estudos cognitivos e a representação do conhecimento na ciência da informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.13, n.2, p.365-378, jul./dez., 2008.

KAISER, J. O. **Systematic indexing.** London: Pitman, 1911.

KATO, M. A. **O aprendizado da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1985. 121 p.

KLAES, R. R. **Dados e informações usadas na tomada de decisão em bibliotecas universitárias brasileiras: o contexto da atividade de desenvolvimento de coleções.** 1991. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, 1991.

KLEIN, J. T. **Crossing boundaries, Knowledge disciplinarity, and interdisciplinarity.** Charlottesville, London: University Press of Virginia, 1996. 281p.

KOBASHI, N. Y. **A elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia.** 1994. 195f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

KOBASHI, N. Y. Análise documentária na representação da informação. **INFORMARE - Cad. Prog. Pós-Graduação em Cio rnf.**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.5-27, jul./dez., 1996.

KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo na sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas 15(Edição Especial): 7-21, set./dez. 2003.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002. 168 p.

KROGH, G.; ROOS, J. **Organizational epistemology**. New York: Martin's Press. 1995.

KUHN, T. **A estruturas das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KURAMOTO, H. Sintagmas nominais: uma nova abordagem no processo de indexação. In: NAVES, M. M. L.; KURAMOTO, H. (Orgs.). **Organização da informação: princípios e tendências**. Brasília: Briquet Lemos, 2006. 117-137 p.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 452 p.

LANCASTER, F.W. **The measurement and evaluations of library services**. Arlington: Information Resources Press, 1977.

LANGRIDGE, D. **Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LANGRIDGE, D. **Subject analysis**. London: Bowker-Saur, 1989.

LARA, M. L. G. de. **A representação documentária: em jogo a significação**. 1993. 133f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LARA, M.L.G. **Representação e linguagens documentárias: bases teórico-metodológicas**. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 1999 (Tese de Doutorado).

LE COADIC, Y-F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros. 1996.

LEE, J. M. E. Wyndham Hulme: a reconsideration. In: RAYWARD, W. B. (Ed.). **The variety of librarianship**. Sydney: Library Association of Australia, 1976. p.101-113.

LIMA, G. A. B. Interfaces entre a ciência da informação e a ciência cognitiva. **Ciência da Informação**, Brasília, v.32, n.1, jan./abr. 2003.

LINARES, R. La presencia cognitive en ciencia de la información y su entorno. **Ciência da Informação**, Brasília, v.33, n.1, p.33-37, jan./abr. 2004.

LOPES, C. E.; ABIB, J. A. D. (2002). Teoria da percepção no behaviorismo radical. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 18, 129-137.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: Ícone, 1990.

LUZ, A. C. de O. Como elaborar resumos - uma proposta metodológica. **Páginas a&b**, Lisboa-Portugal, n.17, p.85-97, 2006.

MACGARRY, K. **Da documentação à informação: um contexto em evolução**. Lisboa: Presença. 1984.

MCGARRY, K. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MACHLUP, F.; MANSFIELD, U. **The study of information: interdisciplinary messages**. New York: John Wiley & Sons, 1983. 743p.

MAIA, G.Z.A. Pesquisa etnográfica e estudo de caso. In: LABEGALINI, A.C.F.B. (Org.). **Pesquisa em educação: passo a passo**. Marília: Edições M3T, 2007.

MAIMONE, G. D.; SILVEIRA, N. C. Cognição humana e os Paradigmas da Ciência da Informação. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v.6, n.1, p.55-67, 2007. Disponível em: <<http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/reic/viviewarticle.php?id=62>>. Acesso em: 01 de junho de 2008.

MARTELETO, R. M. Conhecimento e sociedade: pressupostos da antropologia da informação. In: AQUINO, M.A. **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. 101-115 p.

MATURANA, H. R. **A ontologia da realidade**. Organizadores: GRACIANO, V.; MAGRO, C.; VAZ, N. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

MAYER. S. G. **Place of Subject Cataloging in Bibliographic Organization**. Bulletin of Medical Library Association. 1953 April; 41(2): 114–117.

METCALFE, J. **Subject classifying and indexing of libraries and literature**. New York: Scarecrow, 1959.

MEY, E.S.A. **Introdução à catalogação!** Brasília: Briquet de Lemos, 1995. 123p.

MIKHAILOV, A. I.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKYI, R. S. Estrutura e principais propriedades da informação científica. *In*: GOMES, H. E. (Org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980.

MIKSA, F. L. Library and information science: two paradigms. *In*: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (ed.). **Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives**. Proceedings of the International Conference held for the celebration of 20th Anniversary of the department of information studies, University of Tampere, Finland, 26-28, 1991. London: Taylor Graham, 1992. 229-252 p.

MILLER, G. A. Avery Personal History. **Conferência para o Cognitive Science Workshop**, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass., 1º jun. 1979.

MILSTEAD, J. L. Indexing for Subject Cataloguers. **Cataloging & Classification Quarterly**, v.3, n.4, p.37-43, 1983.

MIRANDA, M. L. C. A organização do conhecimento e seus paradigmas científicos: algumas questões epistemológicas. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.64-77, 1999.

MORADO NASCIMENTO. D. Abordagem sociocultural da Informação. **Informação e Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 21-34, jul./dez. 2006.

MORAES, J. B. E. de.; GUIMARÃES, J. A. C.; GUARIDO, M. D. M. Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. // Garcia Marco, F, J. (Org.). (2007). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación y en entorno digital**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007. 93-100 p.

MORIN, A.; GADOUA, G.; POTVIN, G. **Saber, ciência, ação**. São Paulo: Cortez. 2007.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2002. 16-17 p.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa, Instituto Piaget, 1991.

MOSTAFA, S. P. Ciência da informação: uma ciência, uma revista. **Ciência da Informação**, v.25, n.03, 1996 – Ponto de Vista.

MOURA, M. A.; SILVA, A. P.; AMORIM, V. R. de. A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da semiótica e da semiologia. **Informação e Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.12, n.1, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/viewFile/160/154>>. Acesso em: 15 de agosto de 2008.

MURDICK, R. G.; MUNSON, J. C. **Sistemas de información administrativa**. México: Prentice-Hall Hispano Americana, 1988. 723p.

MUSSEN, P. H.; CONGER, J. H.; KAGAN, J.; HUSTON, A. C. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Harbra, 1988.

NARDI, M. I. A. **A metáfora e a leitura como evento social**: instrumentos do pensar a Biblioteconomia do futuro. 1999. 271 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

NAVES, M. M. L. A importância de Ranganathan para organização do conhecimento. In: NAVES, M. M. L.; KURAMOTO, H. (Org). **Organização da informação**: princípios e tendências. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

NAVES, M. N. L. Estudo dos fatores interferentes no processo de análise de assunto. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.189-203, jul./dez. 2001.

NEVES, D. A. B. Ciência da Informação e cognição humana: uma abordagem do processamento da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.35, n.1, p.39-44, jan./abr. 2006.

NEVES, D. A. B. Leitura e metacognição: uma experiência em sala de aula. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.24, p.1-9, 2º sem. 2007.

NORMAN, D. Twelve issues for cognitive science. **Cognitive Science**, 4:1-32. 1980.

NOVELLINO, M. S. F. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Informação e Informação**, Londrina, v.1, n.2, p.37-45, jul./dez. 1996.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione. 1993.

OLSON, H. A.; BOOL, J. L. **Subject analysis in online catalog**. 2 ed. Englewood: Libraries Unlimited, 2001.

OPPENHEIMER, J. R. **Science and the Common Understanding**. Paris: Gallimard, 1955.

ØROM, A. Information science, historical changes and social aspects: a nordic outlook. **Jornal of Documentation**, v.56, n.1, p.12-26, jan. 2000.

ORTEGA Y GASSET. **La Rebelion de las Massas**, Madrid: Revista de Occidente. 1929.

PAIM, I. et. al. Interdisciplinaridade na ciência da informação: início de um diálogo. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v.6, n.1, p. 19-26, jan./jun.2001.

PALMADE, G. **Interdisciplinaridad e ideologias**. Madrid: Narcea. 1979.

PEREIRA, A. M. A educação continuada e sua importância na formação do profissional bibliotecário. Simpósio Internacional de Biblioteconomia “Prof. Dr. Paulo Tarcísio Mayrink” 3. Marília/SP 01-03 de setembro de 1999. In: **Anais...** Marília, Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, 1999. 185-193p.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1971.

PIAGET, J. **A epistemologia genética: sabedoria e ilusões da filosofia, problemas de psicologia genética**. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Intercência, 1983.

PIGGOTT, M. **A topography of cataloguing**. London: The Library Association, 1988.

PINHEIRO, L. V. R. Campo interdisciplinar da ciência da informação: fronteiras remotas e recentes. In: ____ (org.). **Ciência da Informação, ciências e interdisciplinaridade**. Brasília / rio de Janeiro, IBICT/DEP/DDI, 1999. 155-182p.

PINHO, F. A. **Aspectos éticos em representação do conhecimento**: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol. 123f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília. 2006.

PINTO, B. V. Indexação documentária: uma forma de representação do conhecimento registrado. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.223-234, jul./dez. 2001.

PINTO MOLINA, M. **Análisis documental**: fundamentos y procedimientos. 2. ed. rev. y aum. Madrid: EUDEMA, 1993. 270p.

PINTO MOLINA, M. Interdisciplinary approaches to the concept and practice of written text documentary content analysis (WTDCA). **Journal of Documentation**, v.50, n.2, p.111-133, 1994.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. **Seminário Internacional Interdisciplinaridade**. 2003. Disponível em: <http://www.humanismolatino.online.pt/v1/pdf/C002_11.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. Interdisciplinaridade: conceito, problema e perspectivas. In: POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. **Interdisciplinaridade**: reflexão e experiência. Lisboa: Texto, 1993. Cap.1, 8-14p.

POPPER, K. **Objective knowledge**: an evolutionary approach. London: Oxford. 1972.

RANGANATHAN, S. R. **Colon classification**. 6. ed. Bombay: Asia Publishing House, 1960.

RANGANATHAN, S. R. **Prolegomana to library classification**. Bombain, Asia Publishing House, 1967.

REED, S. K. **Cognition**: theory and applications. 3. Ed. Pacific Groce: Brooks, Cole, 1992.

RENÉ, B. - X. Dossier interdisciplinarité. Introduction. De Quoi Parlons-nous?, **Cahiers Pédagogiques**, 1985.

RESWEBER, J. P. **La pensée de Martin Heidegger**. Toulouse: Privat, 1971.

RIBEIRO, C. J. S. **Em busca da organização do conhecimento: a gestão da informação nas bases de dados da previdência social brasileira com o uso da abordagem em análise de domínio**. 2001. 118f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, IBICT, Rio de Janeiro, 2001.

ROBREDO, J. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Ed. Thesaurus, SSRR Informações, 2003.

ROBREDO, J. Indexação automática de textos: uma abordagem otimizada e simples. **Ciência da Informação**, Brasília, v.20, n.2, p.130-136, jul/dez. 1991.

ROBREDO, J. Organização dos documentos ou organização da informação: uma questão de escolha. **Datagramazero** (Rio de Janeiro), Internet, v.5, n.1, 2004.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 301p.

ROGOFF, B.; CHAVAJAY, P. What's become of research on the culture basis of cognitive development. **American Psychologist**, 50, 859-877. 1995.

ROZADOS, H. B. F. A ciência da informação em sua aproximação com as ciências cognitivas. **Em questão**, Porto Alegre, v.9, n.1, p.79-94, jan./jun. 2003.

RUBI, M. P. et al. Política del tratamiento de la información documentaria en bibliotecas universitarias: estudio diagnóstico del contexto en la perspectiva del catalogador y del usuario. In: García Marco, F. J. (Ed.). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación en l entorno digital**, IBERSID 2007. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 2008. 71-77p.

RUBI, M. P. **Política de indexação para construção de catálogos coletivos em bibliotecas universitárias**. 2008. 169f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

RUIZ PEREZ, R. **El analisis documental: bases terminológicas, conceptualización y estructura operativa.** Universidad Granada; Unesco, 1992.

RUMELHART, D. E. **Comments on Cognitive Science.** Manuscrito inédito, University of California at San Diego. 1982.

RUMELHART, D. E. **Toward an interactive model of reading.** In S. Dornic (ed.), *Attention and Performance IV.* New York, NY: Academic Press. 1977.

SALLES, J. F.; PARENTE, M. A. M. P. Processos Cognitivos na Leitura de Palavras em Crianças: Relações com Compreensão e Tempo de Leitura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2002, 15(2), 321-331p.

SAMPAIO, M. I. C. et al. PAQ – Programa de avaliação da qualidade de produtos e serviços de informação: uma experiência no SIBi/USP. **Ciência da Informação**, Brasília, v.33, n.1, p.142-148, jan./abril. 2004.

SANTOS, B. de S. **A queda do angelus novus: fragmentos de uma nova teoria da história.** *Novos Estudos: CEBRAP*, 1997.

SANTOS, B. de S. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** 3ed., Porto: Afrontamento, 1993.

SANTOS, B. de S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social; Rev. Social.** USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências.** 8. ed. Porto: Afrontamento, 1996.

SARACEVIC, T. **Ciência da informação: origem, evolução e relações.** *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.1, n.1, jan./jun. 1996.

SARACEVIC, T. Information science. **Journal of the American Society for Information Science**, v.50, n.12, p.1051-1063, 1999.

SARACEVIC, T. The concept of "relevance" in Information Science: an historical review. In: _____ (Ed.). **Introduction to Information Science.** New York: R. R. Bowker, p.111-154. 1970.

SAUPERL, A. **Subject determination during the catalog process**. Lanham: Scarecrow, 2002.

SCHANK, R. C. **Dynamic Memory Revisited**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SEARLE, J. R. **Mente, linguagem e sociedade**: filosofia no mundo real. Trad. F. Rangel. Rio de Janeiro: Rocco. 2000. 160 p.

SHERA, J.H.; EGAN, M.E. **Catálogo sistemático**: princípios básicos e utilização. Brasília: Universidade de Brasília. 1969.

SHERA, J. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, v.6, n.1, p.9-12, 1977.

SHERA, J. H. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. In: FOSKETT, D. J. (Org.). **Ciência da informação ou informática?** Tradução de Hagar Espanha Gomes. Rio de Janeiro: Calunga, 1980. 91-105 p.

SHERA, J. Toward a theory of librarianship and information science. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.87-97, 1973.

SHOHAM, S.; KEDAR, R. The subject cataloging of monographs with the use of keywords. **Cataloging & Classification Quarterly**, v.33, n.2, p.29-54, 2001.

SILVA, I. O. S.; FUJITA, M. S. L.; DAL' EVEDOVE, P. R. La relación entre archivística y ciencia de la información en la sociedad posmoderna. In: García Marco, Francisco Javier. (Org.). **IBERSID**: revista de sistemas de información y documentación. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, p.281-289. 2009.

SILVA, M. dos R. da.; FUJITA, M. S. L. A prática de indexação: análise evolutiva de tendências teóricas e metodológicas. **Transinformação**, Campinas, v.16, n.2, p.133-161, 2004.

SKINNER, B. F. **About behaviorism**. New York: Appleton-Century-Crofts. 1974.

SKINNER, B. F. **Contingencies of Reinforcement**: a theoretical analysis. New York: Appleton-Century-Crofts. 1969.

SMIT, J. W. Informação. In: _____. **Organização de arquivos: XIV curso de especialização**. São Paulo: ECA, IEB/USP. 2000.

STENGERS, I. **A invenção das ciências modernas**. Tradução de Max Altman. São Paulo: Ed. 34, 2002.

STERNBERG, R. J. **Psicologia cognitiva**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 582p.

SWALES, J. **English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TÁLAMO, M. F. G. M. ; LARA, M. G. L. ; KOBASHI, N. Y. . A contribuição da terminologia para a elaboração de linguagens documentárias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 197-200, 1992

TARGINO, M das G. Bibliotecas universitárias e especializadas de São Luís (MA). **R. Bibliotecon. Brasília**, v.16, n.1, p.19-32, jan./jun. 1988.

TAYLOR, A. G. On the subject of subjects. **The Journal of Academic Librarianship**, v.21, n.6, p.484-491, 1995.

TAYLOR, A. G. **The organization of information**. Englewood, CO: Libraries Unlimited. 1999.

UNESCO. **Tendances nouvelles de l'enseignement intégré des sciences**, Paris: Unesco, II. 1975.

UNISIST. Princípios de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.10, n.1, p. 83-94, mar. 1981.

VAN DIJK, T. A. van (ed), **Discourse As Structure and Process** (Discourse Studies : A Multidisciplinary Introduction), (2 vol.), London: Sage Ltd, 1997.

VARELA, A. V.; BARBOSA, M. L. A. Aplicação de teorias cognitivas no tratamento da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.3, n.2, p.116-128, jul-dez. 2007.

VARELA, A. V. Informação, cognição e mediação: vertentes, contextos e pretextos. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, v.1 n.1 jan./abr. 2008.

VENÂNCIO, L. S.; BORGES, M. E. N. Cognição Situada: fundamentos e relações com a Ciência da Informação. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 22, 2º sem. 2006.

VICKERY, B. C. Analysis of information: In: KENT, A., LANCOUR, H. (ED.). **Encyclopedia of library and information science**. New York: Decker, v.1, p.355-384. 1968.

VIGNAUX, G. **As Ciências Cognitivas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

VIZCAYA ALONSO, D. V. **Información: procesamiento de contenido**. Argentina: Nuevo Paradigma, 1997. 187 p.

VOGEL, M. J. M. A evolução do conceito de Linguagem Documentária: as linhas francesa e brasileira. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – VIII ENANCIB**. Salvador: 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1991.

WASSMANN, J. The final réquiem for the omniscient informant? Na interdisciplinary approach to everyday cognition. **Culture & Psychology**, v.1, p.167-201. 1995.

WEBSTER, F. Information and the idea of an information society. In: _____. **Theories of the information society**. London: Routledge, p.6-29. 1997.

WERNECK, V. R. Sobre o processo de construção do conhecimento: o papel do ensino e da pesquisa. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.51, p.173-196, abr./jun. 2006.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v.29, n.2, 1993.

WERSIG, G.; NEVELLING, U. The phenomena of interest to Information Science. **The Information Scientist**, v.9, n.4, p.127-140, 1975.

WERSIG, G.; WINDEL, G. Information Science needs a theory of “information actions”. **Social Information Studies**, v.5, p.11-23, 1985.

WHITE, H. D.; McCAIN, K. W. Visualizing a discipline: an author co-citation analysis of information science, 1972-1995. **Journal of the American Society of Information Science**, v.49, n.4, p.327-355. 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Transcrição de Protocolo Verbal em Grupo da biblioteca universitária da Universidade de São Paulo

1 Catalogador de assunto: Bom, eu não conhecia esse livro, mas por ser o primeiro contato posso dizer que é bem completo ao retratar o tratamento dos documentos. Confesso que achei o autor um pouco confuso ao tratar a indexação e a catalogação de assunto como formas diferentes, porque eu sempre considerei como a mesma atividade. Para falar a verdade eu nunca ouvi falar em catalogação de assunto, isso é novo para mim. Outro ponto é que ele aponta uma maneira distante, ao meu ver, da realidade do profissional, pelo menos eu não me preocupo com tantos detalhes, mas claro faço da maneira como aprendi na faculdade, visto que não faz muitos anos que me formei e logo comecei a trabalhar com a catalogação, na área mesmo do tratamento da informação. De um modo geral o autor lembra alguns pontos que no meu dia a dia eu não me preocupo mais, acho que é por causa da necessidade diária, porém no geral não foge muito do que agente faz aqui na biblioteca.

2 Bibliotecário dirigente: É sempre muito bom quando agente tem contato com a literatura da nossa área, apesar de trabalharmos e estarmos em contato com o que há de novo, muitos dos livros vão direto para a estante e não paramos para olhar, ler e ver o que a nossa área está publicando de novo, se mudou algo ou não. O que eu senti é que não foge muito do que a catalogadora falou, elas procuram fazer o trabalho da maneira como aprenderam, porém é inviável seguir os passos certinhos, vai muito da prática e da experiência profissional.

3 Bibliotecário de referência: Então, como eu nunca trabalhei na seção de tratamento eu não tenho muito o que falar sobre a visão do texto, mas posso dizer que é exatamente o modo como eu aprendi na faculdade. Eu me lembro que sempre tive mais interesse pelo serviço de referência, mas sempre é válido recordar as técnicas da nossa profissão.

4 Bibliotecário dirigente: Aqui na nossa biblioteca eu sempre incentivo o pessoal a estudar, se atualizar, participar dos cursos que a área oferece e muitas vezes dos que ocorrem aqui na Universidade, visto que temos os cursos aqui, temos contato com o docentes e também o contato com o material. O pessoal sempre que pode busca se aprimorar.

5 Bibliotecário de referência: Sem dúvida, a educação continuada além de trazer ao profissional a oportunidade de se qualificar para a função que exerce e de ampliar o conhecimento, faz com que o mesmo reflita e pondere mais sobre o modo como atua e contribui para a sociedade.

6 Catalogador de assunto: Sempre eu participo de cursos, acho que todo conhecimento adquirido é válido e ajuda, mas eu sinto falta de cursos mais direcionados para a minha função em especial, porque sempre os cursos retratam os campos do Marc 21 e não focam mais por exemplo às etapas da indexação. Eu falo isso porque mesmo sendo feita de maneira quase que automática, a atribuição de assunto dentro da catalogação, eu vejo que é algo que acaba ficando muito superficial. Na faculdade eu tive disciplinas específicas para cada etapa do processamento técnico, mas hoje o sistema obriga o profissional a fazer tudo junto. Sei lá, parece que quanto mais agente busca agilizar para que a informação seja recuperada de maneira mais rápida pelo usuário, pior fica, ou seja, a qualidade mesmo do trabalho. Acho que tudo isso é reflexo do avanço tecnológico, da velocidade com que o mundo precisa de informações novas a cada momento.

7 Bibliotecário de referência: Tudo hoje está muito mais dinâmico e acaba de certo modo fazendo com que a nossa profissão se modifique. Isso acarreta a necessidade de uma postura diferente por parte do profissional da informação, mas agente percebe que muitos não conseguem acompanhar, talvez não apenas por causa da passividade em adquirir novos conhecimentos e se qualificar, mas porque também os cursos não são de qualidade.

8 Catalogador de assunto: Eu particularmente achei muito interessante quando o texto lembra que o trabalho do pessoal do tratamento técnico é subjetivo no momento da atribuição dos termos, porque não é algo só mecânico, por isso é importante buscarmos conhecer os termos novos por meio de cursos, de uma qualificação de qualidade como o bibliotecário de referência disse. Apesar de achar que deveria haver um profissional, no caso o catalogador, para cada área que a biblioteca trabalhasse. Eu digo isso porque no momento de ler e retirar

os termos é muito mais fácil quando há um conhecimento prévio do campo de assunto, ou seja, da área mesmo do material que está sendo tratado.

9 Bibliotecário de referência: Ah sim, isso certamente teria um ganho na qualidade da informação quanto da atuação do profissional que estaria mais seguro, se aprofundaria cada vez mais em uma determinada área e repercutiria diretamente nos demais serviços, principalmente no setor de referência, porque agente sabe que uma catalogação mau feita é prejuízo de tempo, de trabalho e de dinheiro, fora que o material fica mofando na estante.

10 Catalogador de assunto: Uma coisa que eu percebo é que a nossa área se preocupa muito com as tecnologias e deixa de pensar nas necessidades que a biblioteca e os profissionais precisam de fato no dia a dia. Eu vejo poucos estudos direcionados para apontar que seria um ganho o catalogador se especializar de fato em uma área específica. Talvez essa seja uma necessidade bem pouco observada pela literatura.

11 Bibliotecário dirigente: Certamente seria um ganho enorme, mas infelizmente a realidade é bem diferente. Eu falo isso porque agente sabe que a realidade de cada biblioteca é diferente, então não é algo fácil implantar essa idéia da especialização do catalogador por falta mesmo de recursos humanos. Daí o mesmo profissional tem que tratar de itens de várias áreas de assunto, com termos específicos. Isso faz com que o profissional perca tempo procurando na internet, nos dicionários de terminologia, ou mesmo conversando com os professores, claro, isso quando a universidade oferece o curso.

12 Catalogador de assunto: É, agente tem que se adaptar com o que a biblioteca oferece para nós. Apesar de ser excelente trabalhar aqui, porque essa é a melhor de todas as bibliotecas que eu trabalhei, eu sinto falta talvez de um grupo maior para realizar o tratamento técnico e ai quem sabe poderíamos até pensar nessa divisão por áreas do conhecimento. Eu uma vez, ano passado, fiz um curso com o pessoal de terminologia aqui da faculdade e nossa, foi um ganho, porque eu passei a conhecer muitos termos novos. Um outra coisa interessante é que agente do tratamento técnico faz mensalmente um bate papo, uma reunião para verificar como está sendo o trabalho, quais são as dificuldades, enfim para ver mesmo os pontos que podemos melhorar. Agente sempre tentou ampliar essa participação com o pessoal da referência, porque eles estão diretamente com o público e sabem os pontos fracos e fortes, mas infelizmente até o mês passado isso não era possível, mas agora a antiga bibliotecária de referência se aposentou e agora com o novo estamos animadas.

13 Bibliotecário dirigente: Essa conversa é muito rica, eu sempre parabenizo o pessoal por fazer isso, essa preocupação deve ocorrer.

14 Catalogador de assunto: Então, mas eu acho que o pessoal da referência deve contribui mais. Agora com o novo bibliotecário de referência vamos lutar para que ocorra essa troca de experiência com mais frequência. Eu falo isso porque a antiga bibliotecária de referência era muito ultrapassada, estava no campo há mais de trinta anos e não aceitava muito bem essas idéias do pessoal mais novo, mas agora agente vai fazer sim, até porque é necessário e quem sabe até podemos convidar o usuário, porque ele pouco participa.

15 Bibliotecário dirigente: O pessoal mais antigo da biblioteca fala que antigamente o usuário se preocupava mais com a biblioteca, era mais ativo. Agora com a internet isso mudou e a cada novo ano a frequência diminuiu e conseqüentemente o interesse em verificar o processo, conversar com os profissionais, expor seu ponto de vista, contribuir, criticar, enfim, se fazer valer, porque afinal estamos aqui para servi-lo.

16 Bibliotecário de referência: Eu percebo um desinteresse total por parte do usuário. Como agente sabe tem aluno que passa os quatro, cinco anos sem pisar na biblioteca. Agora com relação a nossa conversa entre setores isso é importantíssimo, pois não tem como setores trabalharem isolados, isso claro quando são profissionais que se preocupam com o produto final, ou seja, se a informação será recuperada, se transformará o usuário de maneira positiva.

17 Bibliotecário dirigente: Acho que é esse tipo de pensamento que deve prevalecer, porque cada um pode contribuir, uma vez que tem uma visão micro do seu setor e juntando todas as visões agente consegue observar o todo e verificar com mais profundidade as reais necessidades da biblioteca.

18 Catalogador de assunto: Eu sempre apoiei, participei, mas o pessoal mais antigo do serviço de referência nunca demonstrou interesse, por mais que as meninas convidassem, falassem da importância. Eu vejo que essa nova geração de profissionais está com uma postura bem diferente da minha época, hoje o pessoal se preocupa

em buscar formas variadas de ter essa troca de conhecimentos e experiências, de ver mesmo se o seu trabalho está sendo proveitoso, tem essa preocupação com relação ao respaldo.

19 Bibliotecário de referência: Não só isso, tem também a preocupação com o social, de ver até que ponto o trabalho que você realiza vai em algum momento contribuir para uma transformação social, o crescimento da sociedade, essas coisas.

20 Catalogador de assunto: Claro, porque assim, esse grupo que agente busca estruturar há mais de um ano irá contribuir também para o nosso vocabulário controlado, porque aqui na nossa biblioteca tem uma divisão do pessoal do tratamento técnico em três modalidades de suportes, os imagéticos, as publicações seriadas e os demais, então apesar de usarmos o mesmo vocabulário, cada material tem a sua especificidade e isso deve ser melhor estudado, observado aqui por nós, porque a preocupação é de se fazer algo que atenda as necessidades reais da nossa biblioteca.

21 Bibliotecário dirigente: Sem dúvidas deve haver sim um comprometimento maior com cada material, pois cada um merece um cuidado especial e é isso que agente busca enfatizar.

22 Catalogador de assunto: Então, essa questão é um pouco delicada ao meu ver, porque o autor ele coloca como sendo processos diferentes acoplados dentro do que ele denomina tratamento temático, mas eu entendo que o tratamento temático é uma coisa só, indexar o documento e classificá-lo. Indexar pensando no usuário, ou seja, retirar termos de busca visando facilitar a recuperação do documento e a classificação serve para localizar o documento no acervo da biblioteca. Claro, tudo isso dentro do processo da catalogação. Então para mim não são coisas distintas, porque agente faz tudo junto e é dessa forma que eu entendo.

23 Bibliotecário de referência: É, apesar de não atuar nesse setor eu aprendi nos meus anos da faculdade que o tratamento temático está voltado a questão do assunto do documento, ou seja, algo mais intelectual que envolve a leitura e a retirada dos termos que representem o documento, seja pela visão colocado pelo autor ou para atender mais o público da biblioteca.

24 Catalogador de assunto: Então, mas ocorre que não dá mais para tratar o documento em três momentos distintos, onde o primeiro é classificar, o segundo catalogar, descrever o documento voltado para a sua parte mais física e por fim fazer a indexação. Isso porque o sistema informatizado vai pedindo que você atribua os campos em um único momento, então já realiza tudo junto e isso facilita o trabalho porque o profissional ganha tempo.

25 Bibliotecário de referência: Mas e a questão da subjetividade que o autor coloca, ela não se torna mais agravante. Veja, eu digo isso porque a literatura coloca uma maneira que já contribui para que nenhum dos processos fique prejudicado, então por vocês fazerem tudo junto eu acho que fica um pouco complicado essa questão.

26 Catalogador de assunto: Mas então, a subjetividade da indexação sempre foi um problema, ter que atribuir três, quatro, no máximo seis termos que atendam todo o documento. Para as monografias agente segue um manual de indexação que aponta a melhor maneira, que ajuda nessa questão. Então agente percebe que ajuda para que os profissionais atribuam os termos. É claro que nunca uma indexação será igual à outra, mas pode ser mais aproximada quando existe um apóio, um direcionamento que faz com que o trabalho deixa de ser mais voltado para os termos que o profissional acha correto, o que eles julgam mais relevantes. Então esse momento se torna algo mais voltado para o usuário, agente começa a executar esse processo de modo mais parecido, devido ao direcionamento que o manual oferece. Eu vejo mais como um apóio a normalização, é claro que não vai ficar idêntico, mas a ideia é que a indexação fique mais uniforme.

27 Bibliotecário dirigente: Essa questão do tratamento é bem complicada, eu falo isso porque quando eu comecei minha carreira há mais ou menos uns 20 anos atrás não havia a tecnologia tão presente, então cada profissional fazia uma etapa do tratamento técnico. Hoje o profissional ele se tornou mais ágil com o apóio da tecnologia e o mesmo profissional passou a fazer três operações num mesmo momento. Eu não consigo ver uma negatividade muito gritante devido a isso. É claro que tem seus problemas, mas eu acredito que melhorou muito.

28 Catalogador de assunto: Assim, o processo eu acho que ele é o mesmo da teoria, a única diferença é que agente faz tudo junto. Veja, eu pego o documento, leio, normalmente olho as partes chaves como o sumário, folha de rosto, introdução para fazer a indexação. Sempre agente pesquisa na base para ver se tem algum outro documento daquele autor para ver a linha de pesquisa dele e se não for esclarecedora a leitura das partes para

identificar o assunto do livro agente vai para outras bases, busca respostas no caso da material, o assunto do material não ser conhecido ou por se tratar de algo muito complexo. Tudo isso agente faz para ver qual é a entrada do assunto, outra coisa legal de se falar é que agente sempre conversa entre nós do setor para tirar dúvidas, trocar mesmo experiências porque às vezes um colega já tratou desse assunto e pode esclarecer as minhas dúvidas e vice versa. Então assim, é muito rica essa nossa troca, sempre contribui e enriquece o tratamento. Porque assim, aqui na nossa biblioteca agente trabalha com duas bases de dados, uma geral da universidade e a outra específica para nossa biblioteca. Então quando eu vou duplicar eu tenho que indexar de acordo com o vocabulário da universidade, para abranger o público geral. Assim, só para ficar claro, agente trabalha com uma base própria porque a geral não atende as nossas necessidades.

29 Bibliotecário de referência: É, o que agente percebe é que o uso de uma base específica para o nosso usuário contribui muito, porque ela consegue atender as necessidades informacionais dele.

30 Bibliotecário dirigente: É complicado agente trabalhar em uma biblioteca universitária, porque queira ou não estamos submetidos à organização maior que é a universidade, então é uma burocracia tremenda agente inserir termos no vocabulário geral.

31 Catalogador de assunto: Acho que por mais que haja uma preocupação da universidade, agente sabe que é algo demorado, muitas vezes até desgastante realizar atualizações no vocabulário controlado, o que acaba prejudicando e muito a recuperação do material, infelizmente, porque o trabalho todo, de todos os profissionais é perdido, por mais que agente se esforce, a partir do instante em que a linguagem é desatualizada e não atende mais as necessidades do público específico da biblioteca. Foi como falamos, o usuário pouco participa, então o bibliotecário de referência se torna fundamental para agente do serviço técnico ter uma noção do que o usuário precisa.

32 Bibliotecário dirigente: O que eu percebo é que a postura do usuário precisa mudar, ele não se interessa, mas talvez isso poderia mudar se da biblioteca partisse esse convite, chamá-lo mesmo para participar dessa comissão, para mostrar a biblioteca suas necessidades enquanto usuário. O usuário em anos anterior era muito mais participativo.

33 Bibliotecário de referência: Não só o usuário precisa mudar a sua postura, mas principalmente o profissional, porque para mim todos, independente do setor, devemos ser mais reflexivos, pensarmos mesmo no nosso agir diário, no que estamos fazendo, até que ponto agente se preocupa em colocar em prática o nosso conhecimento adquirido durante a formação acadêmica, a nossa formação posterior realizada por meio de cursos, eventos, leitura, discussões, trocas profissionais, para vermos até que ponto nós estamos agindo em prol do usuário, qual é o nosso objetivo profissional, o ganho da nossa profissão para a sociedade, enfim, são algumas indagações que eu verifico que estão apáticas, não tem uma preocupação ativa.

34 Catalogador de assunto: Certamente nós profissionais precisamos constantemente nos policiarmos, revisar o que a teoria aponta como sendo o mais viável, até que ponto o ambiente da biblioteca interfere no nosso trabalho, como melhorar os nossos serviços, os produtos que oferecemos. Essas são coisas que muitas vezes ficam esquecidas, mas que são extremamente relevantes. Para mim um outro ponto bem importante é com relação à reflexão pessoal de cada profissional, a preocupação em continuar se especializando, não deixar cair numa rotina e num agir técnico.

35 Bibliotecário dirigente: Sobre esse ponto que vocês levantaram é importante falar que hoje em dia, por mais que o profissional, independente do setor de atuação busque essa reflexão, adquirir novos conhecimentos, uma coisa nítida é que a biblioteca em si não é mais tão admirada, tão respeitada como era alguns anos atrás. Hoje agente vê que o avanço tecnológico fez com que a biblioteca entrasse no esquecimento, e isso vai nos desmotivando.

36 Catalogador de assunto: Agente sabe da importância de sempre se aperfeiçoar, eu digo isso porque a teoria contribui para que a minha prática seja mais condizente. Infelizmente agente sabe que é inviável agente seguir todos os passos, o que a teoria coloca como a melhor opção, mas eu jamais quero abandonar os meus conhecimentos acadêmicos, apesar de achar que no meu dia a dia aprendo sempre também. Mas assim, a minha atuação profissional está muito mais voltada para o que eu aprendo no meu trabalho diário do que na teoria, porque muitas coisas são distintas, quero dizer, não tem como aplicar a teoria apenas, porque a minha realidade é bem diferente e exige uma postura diferente, um pensar e agir diferente. O ambiente dessa biblioteca favorece que eu aplique a teoria, muitas das coisas que eu aprendi, porque tem um apoio, uma preocupação com o profissional, com o corpo humano mesmo. Isso é muito gratificante.

37 Bibliotecário dirigente: Esse comprometimento tem que ter, eu acho que se o profissional não for valorizado certamente o resultado final não será de qualidade, não terá uma respeitabilidade por parte do usuário.

38 Catalogador de assunto: em outras bibliotecas que eu trabalhei eu muitas vezes cheguei a pensar que a teoria do tratamento técnico não valia de nada, porque tudo o que eu aprendi não tinha condições de aplicar devido a biblioteca não dar o suporte necessário, mas agora percebo o quanto seguir, na medida do possível, a teoria é um ganho incrível para mim enquanto bibliotecário que trabalho com o processamento técnico de materiais. Não é uma tarefa fácil atribuir assuntos, mas com o respaldo teórico e o apoio dos manuais da instituição se torna algo prazeroso, porque você sente que terá um resultado positivo lá na frente, ou seja, que o usuário irá recuperar a informação desejada.

39 Bibliotecário dirigente: O que agente percebe é que muitas vezes o profissional ligado ao tratamento técnico não observa muito a teoria porque com o passar dos anos a realização do processo começa a ser algo mais natural.

40 Catalogador de assunto: Algo muito interessante de se falar é que por mais que agente conheça a literatura, o dia a dia exige uma postura diferente, sei lá, um agir mais visando às necessidades da biblioteca e aí tudo começa a ser mais natural mesmo, como o bibliotecário dirigente falou. Mas, por mais que agente saiba que deve-se seguir a literatura, se preocupar mesmo com a forma dita correta de se catalogar, pelo menos a minha prática não é tão certinha, digo, conforme os apontamentos da literatura.

41 Bibliotecário dirigente: A questão da política que o autor levantou no texto é algo que contribui, no meu entendimento, para que a literatura seja mais presente e aí o profissional estará sempre em contato com as diretrizes, com o modo mais preciso de se tratar o documento.

42 Catalogador de assunto: Infelizmente a política fica em segundo plano, porque quando eu entrei aqui, por exemplo, eu li todos os manuais, mas o meu contato com esses materiais foi apenas na primeira semana e depois é algo que fica esquecido. Talvez a biblioteca deveria criar algo mais atual, mais específico com a realidade em que trabalhamos, porque isso certamente faria com que os profissionais do tratamento técnico se sentissem mais seguros em realizar o processo, porque teriam um respaldo condizente com a realidade da biblioteca.

43 Bibliotecário de referência: O que eu percebo é que esse tipo de material fica muito distante do profissional, e daí no dia a dia as ações profissionais acabam sendo voltadas para a prática, ao conhecimento adquirido a partir das experiências e vivências enquanto profissional. Isso faz com que a literatura fique distante, mas é claro que isso vai variar de profissional para profissional. Eu acho importante que as normas, os procedimentos e diretrizes estejam mais próximos do profissional, não apenas em deixá-los em cima da mesa, mas que o conteúdo em si seja mais atual e voltado para a biblioteca.

44 Catalogador de assunto: Sim, por ser um trabalho não apenas técnico, mas intelectual é importante que essas políticas direcionadas ao tratamento do documento abrangem desde os campos, as etapas da atribuição dos assuntos, mas também a biblioteca, sei lá, retratar pontos como a cultura, o foco, o público, coisas que fazem parte da biblioteca e que influenciam no trabalho, seja antes, durante ou depois do tratamento técnico, quando por exemplo o usuário busca o documento e não encontra a informação desejada.

45 Bibliotecário dirigente: Se agente for ver bem, tantas coisas que estão ao nosso redor e que ajudam ou prejudicam o resultado final e que por isso devem ser observadas. A política é uma dessas tantas coisas que se não for bem elaborada perde sua eficácia.

46 Bibliotecário de referência: Sei lá, parando para pensar agora com esses pontos que estamos discutindo fica mais evidente a necessidade de realizarmos essas trocas entre os profissionais de diferentes setores, porque cada um pode contribuir de algum modo, pode acrescentar e melhorar a biblioteca num todo.

APÊNDICE B - Transcrição de Protocolo Verbal em Grupo da biblioteca universitária da UNESP - Campus de Araraquara

1 Catalogador de assunto: então, o que agente percebe com relação à teoria é que não tem muita diferença em nossa prática. O que acontece é que, a realidade é bem assim, agente faz a leitura técnica do material, porém não temos muito tempo para realizar o trabalho que é muito e constante, então, agente sabe que aquilo que aprendemos na faculdade é o correto, mas a prática exige comportamentos diferenciados para que a qualidade seja alcançada. É, agente sabe que tem que olhar todas as partes importantes do material como, por exemplo, o sumário, a contra-capas, a orelha, a introdução, enfim, todos os capítulos e demais partes compostas. Porém, muitas das vezes, ou melhor, todas às vezes a gente faz a leitura automática tendo em vista o montante de material que diariamente deve ser tratado para que a excelência da biblioteca seja preservada frente aos usuários e a comunidade local.

2 Bibliotecária de referência: uma coisa que eu achei bem interessante no texto, o que mais me chama a atenção é quando ele fala da subjetividade existente na prática de tratar tematicamente o documento. Por que um mesmo indexador pode vir a gerar um resultado diferente do mesmo material e isso é bem mais agravante quando um mesmo documento é tratado por dois ou mais profissionais.

3 Bibliotecário dirigente: sobre essa questão o que eu particularmente percebo é que em determinadas instituições que mais de uma pessoa realiza o tratamento do documento existem muitas discrepâncias nos resultados, o que gera uma certa desconfiança ao importarmos esse item catalográfico, talvez esse agravante possa ser superado quando a própria instituição dá preferência por realizar o tratamento, mesmo que o documento já esteja catalogado em algum outro lugar. Isso de haver certo receio, pelo menos da minha parte por estar à frente da instituição e privar pelo acesso e difusão informacional, esteja no fato de que não há um nível de padronização real para a realização da técnica na prática, porque os profissionais não seguem minuciosamente a teoria, por melhor que ela seja. Então, penso eu, talvez seja necessário, para garantir mesmo essa tão almejada troca por meio da cooperação entre instituições um instrumento ou mesmo uma normalização que poderia ser utilizada como norte, um parâmetro para que venha a ter um nível de qualidade comum a todas elas.

4 Catalogador de assunto: é complicado essa história da subjetividade, porque inevitavelmente se hoje eu classifico um documento em determinado lugar amanhã isso pode ser alterado pela necessidade da comunidade que eu atendo, do avanço científico e interdisciplinaridade entre os conhecimentos, e também por causa da alteração ocorrida em mim enquanto profissional, ou seja, no decorrer da minha vida eu vou aprendendo coisas novas e isso certamente vai me influenciar no momento de catalogar, indexador e até mesmo classificar um documento, porque o ato de definir o assunto do documento é o que mais desafia o profissional no seu dia a dia. Então por ser trabalhoso o ato de classificar, muitas vezes agente se respalda no assunto que ficou definido pela classificação mesmo. Assim, o assunto é algo por si só subjetivo, pois pode variar de pessoa para pessoa e de instituição para instituição, isso é algo lógico. Porém, o que deve ser considerado é que eu enquanto profissional também mudo constantemente e por isso não dá para ter nenhum tipo de segurança com relação à qualidade do tratamento do documento, principalmente no que diz respeito ao ato de indexar como a literatura trabalha.

5 Bibliotecário de referência: mas então, isso é que prejudica a disseminação da informação, porque o profissional, claro, vai ter várias maneiras de ver um documento, isso é inevitável, só que mesmo sabendo disso ele muitas vezes não busca na literatura um direcionamento para que essas nuances não ocorram, ou ocorram bem menos. Eu falo isso porque eu sei e reconheço o quanto é subjetivo o ato de você retirar conceitos que venham a responder por um documento inteiro, só que eu também sei que se isso não for realizado e maneira consciente, sabendo que vai repercutir no momento da busca, certamente vai ser em vão realizar o processamento técnico, porque o documento será mais um a compor o acervo e dificilmente vai responder as necessidades dos usuários.

6 Catalogador de assunto: sabe o que eu acho, que a falta muitas vezes do domínio de um conhecimento prejudica muito o nosso trabalho, porque, se houvesse sei lá talvez um profissional para cada área de assunto, nossa, que ganho teríamos. Eu vejo que a demanda, o usuário mesmo seria o maior beneficiário mesmo que não houvesse essa especialização, mas se pelo menos tivéssemos algo mais específico, um norte mesmo para realizarmos o trabalho de tratar o documento tendo em vista a prática, uma vez que a teoria é muito linda e correta, mas apenas para quem não entende da dificuldade que enfrentamos diariamente para que o produto seja realmente algo de qualidade.

7 Bibliotecário dirigente: sobre isto, assim, eu acho que tudo aquilo que é realizado necessariamente deve ser voltado para a demanda, mas nem sempre isso é viável.

8 Catalogador de assunto: assim, além de ter essa subjetividade, a minha bagagem de leitura não é a mesma dos demais profissionais. Então, a qualidade de um documento também vai depender do conhecimento do profissional, o qual pode vir a realizar o processo com muito mais rapidez e qualidade do que eu, caso o meu conhecimento seja menor e não tão específico em um determinado assunto do que os demais. Então essa qualidade é muito relativa, mesmo que tenhamos consciência de que tudo o que fazemos deve ser direcionado para o usuário. É claro que assim, com o tempo, agente acaba adquirindo novos conhecimentos e a ter uma segurança maior de realizar o tratamento de um assunto muito complexo, pela experiência advinda da prática, e não apenas do conteúdo teórico. Eu falo isso porque para mim a literatura ainda apresenta muitas lacunas, ela não está preocupada com o que acontece dentro das paredes da biblioteca universitária, ela apenas quer que os alunos saiam da graduação achando tudo muito lindo e maravilhoso, só que quando chega na prática pouco se aproveita, mesmo considerando que são por meio dos princípios da teoria que o trabalho, que o processo de tratar o documento vai ser correto né, vai garantir um resultado melhor. Por isso que a bagagem do leitor é muito importante.

9 Bibliotecário de referência: é, sem dúvida poderia haver coisas voltadas para a prática, sobre isso agente da referência também sente muita falta.

10 Catalogador de assunto: sabe o que eu percebi quando eu estava lendo, que a literatura entende o tratamento temático em dois momentos né, o que chama de indexação e catalogação de assunto, só que isso é muito complicado. Quando eu comecei a ler eu pensei sobre isso principalmente porque agente trabalha com sistema automatizado, então automaticamente a hora em que você classifica o livro você já faz a catalogação, porque você gera um item no sistema, então é difícil separar os dois né. Normalmente você não vai classificar e depois catalogar, o que aqui pra nós é o mesmo momento da indexação, uma vez que no momento em que agente trata a parte física do documento, retira os dados para que o documento seja encontrado, localizado na estante, agente já atribui os conceitos para que ele seja encontrado por meio do assunto que ele aborda, então agente já faz a indexação como a literatura apresenta, só que não em dois momentos separados, acaba sendo junto. Então desde o momento em que a gente classifica para gerar a etiqueta, automaticamente agente já realiza a catalogação e a indexação, o que para nós é a catalogação de assunto mesmo. Hoje em dia não é mais viável realizar a indexação automática dos documentos para depois catalogá-lo no sistema, porque um já remete ao outro pelo próprio sistema, o que na minha opinião é o mais prático, porém é claro, não é o mais perfeito para se realizar, porque lacunas vão sempre existir.

11 Bibliotecário dirigente: é isso daí é algo muito próprio do ambiente organizacional da biblioteca universitária, porque é algo que exige que seja feito dessa maneira. Sabe o que eu acho, que é nisso que a biblioteca universitária peca, esse anseio em disseminar a informação nessa ambiência de universidade, de sistema educacional, tudo tem que ser muito dinâmico, mas talvez se o tratamento fosse feito como em sistemas especializados, voltados para apenas um grupo, essa falha não existiria e a indexação seria viável. Porque particularmente a catalogação de assunto tem seus benefícios como eu já falei, mas ela peca por não ter aquele tempo entre o livro e o profissional, tão necessário para a realização da leitura técnica de maneira cautelosa e até mesmo prazerosa.

12 Catalogador de assunto: sabe, sobre a questão do assunto que agente tava discutindo, o que eu percebo que na própria área não tem muito claro o que seria esse assunto contido no documento, essa imprecisão acaba respaldando na prática profissional. Mas para mim que realizo diariamente esse trabalho, eu vejo que o fato do tratamento não ser separado né, ocorrer no mesmo momento acaba sendo uma vantagem. Eu falo isso porque quando eu classifico o documento eu já tenho em mente do assunto que ele trata e quando eu vou catalogá-lo no sistema isso é muito mais rápido e fácil, a leitura passa a ser algo menos impreciso devido a essa minha noção do assunto maior, e depois eu só vou confirmar e especificar.

13 Bibliotecário de referência: uma coisa interessante e que deve ser enfatizada nessa conversa é que por mais que na classificação o assunto esteja na classe X, eu tenho que pensar se ao eu colocar o documento naquela classe o meu usuário vai ter condições de recuperá-lo.

14 Catalogador de assunto: claro, quando eu já estou classificando eu penso nisso, muitas vezes eu vejo que mesmo que o documento fale sobre sei lá, história do Brasil e enfatize a questão do racismo, vamos supor. Então, eu tenho que aqui para a minha instituição colocá-lo visível para o meu usuário que estuda essa mesma questão do racismo só que do lado sociológico. Então agente busca colocar o documento o mais próximo da realidade do

usuário. Então, eu procuro mostrar esse outro lado do assunto do documento, porque isso é importante para que o documento seja recuperado e não vire peça de museu na biblioteca, e isso é algo que agente não vê na literatura. E outra, o fato de para em nossa prática não haver muita distinção entre a indexação e a catalogação de assunto, considerarmos praticamente a mesma coisa, ambas como sendo uma mesma atividade, isso sem dúvida acaba sendo um ganho para que o usuário esteja a frente sempre.

15 Bibliotecário de referência: isso é muito legal, porque um dos erros que eu vejo que o usuário sempre comete quando vai buscar um documento é utilizar termos fechados, e não é assim que deve ser. Por mais que agente busque treinar, ensinar, enfim, ele sempre acaba realizando a busca de modo pouco eficaz.

16 Catalogador de assunto: eu concordo, e por isso que quando eu vou catalogar o documento eu procuro pensar como o usuário, ou seja, eu busco fazer da maneira que chegue mais próxima dele. Então, agente percebe que por mais que realize os treinamentos do modo como procurar os documentos, na prática ele não exerce. Sabe, o uso de palavras certas palavras pelo usuário limita a sua busca e por mais que agente se preocupe em realizar o trabalho visando o modo como ele busca né, assim, tentar atrelar a nossa estratégia de pensamento, de tratamento com a estratégia de busca dele ainda assim não tem muitos resultados positivos devido essa negligência mesmo de não fazer a busca da maneira correta.

17 Bibliotecário dirigente: é, a biblioteca sempre investe nesse tipo de trabalho, mas eles não se preocupam muito com isso, porque sabem que a bibliotecária de referência vai acabar levando até eles o documento que eles desejam.

18 Catalogador de assunto: agente percebe que o problema maior de tudo é exatamente esse, eu faço de um jeito e o usuário acaba indo na contramão de todo esforço realizado para que os termos mais apropriados fossem colocados no sistema para benefício dele.

19 Bibliotecário dirigente: por mais que o usuário esteja em primeiro lugar, é triste ver que para ele isso pouco importa, que o nosso trabalho maior é dar na mão dele o que ele quer sem ele ter uma consciência do esforço que é despendido todos os dias para todos os documentos.

20 Catalogador de assunto: Para todos os documentos tenho que realizar as etapas do tratamento né, o processamento do material. Só que infelizmente agente não faz como na prática, não seguido as etapas de análise, seleção, tradução na sequencia e mesmo na íntegra. Inicialmente, agente pega o documento e vai analisá-lo, muitas vezes o que acontece, como agente trabalha com catálogo cooperativo, então a primeira providencia é ver se os conceitos colocados ali estão de acordo com o Bibliodata né, se são autorizados ou não. Porque eu estou falando isso, porque no começo eu achava que por ter já sido catalogado, por estar numa rede compartilhada, por estarem dispostos no campo 650 do Marc21 esses conceitos estavam corretos, havia uma credibilidade vamos dizer, mas com o tempo você passa a ser mais criteriosa e ai acontece o que, eu vou ver se os assuntos estão representados de maneira correta. Agora, quando o documento nunca foi catalogado, o procedimento é quase o mesmo, só que ai agente parte para a leitura do documento, principalmente redobrando a atenção para o título e o sumário, utiliza o Bibliodata como sendo o único instrumento mesmo no momento da tradução, porque agente não tem outro parâmetro.

21 Bibliotecário dirigente: uma outra questão complicada é quando o documento, o assunto do documento está em outra língua, normalmente por termos curso de Letras, o catalogador acaba recorrendo aos professores especializados em línguas como o latim e o alemão para poder retirar o assunto do documento, o assunto principal.

22 Catalogador de assunto: sem dúvida, agente busca todas as possibilidades que estão ao nosso alcance para analisar o assunto do documento, para que não a nossa seleção dos conceitos não seja muito reducionista. Então, veja, agente não segue ao pé da letra o que é preconizado pela teoria, agente acaba indo de encontro com o nosso conhecimento tácito mesmo e tentando atender de maneira satisfatória as necessidades dos usuários. E assim, uma coisa interessante de usar o Bibliodata é que quando você pesquisa um assunto, você acaba encontrando outros termos relacionados e isso é um ganho porque traz novas possibilidades de perceber o assunto do documento, olhar como o autor no momento da produção pensou e como o usuário necessita olhar para esse documento hoje. Então, esse é o nosso maior, ou melhor, único instrumento utilizado mesmo.

21 Bibliotecário dirigente: e assim, o Bibliodata acaba trazendo novas possibilidades que estavam obscuras para o catalogador até aquele momento.

22 Catalogador de assunto: sabe, de tudo o que estamos falando, uma coisa importante que deve ser ressaltada é que a biblioteca, na prática mesmo da catalogação ou como a teoria diz do tratamento temático agente não utiliza na nossa biblioteca nenhum manual de serviço, o que é uma pena. Como eu já falei, na prática não segue-se essas etapas do processo e pouco se preocupa com essa padronização do processo mesmo para buscar um nível de qualidade né dos resultados. Isso porque, a partir do momento em que você acha os 3 ou 5 assuntos que melhor representem o documento você enquanto profissional passa a ver a leitura técnica, aquela mais profunda de olhar todas as partes textuais, aquelas mais relevantes que a teoria traz, como sendo algo sem muita necessidade. Ocorre mesmo que a análise toda é bem superficial e sem grandes aprofundamentos mesmo.

23 Bibliotecário de referência: é só que tem que se pensar que talvez o fato dessas etapas não serem cumpridas na prática, no cotidiano da atuação do profissional responsável, certamente influencia de maneira negativa para a recuperação do usuário. Eu posso falar isso com certa propriedade porque eu vejo isso diariamente acontecendo, não que eu esteja aqui criticando nem julgando o trabalho do processamento técnico, mas talvez esse ponto que estamos discutindo agora seja algo a se pensar, para que o usuário seja o ganhador maior de tudo isso.

24 Catalogador de assunto: veja bem, a teoria como eu já falei é muito linda, perfeita, mas na prática agente sente falta de algo mais talvez preciso, algo que dependa de menos tempo para ser realizado, porque torna-se impossível realizar todas essas etapas com uma pilha de documentos esperando. Isso porque quando agente já ta classificando os assuntos já estão praticamente todos ali, então é praticamente um consenso entre os catalogadores que aqueles assuntos né, que essa maneira de retirar os assuntos do documento é algo que vai conseguir cumprir com o objetivo.

25 Bibliotecário de referência: sabe, um dos maiores erros que eu sei que existe, devido ao pouco tempo que agente tem para realizar tudo que a biblioteca necessita é a questão do estudo de usuário. O único estudo que agente faz é para ver coisas mais administrativas mesmo, e certamente se tivesse um estudo de usuário mais focado no momento da recuperação da informação né, do documento no sistema isso poderia ser um ganho, porque seria um norte mesmo para os catalogadores atribuírem o assunto sabendo quais termos são os mais procurados pelo usuário.

26 Catalogador de assunto: é que nem, agente nunca parou para fazer esse estudo de usuário, eu penso também que isso seria um ganho para nós no dia a dia do processo, porque não ficaria apenas no que agente julga ser melhor para o usuário, mas o foco passaria a ser efetivamente no usuário né, na sua necessidade. Para mim isso é um dos maiores erros da nossa biblioteca.

27 Bibliotecário dirigente: então, agente muitas vezes tenta iniciar esses estudos mais direcionados para cada setor né, mas nunca vai adiante pelo pouco tempo que agente tem mesmo, mas eu concordo que isso é extremamente necessário, só que muitas vezes não é viável pelo tanto de trabalho que todos os dias aparece.

28 Catalogador de assunto: é, esse tipo de estudo voltado pela demanda é importante, mas voltado para o nosso catálogo né, o catalogo da biblioteca nunca teve um estudo assim, talvez porque aqui na nossa biblioteca a demanda do usuário é por autor e título, eles poucas vezes buscam mesmo pelo assunto do documento.

29 Bibliotecário dirigente: isso é o mais comum.

30 Bibliotecário de referência: verdade, agente percebe claramente que o usuário pouco utiliza o sistema para recuperar o documento pelo assunto, fazer a busca mesmo. O que acontece, ele chega na biblioteca e vai direto na estante, ai ele encontra o documento e ao lado verifica novos que poderão dar conta da sua necessidade. Porém, os poucos que utilizam mesmo o catálogo eles até conhecem, mas sempre recorrem a mim para estar realizando essa busca para eles.

31 Catalogador de assunto: é bem por ai, ele simplesmente busca o documento direto na estante e intuitivamente procura os documentos que estão próximos por saber que tratam do mesmo assunto.

32 Bibliotecário de referência: o usuário pouco explora as oportunidades que a biblioteca dá para ele, por mais que agente ensine e oriente.

33 Catalogador de assunto: veja, agente quando trata o documento sempre pensa em que lugar o documento seria mais utilizado, ou seja, quais assuntos melhor caracterizam o documento pensando mesmo na demanda do usuário. Obviamente muitas vezes agente usa do bom senso, acho que é mesmo por não haver esse retorno das necessidades do usuário.

34 Bibliotecário de referência: o que é um dos maiores erros da nossa biblioteca, pouco ouvir o usuário.

35 Catalogador de assunto: um outro ponto que deve ser ressaltado é que quando o texto fala da importância da política de tratamento eu logo vi que agente não tem, e mais, nunca paramos para pensar no benefício que uma política poderia trazer para a nossa instituição.

36 Bibliotecário dirigente: é, nós nunca paramos para discutir sobre a questão da política mesmo, o que seria um outro ganho se tivéssemos uma específica para a nossa realidade, ou mesmo uma que pelo menos diminuísse toda essa dificuldade que é tratar e conseguir atender ao que o usuário e o sistema precisam, claro conseguir atrelar as duas realidades ao mesmo tempo.

37 Catalogador de assunto: não sei, eu já tenho meus receios pessoais, pois não sei se com uma política seria algo muito diferente do que agente já faz.

38 Bibliotecário de referência: eu já vejo que seria muito viável e necessário mesmo, porque por mais que agente se esforce, faça mesmo todo o processo, tudo o que está ao nosso alcance para atender de maneira satisfatória o usuário e deixar os produtos e serviços oferecidos pela biblioteca com um certo padrão de qualidade, sempre existem muitas falhas, as quais, na minha opinião, poderiam ser amenizadas com essa política que o autor fala e que agente sabe que é importante.

39 Bibliotecário dirigente: sabe, eu penso que um dos maiores erros de todos os profissionais, todos não, mas da maioria, é sair da faculdade com aquele gás de querer praticar tudo o que aprendeu, mas daí vai passando os anos, a rotina acaba sendo impregnada das suas opiniões pessoais e pouco, no dia a dia, agente volta a refletir sobre o que a teoria aponta ser o correto. Isso para mim é algo muito sério, porque mesmo agente sabendo o modo correto de fazer as coisas, o que seria mais proveitoso, agente acaba deixando de lado e fazendo sem uma preocupação efetiva sobre tudo aquilo né, sobre os seus atos diários.

40 Catalogador de assunto: mais que nem, eu já não sei se nessa altura do campeonato eu iria parar o trabalho né, o tratamento do documento no meio para ver qual é a próxima etapa do processo ou o que a política estabelece. Acho que seria algo muito inviável.

41 Bibliotecário de referência: não, mas essa política viria para dar um norte mesmo, então a partir do instante que você a conhecesse, conseqüentemente as suas ações cotidianas já seriam direcionadas para o que ela demonstra ser o correto. Isso não quer dizer que você toda hora teria que olhar na política ou em qualquer outro instrumento para realizar o processo de tratamento do documento.

42 Catalogador de assunto: eu acho que seria bom ter essa política para funcionários novos, porque hoje agente já tem prática e não precisa disso. Agora um recém formado precisa saber aquilo que a biblioteca, a organização estabelece, porque ele só viu a teoria na faculdade e não sabe que na prática as coisas são diferentes. Então ele chega sem saber muita coisa, por isso eu acho que seria mais interessante para os recém contratados.

43 Bibliotecário dirigente: eu já vejo que isso, a política, seria um ganho para todos nós, independentemente do tempo de serviço.

44 Catalogador de assunto: mais assim, uma política já iria mostrar o modo correto de fazer as etapas do processo, só que no meu caso eu recorro muito a internet para entender os assuntos do documento e também para buscar novos termos, então eu já teria muita dificuldade de seguir os passos necessários. Outra coisa também é como eu já falei, agente recorre muito aos docentes das disciplinas para pedir ajuda né, um norte para conseguirmos atribuir os assuntos do documento, principalmente quando ele é muito focado ou é desconhecido para nós.

45 Bibliotecário de referência: é, os professores sempre ajudam muito, quando chega um material novo o pessoal do processamento técnico sempre pergunta, ainda que em linguagem natural, quais conceitos poderiam definir, expressar melhor o assunto do documento.

46 Catalogador de assunto: é, isso faz com que os documentos indexados há muitos anos passem por uma avaliação, então agente sempre agrega ou modifica os termos de acordo com as necessidades que vão surgindo. Busca-se especificar mais o documento devido à criação de novas disciplinas, grupos de pesquisa, enfim. Então, agente teve que reclassificar os documentos, de posse dessa nova situação que os nossos usuários apresenta para nós. Veja, agente sempre procura considerar o que para a instituição num todo é mais relevante, porque agente

encara a biblioteca como um ambiente capaz de atender a formação acadêmica do usuário, então sempre tem que se pensar no todo. Eu acredito que tem que ser assim, não focar só o usuário, mas também verificar a necessidade do sistema, da biblioteca como uma instituição maior que atende várias classes de usuários diferentes. Então, agente busca ser coerentes sempre.

47 Bibliotecário dirigente: é, a instituição deve ser atendida, mas acho que isso é tão complicado de se colocar em prática no dia a dia, são tantas coisas interferentes que muitas acabam passando despercebidas e não são contempladas.

48 Catalogador de assunto: mas, eu mesmo, amo o meu trabalho e sei do quanto ele é necessário para a biblioteca, para o usuário e para a própria comunidade que agente atende né, então agente busca fazer o melhor, mesmo sabendo que existem muitas falhas, muitas coisas a serem melhoradas. Eu falo isso porque acredito que uma das áreas mais importantes da biblioteca é a indexação, porque é por meio dela que o livro vai ficar disponibilizado né, vai estar mais acessível ao usuário. Porque é que nem você colocar um livro errado na estante, você nunca mais acha, e a catalogação, a descrição do documento, principalmente a de assunto é essencial e deve ser feita de maneira praticamente perfeita para garantir o uso daquele documento.

49 Bibliotecário de referência: é, o profissional deve ser mais consciente dessa importância de indexar o documento.

50 Bibliotecário dirigente: eu creio que a questão mais interessante disso tudo é o fato de trabalharmos em rede, porque você consegue crescer, realizar melhor o trabalho.

51 Catalogador de assunto: é, essa troca que ocorre é muito importante, porque um outro catalogador conseguiu pensar de outra maneira o documento e isso vai agregando valor ao seu trabalho, você vai aprendendo mais e se capacitando para o trabalho. Então, essa troca de conhecimento é muito enriquecedor, porque o outro profissional está próximo de nós e conhece a realidade da instituição, porque fazem parte da mesma instituição. Sabe, ocorre um aprimoramento do tratamento do documento, porque agente reflete mais sobre a nossa atividade, sobre o que o usuário espera.

52 Bibliotecário dirigente: o que acontece é que por ser uma biblioteca muito grande, a gente busca atender o usuário dando a ele um serviço eficaz.

53 Catalogador de assunto: uma coisa bem legal que acontece, poucas vezes, mas que já dá um resultado muito legal é a troca entre nós mesmos no dia a dia para ver se o que agente faz está sendo útil, viável para o usuário. Então agente conversa muito com o setor de referência buscando mesmo essa troca com o usuário. Eu muitas vezes brinco com o bibliotecário de referência dizendo que eu deveria passar uma semana lá fora conversando com o usuário no momento da busca do documento no sistema, para ver como ele se comporta, quais assuntos ele mais busca, como ele busca, isso seria muito interessante e ajudaria eu ter uma noção maior de como pode melhorar o tratamento do documento.

54 Bibliotecário dirigente: certamente um ganho.

55 Catalogador de assunto: então, só que infelizmente agente aqui não tem um instrumento permanente que avalie o nosso trabalho, ou seja, que mostre se o que agente faz está de acordo com aquilo que o usuário precisa, e muito menos se o nosso trabalho está sendo satisfatório ou não. Não tem nada do tipo. A única coisa que temos é a troca mesmo com o pessoal da referência e com os professores. Só que eu acho que a estrutura mesmo da biblioteca poderia ser algo menos engessado, o que eu quero dizer, o pessoal da referência poderia ter uma noção maior de como é o processo, desde a aquisição do material até o momento em que ele é tratado e colocado no sistema e disponibilizado para a consulta. Acho que seria muito legal uma convivência aqui na área do processamento técnico para poder ajudar de maneira mais sólida mesmo. Então, acho que poderia haver essa troca mesmo de funções, ou pelo menos uma convivência mais próxima para não haver um entendimento mesmo do que cada um faz e da importância disso no todo. Isso sim seria um ganho.

56 Bibliotecário dirigente: é, isso seria bem legal, mas atualmente é algo inviável devido à quantidade de serviço.

57 Bibliotecário de referência: é, essa interação acaba ocorrendo apenas quando surgem algumas dificuldades, mas sempre é muito superficial essa troca, essa comunicação mesmo.

58 Catalogador de assunto: agente quase não tem contato com o pessoal da referência e se quer com o usuário, o que é uma pena, porque acaba repercutindo em todo o serviço oferecido pela biblioteca. Então, por não termos esse contato com o usuário não tem como agente medir essa necessidade dele e garantir um processo mais adequado, não temos como medir o nível de satisfação pontualmente. Quando tem alguma mudança aqui no processo, agente deixa o profissional de referência informado, para que isso não interfira de maneira negativa no trabalho dele.

59 Bibliotecário de referência: é, sempre quando dá agente conversa, tenta ajudar no que pode, mas nunca é algo mais constante, é muito esporádico.

60 Catalogador de assunto: sabe quando agente pensa nessa padronização do processo de tratamento eu fico um pouco receosa, porque eu não me vejo fazendo de outra maneira. A teoria até pode direcionar, mas é complicado colocar na prática diária por que a realidade é diferente. Então hoje eu não consigo pensar de outra maneira, não sei se seria algo mais viável ou não. Assim, sempre quando agente pode melhorar agente tenta, mas é algo muito complicado de estar fazendo. O que é muito comum é agente ler muito, fazer cursos, especialização para tentar melhorar, porque sempre surgem coisas novas, técnicas e nortes mais viáveis para a nossa realidade, isso sempre contribui, mas para mim trazer isso para o meu dia a dia é que é mais complicado, porque tudo se tornou algo muito mecânico, técnico mesmo. Muitas vezes o que acontece é que entre nós mesmos existe essa troca de conhecimentos, o que é além de prazeroso muito enriquecedor.

61 Bibliotecário de referência: claro, sempre que é possível agente busca aprender coisas novas e trazer isso para a nossa atuação profissional, mas sem dúvida é muito difícil.

62 Catalogador de assunto: olha, eu sempre pensei que uma coisa que seria muito bacana também para melhorar o nosso trabalho é um treinamento mais extensivo com o usuário, preparar melhor esse usuário para interagir melhor com o sistema. Talvez uma coisa que seria bem viável é disponibilizar o tesouro, a lista de termos para o usuário no sistema para que ele realize a busca por meio daqueles termos, porque muitas vezes ele não recupera o documento por utilizar sinônimos e desconhecer o termo preferido. Também tentar uma forma de avaliar o processo mesmo, ter esse retorno do usuário. Uma outra coisa também é que na graduação agente não tem uma prática consistente, ou melhor, agente não tem prática nenhuma. O que acontece é que agente aprende a teoria, o modo de fazer, mas na prática é extremamente diferente, não é algo que se encaixa, ou seja, é algo que é muito diferente daquilo que agente precisa para a nossa prática mesmo, o que é uma pena. Isso normalmente faz com o agente perca a noção do que os especialistas apontam como sendo o melhor, tornando algo mais técnico e menos reflexivo, e isso acaba tornando o trabalho algo mais superficial.

APÊNDICE C - Transcrição de Protocolo Verbal em Grupo da biblioteca universitária da Universidade Estadual de Campinas

1 Catalogador de assunto: Bom, eu vou começar. Eu senti que o autor coloca coisas no texto que não são tão presentes no dia a dia do tratamento da informação. Quando ele colocou a questão do tratamento temático, nós não fazemos desse jeito, aqui nós só trabalhamos com a catalogação e aí dentro desse processo é que ocorre a atribuição de termos. Então essa terminologia utilizada por ele para mim é nova, porque na faculdade eu aprendi a indexação, a classificação e a catalogação, mas nunca ouvi falar de tratamento temático.

2 Bibliotecário dirigente: Na verdade deu para entender o que o autor quis dizer, pra ele parece que são etapas separadas, um profissional primeiro atribui os termos e depois realiza a descrição física. Acho que é isso.

3 Catalogador de assunto: Mais assim, eu não saberia dizer o que é tratamento temático antes de ler o texto. Eu entendi o que significa isso para o autor, mas até então eu não conhecia esse processo.

4 Bibliotecário de referência: Como eu me formei a pouco tempo eu posso dizer que eu já ouvi falar nesse termo, eu inclusive tive disciplinas que retratavam a questão do assunto, que seria essa descrição temática do documento. Acho que a literatura coloca essa divisão por causa da subjetividade que o autor aponta no texto, então parece que a divisão do processo contribui para que a atribuição do assunto seja o menos subjetiva possível, sei lá, parece que é isso.

5 Catalogador de assunto: Eu entendi, na verdade ele coloca que a indexação e a catalogação devem ocorrer em momentos distintos para que a atribuição do assunto seja algo mais reflexivo. Queira ou não o fato de fazer tudo junto prejudica o resultado final, porque sempre temos que cumprir prazos e isso condiciona uma atuação mais direcionada a técnica e é aí que a catalogação ela se destaca.

6 Bibliotecário dirigente: Realmente antigamente a indexação tinha um espaço maior na biblioteca, no processamento do documento, mas hoje com a implantação do MARC tudo mudou, agora a atribuição de termos, do assunto mesmo do documento é realizada em um ou dois campos apenas. Tornou algo mais mecânico, porque agente sabe que os catalogadores não realizam todas as etapas do processo como o autor ressalta.

7 Catalogador de assunto: Mais hoje em dia é impossível agente realizar todas as etapas para um único documento, não temos tempo para isso.

8 Bibliotecário de referência: Mais se a literatura indica que devem ser feitos é porque é importante.

9 Catalogador de assunto: Eu concordo que são etapas importantes, mas são inviáveis.

10 Bibliotecário de referência: Mas veja, o autor salienta que o processo de atribuição do assunto é algo subjetivo e que pode variar de cada profissional, então se não for algo realizado com calma, com um certo cuidado, certamente não terá resultados muito bons e aí quem fica prejudicado é o usuário que não vai conseguir localizar o documento no acervo.

11 Catalogador de assunto: Eu não estou falando que são coisas que devem ser descartadas, mas que o modo como são colocadas pela literatura não são coerentes com a nossa realidade profissional. Na faculdade agente aprendi o modo correto de se trabalhar, mas a prática vai exigir um comportamento diferenciado e isso vai depender muito de cada local que você trabalhar. Infelizmente é assim que acontece, eu queria poder fazer tudo certinho, mas eu respondo a uma instituição que me cobra resultados imediatos, números mesmo.

12 Bibliotecário dirigente: Essa questão sempre é muito polêmica, porque não temos o apoio necessário para trabalharmos da maneira como gostaríamos, colocarmos em prática mesmo tudo o que a literatura da nossa área aponta como ser o correto.

13 Catalogador de assunto: Para mim o que falta é uma literatura mais dinâmica, sei lá, eu não entendo porque a prática é tão diferente da teoria. De duas uma, ou o profissional faz tudo errado, ou a literatura não entende nada sobre a realidade de uma biblioteca, principalmente de biblioteca universitária que tudo é mais complicado.

14 Bibliotecário de referência: Essa é uma indagação que cerca todos os profissionais, porque dificilmente você consegue trabalhar numa instituição em que é possível você aplicar os conhecimentos que adquiriu na faculdade. Aos poucos a impressão que eu tenho é que esses conhecimentos vão indo embora, e o que sobra é apenas o conhecimento advindo da nossa experiência profissional.

15 Catalogador de assunto: Um exemplo comum que agente pode usar para mostrar que a literatura não conhece a realidade profissional é com relação a especialização em determinada área de assunto que deveria ocorrer com os catalogadores. Até se habituar a nova área leva tempo, porque nós não somos profissionais especializados em determinado assunto, porque na minha época agente saia da faculdade sabendo o básico, hoje a moçada nova já tem uma preocupação em conhecer a fundo uma determinada terminologia, buscar cursos e fazer especializações, coisas mesmo para ajudar.

16 Bibliotecário dirigente: Sem dúvida hoje a formação está mais abrangente e o profissional sai da faculdade mais capacitado, então os demais profissionais que já estão no mercado há mais tempo tem que correr atrás, por meio da educação continuada. Só que a meu ver os cursos não são tão completos, eles não conseguem introduzir conhecimentos relevantes para a nossa realidade.

17 Catalogador de assunto: Talvez uma falha seja na desmotivação do próprio profissional, porque por mais que a área busque aperfeiçoar as técnicas e os conceitos o profissional precisa se conscientizar da importância de seu papel no todo da biblioteca.

18 Bibliotecário de referência: Uma coisa bem importante de se falar é que os profissionais não possuem um conhecimento do todo. Eu digo isso porque eu nunca tive contato com os vários ambientes de informação na faculdade, conhecer mesmo como funciona uma biblioteca escolar, uma biblioteca especializada, uma biblioteca universitária, um centro de informação, enfim, os vários ambientes de atuação. Os estágios são extremamente fracos, sem uma vivência mais concreta, porque no máximo o estudante guarda e encapa os livros e brinca com as crianças. Eu digo isso porque estudei em uma das mais conceituadas universidades do país e não tive um conhecimento concreto da nossa prática profissional. Eu conheci a realidade da nossa profissão quando comecei a trabalhar.

19 Catalogador de assunto: Agente aprende tudo muito desvinculado, disciplinas que abordam apenas a teoria de determinado setor ou atividade profissional. Daí o profissional na hora de atuar tem que pela intuição trazer a teoria para a sua realidade e muitas vezes você nem acaba seguindo a teoria, porque ela não corresponde a sua necessidade. Agora, quando eu vim trabalhar aqui na biblioteca eu percebi que a teoria e a prática são coisas coerentes, porque a realidade da minha biblioteca contribui, facilita mesmo essa interlocução. Isso gera motivação em mim, porque eu vejo que posso aplicar os meus conhecimentos, aplicar o que a teoria traz de novo para a minha atuação, mas infelizmente nem todos os demais colegas tem essa possibilidade e acabam parando no tempo. É claro que agente viu que ainda existem coisas que a teoria traz que na prática nós não podemos aplicar por vários fatores, mas no geral eu acho que eu consigo introduzir a maior parte.

20 Bibliotecário dirigente: Eu trabalhei em uma biblioteca universitária também que não tinha nem ao menos local apropriado para se armazenar os livros, então tudo vai variar muito do apóio que cada instituição dá para a biblioteca.

21 Catalogador de assunto: Em minha opinião, por trabalharmos em uma biblioteca setorial, eu acho que todo o tratamento da informação deveria vir pronto da matriz e ser distribuído às demais unidades, porque eu penso que só assim poderia haver certa padronização, algo que é extremamente necessário. Aqui mesmo na nossa unidade somos três profissionais na área do tratamento da informação, eu catalogo de um jeito, o meu colega de outro e o fulano de uma maneira completamente diferente da minha e isso é negativo, porque por mais que tenhamos manuais o pessoal não segue e tudo fica de acordo com a opinião pessoal de cada um. Acho que a única coisa mais padronizada é a tradução, porque agente segue um vocabulário controlado, mas que nem a quantidade de termos, a especificidade dos termos, são coisas que ninguém segue digamos “as regras”, é complicado trabalhar dessa forma. Deve haver um padrão, um norte para se realizar o tratamento da informação porque se não a coisa não funciona, não dará resultados satisfatórios.

22 Bibliotecário de referência: mas e como fica a questão das necessidades dos nossos usuários, se todo o tratamento da informação fosse concentrado num único lugar isso seria prejudicado.

23 Catalogador de assunto: Claro, é necessário haver a troca com o pessoal de referência para agente conhecer as necessidades dos usuários, mas eu vejo que o setor do tratamento da informação ganharia muito se fosse

concentrado em um único lugar, porque haveria uma real preocupação dos profissionais em padronizar a catalogação e dar um tempo maior para o assunto. Mas na realidade o que falta mesmo são articulações mais concretas, diálogos mais ativos entre os catalogadores de todas as bibliotecas da universidade para que o tratamento seja algo mais coerente, uma única cara, independente se foi realizado aqui ou na biblioteca x.

24 Bibliotecário dirigente: Essa discussão é complicada porque as coisas são bem diferentes. Eu acho que o catalogador deveria ter um pouco mais de autonomia para catalogar, mas tudo centrado dentro de manuais, para que todo documento tenha o mesmo tratamento. E outra coisa, o setor de referência e o de tratamento devem dialogar sempre.

25 Bibliotecária de referência: Assim, o meu contato com o pessoal do tratamento é no caso verificar com o usuário se o termo atende sua necessidade de informação. Então eu converso com o pessoal do tratamento para mostrar os termos mais utilizados pelos usuários, acredito que isso acaba repercutindo de maneira positiva tanto para o meu trabalho quanto para o catalogador. Então acaba havendo certa padronização de termos, acho que é mais uma tentativa de fazer com que os termos catalogados sejam os mesmos termos utilizados pelo usuário no momento da busca. Então a meu ver o meu papel enquanto bibliotecário de referência é ser uma ponte entre o pessoal do tratamento e o usuário para que haja uma maior compreensão das necessidades da nossa comunidade.

26 Catalogador de assunto: O meu trabalho exige uma comunicação ativa com os demais setores da biblioteca para haver uma troca de informações, com os usuários para conhecer as necessidades de informação e também para verificar se está sendo proveitoso os produtos oferecidos, com os pesquisadores, no caso os docentes dos cursos que a biblioteca abrange, para verificar mesmo a terminologia adequada para retratar um determinado assunto, enfim, acho que é uma troca constante e por isso é impossível o catalogador trabalhar de maneira isolada, achando que é capaz de fazer tudo sozinho. Quer dizer, ele até consegue, mas certamente o resultado não será o desejado.

27 Bibliotecário dirigente: Eu acho que além dessa conversa entre setores os profissionais não podem parar no tempo, devem sempre procurar conhecer o que a área publica de novo, participar de cursos e eventos, sei lá, fazer de tudo para se atualizar porque a nossa profissão exige isso de nós.

28 Catalogador de assunto: As pessoas sempre nos dizem para buscarmos uma educação continuada, um aprimoramento profissional, mas agente sabe que não é algo fácil, pois muitas vezes nem ao menos a nossa instituição oferece apóio.

29 Bibliotecário de referência: Para mim sempre funcionou muito bem esse lance da interação profissional, porque é o momento que agente tem para ver onde está errando, o que pode ser melhorado, o que o outro pensa a respeito daquilo, que tipo de contribuição ele pode dar. São pequenas ações que ajudam de maneira grandiosa para que a nossa capacidade de realizar o trabalho aumente com o passar dos anos e agente sinta que podemos confiar no outro colega, ser realmente uma equipe de profissionais trabalhando pelo mesmo objetivo.

30 Bibliotecário dirigente: O processo da catalogação é algo que exige constantes aprimoramentos. Inicialmente a catalogação era feita em fichas e esse processo já exigia um preparo. Hoje com o avanço tecnológico esse conhecimento teve que triplicar, porque entrou o Marc e tudo ficou mais complicado. Não digo que seja difícil catalogar, mas exige um estudo contínuo, porque tudo muda muito rápido. Então, essa função exige do profissional uma dedicação especial, porque em sistemas de bibliotecas universitárias a catalogação descritiva ocorre junto com a atribuição de assuntos e queira ou não o mesmo profissional passou a executar duas funções, a de catalogar e a de indexar. Por um lado isso contribui, mas por outro lado apresenta grandes falhas, caso o profissional não esteja preparado, não se qualifique.

31 Catalogador de assunto: Realmente não é um trabalho fácil, simples. Mas, se seguirmos um norte para realizarmos a identificação, seleção e tradução de termos valendo da especificidade da área do conhecimento, buscando conhecer a terminologia e tendo uma linguagem documentária atualizada tudo é mais fácil. Acho muito importante essa atualização em serviço, mas penso que deve haver uma participação maior dos demais setores para contribuir e melhorar o tratamento da informação. Sabe, o profissional não precisa ser especialista, mas agente precisa de manuais, de instrumentos válidos para que o nosso trabalho tenha um respaldo maior, seja bem visto e utilizado pelo usuário.

32 Bibliotecária de referência: Porque o usuário é o nosso bem maior.

33 Catalogador de assunto: Uma coisa que eu vejo é que na iniciativa privada a coisa anda. Quando eu trabalhei em uma faculdade particular o aluno solicitava um livro que não tinha e no outro dia já era efetivada a compra, então as instituições públicas pecam muito nesse sentido, porque tudo é muito lento e também tem outra coisa, a biblioteca ela deveria ter uma autonomia mais efetiva com relação a universidade, seja pela escolha da base de dados, seja pela rotina de trabalho mesmo.

34 Bibliotecário dirigente: Talvez essa autonomia venha através de ações mais firmes dos profissionais, eles tem que se fazer valer.

35 Catalogador de assunto: O nosso grupo de catalogação está parado, apesar de eu achar importantíssimo essa troca entre nós, porque agente conhece as dificuldades existentes na nossa biblioteca e é uma pena não ser um grupo mais ativo, porque as contribuições foram sempre riquíssimas. Quando você precisa tirar uma dúvida, verificar um procedimento você não tem mais um respaldo, daí você vai tira a dúvida com quem? É complicado isso, porque a outra forma de você tirar dúvidas é por e-mail, mas daí ninguém te responde e fica do jeito que está. Então tem que verificar as particularidades de cada biblioteca, tem que ter essa preocupação, porque cada biblioteca cataloga de uma maneira mais coerente com as necessidades dos usuários.

36 Bibliotecário de referência: No início eu achava que por trabalhar em uma biblioteca setorial as coisas seriam mais fáceis, mas hoje eu já penso o contrário, porque agente não pode agir sem comunicar as demais unidades, o profissional não exerce sua profissão, ele apenas segue os demais. Não sei explicar, mas não existe essa autonomia.

37 Catalogação de assunto: O nosso grupo de catalogadores são bem experientes, então nós não temos dificuldades no tratamento da informação, porque o pessoal que é mais novo busca realizar cursos para verificar mesmo a forma de se tratar os documentos aqui na biblioteca. Enfim, nós não temos uma atuação perfeita, mas na medida do possível agente busca uma coerência. O nosso respaldo maior é mesmo essa troca de experiências. Agente sabe que a educação é falha, mesmo na faculdade agente sabe que não tem uma base sólida, seja pela falta de bons estágios, seja pela teoria que não foi bem trabalhada em sala de aula, então são vários aspectos que cada catalogador trás consigo, a própria cultura de cada um, ou até pela falta de familiaridade com as regras e padrões da catalogação.

38 Bibliotecário dirigente: O que eu percebo que falta em muitos profissionais é uma base de formação humana, porque nossa área tem muita técnica e isso faz com que o profissional perca a motivação em refletir, se torne um profissional mais apático mesmo. Isso é um fator negativo, porque nós lidamos com pessoas, mesmo que seja no último estágio que é o serviço de referência, então esse profissional é o nosso respaldo maior, é por meio dele que agente verifica se os serviços que a biblioteca disponibiliza são proveitosos, abrangem com satisfação as necessidades da nossa comunidade usuária.

39 Catalogador de assunto: Apesar de não ser mais tão ativo o nosso grupo, sempre quando aparece um material que trata de um assunto muito novo, algo mais inédito, a equipe sempre conversa a respeito do documento e tenta entrar num acordo, claro, desde que não esteja catalogado pela LC ou alguma outra base de dados. Então o assunto do documento é definido pela especificidade da unidade, então normalmente a definição do assunto é direcionada para a área e para o usuário local mesmo. Agente busca indexar o documento de acordo com a disponibilidade do acervo, ou melhor, da disponibilização do acervo. Uma falha do profissional é trazer tudo pronto da LC, não sei, parece que agente perde muito em trazer tudo pronto, nos moldes da LC. Eu falo isso porque acredito que se realizássemos a catalogação mesmo de todos os documentos o nosso usuário certamente veria a biblioteca de outra forma, porque o nosso trabalho, as nossas ações seriam todas direcionadas para atender as necessidades dos nossos usuários locais. Não sei, eu acho que o papel da biblioteca universitária é esse, especificar o documento ao máximo visando o usuário local e não se preocupar muito com a cooperação entre bibliotecas. Acho que essa função poderia ser de uma biblioteca geral.

40 Bibliotecário dirigente: Isso é bem difícil de ocorrer, mas é uma boa solução.

41 Catalogador de assunto: A função do catalogador é retratar o documento de acordo com o usuário e por isso o fato de seguirmos uma política geral que abrange diversas bibliotecas acaba havendo grandes falhas, porque o profissional tem que se condicionar a satisfazer uma instituição ao invés de satisfazer o usuário. Não sei, talvez falte uma autonomia para os catalogadores em realizar o tratamento da maneira que acredita ser a mais plausível para o usuário ao invés de se submeter e submeter seus afazeres a instituição maior que pouco se preocupa com o usuário e a disseminação da informação e outras questões do tipo.

42 Bibliotecário de referência: Eu percebo que o usuário acha isso muito ruim, porque ele não vê a biblioteca como um centro de informação preocupado em satisfazer as suas necessidades específicas, mas em responder a todos os demais alunos da universidade.

43 Catalogador de assunto: Uma coisa simples que poderia trazer grandes resultados é o catalogador ter uma liberdade para atribuir a quantidade de termos que julgar relevante para determinado documento. Isso é algo que não ocorre, porque o profissional tem que fazer de acordo com a política estabelecida e agente sabe que cada documento possui uma especificidade, uma característica própria e é complicado você colocar um padrão para todos os documentos e também para todos os profissionais, porque cada um é diferente, tem o seu jeito próprio de realizar a catalogação e compreender o assunto do documento. Então, esse momento é subjetivo, tem suas particularidades, as quais variam de profissional para profissional. Essa questão pouco é discutida, quando a teoria discute fica apenas na teoria, uma porque nem a teoria consegue trazer um respaldo maior para a questão da subjetividade e também porque cada instituição é diferente, possui suas necessidades e problemas, a particularidade da biblioteca é algo que interfere muito no nosso trabalho e infelizmente essas coisas não são trabalhadas de um modo mais sério, não existem soluções.

44 Bibliotecário dirigente: Eu acho que a nossa catalogação atende as necessidades do usuário, porque o pessoal do tratamento da informação procura especificar o documento para deixar o mais visível pelo usuário no momento da busca no sistema.

45 Catalogador de assunto: Eu já vejo de outra forma. Agente tem um trabalhão para realizar o tratamento e agente percebe que o usuário não recupera. No nosso dia a dia não tem um tempo disponível para realizarmos a leitura do material, a leitura para retirar os termos, porque a atenção maior é dada ao preenchimento da planilha e não para a parte do assunto, tudo é direcionado mais para a descrição física do documento e a parte do assunto fica em segundo plano. Agente não segue a teoria, deveria, mas não segue. Tudo é muito corrido, não há um tempo dedicado ao documento, ele simplesmente se torna mais um item que deve ser catalogado o mais rápido para que ele siga para a estante e esteja disponível no sistema. Então, eu acho um erro o catalogador ter que classificar, indexar e ainda descrever o documento.

46 Bibliotecário dirigente: Infelizmente essa é a nossa realidade.

47 Catalogador de assunto: Quando eu tive indexação na faculdade eu não aprendi nada, então o meu conhecimento maior foi na prática profissional. Quando eu sentia alguma dificuldade eu procurava na literatura, eu fiz alguns cursos, mas quando o autor fala das etapas do processo é algo muito próprio da teoria, porque na prática não é bem assim que funciona e agente sabe disso.

48 Bibliotecário dirigente: Uma coisa que eu percebi na minha formação acadêmica é que à parte da indexação não foi muito evidenciada, não foi dada a devida importância para essa atividade. Talvez seja por isso que a maioria dos profissionais pouco se preocupam com o assunto do documento em si, à parte evidenciada é a descrição física, por ser a parte mais fácil mesmo.

49 Bibliotecário de referência: Eu percebo muito a importância do conhecimento do catalogador sobre a área em que está atuando, o famoso conhecimento prévio do profissional principalmente para a área de humanas, porque é uma área subjetiva por natureza, então seria muito mais rico se houvesse esse conhecimento, consequentemente o usuário e o catalogador estariam falando a mesma língua.

50 Bibliotecário dirigente: O próprio ambiente da biblioteca universitária exige um nível maior de cultura, porque o nosso público não é apenas os alunos de graduação, mas toda uma comunidade de pesquisadores. O catalogador deve estar apto para trabalhar nessa atmosfera. Então o catalogador precisa ser mais consciente sobre a importância de sua atuação.

51 Bibliotecário de referência: O que eu percebo é que a área está mais preocupada em teorizar a questão do assunto, da subjetividade que cerca o tratamento da informação e essas questões próprias da indexação principalmente. O que é um ganho, porque quanto mais nítido ficar mais plausível será a atuação do profissional.

52 Catalogador de assunto: O processo em si não é algo muito mecânico, ou seja, eu consigo flexibilizar a catalogação, então no momento da atribuição do assunto eu olho as partes ditas chaves, mas nunca é da maneira como a teoria coloca. Então é mais por meio de um conjunto de partes do item, não tem uma sequência, é tudo mais dinâmico, bem diferente da teoria.

53 Bibliotecário de referência: O catalogador tem que ter certa sensibilidade para tratar o documento, não dá para você fazer de qualquer maneira, tem que ser algo mais comprometido.

54 Bibliotecário dirigente: O catalogador tem que definir o termo, tem que pensar mesmo sobre do que se trata o documento, na verdade a todo o momento o catalogador tem que tomar decisões, então é uma tomada de decisão constante.

55 Catalogador de assunto: O processo de decisão acaba sendo mais fácil se o profissional tem um conhecimento sobre a área em que ele está atuando.

56 Bibliotecário dirigente: Na área de humanas a catalogação é algo extremamente subjetiva, não tem meio termo. Tudo é muito baseado no conhecimento do profissional sobre o assunto, por isso é importante o profissional sempre buscar conhecer a área em que atua. Uma coisa importante é dizer que a política é algo que norteia o processo, então se não tem uma política coerente com cada setor nada vai funcionar direito.

57 Catalogador de assunto: Existe uma diferença gritante entre a indexação e a catalogação, porém hoje em dia os dois ficaram implícitos na mesma atividade, no mesmo processo mesmo. O que acontece, o profissional antigamente realizava a indexação, atribuía os termos e depois catalogava, descrevia fisicamente o documento, mas hoje tudo é feito no mesmo momento e pelo mesmo profissional. Eu não sei te dizer até que ponto essa junção contribui ou não, porque desde que eu comecei a trabalhar eu já parti para esse processo unificado. Na faculdade eu aprendi os processos separados, mas sempre entendi que se tratavam de processos que deveriam ser feitos juntos para tratar o documento. Então eu acho que um corpo de manuais que cerquem essas questões contribuiria muito para o setor de tratamento da informação.

58 Catalogador de assunto: O texto serviu para eu perceber que o meu trabalho é algo subjetivo, tem que ter essa reflexão pessoal de cada catalogador. É bom agente rever o modo que cada profissional atua, realiza mesmo o seu serviço para que todos os setores se respeitem e contribuam para que a biblioteca tenha o seu êxito e o usuário saia daqui satisfeito com toda a equipe de profissionais. Serviu também para mostrar que o tratamento da informação carece de padrões que apontem a melhor maneira de se catalogar e atribuir os termos, porque se não cada um vai fazer de acordo com a sua opinião.

59 Bibliotecário dirigente: A impressão que eu tenho é que na verdade o usuário não se preocupa em saber como é o nosso trabalho, o que agente faz, ele apenas quer recuperar a informação. Então essas políticas podem ajudar nessa questão também, porque quanto melhor for o trabalho, mais próximo o usuário estará da biblioteca.

60 Catalogador de assunto: A tecnologia veio contribuir e tudo se tornou mais ágil. Então não dá mais para se dedicar somente à atribuição do assunto. Tudo é muito mais dinâmico e o nosso usuário exige essa rapidez. Eu particularmente não penso muito na necessidade do usuário, quero dizer, eu não me preocupo muito com a linguagem que ele utiliza, porque eu prezo pela padronização. Então agente tem que trabalhar com o usuário, tem que mostrar para ele que não dá para ser do modo que ele acha ser o melhor, mas tem que basear na linguagem utilizada pela biblioteca. Agente cria muitos poucos termos, utilizamos o que estão na catalogação na fonte. Então agente cataloga sem criar muitos termos novos. Agente acaba buscando em outras bases de dados os termos que eles querem, isso é necessário para que fique coerente.

61 Bibliotecário de referência: A impressão que eu tenho é que parece que a literatura pouco se preocupa com a questão da atribuição dos termos, da subjetividade, mesmo na faculdade é discutido o tratamento descritivo do material. A bagagem cultural vai facilitar, o conteúdo cultural de cada profissional, a educação adquirida com o passar do tempo dá condições de você realizar o processo intelectual. A faculdade não vai te ensinar os passos para você encontrar o assunto do documento, isso vai depender do seu conhecimento, da vivência profissional de cada um. Quando você começar a se identificar com a área do conhecimento isso vai ficar mais simples, a atribuição dos termos será mais tranqüila.

62 Catalogador de assunto: É impossível você definir termos sem reflexão, então os passos são necessários, mas por outro lado é impossível você seguir os passos relatados pelo autor, porque não tem condições administrativas mesmo de se seguir isso. Os assuntos são ilimitados em um documento, por isso até a especialização deixa de ser algo viável.

63 Bibliotecário dirigente: Com o passar dos anos o profissional adquire novas perspectivas sobre o mesmo documento, acho que é por isso que a teoria deixa de ser tão presente. Então parece que tudo vai respaldar na

política, então o resultado do nosso trabalho vai depender muito da qualidade da política de cada instituição, do tipo de público, da exaustividade da sua indexação.

64 Catalogador de assunto: Essa política é o foco, caso ela seja bem definida. Nós não temos essa política para a nossa biblioteca, eu acho que o correto é ter uma política que abarque o processamento técnico, porque a indexação seria apenas um nicho mesmo. O interessante seria se cada instituição fizesse a sua política por meio de uma comissão específica, que tivesse o envolvimento dos profissionais, dos usuários, dos docentes. De qualquer forma é sempre muito bom ponderar sobre o processo mesmo, porque no dia a dia é diferente, porque é um todo. Foi como eu falei, a teoria trata o tratamento em partes, mas a prática é tudo junto.

11) Para você as interações entre os profissionais no contexto da biblioteca universitária visando à troca de conhecimentos/opiniões é algo:

- Indispensável Relevante
 Irrelevante Desnecessário

12) Você considera que a interação profissional repercute no resultado final dos produtos e serviços desenvolvidos no contexto da biblioteca universitária de maneira:

- Satisfatória Insatisfatória

APÊNDICE E - Questionário focado: bibliotecário de referência

QUESTIONÁRIO – BIBLIOTECÁRIO DE REFERÊNCIA

➤ Perspectivas sobre o contexto institucional e interação social

- 1) Existe algum tipo de acompanhamento da qualidade dos produtos do tratamento temático da informação utilizados pelos usuários?
 Sim Não
- 2) São realizadas análises de desempenho do usuário no momento da busca e recuperação da informação no sistema?
 Sim Não
- 3) De que maneira busca-se verificar o grau de necessidade de informação dos usuários?

- 4) Como o serviço de referência verifica o impacto da atividade de tratamento temático da informação no contexto da biblioteca universitária?

- 5) Você considera que sua prática profissional contribui para o desempenho dos catalogadores de assunto de maneira?
 Satisfatória Insatisfatória
- 6) Em sua opinião como a prática cotidiana do serviço de referência pode contribuir ativamente para a melhoria da qualidade do tratamento temático da informação?

- 7) Você reflete sobre sua atuação profissional, ou seja, sobre o impacto de suas ações particulares no contexto da biblioteca universitária?
 Sim Não
- 8) Para você as interações entre os profissionais no contexto da biblioteca universitária visando à troca de conhecimentos/opiniões é algo:
 Indispensável Relevante
 Irrelevante Desnecessário
- 9) Você considera que a interação profissional repercute no resultado final dos produtos e serviços desenvolvidos no contexto da biblioteca universitária de maneira:
 Satisfatória Insatisfatória
- 10) Em algum momento de sua trajetória profissional você atuou no Tratamento Técnico da Informação, mais especificamente como catalogador de assunto?
 Sim Não

Se SIM, comente os principais benefícios advindos de sua vivência neste setor para a sua função atual: _____

APÊNDICE F - Questionário focado: catalogador de assunto

QUESTIONÁRIO – CATALOGADOR DE ASSUNTO

➤ Perspectivas sobre o contexto institucional e interação social

- 1) Em sua opinião a teoria do tratamento temático da informação para contextos especializados:

<input type="checkbox"/> Sustenta a prática cotidiana	<input type="checkbox"/> Complementa a prática cotidiana
<input type="checkbox"/> Direciona a prática cotidiana	<input type="checkbox"/> Pouco interfere na prática cotidiana

- 2) Você considera que a sua formação acadêmica capacitou-o para o exercício da catalogação de assunto em contexto de bibliotecas universitárias de maneira?

<input type="checkbox"/> Satisfatória	<input type="checkbox"/> Insatisfatória
---------------------------------------	---

- 3) Você julga-se adequado para a função que exerce no contexto de biblioteca universitária?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
------------------------------	------------------------------

- 4) Quais competências você julga serem necessárias para a realização do tratamento temático da informação em contexto de biblioteca universitária?

- 5) Quais são as principais carências em relação a sua formação em serviço?

- 6) Você reflete sobre sua atuação profissional, ou seja, sobre o impacto de suas ações particulares no contexto da biblioteca universitária?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
------------------------------	------------------------------

- 7) Quais são as principais necessidades inerentes da prática profissional do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias que não são respaldadas pela literatura especializada:

- 8) Cite as principais dificuldades encontradas para a realização do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas universitárias:

- 9) Para você a contribuição advinda pela estrutura organizacional para a concretização do processo de tratamento temático da informação é:

<input type="checkbox"/> Ruim	<input type="checkbox"/> Razoável
<input type="checkbox"/> Boa	<input type="checkbox"/> Excelente

- 10) Existe algum nível de interação entre os catalogadores de assunto e o bibliotecário dirigente e bibliotecário de referência para avaliação da adequação/pertinência dos produtos e serviços gerados no tratamento temático da informação?

Sim Não

Justifique:

- 11) De que modo os aspectos externos da biblioteca universitária influenciam a sua atuação profissional?
-

- 12) Qual a principal razão que condiciona a sua prática profissional na escolha/realização dessas etapas em contexto de biblioteca universitária:

Embasamento teórico Prática cotidiana
 Necessidades do contexto Tempo escasso
 Acúmulo de massa documental

Comente:

- 13) Quais poderiam ser as melhorias para a realização do processo de tratamento temático da informação em contexto de biblioteca universitária objetivando-se aprimorar os níveis de desempenho profissional e garantir a qualidade dos produtos e serviços?
-

- 14) Você acredita que o estabelecimento de uma política de tratamento documental propiciaria uma maior consistência e uniformidade aos produtos e serviços da biblioteca universitária?

Sim Não

Justifique:

- 15) De acordo com a realidade do seu contexto de atuação, quais atributos a política de tratamento documental deveria conter? Quais aspectos deveriam ser enfatizados?
-

- 16) Para você as interações entre os profissionais no contexto da biblioteca universitária visando à troca de conhecimentos/opiniões é algo:

Indispensável Relevante
 Irrelevante Desnecessário

- 17) Você considera que a interação profissional repercute no resultado final dos produtos e serviços desenvolvidos no contexto da biblioteca universitária de maneira:

Satisfatória Insatisfatória

- 18) Em algum momento de sua trajetória profissional você atuou no Serviço de Referência?

Sim Não

Se SIM, comente os principais benefícios advindos de sua vivência neste setor para a sua função atual:

ANEXOS

ANEXO A – Texto base

Referência:

DÍAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes. O processo de tratamento temático. In: ____ *Análise de assunto: prática e teoria*. Brasília: Thesaurus, 2007, p.27-31 (Estudos avançados em Ciência da Informação, 3). 2007.

EDUARDO WENSE DIAS
MADALENA MARTINS LOPES NAVES

ANÁLISE DE ASSUNTO TEORIA E PRÁTICA

Estudos Avançados em Ciência da Informação - V. 3



2 O processo de tratamento temático

No contexto do tratamento da informação, o termo *indexação* possui dois sentidos: um, mais amplo, quando se refere à atividade de criar índices, seja de autor, título, assunto, tanto de publicações (livros, periódicos), quanto de catálogos ou banco de dados, em bibliotecas ou centros de informação. O outro sentido, mais restrito, se refere apenas à indexação ou catalogação de assuntos das informações contidas em documentos.

Essa distinção se torna necessária face ao uso do termo na literatura da área, ora no primeiro sentido, ora no segundo, sem que seja feita a diferenciação, o que torna o estudo do tema um pouco confuso. Um exemplo disso ocorre com os artigos do periódico em língua inglesa *The Indexer*, que traz grandes contribuições para a literatura de indexação, mas não deixa muito clara essa distinção, fazendo referência, apenas raramente, entre indexação *back-of-book* e indexação acadêmica.

Essa distinção é feita por Farrow afirmando que a indexação *back-of-book* permite ao leitor localizar informação sobre um tópico dentro do livro; a tarefa do indexador é ler o texto, distinguir entre informação relevante e periférica e empregar juntos o processamento *top-down* (conceitual) e *bottom-up*, presentes na leitura fluente. Por sua vez, a indexação acadêmica fornece um termo útil estabelecido pela indexação praticada em bases de dados de resumos e em catálogos de bibliotecas,

usando predominantemente a abordagem *top-down*. A segunda é considerada menos exaustiva que a primeira (FARROW, 1995).

Este livro concentra-se nos aspectos do segundo sentido acima citado e, neste caso, a indexação acadêmica compreende duas etapas distintas: a extração de conceitos que possam representar o assunto de um documento e a tradução destes para termos de instrumentos de indexação, que são as chamadas linguagens de indexação ou linguagens documentárias. Fugmann (1985) afirma que a indexação é o processo de: (a) discernir a essência de um documento e (b) representar essa essência com um grau suficiente de predicabilidade e fidelidade, isto é, num modo de expressão em linguagem de indexação.

A primeira etapa ou operação envolve representações implícita ou explícita do documento por uma frase de indexação. Já a outra etapa envolve a tradução dos termos da frase de indexação para o léxico do vocabulário controlado de indexação, com a devida consideração pela semântica e sintaxe da linguagem de indexação (FROHMANN, 1990).

Outros, como Chu & O'Brien (1993) já consideram quatro estágios no processo, a saber:

- Análise de assunto do texto;
- Expressão do conteúdo do assunto nas palavras dos indexadores (linguagem natural);
- Tradução para um vocabulário de indexação;
- Expressão do assunto em termos do índice.

Para as autoras citadas, de acordo com a experiência de catalogadores de assunto e indexadores, os três primeiros passos podem acontecer quase simultaneamente, o que não significa que seja uma atividade simples. Certamente, se indexadores abordam um texto inicialmente com a intenção de decidir a questão de assunto em sistema de vocabulário, eles podem perder algumas nuances que poderiam acrescentar os subsequentes termos do índice (CHU; O'BRIEN, 1993).

Estudos de indexação se debruçam principalmente em questões das linguagens utilizadas no sistema de recuperação. Segundo Frohmann

(1990), muita pesquisa focaliza apenas a segunda operação, enquanto sobre a primeira, considerada como uma operação intelectual junto à indexação, pouco é feito. Acrescenta um pensamento de Foskett, quando diz que a *operação chave da indexação, que é a decisão sobre o que o documento é, ainda é menos discutida e a menos reduzível a regras*.

Essa idéia parece antiga, pois ponto de vista semelhante já havia sido mostrado por Hutchins (1978) quando afirmava que a literatura de indexação e classificação contém pouca discussão do processo de indexação e classificação; encontra-se grande quantidade de literatura sobre a construção de linguagens de indexação e sistemas de classificação, sobre os princípios de classificação, sobre a correta formulação de entradas de índice e sistemas de informação. Mas pouco é encontrado sobre como indexadores decidem qual é o assunto de um documento, como eles decidem *sobre o que ele trata*.

O número baixo de pesquisas que aprofundam no tema é um elemento importante que tornam desafiadores os esforços na busca de dados que possam clarear alguns aspectos e, conseqüentemente, auxiliar no desempenho dessa atividade no tratamento da informação. Farrow é otimista a esse respeito e afirma que, em anos recentes, tem aumentado o interesse pela questão de como o texto é analisado para indexação, sendo considerada uma área que requer mais pesquisa. Os processos cognitivos subjacentes à indexação (sumarização e produção de texto) foram tema de pesquisas na década de 70 e início da década de 80, principalmente no campo da psicolinguística, tendo exercido influência o modelo proposto por Kintsch e Van Dijk. Nesse modelo, o texto é primeiro convertido numa lista de proposições, usando a técnica de análise proposicional. As proposições são seletivamente suprimidas pela aplicação de macro-regras, modelando a forma pela qual a mente relembra o sentido geral do texto, embora ela não possa lembrar cada detalhe. O artigo de Farrow (1995) analisa a extensão pela qual a análise proposicional e as macro-regras auxiliam no processo de indexação.

Problemas no processo de indexação de assuntos são apontados por Bernier (1965). Ele acredita que há dificuldade em descrevê-lo e

avaliá-lo, afirmando que até o conceito de *assunto* é difícil de definir, ensinar e aplicar, especialmente quando os assuntos são complexos ou implícitos.

Especialistas em recuperação de informação são os primeiros a deixar que a indicação de termos apropriados capazes de representar o conteúdo de itens de uma coleção são, ao mesmo tempo, a mais importante e a mais difícil de todas as operações normalmente usadas no processamento de informações contidas em documentos (SALTON; MCGILL, 1983).

A indexação é uma operação delicada, por vezes complicada, que ainda não obteve grandes suportes teóricos. É entendida como processo básico na recuperação da informação. Campos ressalta o *caráter integrativo* das duas etapas da indexação e admite que, apesar de distintas, deva se admitir que se trata de uma única operação em dois momentos. Afirma ainda que não há exagero em acentuar a *unicidade* das duas operações, sobretudo tendo em vista que a teoria da indexação deveria não apenas indicar o modelo de elaboração de uma linguagem de indexação, mas deveria também apresentar instrumentos para interpretação do documento. Este segundo aspecto não tem sido suficientemente posto em relevo, mesmo porque as dificuldades que normalmente se encontram, são maiores do que, à primeira vista, se poderia imaginar (CAMPOS, 1987).

Antes de considerar indexação como uma rotina de situação cognitiva ou como compreensão de texto, David e outros autores acreditam que deve-se considerá-la como uma atividade de solução de problema: determinar os temas contidos em um documento e produzir uma lista de descritores obtidos de um tesouro o qual poderia ser mais ou menos adequado. Como qualquer problema, assuntos comecem num estado de conhecimento inicial e se movem pelo espaço do problema (que é a representação, isto é, os possíveis estados do problema, as operações cognitivas ou físicas), até um estado final de solução (DAVID *et al.*, 1995).

A questão da subjetividade presente no processo de indexação é lembrada por vários especialistas da área, como Strehl (1998), quando

ressalta que a atividade de indexação é um processo subjetivo. Cita Pinheiro: *A indexação envolve julgamento e, conseqüentemente, oscila muito no seu nível de concordância e apresenta discrepâncias.* Pode-se afirmar que, o que coloca em risco a coerência da indexação é que diferentes indexadores, ou até um mesmo indexador em momentos distintos, percebem de forma diferente:

- *O conteúdo real do documento;*
- *A parte desse conteúdo que será suscetível de responder realmente às necessidades (inevitavelmente futuras) dos usuários;*
- *Os conceitos importantes que devem ser conservados para representar este conteúdo;*
- *Os descritores definidos para representar esses conceitos* (STREHL, 1998).

Para Pinheiro, não existem critérios objetivos de indexação e os termos podem ser considerados mais pertinentes, mais relevantes, mais informativos, etc.

Destaca-se, no processo de indexação, a necessidade de se estabelecer uma *política de indexação*, imprescindível na orientação da atividade do indexador. Contendo uma política bem definida, tendo em vista o perfil de seus usuários, o sistema de recuperação de informação apresenta maiores chances de eficácia no alcance de seus objetivos. Dentre os elementos que compõem essa política, podem ser citados os níveis de exaustividade e especificidade, capacidade de revocação e precisão do sistema, estratégia de busca, tempo de resposta do sistema, forma de saída e avaliação do sistema.

ANEXO B – Familiarização aos sujeitos sobre a técnica do “Pensar Alto” ou Protocolo Verbal

Apresentaremos algumas instruções que são mostradas aos sujeitos sobre a técnica do protocolo verbal, ou o pensar alto, instruções de como os sujeitos devem ser portar durante a aplicação desta técnica de coleta de dados, fazendo uma leitura normal do artigo, mas em voz alta, para que a atividade possa ser gravada.

INSTRUÇÕES AOS SUJEITOS SOBRE A TÉCNICA DO “PENSAR ALTO” OU PROTOCOLO VERBAL – Nardi (1993)

O que vamos fazer agora é uma atividade de familiarização com a técnica de coleta de dados que será usada em nossa pesquisa.

Tudo que você tem a fazer é ler o texto da mesma maneira que você costuma ler um texto para indexação. É muito simples e natural.

Durante toda leitura você precisa “pensar alto”. Tente imaginar você sozinho num recinto lendo um texto para indexação. Em situações como essa, já não lhe ocorreu começar a falar espontaneamente em voz alta, exteriorizando seus raciocínios, seus mecanismos mentais para conseguir compreender? Neste processo, o indivíduo “pensa em voz alta” verbalizando espontânea e quase inconscientemente seus pensamentos, questionamentos, suas buscas para eventuais problemas de compreensão, sua maneira singular de extrair significado de um texto.

Um exemplo bastante claro de exteriorização do pensamento durante a realização de uma tarefa (e que ocorre com a maioria das pessoas) é o “pensar alto” espontâneo durante a realização de um problema matemático.

Dá pra você ter uma idéia de como funciona essa técnica? Corresponde à verbalização de sua fala interna, seu pensamento.

Agora, a tarefa que você vai realizar é a leitura do texto que vai lhe ser apresentado...e, por favor, lembre-se de que é preciso “pensar alto” durante toda a leitura.

Você provavelmente encontrará passagens muito claras e fáceis de compreender, outras poderão lhe obrigar a uma “paradinha” para pensar um pouco mais... Tudo depende do seu próprio estilo.

Lembre-se, que nesses momentos de parada para pensar um pouco mais ou resolver algum problema, você deve tentar exteriorizar tudo que passar pela sua cabeça.

Se em algum momento da leitura, você achar difícil falar e pensar simultaneamente, você poderá fornecer uma explicação de como você compreendeu uma determinada passagem ou de como você buscou a solução para um problema de compreensão.

Na medida do possível, tente fazer esforços para “pensar alto” durante o seu processo de leitura. É um processo único em que falar é pensar.

Tente esquecer a presença da pesquisadora. Ela estará presente apenas para lembrar-lhe que é preciso “pensar alto” o tempo todo. Tente agir tão naturalmente quanto possível, como se você estivesse só.

Atente apenas para a tarefa que você deve realizar.

ANEXO C – Parecer Científico do Comitê de Ética em Pesquisa

Parecer aprovado em reunião do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, SP, realizada no dia 27/08/2008, sob o número 2486/2008, referente a pesquisa intitulada “A perspectiva sóciocognitiva no tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias: aspectos inerentes a percepção profissional”.



Unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Fone: (0xx 14) 3402-1346

Fax: (0xx14) 3422-1302

www.marilia.unesp.br/cep

e-mail: cep@marilia.unesp.br

PARECER DO PROJETO N° 2486/2008

IDENTIFICAÇÃO

1. Título do Projeto: O CONTEXTO DE TRATAMENTO TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO DOCUMENTAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.
2. Pesquisador Responsável: Mariângela Spotti Lopes Fujita/Paula Regina Dal'Evedove
3. Instituição do Pesquisador: Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília
4. Apresentação ao CEP: 11/07/2008
5. Apresentar relatório em: Semestralmente durante a realização da pesquisa.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Contribuir com estudo sobre o Tratamento Temático da Informação Documental (TTID) pela perspectiva profissional visando oferecer subsídios para a elaboração de política de tratamento da informação documental das bibliotecas universitárias do estado de SP e o aprimoramento de metodologias de ensino de graduação e formação continuada.

Objetivos Específicos: a) Desenvolver estudo do contexto de TTID em bibliotecas universitárias pela abordagem sociocognitiva; b) Investigar a atuação profissional mediante Protocolo Verbal em Grupo e aplicação de questionário com bibliotecários dirigentes, catalogadores e de referência, de modo a obter a percepção profissional sobre o TTID de bibliotecas universitárias e; c) Verificar a percepção profissional sobre as estruturas de divisão interna de trabalho e o contexto de TTID em bibliotecas universitárias.

SUMÁRIO DO PROJETO

As ações e pensamentos que orientam a atuação profissional no processo de Tratamento Temático da Informação Documental (TTID) realizado no contexto de bibliotecas universitárias devem ser investigados para que os profissionais atuem de modo condizente e com um nível maior de segurança. Com o objetivo de contribuir com o processo na perspectiva da atuação profissional, propõe-se desenvolver estudo do TTID em bibliotecas universitárias, mediante percepção do bibliotecário quanto a sua interação com as estruturas de divisão interna de trabalho e a vinculação do contexto profissional em abordagem sociocognitiva. O desenvolvimento constará de revisão de literatura pela abordagem sociocognitiva em Ciência da Informação sobre o TTID e; investigação das estruturas de divisão interna de trabalho, mediante aplicação de Protocolo Verbal em Grupo e questionário, visando elaborar uma política de indexação com base no contexto sociocultural do processo em bibliotecas universitárias.

COMENTÁRIOS DO RELATOR

O presente projeto apresenta os documentos formais de acordo com a Resolução CNS 196/96, a citar: folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos; autorização das bibliotecas participantes; e o termo de consentimento livre e esclarecido. O tema da pesquisa traz importantes informações que dizem respeito ao estudo do Tratamento Temático da Informação Documental em bibliotecas universitárias, tendo mérito científico para a área da Ciência da Informação.

Pelo exposto sou de parecer favorável à aprovação do presente projeto

PARECER FINAL

O CEP da FFC da UNESP após acatar o parecer do membro relator previamente aprovado para o presente estudo e atendendo a todos os dispositivos das resoluções 196/96 e complementares, bem como ter aprovado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido como também todos os anexos incluídos na pesquisa resolve aprovar o projeto de pesquisa supracitado.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES**DATA DA REUNIÃO**

Aprovado na reunião do CEP de 27/08/2008.

Dr. Edvaldo Soares
Presidente do CEP

Prof. Dr. Tullo Vigevani
Diretor

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)